



ORGANIZADORES

Andrea Garcia Muniz

Elizabete Aparecida Marques

Thyago José da Cruz

# Frasesologia e Paremiologia:

## MÚLTIPLAS ABORDAGENS





ORGANIZADORES

Andrea Garcia Muniz

Elizabete Aparecida Marques

Thyago José da Cruz

# Frasesologia e Paremiologia:

MÚLTIPLAS ABORDAGENS





**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MATO GROSSO DO SUL**

**Reitor**

Marcelo Augusto Santos Turine

**Vice-Reitora**

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

**Obra aprovada pelo**

CONSELHO EDITORIAL DA UFMS  
RESOLUÇÃO Nº 156-COED/AGECOM/UFMS,  
DE 17 DE NOVEMBRO DE 2022

**Conselho Editorial**

Rose Mara Pinheiro (presidente)  
Adriane Angélica Farias Santos Lopes de Queiroz  
Andrés Batista Cheung  
Alessandra Regina Borgo  
Delasnieve Miranda Daspert de Souza  
Elizabete Aparecida Marques  
Maria Lígia Rodrigues Macedo  
William Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Coordenadoria de Bibliotecas – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

---

Fraseologia e paremiologia [recurso eletrônico] : múltiplas abordagens / organizadores,  
Andrea Garcia Muniz, Elizabete Aparecida Marques, Thyago José da Cruz. --  
Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2022.  
366 p. : il.

Dados de acesso: <https://repositorio.ufms.br>  
ISBN 978-65-89995-06-7

1. Lexicologia. 2. Fraseologia. 3. Linguística – Estudo e ensino. 4. Paremiologia. I.  
Muniz, Andrea Garcia. II. Marques, Elizabete Aparecida. III. Cruz, Thyago José da.

CDD (23) 401.4

---

Bibliotecária responsável: Tânia Regina de Brito – CRB 1/2.395

ORGANIZADORES  
**Andrea Garcia Muniz**  
**Elizabete Aparecida Marques**  
**Thyago José da Cruz**

# **FRASEOLOGIA E PAREMIOLOGIA:** MÚLTIPLAS ABORDAGENS

Campo Grande - MS  
2022



**© dos autores:**

Andrea Garcia Muniz  
Elizabete Aparecida Marques  
Thyago José da Cruz

**1ª edição: 2022**

**Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica**

TIS Publicidade e Propaganda

**Revisão**

A revisão linguística e ortográfica  
é de responsabilidade dos autores

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

**Direitos exclusivos para esta edição**



**Secretaria da Editora UFMS - SEDIT/AGECOM/UFMS**

Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário  
Campo Grande - MS, 79070-900  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Fone: (67) 3345-7203  
e-mail: sedit.agecom@ufms.br

**Editora associada à**



**Créditos foto da capa:** Alcemir Martins Corrêa

**ISBN:** 978-65-89995-06-7

**Versão digital:** dezembro de 2022



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais. [br.creativecommons.org](http://br.creativecommons.org)

# SUMÁRIO

## **Prefácio**

Maria Luisa Ortiz Alvarez.....7

**Apresentação**.....22

## **Estereotipos, prejuicios y conciencia fraseológica**

María Isabel González-Rey.....24

## **Fraseología de la percepción: delimitación del campo y perspectivas de estudio**

Maria Eugênia Olímpio de Oliveira Silva .....57

## **Los somatismos y la aportación individual del lexema somático a su significado: los rasgos tipológicos**

Carmen Mellado Blanco .....91

## **O tratamento da definição fraseográfica**

Thyago José da Cruz ..... 113

## **Processos metafóricos e metonímicos de fraseologização: relações entre realidade, cognição e léxico**

Elizabete Aparecida Marques ..... 128

## **A Fraseologia nos caminhos geolinguísticos**

Marcela Moura Torres Paim ..... 144

## **A Idade Média e os animais – alguns exemplos na paremiologia latina**

Álvaro Alfredo Bragança Júnior..... 174

**“¿Detrás de la cruz está el diablo?”  
Hacia la ‘fruición’ de los refranes de El Quijote al italiano**  
Maria Lalicata..... 193

**Hacia un modelo de clasificación de textos paremiográficos  
y paremiológicos**  
Ana María Díaz Ferrero ..... 222

***Ir por lana y volver sin plumas* – sobre a representatividade  
proverbal de *La Celestina* nas traduções brasileiras**  
Andrea Garcia Muniz ..... 254

**Paremioididática ou uma proposta de Fraseodidática  
voltada para parêmiás**  
Maria Cristina Parreira  
José Antonio Sabio Pinilla .....278

**Reflexão sobre a paremiografia a propósito dos  
provérbios do mar**  
Lucília Chacoto..... 310

**Tipos de equivalentes em dicionário de provérbios brasileiros  
orientado a estudantes espanhóis de tradução**  
Heloisa da Cunha Fonseca  
José Antonio Sabio Pinilla ..... 337

## PREFÁCIO

Se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural. (...) esse tesouro lexical é transmitido de geração a geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e ideias.

(BIDERMAN, 1981, p. 132).

### Uma tarefa difícil, complexa

Foi a mim atribuída a honrosa e difícil tarefa de escrever o prefácio desta obra coletiva intitulada *Fraseologia e Paremiologia: múltiplas abordagens*, organizada por Andrea Garcia Muniz, Elizabete Aparecida Marques e Thyago José da Cruz. É uma tarefa honrosa, porque acredito que é um privilégio ser escolhido para realizar tal tarefa. Mas também é difícil e complexa, porque exige do prefaciante uma enorme responsabilidade. Alguém disse a esse respeito que prefiar é como apadrinhar o livro do autor (ou autores), tal qual assumir a responsabilidade de paternidade na ausência do pai em relação ao filho, com o compromisso implícito de provê-lo do necessário na falta dos pais. Por outro lado, o prefácio é uma espécie de vitrine para a obra e, nesta coletânea, é como entrar numa floresta de questões, pois os autores encaixaram novas reflexões, assentadas sobre um vasto conhecimento que confirma o potencial multiplicador da forma como seus organizadores investem nas tendências contemporâneas de pesquisa em Fraseologia e Paremiologia. Cada página é um



convite à meditação. Portanto, esta coletânea tem esse poder de nos cativar, da primeira até a última página.

## **Fraseologia e Paremiologia**

A coletânea que me incumbe prefaciara é de fundamental importância por dois motivos, o primeiro diz respeito à divulgação de pesquisas nas áreas de Fraseologia e de Paremiologia e o segundo, não menos relevante, refere-se à entrega dos pesquisadores brasileiros e estrangeiros que integram esta obra aos estudos nesses dois campos, o que de fato demonstra a mobilização de conteúdos diversos que manifestam os novos paradigmas de ambos os fenômenos linguísticos que aqui se apresentam em tela. Portanto, sinto uma enorme satisfação em poder apresentar este livro aos leitores.

A fraseologia apesar de ter tido o auge no início do século XX continua sendo um objeto de estudo esquivo que ainda incita muita discussão a respeito de sua natureza.

O termo fraseologia, por exemplo, é considerado ambíguo, como afirma Silva (2006, p. 13):

O termo fraseologia é ambíguo. Se por um lado compreende-se por fraseologia o conjunto dos fraseologismos, o inventário de locuções fraseológicas, quer dizer o fraseolêxico de uma língua, por outro lado, fraseologia refere-se à subdisciplina linguística em questão, quer dizer à investigação fraseológica que tem por tarefa a pesquisa do fraseolêxico.

De acordo com Soler e Rodriguez (2008, p.44):

Todos temos em comum universais humanos (cenários, *frames*), que, no entanto, vêm matizados por cada cultura, de maneira que possuem valores específicos e diferenciados. Assim, as sociedades possuem

suas próprias visões de mundo, atitudes e condutas sobre diversos temas e circunstâncias, distinguindo-se assim as distintas comunidades culturais.

Por outro lado, discute-se sobre a autonomia da Fraseologia e, como consequência, há duas vertentes. Školníková (2010), por exemplo, defende que a Fraseologia deve ser considerada uma disciplina autônoma pelo fato de dispor de um objeto de estudo independente e também de um método científico e descritivo relativamente específico, visão que eu também defendo, assim como Corpas (2017, p. 262), quando expressa:

A Fraseologia é considerada tradicionalmente um ramo da Linguística, concretamente uma subdisciplina dentro da Lexicologia. Também se estudou a Fraseologia a partir da Etnolinguística, especialmente no que se refere à Paremiologia (os provérbios são considerados um repositório de sabedoria popular, cf. o folclore popular). Mas desde finais da década de 1990 e muito especialmente desde o início do século XXI, a Fraseologia experimentou um auge a tal ponto que já pode se considerar uma disciplina autônoma e independente, que desenvolveu um aparato teórico próprio e interdisciplinar. (CORPAS, 2017, p. 262)

A segunda vertente considera que a Fraseologia é um ramo da Lexicologia por se preocupar com as combinações de palavras que podem ser analisadas no mesmo âmbito das palavras simples, e, sendo assim, não deve ser avaliada como uma disciplina independente.

No entanto, a questão fundamental é que até os dias de hoje não há clareza na classificação das unidades fraseológicas, na definição e caracterização dessas unidades. Nesse sentido, Nogueira (2007, p. 62) afirma:

[...] determinar os limites das UFS, classificando-as satisfatoriamente, não tem sido uma tarefa fácil para aqueles que se propuseram a fazê-lo, tampouco se têm obtido resultados que atendam completamen-

te às expectativas dos estudiosos da área. Definir e classificar as UFs constitui-se, portanto, num dos aspectos mais controvertidos da investigação no campo da fraseologia.

Além de conceituar as UFs, é importante estabelecer quais são os tipos de UFs que seriam do domínio de estudo da Fraseologia. Para isso, é necessário, primeiro, que se estabeleça uma diferença clara entre as UFs e as combinações livres do discurso.

Mas o mais importante é que a fraseologia está enraizada no nosso cotidiano, faz parte do nosso discurso diário, expressa nossas ideias, pensamentos, sentimentos, ela nos identifica e com ela nos identificamos, é fruto da nossa representação da realidade, e componente do nosso patrimônio cultural.

[...] é através da fraseologia que as singularidades da língua e a maneira de pensar de uma comunidade melhor se refletem, pois, as unidades que a compõem descrevem o mundo real, as experiências quotidianas, o colorido e a sabedoria de um povo, tornando-se num importantíssimo veículo de identidade e de cultura (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2012, p. 11).

A Paremiologia tem a função de descrever, classificar, dar informações relacionadas à etimologia e à pragmática dos provérbios, de anexins, adágios, máximas, locuções, ditos, dentre outros. E segundo evidencia Amaral (1976, p. 226) citado por Gonçalves (2010) “é o estudo das formas de expressão coletivas e tradicionais incorporadas à linguagem corrente”.

Segundo Zavaglia (2017),

Tanto a Fraseologia quanto a Paremiologia possuem em comum o seu objeto de estudo, ou seja, as unidades fraseológicas, sendo que a primeira debruça-se, mais comumente, sobre as expressões idiomáticas,

locuções, frases feitas e rotineiras e a segunda sobre os provérbios, aforismos, ditados, máximas, entre outros. Entretanto, nem sempre é fácil encontrar as linhas limítrofes que separam uma expressão idiomática de um provérbio, uma frase feita de um ditado e assim por diante; de fato, elas são tênues e muitas vezes se confundem. O ideal seria que os campos de atuação de uma e de outra área convergissem e não divergissem. A meu ver, tudo é fraseologismo e como tal deveriam ser entendidos, tratados, estudados e denominados. (ZAVAGLIA, 2017, p. 282)

Além disso, no caso dos provérbios, a autora acrescenta:

os provérbios, [...] sintetizam o valor de incontáveis experiências humanas que, de certo modo, são levadas a uma reflexão pelas gerações futuras para que possam extrair úteis ensinamentos e apropriadas exortações, isto é, conselhos e avisos, para serem capazes de enfrentar, com maior serenidade e confiança em si mesmos, os pequenos, grandes e múltiplos desafios que a vida quotidiana lhes reserva (ZAVAGLIA, 2014, p. 6).

Pamies-Bertrán e Iñesta-Mena (2002, citados por MOREIRA e SILVA, 2014),

[...] conduzem o falante nativo de uma língua, em determinados contextos, a atribuir um valor de verdade aos sentidos ali reverberados, pelas características formais desse texto e pelas concepções de mundo representadas em tais metáforas” (MOREIRA e SILVA, 2014, p. 17).

Para Xatara e Succi (2008, p. 35),

provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e

as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar.

Na visão de Chacoto (2012, p. 159), “a confusão terminológica reinante, na designação da combinação das unidades lexicais, está na raiz da produção de obras de caráter “híbrido” onde se misturam indiscriminadamente todos os tipos de compostos, embora muitos deles amiúde sob a designação de provérbios”.

## **A obra**

A obra em tela, intitulada *Fraseologia e Paremiologia: múltiplas abordagens* é organizada pelos pesquisadores Andrea Garcia Muniz, Elizabete Aparecida Marques e Thyago José da Cruz. A coletânea está composta de 13 capítulos e participam dela pesquisadores brasileiros e estrangeiros de renome nas áreas de Fraseologia e de Paremiologia. E é exatamente uma das estudiosas estrangeiras, María Isabel González-Rey, da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, que abre a coletânea com um tema muito pertinente *Estereotipos, prejuicios y conciencia fraseológica*. A autora apresenta as definições e conceitos de estereotipo e preconceito e a sua relação com a opinião pública, mostra como se constroem os estereótipos e propõe uma classificação deles, a saber: *de pensamento; lingüísticos e de comportamento* e faz uma análise de textos de publicidade destinada a combater estereótipos por meio do uso de unidades fraseológicas para tentar desvendar a consciência fraseológica.

O trabalho *Fraseología de la percepción: delimitación del campo y perspectivas* de estudio de autoria de Maria Eugênia Olimpio de Oliveira Silva propõe uma linha de investigação denominada “fraseologia dos sentidos” ou “fraseologia da percepção”, cujo objetivo principal é

estudar “todas aquelas unidades fraseológicas (...) que fazem referência ao mundo dos sentidos, seja no seu significado idiomático ou na sua estrutura formal” (OLIMPIO DE OLIVEIRA, 2020, p. 384).

Carmen Mellado, uma outra pesquisadora da Universidade de Santiago de Compostela, que se destaca nos estudos fraseológicos contrastivos do espanhol – alemão traz uma pesquisa sobre *Los somatismos y la aportación individual del lexema somático a su significado: los rasgos tipológicos* e, nesse sentido, a autora adverte que há um número considerável de somatismos que não são susceptíveis de serem englobados num traço concreto, pela sua opacidade ou pela semântica muito particular.

Thyago José da Cruz, um dos organizadores da coletânea nos fala do *Tratamento da definição fraseográfica*, inicialmente apresentando o conceito daquilo que se considera como uma definição lexicográfica para, assim, examinar com mais detalhes como se classificam e se aplicam as mais variadas definições quando o objeto definido se trata de uma unidade fraseológica. Os modelos e as classificações de definições fraseográficas demonstradas e discutidas pelo autor se referem mais aos fraseologismos que se inserem ao limite do âmbito oracional, pois o tratamento de parêntesis em dicionários e em outras obras lexicográficas merece outro estudo mais particularizado.

Elizabete Aparecida Marques, também organizadora da obra, delecta-nos com o tema *Processos metafóricos e metonímicos de fraseologização: relações entre realidade, cognição e léxico* em que se discute a relação entre corpo humano, léxico e cognição, a partir da análise de fraseologismos formados pelo item lexical “mão”, com a intenção de identificar as metáforas e metonímias que permitem o processo de extensão do significado, além de verificar o domínio ou frame do item lexical pesquisado e fazer uma análise composicional das formações de que tal item faz parte.

A interface da Dialetoologia e a Fraseologia se destaca no capítulo *A Fraseologia nos caminhos geolinguísticos*, tema escolhido pela pesquisadora Marcela Moura Torres Paim quem faz uma revisão dos conceitos referentes aos estudos fraseológicos na perspectiva francesa. Posteriormente discute a relevância de estudar o léxico relacionado ao campo semântico ciclos da vida do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001), com o objetivo de evidenciar a diversidade de unidades fraseológicas no português brasileiro falado, registradas em dados presentes nas respostas dos informantes nas capitais do Brasil.

Os trabalhos nesta primeira parte da coletânea têm relação estreita com a área de Fraseologia.

A Paremiologia tem ressonância nos trabalhos de Álvaro Alfredo Bragança Junior, Maria Lalicata, Ana María Díaz Ferrero, Andrea Garcia Muniz, Maria Cristina Parreira em parceria com José Antonio Sabio Pinilla, Lucilia Chacoto e de Heloisa da Cunha Fonseca em parceria também com José Antonio Sabio Pinilla.

A pesquisa de Bragança Junior, intitulada *Falando de a Idade Média e os animais – alguns exemplos na paremiologia latina*, como o próprio título mostra, refere-se a alguns animais, dentre *eles o asno, o boi, o cavalo e o porco* que, a partir de interpretações denotativas associadas aos seus comportamentos na natureza serviram também como modelos conotativos relacionados aos homens, dignos de louvor ou reprimenda, normalmente parametrizados consoante a exegese eclesiástica. O autor destaca que esses animais se prestaram não apenas às suas atividades relacionadas com a subsistência humana. Por meio de suas caracterizações em sentido figurado no texto proverbial, imbuía-se neles um discurso social de manutenção de valores que se desejava hierárquicos e perenes. Destarte, os provérbios ligados ao mundo animal contribuíram, portanto, não apenas para divertir o público ouvinte e leitor, mas

principalmente para ajudar o ser humano, segundo a visão de grande parte da intelectualidade oriunda do clero, a trilhar os caminhos deste mundo, conforme os seus preceitos.

A pesquisadora Maria Lalicata da Università di Roma apresenta o capítulo “¿Detrás de la cruz está el diablo?” *Hacia la ‘fruición’ de los refranes de El Quijote al italiano* que nos leva depois de mais de 400 anos até a obra de Don Quijote para, segundo a autora, tentar averiguar até que ponto o leitor italiano moderno pode “fruir” de sua tradução por meio de uma análise paremiológico-contrastiva das soluções encontradas ao longo de quatro séculos e, ao mesmo tempo, averiguar se o tradutor não realizou ou realiza uma tradução “palavra por palavra”, “sem faltar uma letra”, como o mesmo Cervantes afirma na sua obra *El Quijote*, pelo contrário, é preciso que consiga encarnar um “mediador cultural” (TAFT, 1981, p. 53). O objetivo principal é contribuir para os estudos paremiológicos contrastivos e, sobretudo, estimular e conscientizar os tradutores sobre a importância da competência paremiológica na hora de traduzir o inestimável patrimônio paremiológico das obras da literatura espanhola dos Séculos de Ouro.

Ana María Díaz Ferrero, da Universidade de Granada, Espanha, no seu estudo *Hacia un modelo de clasificación de textos paremiográficos y paremiológicos*, propõe um sistema de classificação bibliográfica de documentos relativos às parêmias que engloba as linhas de investigação, as teorias e metodologias de estudo, assim como os descritores que representam os conceitos fundamentais nesse âmbito. Tal classificação parte da observação da produção bibliográfica e da caracterização desta área do conhecimento dividida em disciplinas como a paremiografia e a paremiologia (SEVILLA, 1996; 2018, OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, 2007). O objetivo é proporcionar uma visão estrutural do domínio de investigação que permita organizar as fontes de informação e que permita fazer uma busca eficiente.



A área de tradução também é contemplada nesta coletânea, com o trabalho de Maria Lalicata, anteriormente descrito, e o capítulo de mais uma organizadora do livro, Andrea Garcia Muniz *Ir por lana y volver sin plumas – sobre a representatividade proverbial de La Celestina nas traduções brasileiras*. A autora analisa como as escolhas dos tradutores Paulo Hecker Filho (1990) e Millôr Fernandes (2008) contribuíram ou não com a manutenção da representatividade proverbial do texto *La Celestina* e, por conseguinte, com a caracterização dos personagens lapidários da obra, intimamente relacionados e construídos a partir da matéria prima proverbial, o que foi constatado como resultado da análise. Nos dados analisados, foi possível perceber que as escolhas dos tradutores contribuíram para a manutenção da representatividade proverbial de *La Celestina* nas traduções brasileiras. No entanto, há também o apagamento da parêmia nos textos meta. Nesse sentido, pode-se inferir que tal decisão por parte dos tradutores se relaciona à questão da traduzibilidade da parêmia do texto fonte, ou ainda, a questões estilísticas, por entenderem que o apagamento da parêmia na tradução não comprometeria a compreensão global do texto.

Dois trabalhos foram realizados em parceria com o pesquisador José Antonio Sabio Pinilla, da Universidade de Granada, quem se dedica há alguns anos à pesquisa em Paremiologia. O primeiro tem relação com a Paremioididática é um trabalho conjunto com a professora Maria Cristina Parreira, intitulado *Paremioididática ou uma proposta de Fraseodidática voltada para parêmias*. O objetivo principal é apresentar uma proposta de fraseodidática voltada para parêmias que leve em conta as características dessas unidades no ensino do português como língua materna e estrangeira, reforçando, assim, os estudos no campo da Paremioididática, incluindo uma discussão dos conceitos de Fraseologia e Paremiologia / Fraseodidática e Paremioididática; além de tratar da importância dos provérbios no ensino de línguas, sobretudo a estrangeira; e da relevância da cultura veiculada pelo/no provérbio.

A Paremiografia também teve espaço na coletânea em tela com o trabalho intitulado *Reflexão sobre a paremiografia a propósito dos provérbios do mar*, de autoria de Lucília Chacoto, reconhecida pesquisadora da Universidade de Algarve, Portugal, que visa analisar os provérbios portugueses sobre a temática do mar e, simultaneamente, cotejar esses mesmos provérbios, listados a partir de recolhas contemporâneas, com os que constam em recolhas dos séculos XVI e XVII, a fim de: averiguar a sua antiguidade; identificar as parêmiias arcaicas que as recolhas contemporâneas ainda conservam; e descrever o tipo de arcaísmos que apresentam. No estabelecimento do corpus, foram compulsadas sobretudo duas recolhas contemporâneas: *O Grande Livro dos Provérbios*, de José Pedro Machado (JPM), e *O Livro dos Provérbios Portugueses 3*, de José Ricardo Marques da Costa (RM).

O segundo trabalho em parceria com o pesquisador da área de Tradução da Universidade de Granada, José Antonio Sabio Pinilla, desta vez com a professora Heloisa da Cunha Fonseca, e que **fecha** a coletânea **com chave de ouro**, tem como assunto os *Tipos de equivalentes em dicionário de provérbios brasileiros orientado a estudantes espanhóis de tradução*. Um trabalho que, segundo os autores, ganha força e se justifica, pois é o ponto de distinção entre a proposta deles de dicionário e os dicionários gerais, ou até mesmo especiais, que sugerem equivalentes mais ou menos fixos. No estudo, observou-se que são escassos os exemplos em que podemos encontrar um equivalente formal ou funcional, com provérbio ou com unidade fraseológica, pois predominam os equivalentes contextuais que mudam em função do contexto e da situação comunicativa em que o provérbio brasileiro é usado. Os autores detectaram outro grupo de provérbios em que, dada sua especificidade extrema, precisam de uma tradução literal ou de uma combinação de tradução literal e explicação, além de outras soluções como a criação discursiva, a transmissão do sentido ou a eliminação, embora esta última opção não seja a ideal.

## **Concluindo...**

Do meu ponto de vista, nesta obra que tive o prazer de prefaciar, há que se destacar a unidade na diversidade, é um projeto que revela a maturidade dos estudos fraseológicos e paremiológicos no Brasil e em outros contextos além-mar, demonstrando claramente as visões contemporâneas sobre as áreas contempladas neste livro. Folheando as suas páginas, também vamos nos deparar com análises e discussões que nos fazem refletir sobre as questões que ainda precisam ser melhor descritas e explicitadas, principalmente as que têm relação com as definições das unidades fraseológicas para poder estabelecer as diferenças entre os diferentes tipos e classificações para assim utilizar a nomenclatura adequada. Ao mesmo tempo esta obra incentiva a produção de obras fraseográficas e paremiográficas que possam orientar os consultores, tradutores e potenciais leitores que incluam os correspondentes (equivalentes) adequados aos contextos das línguas – culturas escolhidas, com as suas especificidades para que seja mais fácil a sua manipulação, no caso dos tradutores, e também para que as áreas de Fraseodidática e Paremioididática sejam reconhecidas e praticadas nas aulas de língua materna e língua estrangeira/adicional. Os autores e as autoras desta obra elaboram caminhos para que tais propostas aconteçam.

Assim, as contribuições da obra se tornam um guia atual sobre fraseologia e paremiologia. A organização desta coletânea demonstra o engajamento dos autores e seus temas o que permite em diversas instâncias a transformação necessária no nosso cenário social, para fomentar um maior reconhecimento dessas áreas no âmbito da sala de aula e no âmbito da pesquisa aplicada.

Encerramos este prefácio fazendo um merecido agradecimento aos organizadores do livro, parabenizando-os pela excelência da obra

do ponto de vista de conteúdo e de práticas e análise de dados consistentes que em alguns casos corroboram as hipóteses colocadas explicitamente nesses trabalhos e pesquisas. Recomendo a leitura desta obra, pois além de enriquecer os conhecimentos sobre as unidades fraseológicas e os enunciados fraseológicos que constituem o patrimônio cultural de inigualável riqueza, nos permite refletir sobre o papel que essas unidades desempenham no nosso dia a dia, no nosso cotidiano, mas que foram tratadas na base do preconceito, e que, portanto, devem ser reconhecidas como parte integrante da nossa linguagem.

Profa. Dra. Maria Luisa Ortiz Alvarez  
Professora Titular  
Universidade de Brasília

## REFERÊNCIAS

CHACOTO, L. A Produção Fraseoparemiográfica. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luísa (Org.): Tendências Atuais na Pesquisa Descritiva e Aplicada em Fraseologia e Paremiologia. vol. I, Campinas, São Paulo: Pontes Editores. p. 157-170, 2012.

CORPAS, G. Entrevista a Gloria Corpas. In: ReVEL, v. 15, n. 29, p. 261-270, 2017. Disponível em: [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br). Acesso em: 11 mar. 2022.

CUNHA, A. Expressões idiomáticas: da linguagem publicitária para a sala de aula. 2012. 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

MOREIRA e SILVA, M. E. A figura feminina em provérbios brasileiros. In: Domínios de Lingu@gem: Fraseologia e Paremiologia, Uberlândia, v. 8, n. 2, p. 13-24, jun./dez. 2014. Disponível em: [As origens dos nomes de pessoas | Domínios de Lingu@gem](#). Acesso em: 11 mar. 2022.

NOGUEIRA, L. C. A presença de expressões idiomáticas (EIs) na sala de aula de E/LE para brasileiros. 2008. 250 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e Paremiologia. Campinas: Pontes, 2012.

ZAVAGLIA, C.; FROMM, G. Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Claudia Zavaglia. In: ReVEL, vol. 15, n. 29, 2017. Disponível em: [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br). Acesso em: 11 mar. 2022.

ZAVAGLIA, C. Apresentação: um pouco dos estudos fraseológicos e paremiológicos no cenário brasileiro. In: Domínios de Lingu@gem: Fraseologia e Paremiologia, Uberlândia, v. 8, n. 2, p. 6- 12, jul./dez. 2014. Disponível em: [As origens dos nomes de pessoas | Domínios de Lingu@gem](#). Acesso em: 11 mar. 2022.

XATARA, C. M.; SUCCI, T. M. Revisitando o conceito de provérbio. In: Veredas on-line, v. 1, p. 33-48, 2008. Disponível em: [3\) Revisitando o conceito de provérbio](#). Acesso em: 11 jul. 2021.

## APRESENTAÇÃO

A Fraseologia é uma disciplina que tem como objeto as combinações fixas de palavras, como as locuções, as expressões idiomáticas, os pragmatemas, as colocações, dentre outras. Do ponto de vista discursivo-textual, ela apresenta uma interface com a Paremiologia cujo objeto de estudo são as parêmias. Nessa perspectiva, esta obra reúne treze trabalhos que discutem resultados de pesquisa no âmbito dos estudos fraseoparemiológicos. Seis deles tratam de diferentes aspectos da fraseologia, como: a importância da consciência fraseológica para o reconhecimento de estereótipos e preconceitos subjacentes às unidades fraseológicas; a fraseologia dos sentidos ou da percepção; as características tipológicas dos fraseologismos formados por nomes de partes do corpo humano (somatismos); o tratamento da definição das unidades fraseológicas; os processos metafóricos e metonímicos envolvidos na motivação fraseológica e os aspectos da fraseologia da língua falada por meio de um estudo que envolve o entrelaçamento entre Fraseologia e Dialetoleologia. Sete capítulos discutem os resultados de pesquisas no campo da paremiologia com o foco voltado para a paremiologia latina; a parêmias na tradução do Quixote em italiano; a representatividade proverbial da obra *La Celestina* nas traduções brasileiras; a proposta de um modelo de classificação de textos paremiográficos e paremiológicos; o tratamento didático das parêmias com vistas a oferecer uma proposta e, a partir de uma perspectiva lexicográfica, dois textos apresentam uma reflexão sobre a paremiografia, um deles propõe uma reflexão sobre a paremiografia a propósito dos provérbios do mar e um outro voltado para os tipos de equivalentes em dicionários de provérbios brasileiros orientado para estudantes espanhóis de tradução. A obra focaliza, portanto, as múltiplas abordagens dos estudos fraseológicos e paremiológicos, percorrendo o viés cognitivo-cultural, o lexicográfico, o tipológico, o tradutológico, didático e, inclusive, o dialetoleológico.

A obra destina-se a estudantes, professores e pesquisadores da área dos estudos de linguagens, em geral, e dos estudos fraseológicos, em particular, que tomam a fraseologia e a paremiologia como objeto de estudo e reflexão.

Na expectativa de que esta obra contribua para os estudos fraseológicos, gostaríamos de agradecer a todos os autores e colegas que aceitaram prontamente o convite para integrar o livro. Do mesmo modo, agradecemos à Profa. Dra. Maria Luisa Ortiz Alvarez, por quem temos grande admiração e carinho, pelo cuidadoso e consistente prefácio a esta obra.

Os organizadores



# ESTEREOTIPOS, PREJUICIOS Y CONCIENCIA FRASEOLÓGICA

M<sup>a</sup> Isabel González-Rey

## INTRODUCCIÓN

La lengua española tiene la particularidad de tener dos palabras derivadas del mismo étimo y que a menudo se confunden: *conciencia* y *consciencia* [del latín *conscientia*, «conocimiento compartido»]. La primera suele definirse, en su sentido primero, como el “conocimiento del bien y del mal que permite a la persona enjuiciar moralmente la realidad y los actos, especialmente los propios” (*Diccionario de la lengua española* de la Real Academia Española); la segunda, también en su sentido primero, como la “capacidad del ser humano de reconocer la realidad circundante y de relacionarse con ella” (*Ibid.*). Lo curioso es que cada una de estas palabras ha dado lugar a derivados que recogen no solo sus propios sentidos sino el de ambas. Así, de *conciencia* sale el verbo *concienciar*, forma válida para las dos formas sustantivas, con el doble sentido de: 1) “hacer que alguien sea consciente de algo” (*Ibid.*); 2) “adquirir conciencia de algo” (*Ibid.*). Y de *consciencia* sale el adjetivo *consciente*, válido también para ambas, con el doble sentido: 1) “dicho de una persona: Que tiene conocimiento de algo o se da cuenta de ello, especialmente de los propios actos y sus consecuencias” (*Ibid.*); 2) “Que tiene consciencia o facultad de reconocer la realidad” (*Ibid.*).

En relación con la fraseología, la presencia de este doblete en la lengua española es especialmente relevante, ya que nos permite oponer una *consciencia fraseológica* a una *conciencia fraseológica*. De la primera ya hemos hablado en otro trabajo (González-Rey, 2019), en relación con la lengua francesa que, por cierto, no hace distinciones con

la palabra “conscience”, ya que la misma palabra sirve para indicar “La conscience en tant qu’elle permet de connaître” (La conciencia como medio de conocimiento) y “La conscience en tant qu’elle juge la moralité de ce qu’elle connaît” (La conciencia como juez de la moralidad de lo que conoce) (*Le Trésor de la Langue française informatisé*). En ese trabajo, hemos puesto de manifiesto la importancia que tiene despertar en los aprendientes de lenguas extranjeras una conciencia fraseológica para llevarles a adquirir una competencia fraseológica plena. Ahora bien, en el presente estudio trataremos de que esa *consciencia fraseológica* vaya acompañada de una *conciencia fraseológica*, es decir de un conocimiento moral que les permita enjuiciar las unidades fraseológicas y reconocer las que están llenas de estereotipos y prejuicios.

Para ello, estructuraremos el presente trabajo<sup>1</sup> en cuatro partes: la primera, dedicada a las definiciones y conceptos de *estereotipo y prejuicio* y su relación con la opinión pública; la segunda, a cómo se construyen los estereotipos, con una propuesta de clasificación en tres tipos (de pensamiento, lingüísticos y de comportamiento); una tercera, ya centrada en los estereotipos lingüísticos, y en particular en las unidades fraseológicas prejuiciosas; y finalmente, la cuarta, consagrada a la *conciencia fraseológica*, con el análisis de unos anuncios publicitarios destinados a combatir estereotipos y prejuicios recurriendo al uso de unidades fraseológicas prejuiciosas. Veremos, así, cómo unas unidades que suelen pasar desapercibidas porque forman parte de la doxa-cultura de un pueblo adquieren visibilidad cuando se utilizan en la doxa-opinión, es decir cuando pasan a los medios de comunicación. Esta exposición despierta entonces la *conciencia* lingüística del público.

---

<sup>1</sup> Parte de este trabajo se basa en la lección magistral que la autora pronunció con motivo de la *Festividad de Santo Tomás de Aquino* el 27 de enero de 2020, en la Universidad de Santiago de Compostela.

La crítica que ejerce dicha conciencia, sobre todo cuando esos medios usan de forma paradójica unidades fraseológicas con la intención de denunciar los estereotipos y los prejuicios que contienen, convierte esa conciencia en propiamente fraseológica.

## 1. Concepto y definiciones

Numerosos son los estudios que abordan los estereotipos o los prejuicios por separado, sea desde una perspectiva lingüística, psicológica o antropológica. Sin embargo, en muchas ocasiones son palabras que suelen ir de la mano y que, incluso, llegan a ser confundidas. Ahora bien, vamos a ver que el *estereotipo* es una representación mental simplificada de una realidad compleja, mientras que un prejuicio es un juicio de valor que uno se forma sobre un colectivo. En este sentido, una representación mental, por muy reducida que sea, no tiene por qué conllevar ningún tipo de juicio de valor, aunque muchas veces un juicio de valor sí puede resultar de una concepción simplificada de la realidad. Para poder ver en qué se parecen los *estereotipos* y los prejuicios, y en qué se distinguen, vamos a remontarnos a los orígenes de la palabra estereotipo y a sus cuatro etapas semánticas: el sentido primitivo, que dio lugar a su nacimiento como término ligado a la imprenta; su sentido figurado, general, en relación a las ideas comúnmente aceptadas; su asociación con los prejuicios y finalmente, su dimensión más social, ligada a la formación de la opinión pública.

### 1.1 Origen y sentido literal de la palabra *estereotipo*

La palabra *estereotipo* es la forma compuesta por los vocablos griegos *stereós* (sólido) y *typos* (molde), y procede del francés, primero del adjetivo *stéréotypé*, creado en 1796, y del sustantivo *stéréotype*, crea-

do en 1803. Ambos términos están asociados al mundo de la imprenta y el sustantivo significa un carácter móvil en relieve que sirve para formar un texto impreso, dispuesto al revés para que se pueda leer al derecho. Estas fechas tan tardías para designar algo que existe desde el nacimiento de la imprenta de Gutenberg (hacia 1440), con la aparición de un sistema de imprenta compuesto con caracteres móviles que permite mecanizar el proceso de impresión de textos, aumentando así la tirada de las copias de los manuscritos, se explican por la aparición del hierro y del acero a finales del siglo XVIII, inicios del XIX. Estos caracteres móviles de hierro y acero pasan a llamarse *estereotipos* en sustitución de los caracteres de plomo que Gutenberg, que había sido orfebre, había introducido en vez de los primeros tipos móviles, hechos de madera y creados en China en el siglo XI, y luego en vez de los de metal, creados en Corea un siglo después. Al aparecer los estereotipos, ya se pueden fabricar duplicados de planchas de impresión ya compuestas. Este sentido técnico de imprenta dio lugar en 1803 (el mismo año que nace la palabra *stéréotype* en Francia) al término “estereotipia” en la lengua española, también ligado al ámbito de las artes gráficas.

## **1.2 Sentido figurado de la palabra *estereotipo***

El sentido más corriente que todos conocemos hoy de la *palabra* estereotipo y que el *Diccionario de la Lengua española* de la Real Academia Española define como “imagen o idea aceptada comúnmente por un grupo o sociedad con carácter inmutable” proviene pues de la analogía de la imagen fija, sea esta de un texto o de un dibujo, que sale de una plancha de impresión de la que se pueden hacer varias copias idénticas. Imagen fija, reproducción e invariabilidad son pues los elementos que van a contribuir a darle a la palabra estereotipo su sentido figurado, el que hoy es su sentido más conocido. Las primeras manifestaciones del uso metafórico de la palabra surgen también en Francia,

con el verbo *stéréotyper* o su participio a modo de adjetivo, *stéréotypé*, asociados primero a la forma de hablar, a las expresiones fijas y repetidas (1832), luego al aspecto invariable de algunas personas (Balzac, 1834), y más tarde a un modo convencional de decir y hacer siempre lo mismo (1873), e incluso a ciertos comportamientos repetitivos propios de algunas enfermedades mentales (1904). En este sentido figurado sobresale la idea de repetición de algo o de prototipo de alguien, todavía sin las connotaciones negativas que tiene hoy la palabra.

En lengua española, el uso de este sentido figurado fue más tardío, ya que no aparece recogido en el diccionario de la RAE hasta la edición de 1984. Esto puede ser muy revelador, en el sentido de que su uso oficial (decimos oficial porque puede que se usara mucho antes de que se recogiera en el diccionario) puede tener que ver con el hecho de que este sentido figurado lo tuvieran otras palabras de la lengua española, como “tópico”<sup>2</sup>, pero también con una apertura en ese momento de España más propicia a los préstamos lingüísticos y a sus adaptaciones al castellano, una apertura acompañada de una cierta receptividad a otros modelos de sociedad donde se cuestionaban más libremente las creencias consideradas asentadas.

### 1.3 Estereotipos y prejuicios

A parte del sentido primitivo de la palabra *estereotipo* como mecanismo de reproducción textual, y de su sentido figurado, general, como imagen o idea aceptada comúnmente por un grupo social, el

---

<sup>2</sup> Otra palabra, sinónima de estereotipo con este sentido figurado, y que conoció la misma suerte, es la de origen también francés, “cliché”, igualmente de inicios del siglo XIX, en referencia a los grabados en imprenta y a los negativos fotográficos, y que pasó al sentido figurado de “idea manida”, sobre todo en la literatura y en el cine.

*Dictionnaire Larousse* le otorga a la palabra una tercera acepción, a saber: “Caractérisation symbolique et schématique d’un groupe qui s’appuie sur des attentes et des jugements de routine”<sup>3</sup>. Según esta definición, los estereotipos son representaciones mentales que nos hacemos sobre el Otro como Colectivo a partir de expectativas, es decir de algo que puede ser o no, y de juicios rutinarios, es decir de opiniones recurrentes que forman parte de un discurso repetido, y por lo tanto, que son difundidas en el espacio y consolidadas en el tiempo. En este sentido el estereotipo se asocia al prejuicio ya que se trata de un juicio que se emite antes de tiempo, es decir antes de conocer en profundidad la realidad y la verdad de ese colectivo que estamos enjuiciando y estereotipando. Este sentido en que se asocian estereotipo y prejuicio es el que más utilizamos, de hecho, cuando hablamos de estereotipos. Por eso, hoy en día los estereotipos tienen muy mala prensa, precisamente porque los asociamos espontáneamente con los prejuicios. Hablar de estereotipos es pensar automáticamente en que son algo que hay que combatir, contra lo que hay que luchar. Se habla de “romper estereotipos”, de “sobrepasar los estereotipos”, de “acabar con los estereotipos”, lo que muestra esta asociación entre estereotipos y prejuicios al punto de confundir unos con otros.

Ahora bien, si comparamos estereotipos y prejuicios, se puede decir que el prejuicio es una forma negativa de pensar, mientras que el estereotipo es una forma de expresar un pensamiento de un modo reducido y simplificado. Por lo tanto, estereotipo y prejuicio solo coinciden cuando se trata de expresar ideas negativas de forma reducida y simplificada. Y esto suele suceder cuando se trata de personas o colectivos determinados sobre los que, por razones de género, edad, raza,

---

<sup>3</sup> Nuestra traducción: “Caracterización simbólica y esquemática de un grupo que se apoya en expectativas y juicios rutinarios.”

nación, profesión, lugar de procedencia o de residencia, orientación sexual, creencias religiosas o tendencias políticas, entre otros, marcamos distancia con respecto a nosotros mismos, creando discriminación y desigualdad. En este sentido, el estereotipo, cuando es prejuicioso, da lugar a una mirada negativa sobre el otro.

A esta concepción del estereotipo basado en la mirada puesta en el Otro se le llama *heteroestereotipo* (o *estereotipo exógeno*), con un valor claramente negativo, despreciativo y discriminatorio. En contrapartida, existen los *autoestereotipos* (o *estereotipos endógenos*), con la mirada puesta sobre el propio colectivo al que uno pertenece, y que se suele caracterizar por todo lo contrario, es decir por una percepción positiva de su propio grupo, incluso superior con respecto a los demás colectivos<sup>4</sup>.

#### 1.4 Estereotipo y opinión pública

El estudio del estereotipo como objeto de análisis se produce desde el inglés (*stereotype*) en 1922, de la mano del periodista y filósofo estadounidense, Walter Lippmann, en su obra *Public Opinion*, una obra de referencia en los estudios de las Ciencias sociales y políticas. En ella, Lippmann nos dice, básicamente, que la información nos llega de dos

---

<sup>4</sup> Ciertos estudios han matizado estas concepciones generales en lo tocante a los estereotipos étnicos, tal y como indica Zornoza (1985, p.159): “Triandis (1982), Marín (1975) y otros autores encontraron que los rasgos asignados al propio grupo tienden a ser más positivos que aquellos atribuidos a otros. Sin embargo, Sarnger (1954), Flowerman (1954) y Borg (1955) afirman que existe cierta tendencia en algunas agrupaciones a asumir un autoestereotipo inferior al que el grupo dominante les asigna.” El propio estudio realizado por Zornoza sobre estudiantes preuniversitarios de Lima Metropolitana (32 blancos y 32 mestizos) corrobora la segunda perspectiva ya que los blancos mostraron tener una autoevaluación positiva, mientras que los mestizos, según la autora, “[...] al compararse con el blanco se asigna[n] a sí mismo una posición inferior”. (Ibid., p. 62).

maneras: una, de primera mano, es decir a través de fuentes directas, y otra, de segunda mano, es decir a través de fuentes indirectas. En esta información de segunda mano, intervienen los medios de comunicación: ellos son los que nos hacen llegar la información de forma reducida y simplificada, además de hacerlo de forma sesgada, ya que, retomando una analogía del propio Lippmann, los medios de comunicación son como un faro que hace pasar sobre la noticia un haz de luz que la ilumina por un momento. De ese modo, hay una diferencia sustancial entre noticia y verdad, ya que la primera es solo el resultado de una información tratada desde un punto de vista concreto, mientras que la verdad no se somete a ningún proceso de selección de datos.

En este contexto, Lippmann define el término *estereotipo* como la formación de “una imagen [que nos hacemos] en nuestra cabeza”<sup>5</sup>, una imagen fija de la realidad que nos llega, no directamente a través de nuestra propia experiencia personal, sino a través de la percepción que tenemos de nuestro entorno por la intervención de medios de propagación como son los medios de comunicación.

Los estereotipos constituyen una imagen ordenada y más o menos coherente del mundo, a la que nuestros hábitos, gustos, capacidades, consuelos y esperanzas se han adaptado por sí mismos. Puede que no formen una imagen completa, pero son la imagen de un mundo posible al que nos hemos adaptado. (LIPPMANN, 2003, p. 51)

Dentro de ese campo, se considera el estereotipo un procedimiento cognitivo natural del ser humano que nos permite percibir lo

---

<sup>5</sup> Según Cano Gestoso, “esa formulación no es sino parte del título de un capítulo [del libro de Lippman] y por lo tanto no fue pretendida como tal definición por el autor” (CANO GESTOSO, 1993, p. 20). En realidad, se deduce más bien de la lectura de todo su libro, por eso cada estudioso extrae la cita que más la puede ilustrar.



desconocido reduciendo y simplificando su complejidad. En este sentido, necesitamos los estereotipos para comprender el mundo y su diversidad. Nuestra mente no podría abarcar todos los detalles singulares de todas las cosas, personas y fenómenos; necesitamos categorizarlo todo, esquematizar y sacar prototipos. Pero no solo es una capacidad que activamos desde que tenemos uso de razón (recordemos cómo nos enseñaron de pequeños a poner juntos todos los objetos de un mismo color, o de un mismo tamaño o forma), sino que también es una estrategia a la que recurrimos.

En consecuencia, los estereotipos no sólo nos permiten ahorrar tiempo en nuestras ajetreadas vidas y defender nuestra posición en la sociedad, sino que también nos protegen de los desconcertantes efectos que padeceríamos, si intentásemos ver el mundo ininterrumpidamente e íntegramente. (LIPPMANN, 2003, p. 59)

En definitiva, el estereotipo es algo natural y útil, lo cual puede parecer paradójico si lo comparamos con su carácter reductor y simplificador de una realidad compleja, una ambivalencia que constituye para Dufays (2004, p. 24) su rasgo más salientable pues hace del estereotipo « un signe indécidable soumis aux fluctuations de la réception »<sup>6</sup>. Ahora bien, ¿cómo va adquiriendo el estereotipo las connotaciones negativas que le atribuimos hoy en día? Saber cómo lo hace nos ayudará a combatir esas connotaciones.

## 2. Cómo se construye un estereotipo

El estereotipo es un constructo que sigue un patrón de formación y de funcionamiento. Desde el punto de vista de la formación,

---

<sup>6</sup> Nuestra traducción: “un signo indecible sujeto a las fluctuaciones de la recepción”.

se compone de varias partes, las cuales corresponden a fases distintas e interdependientes. Como ya dijimos, el estereotipo nace primero de una idea, simplificada y reducida, que uno se hace acerca de un grupo de personas que comparten rasgos comunes. En esa fase, el estereotipo es conceptual y se le puede llamar *estereotipo de pensamiento*. Schapira<sup>7</sup> lo define y lo ejemplifica como sigue:

[Ils] fixent dans une communauté donnée, des croyances, des convictions, des idées reçues, des préjugés, voire des superstitions : les Ecossais sont réputés avarés, les Polonais boivent beaucoup, il fait beau à la St Jean, après l'Ascension le temps se gâte, qui est heureux au jeu est malheureux en amour, il faut toucher du bois pour faire durer sa chance<sup>8</sup>. (SCHAPIRA, 1999, p. 1-2)

Luego, esa idea que Lippman define como “imagen en nuestra cabeza”, se verbaliza, es decir, adopta una forma lingüística y es esa forma lingüística la que se repite hasta que el estereotipo llega a ser aceptado por los demás sin que se cuestione siquiera. Los efectos de esa segunda fase, que llamamos *estereotipo lingüístico*, son particularmente importantes, a partir de ciertos niveles del discurso, en la conducta de las personas cuando esta conducta se tipifica en roles permanentes que se presuponen en ciertos colectivos (como, por ejemplo, el cuidado de la casa, de los niños, de los mayores, etc. a manos de las mujeres; las reparaciones mecánicas o tecnológicas, etc. a manos de los hombres;

---

<sup>7</sup> Schapira (1999) alude a estas dos grandes categorías, los estereotipos de pensamiento y los estereotipos lingüísticos, en la introducción de su estudio.

<sup>8</sup> Nuestra traducción: “Fijan en una comunidad determinada, creencias, convicciones, prejuicios, incluso supersticiones: los escoceses tienen fama de tacaños, los polacos beben mucho, el tiempo es bueno el día de San Juan, después de la Ascensión el tiempo empeora, quien es feliz en el juego es infeliz en el amor, hay que tocar madera para que la suerte dure.”

o la no adecuación de las personas con diversidad funcional a ciertos tipos de trabajo, etc.) o deriva en comportamientos violentos (como, por ejemplo, las agresiones físicas, sexuales, raciales, etc.). Es muy común que esos estereotipos, que llamamos *estereotipo de comportamiento*, vayan acompañados de estereotipos de pensamiento y de estereotipos lingüísticos<sup>9</sup>, pero lo contrario no es necesariamente válido. Lo sintetizamos en este cuadro:

**Tabla 1. Tipos de estereotipos**

1°	2°	3°
IDEA FIJA (IMAGEN)	FORMA LINGÜÍSTICA	CONDUCTA
<i>ESTEREOTIPO DE PENSAMIENTO</i>	<i>ESTEREOTIPO LINGÜÍSTICO</i>	<i>ESTEREOTIPO DE COMPORTEAMIENTO</i>

Fuente: elaborado por la autora

Así los dos últimos presuponen el inmediatamente anterior, pero los dos primeros no presuponen el inmediatamente posterior. Una persona puede tener adquirido un estereotipo de pensamiento, sin necesariamente verbalizarlo ni comportarse según ese estereotipo; el que lo verbalice, será porque lo tiene como estereotipo de pensamiento, sin necesariamente llegar a tener un comportamiento acorde al mismo. Sin embargo, quien lo llegue a tener como actitud, es muy probable que lo tenga también como estereotipo lingüístico y de pensamiento.

---

<sup>9</sup> De hecho, Estripeaut-Bourjac (2002, p.131) considera necesario desterrar de nuestro vocabulario toda una serie de frases cuyo perjuicio consiste en desencadenar pensamientos automáticos que influyen directamente en nuestro comportamiento.

## 2.1 El estereotipo de pensamiento: ideas y efectos

Los estereotipos más conocidos son los que están relacionados con colectivos determinados por razones de género, edad, raza, nación, profesión, lugar de procedencia o de residencia, orientación sexual, creencias religiosas o tendencias políticas. Pero en realidad, pueden existir tantos estereotipos como colectivos, de tal modo que el colectivo que resulta ser objeto de un estereotipo puede convertirse en creador de otro estereotipo si nace en su colectivo un colectivo diferente al suyo. Así, más se fragmenta el colectivo en otros, más estereotipos nacen. Estos estereotipos de pensamiento se forman bajo el influjo de ciertos efectos que pasamos a describir a continuación.

### - *El efecto halo*

El efecto halo es un hallazgo de Thorndike (1920), profesor de psicología, y se da cuando prejuizamos a alguien de forma positiva a partir de una cualidad que generalizamos al resto de aspectos de esa persona. Creamos un halo metafórico que nos hace ver a esa persona mejor de lo que es. Se trata de un estereotipo de pensamiento en el sentido que se ponen en marcha la imaginación y la fantasía, produciendo imágenes irreales de las personas que se quiere definir. Es el caso de la creación de los estereotipos que ligan las profesiones al físico y a su poder de atracción (la enfermera sexy, el bombero “cachas”, la chica Barbie, etc.). Esos estereotipos que sobredimensionan a esos colectivos devalúan en realidad a los verdaderos profesionales que los conforman.

### - *El efecto diablo*

Thornidike definió también el efecto contrario, el efecto diablo, o *efecto cuerno*<sup>10</sup>, y se da cuando atribuimos rasgos o cualidades negativas a alguien sin tener suficiente información, prejuizándola negativamente. Esto ocurre cuando la apariencia de las personas nos lleva a pensar que son peores de lo que realmente son. Tanto en el efecto halo como en el efecto diablo, nos basamos en una selección de rasgos para valorar el conjunto, consiguiendo una visión sesgada de las personas. Ambos casos están relacionados con el estereotipo del atractivo físico que asocia lo bello a lo bueno<sup>11</sup>, y lo feo a lo malo.

### - *El efecto matrioska*

Otro efecto que hemos detectado es el efecto que proponemos llamar *matrioska* o de muñecas rusas. Ese efecto se manifiesta muy claramente donde hay jerarquías (entre clases sociales, entre distintos estamentos o incluso en profesiones). Así, en el estereotipo de profesión sobre el colectivo de enfermería, no solo entran los de escalafón (por ejemplo, entre médicos y enfermeras/os, o entre esta/os y la/os auxiliares de enfermería, con el uso de la coetilla “Usted que sabrá”, que suele acompañar el comentario despreciativo de un superior a un subordinado), sino también los de género (por ejemplo, la diferencia de trato entre las enfermeras, a las que llaman “señoritas/chicas” y los enfermeros, a los que se mira con más respecto, aunque ellos también pueden recibir tratos despectivos por parte de otros hombres que les tachan de homosexuales por desempeñar una “profesión de mujeres”) o

---

<sup>10</sup> En inglés, *Horn effect* (“efecto cuerno”), por los cuernos del diablo.

<sup>11</sup> También existen prejuicios contra la belleza, como, por ejemplo, la asociación entre ser rubia y ser tonta.

los de edad (por ejemplo, en la manera en que la/os veterana/os tratan a la/os novicia/os). De tal modo que dentro de esta serie de colectivos interconectados, unos van acumulando los estereotipos de los anteriores: es el caso de la novicia que lidia con las veteranas de su propio nivel profesional, pero que lidia también con los hombres de su propio nivel profesional, y además con hombres y mujeres de otros escalafones. En este caso, podemos observar cómo un estereotipo remite a otro, porque cuando emitimos un juicio de valor sobre un colectivo es a costa de otro, el cual a su vez construye otro en detrimento del primero o de un tercero, y así sucesivamente. Porque el estereotipo nace de la comparación, siempre habrá un elemento A que devaluar para que un elemento B pueda cobrar valor. Esto se da más fácilmente cuando se produce dentro de un colectivo jerarquizado donde todos forman comunidad, como puede ser un colectivo profesional.

### **- El efecto espejo**

Al igual que hay partes de nuestra imagen que no nos gustan en el espejo, encontramos reflejos de personalidad en el otro que no nos entusiasman. Y es porque las identificamos con nuestra propia personalidad. Aquello que nos desagrada del otro es lo que no nos gusta de nosotros mismos. Es lo que se denomina en psicología, *efecto espejo*. Si aplicamos este *efecto espejo* en el estereotipo de pensamiento, podemos comprobar que lo que criticamos en el otro tiene que ver con algo que criticamos en nuestra propia personalidad. Así, si dentro de los estereotipos de género cogemos el ejemplo de los hombres que piensan que las mujeres son demasiado emotivas, desarrollarán estereotipos no solo con respecto a ellas sino con respecto a sí mismos. Un estereotipo de género convoca, de forma subyacente y de forma inconsciente, el estereotipo del otro género. Así, el empoderamiento o puesta en valor

del hombre se produce por la devaluación implícita que contiene de las mujeres. Esa devaluación “invisible” funciona por el hecho de que todos los estereotipos están relacionados, incluso entre colectivos sociales.

### **- El efecto “ricochet” (o *epostracismo*) o “dominó”**

Un estereotipo también puede nacer de una asociación de ideas que se entrelazan y forman una sucesión de pensamientos que llegan a ser automáticos. Es el caso de la chica rubia, guapa y tonta; del empollón, gafudo y torpe; la chica futbolista y lesbiana; el diseñador de moda o el bailarín y gay... Estos tipos de estereotipos encadenados, con efecto que podríamos llamar “ricochet” o “dominó”, son la mejor muestra de que un estereotipo no funciona solo. Está integrado en una familia de estereotipos creados en torno a unos referentes que se retroalimentan unos a otros. Ahora bien, cuanto más lejos está el objeto de nuestra vista, más se deforman por la distancia que media entre nuestro conocimiento de esa realidad y lo que percibimos de ella. Esa percepción puede unirse a un modo de expresión que puede contribuir a reforzar nuestra visión negativa e incluso a condicionar nuestro comportamiento.

## **2.2 Los estereotipos lingüísticos: rasgos formales y usos**

Los primeros estudios sobre estereotipos nacen en el campo de las ciencias sociales (filosofía, psicología, sociología, antropología, etc.); pero hoy se estudian también desde la lingüística, volviendo así a sus orígenes, la escritura, ya que la forma más visible de un estereotipo se sitúa en el lenguaje. El estereotipo lingüístico es la piedra angular en la que se basa la construcción de un estereotipo y su propagación. Hemos visto como está situado entre el estereotipo de pensamiento y el de comportamiento. De los tres, es el más visible porque es el que verbalizamos, el que oímos o el que vemos escrito. Veamos qué rasgos definen los estereotipos lingüísticos.

El formato lingüístico de un estereotipo suele ser una secuencia breve de palabras que aprovecha varios recursos sintácticos y léxicos. Podemos reconocer un estereotipo lingüístico a la presencia de varios elementos:

1.- El uso abusivo de las generalizaciones para caracterizar a un colectivo, una comunidad, un pueblo: *Los franceses/ españoles/ingleses/ italianos son ...*

2.- El uso extensivo del género masculino para designar a toda la humanidad (androcentrismo), con su consecuente invisibilidad para el género femenino: *El hombre es un animal social. Todos los hombres son mortales. Los alumnos de esta clase/Los profesores son ...*

3.- El uso estigmatizante de las negaciones: *Los hombres no lloran. Las mujeres no conducen bien.*

4.- El uso de la analogía explícita: *trabajar como un negro, llorar como una niña*

5.- El uso de las estructuras comparativas de superioridad, inferioridad y superlativos: *Los alemanes son los menos graciosos del mundo. Las mujeres no son tan buenas como los hombres en física<sup>12</sup>*

6.- El uso peyorativo de los adverbios restrictivos: *La hija de dos borrachos que solo pudo ser enfermera<sup>13</sup>*

7.- El uso condescendiente de los diminutivos: *una chinita, una gordita*

---

<sup>12</sup> Dicho por Alessandro Strumia en La Voz de Galicia, 21 de diciembre de 2019.

<sup>13</sup> Letra de una de las canciones del cantante Melendi.



8.- El uso ofensivo de los aumentativos: *un empollón, un negrata, un sudaca*

9 - El uso absolutista (y supremacista) de los adjetivos: *el color carne*<sup>14</sup>

10.- El uso dogmático de la metaforización: *hacerse el sueco*

El impacto que produce el estereotipo lingüístico en el interlocutor, al menos, al inicio cuando lo oye por primera vez, sea por razones léxicas, sintácticas o semánticas, llevará a este a repetirlo, abriéndose así la vía a la propagación del estereotipo y a su consolidación. Esa fórmula cuya autoría es anónima y que se difunde por medio del grupo de hablantes acaba por formar parte de nuestro acervo lingüístico.

### **2.3 El estereotipo de comportamiento: estereotipos y *doxa***

*La doxa*, en el sentido filosófico de la palabra, se refiere a un conocimiento “aparente” de la realidad, que en tiempos de Aristóteles se oponía a la ciencia, el conocimiento profundo de las cosas. Hablando de estereotipos, Schapira (1999) divide la *doxa* en dos categorías: distingue la *doxa* como cultura compartida, como sistema de conocimientos comunes, y la *doxa* como opinión común y pública. Los dos tipos dan lugar a un conjunto de creencias compartidas pero no contrastadas, y de ahí la mala reputación de la *doxa*, sinónima en muchos casos de ideología imperante. Sin embargo no podemos decir que los dos tipos den lugar por igual a los estereotipos.

---

<sup>14</sup> Cf. la fotografía brasileña Angélica Dass y su proyecto *Humanae* para documentar el color verdadero de las personas y desmontar así los estereotipos de raza, inspirándose en una reflexión que tuvo de pequeña: “El colegio era divertido y creativo, pero nunca entendí el único lápiz color carne. Yo era de carne, pero no era rosa. Mi piel era marrón y la gente decía que era negra”. Disponible en <<https://patriciachumillas.com/el-color-de-la-piel-humana-artistas-contemporaneos-angelica-dass/>>. Accedido en: 10 feb. 2021.

La doxa como cultura compartida da lugar a un modo de pensar común que el colectivo acepta desde dentro de su grupo. Esa cultura compartida cohesiona al grupo en torno a un sistema de creencias comunes, llamadas tradiciones, costumbres, pasado propio, etc., que hace que todos tengan una misma imagen de sí mismos como colectivo y la quieran mantener y reproducir de generación en generación, sin cuestionarla. Los estereotipos que salgan de esa doxa-cultura serán endógenos porque el propio grupo los refuerza e incluso los defiende.

La doxa como opinión común y pública nace de un modo de pensar compartido por un colectivo que se manifiesta expresamente sobre esa doxa cultura con la intención de avalarla o de cuestionarla. Lo hace a través de medios de difusión que, como dice Lippman, son los encargados, precisamente, de formar la opinión pública. Esta doxa-opinión, que avala o cuestiona la doxa-cultura, puede llegar a crear, a su vez, estereotipos con una visión exógena sobre los endógenos de la primera, pero son más volátiles, más cambiantes, hasta que algunos se asienten en la doxa-cultura. Dicho de otro modo, la doxa-opinión, gracias a los medios de comunicación, es la que puede tener impacto en la doxa-cultura para que esta se refuerce o cambie.

### **3. Fraseología y estereotipos lingüísticos**

Unidades fraseológicas y estereotipos lingüísticos son dos entidades muy diferentes, en el sentido de que no todas las unidades fraseológicas son estereotipos lingüísticos del mismo modo que estos tampoco son todas unidades fraseológicas. Ya hemos visto ejemplos de estereotipos lingüísticos que no son frases hechas, sino que utilizan recursos sintácticos, tales como el uso de las negaciones, los diminutivos, los adverbios restrictivos o las estructuras de comparación para expresar una generalización que, a su vez, traslada un juicio de valor. Ahora bien, hay lingüistas que recurren al uso de la denominación “estereotipos lingüísticos” para referirse a todo el conjunto de las frases hechas

(FERRARI, 1953; HERRERO CECILIA, 2006), siguiendo en eso la definición que da Schapira: “Les stéréotypes linguistiques sont des expressions figées, allant d’un groupe de deux ou plusieurs mots soudés ensemble à des syntagmes entiers et même à des phrases”<sup>15</sup> (SCHAPIRA, 1999, p. 2). Evidentemente, una frase hecha puede considerarse un estereotipo en su sentido primitivo, incluso figurado, como estructura fija y repetida (véase los puntos 2.1 y 2.2.), pero no es necesariamente un estereotipo en el sentido negativo, prejuicioso (véase el punto 2.3), salvo en algunos casos. Esos casos son los que vamos a ver a continuación y con cuales es necesario desarrollar lo que llamamos una *conciencia fraseológica*, es decir un conocimiento que permita a una persona enjuiciar moralmente sus propios usos de las unidades fraseológicas.

### 3.1 La fraseología prejuiciosa

Como hemos visto más arriba, lenguaje y prejuicios van estrechamente ligados en el sentido de que estos se suelen manifestar, además de a través de los pensamientos y de los comportamientos, también y sobre todo a través de las palabras. Pero no todos los medios de expresión son igualmente visibles a la hora de materializar los prejuicios. Así, las expresiones hechas tienen el poder, por su carácter repetitivo, de asentar e incrustar en el fondo léxico de una lengua ideas tanto positivas como negativas. Pero, a la vez y por ese mismo motivo, también tienen la capacidad de hacerlas pasar desapercibidas. Por eso, cuando se trata de expresiones prejuiciosas, resulta a veces difícil saber distinguir las y tratarlas.

La cuestión que suelen querer dirimir los lingüistas que abordan las unidades fraseológicas prejuiciosas concierne el tipo de relación que

---

<sup>15</sup> Nuestra traducción: “Los estereotipos lingüísticos son expresiones fijas, que van desde un grupo de dos o más palabras fijas hasta sintagmas completos e incluso oraciones”.

puede existir entre el uso de estas expresiones y la intencionalidad de uso de los locutores. Así, en relación con ciertas frases hechas despectivas del español relativas a etnias, tales como “beber como un cosaco”, “trabajar como un negro”, “hacer una obra de moros”, “ser engañado como un chino”, “estar / ser como un gitano”, Luque Durán y Manjón Pozas (2002) consideran que son más formas de decir que formas de pensar. Les restan intencionalidad al afirmar que “para los españoles son superficiales y no revelan la auténtica valoración del español medio sobre estos pueblos” (LUQUE DURÁN; MANJÓN POZAS, 2002, p.1). Posiblemente sea así en parte, ya que la frecuencia con la que se repiten las frases hechas acaba por borrar su significado literal para solo transmitir el figurado, lo que vuelve al usuario inconsciente del fondo prejuicioso del dicho que utiliza.

Ahora bien, Gutiérrez Rubio (2013) llega a la conclusión contraria a través de un estudio de caso realizado a partir de 18 expresiones relacionadas con diferentes etnias (como “hacer el indio”, “hacerse el sueco”, “ser un cuento chino”, etc.). Los resultados de su encuesta arrojan que: “los hablantes con mayor conocimiento/uso de una unidad fraseológica tienen la tendencia (ya sea esta elevada o moderada) a activar explícitamente los estereotipos que subyacen a dichas unidades fraseológicas” (*Ibid.*, p. 133). De este modo, el autor vendría a sostener que una persona que usa una unidad fraseológica prejuiciosa comparte de alguna manera, aunque sea de forma inconsciente, los valores prejuiciosos que contiene dicha unidad. Esta conclusión reforzaría, en principio, la relación que puede existir entre estereotipo de pensamiento y estereotipo lingüístico, como ya indicamos más arriba.

### **3.2 Los heteroestereotipos y autoestereotipos en la fraseología**

Podemos dividir las unidades fraseológicas prejuiciosas también en dos grupos: las que contienen heteroestereotipos y las que contienen autoestereotipos.

Encontramos unos ejemplos de estas unidades que parten de heteroestereotipos, de mirada exógena y con efecto espejo, en unas expresiones que dos pueblos o países se intercambian. Así, en español, se utiliza la expresión *despedirse a la francesa*<sup>16</sup> para decir “marcharse sin decir adiós”, mientras que en francés se usa *payer à l’espagnole* para decir “pagar con golpes”. Lo mismo ocurre en lengua inglesa, donde se emplea el giro *to take French leave* para decir “irse sin permiso; sin pagar”, al que le corresponde en francés el giro *filer à l’anglaise*, con el primero sentido de “señalar a los desertores”, y el segundo de “irse sin decir adiós, como un ladrón”.

En el otro extremo, se sitúan las unidades fraseológicas con autoestereotipos dentro de una misma cultura. Estas suelen emplearse para señalar a aquellas personas que se sienten pertenecer al mismo grupo y así, distinguirlo de los demás, con el fin de proteger la imagen que lo caracteriza y que se quiere preservar. Tomemos, como ejemplo, la frase hecha *Los hombres no lloran* cuya forma breve y genérica se basa en la imagen del llanto, formulada en forma negativa. Ese modo negativo se ha formado por medio de una evolución en el pensamiento que parte de prejuicios de género. Estos prejuicios se revelan a través un análisis gramatical y semántico. El gramatical nos permite fijarnos en la estructura del enunciado cuya forma negativa presupone dos tipos de enunciados correlativos expresados en forma afirmativa: uno, de tipo declarativo *Los hombres son fuertes* y el otro, de tipo directivo *Los hombres deben ser fuertes*. El semántico nos remite implícitamente al otro género, con un enunciado cuyo contenido se basa en una creencia

---

<sup>16</sup> En realidad, esa expresión proviene del hábito que había en la Francia del siglo XVIII de marcharse de un lugar concurrido “sans adieu”, es decir “sin decir adiós”, para dar a entender que, supuestamente, se tenía pensado volver. Era un modo de irse de los sitios sin despedirse realmente.

común (doxa-cultura), a saber *Las mujeres son las que lloran porque Las mujeres son emotivas*. Así, la frase *Los hombres no lloran* resulta de una suerte de sofisma que consiste en pensar que:

1. Las mujeres lloran
2. Los hombres no son mujeres
3. Luego, los hombres no lloran

Tanto es así que puede darse el caso de oír, junto a esa frase, esta otra, cuando se le habla a un niño: *no llores; los hombres no lloran; llorar es de niñas*. O bien *no llores, los hombres no lloran; no seas una niña*.

En este caso, el uso de frases hechas como *Los hombres lloran*, *Llorar es de niñas*, *No seas una niña* constituyen autoestereotipos en la medida en que se dan dentro de una misma cultura, donde hombres y mujeres conviven. Pero, a la vez, son heteroestereotipos hechos sobre colectivos diferentes, desde la contraposición entre hombres y mujeres. Como autoreestereotipos, funcionan remitiendo a una imagen positiva de sí mismo (*Los hombres no lloran*, porque la imagen que se quiere dar es que los hombres son fuertes) y como heteroestereotipos, funcionan dando una imagen negativa de otro colectivo aludido por defecto (*Los hombres no lloran*, porque eso es cosa de mujeres). Aquí, claramente, el estereotipo lingüístico de tipo prejuicioso, expresado a través de una unidad fraseológica de la misma índole, constituye la manifestación expresa de un estereotipo de pensamiento que a su vez incide en el comportamiento de las personas. Al juntarse los tres tipos de estereotipos es cuando más resulta evidente su profundo anclaje en la doxa-cultura y cuando más difícil será de erradicar, si no se le aplica una conciencia fraseológica.

#### **4. La conciencia fraseológica**

La toma de *consciencia*, –en el sentido de la palabra “consciencia” como capacidad de reconocer la realidad del hecho–, del aspecto de-

spectivo y prejuicioso de algunas de estas unidades fraseológicas debe llevar a los hablantes a tener una *conciencia* fraseológica que les lleve a valorar su uso. Esa conciencia, para algunos especialistas, consistiría en que los propios locutores decidieran evitar su uso, como en el caso de Lethierry (2005) que se manifiesta claramente en contra del empleo de expresiones francesas tales como “saoul comme un Polonais”<sup>17</sup> o “parler français comme une vache espagnole”<sup>18</sup>. Así se expresa al respecto: “ces clichés ou stéréotypes [...] ne peuvent qu’être critiqués tant sur le plan éthique (ou moral) que cognitif. Ils sont générateurs d’incessants conflits s’ils ne sont pas élucidés”<sup>19</sup> (Ibid., p. 139). Otros se inclinan, desde la perspectiva que podrían plantear estas expresiones a un hablante extranjero, por no excluirlos totalmente de la enseñanza de una lengua que se esté aprendiendo (Sánchez Morilla, 2015), ya que forman parte del fondo léxico y cultural de una lengua. Por nuestra parte, nuestros estudios sobre la cuestión se orientan, por una parte, a desenmascarar la presencia de unidades fraseológicas prejuiciosas en la lengua francesa<sup>20</sup>, y por otra, a saber cómo tratarlas desde una fraseodidáctica basada en valores éticos (2006) que busca implementar en los aprendientes no solo una competencia fraseológica activa sino también selectiva. Esa competencia selectiva estaría basada en una didáctica a la vez intelectual, de tipo cognitivo, que les diese acceso al conocimiento enciclopéd-

---

<sup>17</sup> Literalmente, “borracho como un Polaco”, para decir estar muy borracho.

<sup>18</sup> Literalmente, “hablar francés como una vaca española”, para decir hablar muy mal el francés.

<sup>19</sup> Nuestra traducción: estos clichés o estereotipos [...] sólo pueden ser criticados tanto en el plano ético (o moral) como cognitivo. Son una fuente de conflicto constante si no se dilucidan.

<sup>20</sup> Véase González-Rey (2007) para descubrir los estereotipos de género en expresiones zoomórficas del francés y la misoginia existente en unidades fraseológicas francesas (2008).

ico de esas expresiones (su origen lingüístico y cultural), y ético con el fin de valorarlas conforme a una *conciencia fraseológica* plena de sus condiciones de uso, como esta que queremos ilustrar basándonos en las relaciones que operan entre doxa-opinión y doxa-cultura.

#### **4.1 Cuando la doxa-opinión se basa en la doxa-cultura**

Una vez asentadas las unidades fraseológicas en el fondo léxico de una lengua y una vez incrustadas las que son prejuiciosas en la doxa-cultura, resulta más fácil que publicistas, periodistas e incluso humoristas les saquen beneficio. Titulares y eslóganes de campañas comerciales o políticas juegan con ese saber compartido que se les atribuyen a las frases hechas, incluso aquellas que pueden resultar prejuiciosas. Tanto es así que en algunos casos ni siquiera aparecen referenciadas en los soportes mediáticos y aun así, consiguen su efecto porque se suele reconocer la frase subyacente. Un par de ejemplos sacados de la publicidad, uno de los medios más influyente en nuestras sociedades mediatizadas, servirán para ilustrar estos hechos.

El primero concierne un eslogan de la empresa de alquiler de vehículos Sixt, lanzado en 2015 en Francia con esta frase: *Oui, nous louons aussi aux femmes* [Sí, también alquilamos a las mujeres]<sup>21</sup>, acompañada de la imagen de un volante en el que están colocados dos *post-it*, uno con la frase “à gauche” [a la izquierda] y el otro con la frase “à droite” [à la derecha], dando a entender que, sin esas indicaciones, la conductora no sabría distinguir la derecha de la izquierda. La interpretación de la combinación de ese eslogan con esa imagen remite inmediatamente en la mente de un locutor nativo competente al dicho “Femme au volant, mort au tournant” [Mujer al volante, peligro constante]. Sin entrar a

---

<sup>21</sup> Para ver la publicidad: Disponible en: <<https://images.app.goo.gl/Lj255vLDMpE-G8h636>>. Accedido en 10 feb. 2021.



valorar la intencionalidad de partida de la empresa con esta publicidad de corte sexista que está claramente concebida para atraer un nuevo nicho de mercado, el de las mujeres, el hecho es que existe una relación contradictoria evidente entre la paremia que subyace a la imagen y el eslogan. La imagen contiene no solo los componentes que nos permite reconocer el dicho (el volante) sino también ciertos elementos que acentúan su significado despectivo hacia las mujeres (*los post-it*). En cuanto al eslogan, paradójicamente viene a subrayar el compromiso de la empresa con este público al que se estigmatiza, con un enunciado que parece desafiante con aquellos que creen realmente que las mujeres son un peligro al volante. Empieza con un “Sí” (*Oui*) que presupone una reafirmación frente a una supuesta crítica por alquilar coches a mujeres, e incluye un “también” (*aussi*) que alude a un supuesto espíritu inclusivo que les anima a hacerlo. En este anuncio, el eslogan va acompañado, además, de un comentario que dice: “Bien sûr, Sixt loue aussi aux femmes, voire de préférence aux femmes; en effet, elles ont statistiquement 3,5 fois moins d’accidents graves que les hommes” [Por supuesto, Sixt también alquila a las mujeres, sobre todo a las mujeres; estadísticamente tienen 3,5 veces menos accidentes graves que los hombres]. Con ello, pretende basar su anuncio en datos objetivos que sirvan para avalar su posicionamiento a favor de este colectivo y reforzar así la credibilidad de su mensaje publicitario. Este ejemplo ilustra el modo en que una empresa se quiere beneficiar de un estereotipo prejuicioso hacia las mujeres, fijado en la doxa-cultura, con el fin de atraer la atención sobre un mensaje que pretende desmentirlo.

Otro ejemplo de campaña publicitaria con frase hecha prejuiciosa subyacente lo tenemos en el anuncio francés de una Play Station <sup>22</sup>. En esta publicidad, una joven de pelo rubio y vestida de rosa, con

---

<sup>22</sup> Para ver la publicidad: Disponible en <<https://images.app.goo.gl/cAAwMpNnd-4qduJu47>>. Accedido en 10 feb. 2021.

una pose seductora, coloca la última pieza de una suerte de puzzle de tamaño gigante, con aire de satisfacción por haber completado la tarea. La imagen alude visiblemente a la simpleza de una actividad llevada a cabo por una chica rubia, que por encima se siente orgullosa de ello, corroborando así el dicho que subyace: “être blonde” [ser tonta] o “Les blondes sont bêtes” [Las rubias son tontas]. Debajo de la imagen aparece el texto que se supone viene a contradecir ese prejuicio: “99% des blondes qui jouent à la PS 2 ont un QI anormalement élevé. C’est le tour des filles. PlayStation 2” [El 99% de las rubias que juegan a la PlayStation 2 tienen un coeficiente de inteligencia sorprendentemente elevado. Es el turno de las chicas. PlayStation 2]. En este caso también la imagen contradice el texto: la imagen recrea literalmente el sentido del dicho al que alude, y el texto sirve para desmentirlo.

En ambos ejemplos la unidad fraseológica prejuiciosa se halla implícita en la imagen, mientras que el desmentido está en la forma textual del eslogan o del comentario que lo acompaña. Esta imagen contiene los elementos clave que nos permiten reconocer esas unidades. Los creadores gráficos de estos anuncios así lo han hecho porque saben que están en la doxa-cultura de la sociedad diana a la que se dirigen estas publicidades. Confían en que serán reconocidos, contando con la complicidad de esa doxa-cultura que implica que todos compartamos una misma base cultural para desentrañar un referente implícito. A esta doxa-cultura implícita oponen un mensaje escrito (eslogan o/y comentario) que la contradice con la intención de posicionarse a favor del colectivo discriminado. Esta relación entre una doxa-cultura aludida en una imagen y una doxa-opinión que quiere contradecirla expresamente no siempre consigue su fin, la de crear opinión en beneficio del grupo implicado. Tanto es así que este tipo de publicidad suele recibir muchas críticas y es tachada de sexista.

## 4.2 Cuando la doxa-opinión combate la doxa-cultura

Cuando se trata de cuestionar abiertamente aquellos estereotipos de pensamiento o lingüísticos que ya no se adecúan a los tiempos, los medios de comunicación recuerdan su función de creadores de opinión (doxa-opinión) y con su intervención en la lucha contra los estereotipos prejuiciosos pretender corregir la doxa-cultura para modificarla e imponer otra. Y lo hacen rompiendo las reglas en el modo de comunicar, apostando por un mensaje más directo tanto en la imagen como en los textos empleados. Aquí también un par de ejemplos sacados de la publicidad nos puede servir para ilustrar el cambio.

En el primer ejemplo, tomaremos el caso de la compañía de seguros francesa *Darty* con una alusión explícita al dicho visto anteriormente en su eslogan: “Face à la technologie on est tous un peu blonde” [Frente a la tecnología todos somos un poco “rubia”], acompañado de la imagen de un chico atusándose el pelo, con aire de estar sobrepasado por las dificultades de la tecnología<sup>23</sup>. En este caso, la unidad fraseológica prejuiciosa (“être blonde” [ser tonta]) se halla en el eslogan y no en la imagen. Esa imagen obviamente pretende contrarrestar el efecto de la unidad fraseológica contenida en el eslogan para que no se identifique lo de “ser rubia” solo con las mujeres. Los hombres también pueden “ser rubios” en el sentido fraseológico de “ser tontos”. En este caso, la imagen y el mensaje van en el mismo sentido: por un lado, la frase hecha ya no subyace sino que se utiliza expresamente en un enunciado en el que va aludida a todo el mundo, con el uso inclusivo del pronombre personal “on”, en el sentido de “nosotros” en francés; por el otro, la

---

<sup>23</sup> Para ver la publicidad: <<https://images.app.goo.gl/wf5WEkiH877pZ7vo8>>. Accedido en 10 feb. 2021.

imagen ya no se utiliza para referirse al sentido literal de la unidad fraseológica sino que es creada precisamente con la intención contraria, la de combatir el prejuicio que conlleva.

El segundo ejemplo muestra mejor el cambio en el modo de comunicar de algunas marcas en sus campañas, sobre todo después de recibir críticas por sus anuncios publicitarios de corte sexista. Es el caso de Adidas que pasó de una publicidad claramente machista en el anuncio de unas zapatillas deportivas dirigida a los hombres en el que se utiliza la figura de la mujer en actitud rendida a los encantos masculinos<sup>24</sup> a otra dirigida a personas de todas las razas<sup>25</sup>. En este último anuncio, solo aparece una foto de personas jóvenes, mayoritariamente mujeres, una de ellas encinta, sin que vaya ningún eslogan ni ningún tipo de texto acompañando la imagen. Toda la atención recae en la imagen, en la diversidad de estas personas, lo que llevan puesto, destacando las zapatillas de colores que calzan en contraste con la ropa que visten, toda de color negro. Debajo de la foto, reza la siguiente frase: “Adidas y Pharrell Williams rinden homenaje a las mujeres”. En este anuncio, toda la fuerza del mensaje está en la imagen, sin necesidad de ningún eslogan. El propio comentario se limita a una evidencia: las marcas que se publicitan y con referencia directa a las mujeres. La doxa-opinión ya no se basa en la doxa-cultura, con alusiones a estereotipos ni de pensamiento ni lingüístico, sino que la quiere combatir abiertamente ignorándolos y queriendo crear una nueva opinión entre sus potenciales clientes.

---

<sup>24</sup> Para ver la publicidad: <<https://images.app.goo.gl/og7U8gkW4PBtBwqZ8>>. Accedido en 10 feb. 2021.

<sup>25</sup> Para ver la publicidad: <<https://images.app.goo.gl/2cBiB3ZSfhvJBXa48>>. Accedido en 10 feb. 2021.

En definitiva, este análisis de una doxa-opinión que pretende combatir estereotipos y prejuicios de la doxa-cultura a través del uso implícito, explícito o nulo de unidades fraseológicas prejuiciosas constituye un ejemplo de *conciencia fraseológica*. No solo se trata de reconocer la presencia de estas unidades en la lengua y la cultura de un pueblo, sino también su uso por parte de los medios de comunicación para valorar las intenciones con las que las emplean y desenmascarar aquellos mensajes que las refuerza o bien, al contrario, las combate.

## CONCLUSIONES

En este estudio, hemos querido abordar la cuestión de los estereotipos en relación con los prejuicios, y dentro de los estereotipos lingüísticos, la de las unidades fraseológicas prejuiciosas. Estas suelen forjarse poco a poco y asentarse en el fondo léxico común, sin que uno se dé cuenta. Acaban formando parte de la doxa-cultura de un pueblo, por su forma casi invisible de manifestarse en la lengua. Su carácter lexicalizado y repetitivo las hace pasar desapercibidas para un nativo y esto hace que este no tenga *consciencia* del valor despectivo que contienen con respecto a ciertos colectivos. Solo cuando se utilizan en la doxa-opinión, es decir pasan a los medios de comunicación, adquieren visibilidad. Esta exposición despierta entonces la conciencia lingüística de quienes las lee, las oye o las ve.

El estudio del uso de las unidades fraseológicas prejuiciosas en los discursos mediáticos permite comprobar la evolución que los estereotipos y los prejuicios han tenido a lo largo de estas últimas décadas. Se percibe el inicio paulatino de una *conciencia fraseológica* que lleva a los publicistas a dejar de lado el uso de esas unidades que tanto juego les suelen dar por pertenecer a una cultura compartida y por resultar tan provechosas a la hora de realizar juegos de palabras. Hemos podido comprobar, con algunos ejemplos, que la doxa-opinión puede obrar tanto para reforzar esa doxa-cultura como para combatirla. Así,

analizando a la luz de esa *conciencia fraseológica* unos anuncios que pretenden denunciar estereotipos y prejuicios, hemos podido comprobar que la doxa-opinión que hace uso de unidades fraseológicas implícitas, contenidas en unas imágenes que recogen su sentido literal, utiliza el texto para contradecirlas, mientras que aquella que las descarta o que las incorpora al texto para expresarse en contra, con la ayuda de unas imágenes que también las desacreditan, se basan en una forma nueva de comunicar, más directa y más convincente a los ojos del público.

La doxa-opinión, en su función de creadora de opinión y como medio privilegiado para cambiar la doxa-cultura, es la que debe estar más implicada en la lucha contra los estereotipos y los prejuicios. Ya que los medios de comunicación, como señaló Lippmann, son los que difunden ideas estereotipadas, también deben actuar para modificar aquellas que son fuentes de discriminación y desigualdad. La publicidad, aunque movida por intereses económicos que pueden poner en duda las intenciones altruistas de sus mensajes, constituye un medio con relevante impacto en la sociedad. Sus anuncios, por lo tanto, deben ser motivo de análisis, sobre todo cuando pretenden combatir estereotipos y prejuicios para el propio beneficio de los anunciantes, basándose en el uso de unidades fraseológicas prejuiciosas latentes en las imágenes que utilizan. La *conciencia fraseológica* que despiertan en quienes los ven y que los convierte en objeto de críticas impulsa a sus creadores a reformularlos. Lo sabe bien la psicología clínica de corte cognitiva: cambiar el modo de expresarse cambia el modo de pensar y el modo de actuar. Así, muchas marcas optan por anuncios con mensajes directos, en los que las unidades fraseológicas prejuiciosas, cuando se utilizan, aparecen tanto en las imágenes como en los textos (eslóganes o/y comentarios) en el mismo sentido unívoco en la denuncia de los estereotipos y los prejuicios que contienen. De este modo, su carga semántica negativa queda explícitamente al descubierto, de forma pública y notoria, y esto, a su vez, produce una toma de *consciencia* y de *conciencia* en quien no quiera participar en su difusión y consolidación.

## BIBLIOGRAFIA

CANO GESTOSO, J. I. **Los estereotipos sociales**: el proceso de perpetuación a través de la memoria selectiva. Tesis de doctorado. Universidad Complutense de Madrid, 1993. Disponible en: <<http://webs.ucm.es/BUCM/tesis/19911996/S/1/S1001901.pdf>>. Accedido en 23 ene. 2021.

DUFAYS J.-L. Stéréotypes et didactique des langues-cultures: enjeux et fondements d'une didactique lucide. **Bulletin de l'Association des Professeurs de Français de Galice**, nº1, Le français en clichés, p.19-39, 2004.

ESTRIPEAUT-BOURJAC, M. Avoir la puce à l'oreille sur le sexe des mots. **Cahiers du P.R.O.H.E.M.I.O.**, nº 4, p. 123-135, 2002.

FERRARI, A. Estereotipos lingüísticos y traducción. **Hieronymus Complutensis**, nº 6-7, p. 25-34, 1953.

GONZALEZ-REY, M<sup>a</sup> I. Les stéréotypes linguistiques et culturels des expressions idiomatiques”. In BOYER. H. (org.) **Stéréotypage, stéréotypes**: fonctionnements ordinaires et mises en scène. Perspectives interdisciplinaires, t. 4 Langue(s), discours, Éditions L'harmattan, Montpellier, 2006, p. 101-112.

GONZALEZ-REY, M<sup>a</sup> I. Les identités de genre dans les expressions idiomatiques du français. In LUQUE DURÁN, J. de D. & PAMIES BERTRÁN, A. (org.), **Interculturalidad y lenguaje**, t. I, El significado como corolario cultural, Lingvistica- Serie Collectae, Granada, 2007, p. 253-263.

GONZALEZ-REY, M<sup>a</sup> I. Les représentations collectives sur l'homme et la femme dans les expressions figées. In GONZÁLEZ ROYO, C. & MOGORRÓN HUERTA, P. (org.) **Estudios y análisis de fraseología contrastiva**: lexicografía y traducción, Universidad de Alicante, Alicante, 2008, p. 83-98.

GONZÁLEZ-REY, M<sup>a</sup> I. Le processus de conscientisation dans la phraséodidactique d'une L2. In GONZALEZ-REY, M<sup>a</sup> I. & HENROT, G. (org) Phraséodidactique, de la conscience à la compétence. **Número especial de Repères DORIF**, n<sup>o</sup>18. Association DoRiF-Università, 2019. Disponible en: <[http://www.dorif.it/ezine/ezine\\_articulos.php?id=424](http://www.dorif.it/ezine/ezine_articulos.php?id=424)>. Accedido en 29 ene. 2021.

GONZÁLEZ-REY, M<sup>a</sup> I. Nuevos estereotipos lingüísticos y redes sociales. **Lección magistral en celebración de la Festividad de Santo Tomás de Aquino, el 27 de enero de 2020**. Disponible en <<http://tv.usc.es/serial/index/id/667>>. Accedido en 29 ene. 2021.

GUTIÉRREZ RUBIO, E. Fraseología y estereotipos en español. ¿Una relación bidireccional? **Language Design**, n<sup>o</sup>15, 2013, p. 119-136.

HERRERO CECILIA, J. La teoría del estereotipo aplicada a un campo de la fraseología: las locuciones expresivas francesas y españolas. *Espéculo*. **Revista de estudios literarios**, 2006. Disponible en: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero32/teoreste.html>>. Accedido en 04 feb. 2021.

LETHIERRY, H. Rire se mérite ou : l'humour en classe de FLE. **Bulletin de l'Association des Professeurs de Français de Galice**, n<sup>o</sup> 2, L'humour : un outil pédagogique en classe de FLE, 2005, p.133-167.

LIPPMANN, W. La opinión pública. Título Original: Public Opinion. Traductora: GUINEA ZUBIMENDI, B. **Cuadernos de Langre**, Colección Inactuales, 2003 (1922). Disponible en: <[https://kupdf.net/download/la-opinion-publica-walter-lippmann\\_5969b792dc0d60e04fa-88e7c\\_pdf](https://kupdf.net/download/la-opinion-publica-walter-lippmann_5969b792dc0d60e04fa-88e7c_pdf)>. Accedido en 07 feb. 2022.

LUQUE DURÁN, J. de D. & MANJÓN POZAS, F. J. Claves culturales del diseño de las lenguas: fundamentos de tipología fraseológica. **Estudios de Lingüística en Español**, n<sup>o</sup> 16, 2002, p. 1-10.



SANCHEZ MORILLA, C. M. Estereotipos despectivos en la fraseología española. In E. BRAVO-GARCÍA & E. J. GALLARDO SABORIDO (org.) Los estereotipos culturales hispánicos y sus implicaciones didácticas. **Monografías MarcoELE, Revista de Didáctica Español Lengua Extranjera**, 2015, p. 108-125.

SCHAPIRA, C. **Les stéréotypes en français**: proverbes et autres formules. París : Éditions Ophrys, 1999.

THORNDIKE, E. L. A Constant Error in Psychological Ratings. **Journal of Applied Psychology**, nº4, 1920, p. 25-29. Disponible en: <<https://doi.org/10.1037/h0071663>>. Accedido en 17 feb. 2021.

ZORNOZA, C. Auto y heteroestereotipo étnico en estudiantes preuniversitarios de Lima metropolitana. **Revista De Psicología**, nº4, vol.2, 1985, p. 157-166. Disponible en: <<http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/psicologia/article/view/4528>>. Accedido en 17 feb. 2021.

# FRASEOLOGÍA DE LA PERCEPCIÓN: DELIMITACIÓN DEL CAMPO Y PERSPECTIVAS DE ESTUDIO

Maria Eugênia Olímpio de Oliveira Silva

## INTRODUCCIÓN

Las unidades fraseológicas (UF)<sup>26</sup> que se muestran a continuación, aunque pertenezcan a diferentes clases y, aparentemente, no compartan rasgos formales o semánticos, tienen, en realidad, algo en común; todas ellas están directamente relacionadas con nuestra experiencia sensorial y perceptiva: *a la vista, a tientas, a su sabor, duro de oído, en contacto, Mal me huele, quien mucho huele, oír campanas y no saber dónde, oler a chamusquina, y ya veremos*. El elevado número de este tipo de fraseologismos y su dilatada presencia en diferentes lenguas constituyen de por sí un aliciente para considerar las conexiones que pueden darse entre el sistema sensorperceptivo del ser humano y diferentes tipos de UF; además, el extraordinario protagonismo que, de un tiempo a esta parte, están teniendo los sentidos y la percepción en los estudios lingüísticos sirve de estímulo para reflexionar acerca de estas cuestiones. En consonancia con ello, en este trabajo, queremos proponer una línea de investigación, denominada “fraseología de los sentidos” o “fraseología de la percepción”, cuyo objetivo principal es estudiar “todas aquellas unidades fraseológicas (...) que hacen referencia al mundo de los sentidos ya sea en su significado idiomático ya sea en su estructura formal” (OLIMPIO DE OLIVEIRA, 2020, p. 384).

---

<sup>26</sup> Los términos *unidades fraseológicas* y *fraseologismos*, empleados aquí como sinónimos, abarcan diferentes tipos de unidades pluriverbales que poseen significado léxico o gramatical y presentan fijación formal y semántica en diferentes grados.

Para alcanzar el objetivo que nos hemos planteado, hemos estructurado el texto en cuatro grandes apartados, además de esta introducción. El primero, “Acercamiento a los estudios sensoriales”, tiene, como el propio nombre indica, carácter introductorio; nos sirve para ofrecer una visión panorámica acerca de los diferentes estudios que se han desarrollado en torno a las nociones de sentido y percepción. En el segundo, “Percepción, lengua y lenguaje”, mostramos cómo tales nociones están siendo investigadas desde una perspectiva lingüística. Esta parte se subdivide en dos subapartados que reúnen ideas fundamentales sobre la “lingüística sensorial” y sobre los conceptos de “lengua de la percepción” y “metáfora perceptiva”. El tercer apartado recoge informaciones sobre la “fraseología de la percepción”<sup>27</sup>; a partir de una descripción general de esta línea, ilustramos algunas de sus aplicaciones al estudio de un conjunto de UF relacionadas con el olfato y el tacto. En el último apartado, dedicado a las “Consideraciones finales”, retomamos de manera sucinta las principales cuestiones tratadas a lo largo del texto.

## **1. Acercamiento a los estudios sensoriales**

Los sentidos desempeñan un papel esencial en la conformación de nuestro comportamiento natural y cultural, puesto que “nos posibilitan percibir el mundo físico, inferirlo e interpretarlo y, en consecuencia, repercuten en diferentes esferas de nuestra vida, intercalándose en cualquier interacción entre la realidad externa y nuestro mundo interior, y viceversa” (OLÍMPIO DE OLIVEIRA, 2020, p. 383). Los órganos sensoriales nos permiten representar el mundo

---

<sup>27</sup> Como veremos en el siguiente apartado, a través de la percepción se analizan y se procesan las sensaciones, es decir, la información sensorial enviada por los órganos del sentido. Dada la vinculación entre los dos procesos, sensación y percepción, no establecemos distinción entre los términos “fraseología de la percepción” y “fraseología de los sentidos”.

en la mente; gracias a estos, las “sensaciones” pueden convertirse en “percepciones”. Es decir, la sensación, procesamiento cerebral primario por el que detectamos la energía física del medio y la transformamos en señales nerviosas, da pie a la percepción, proceso de gran complejidad, que, entre cosas, nos permite seleccionar, organizar e interpretar, basándose en expectativas y experiencias previas, los diferentes estímulos. Así lo explica Myers (2007):

Para construir una imagen del mundo exterior en nuestra mente debemos captar la energía física del ambiente y luego codificarla en forma de impulsos nerviosos (un proceso que se conoce tradicionalmente como *sensación*). Y también debemos seleccionar, organizar e interpretar nuestras sensaciones (un proceso denominado tradicionalmente *percepción*). No solo sentimos las imágenes y los sonidos, los sabores y los olores en su estado primitivo, sino que los *percibimos*. No oímos solamente una mezcla de tonos y ritmos, sino que captamos también el grito de un niño, el ruido del tráfico o el crescendo de una sinfonía. En resumen, transformamos las sensaciones en percepciones. Creamos significados (MYERS, 2007, p. 231).

Las investigaciones sobre los sentidos humanos se enmarcan en un campo interdisciplinario en el que confluye un gran número de ciencias, como la psicología, la biología, la antropología, la filosofía o la sociología, por citar algunas de ellas. Distintas corrientes de estudio, guiadas por perspectivas diversas, han dado lugar a trabajos que tratan aspectos muy variados relativos a este tema. No obstante, el hecho de que las sensaciones y percepciones sean, de modo esencial e intrínseco, procesos psicofísicos ha ocasionado una especie de “neurorreduccionismo” (HOWES, 2013a) por el que se privilegia su estudio desde una óptica biológica, fisiológica o psicológica. De alguna manera, y al menos en un principio, el auge alcanzado por las neurociencias no hizo más que potenciar esta perspectiva. Sin embargo, como indica este autor, esta pos-

tura no solo es excluyente sino también equivocada, puesto que la percepción es también una actividad social: “(...) it is conditioned by culture, and cannot be thought exclusively in terms of neural activity” (HOWES, 2013a, p. 9). Así, la antropología de los sentidos o la sociología de los sentidos muestran que es posible estudiar los sentidos desde un enfoque puramente cultural y, además, adoptar una “perspectiva sensorial” en el estudio de la cultura (HOWES, 2013b). Sparkes (2009), en relación con ello, ha revelado, a partir de un trabajo de carácter etnográfico, que en nuestra experiencia sensorial intervienen no solo factores fisiológicos e individuales, sino también elementos socioculturales. Por ello,

although the senses are shaped by personal history they are also collectively patterned by cultural ideology and practice. (...) sensation is not just a matter of physiological response and personal experience but is the most fundamental domain of cultural expression and is the medium through which all the values and practices of society are enacted. That is, to a greater or lesser extent, every domain of sensory experience is a field of cultural elaboration and every domain of sensory experience ‘is also an arena for structuring social roles and interactions. We learn social divisions, distinctions of gender, class and race, through our senses (SPARKES, 2009, p. 26).

Hoy por hoy, se reconoce que la percepción posee una naturaleza biocultural; debe ser investigada en sus múltiples facetas y estas no son incompatibles u opuestas. En efecto, incluso en aportaciones procedentes de la neurobiología o de la psicología, por ejemplo, encontramos trabajos en los que se indaga acerca de la relación que se produce entre las bases neurales de los sentidos y la interacción interpersonal; es decir, van más allá de factores puramente físicos (KIRSCH *et al.*, 2018). Por otra parte, diferentes investigaciones sobre la interrelación entre percepción, cultura y cognición, realizadas desde el paradigma cognitivo, corroboran, asimismo, la naturaleza biocultural de la

percepción sensorial. Así pues, son muchos los trabajos que, aunando un enfoque etnográfico y neurocientífico, aportan datos que apoyan la idea de que nuestra experiencia perceptiva puede verse influenciada por factores culturales; dicho de otro modo, la cultura puede condicionar lo que sentimos y percibimos a través de los sentidos. Kastanakis y Voyer (2014), por ejemplo, en un texto sobre el efecto de la cultura sobre la percepción y la cognición, mencionan algunos estudios que evidencian diferencias transculturales en la percepción:

Ayabe-Kanamura, Schicker, Laska, Hudson, Distel, Kobayakawa, and Saito (1998) analyze cross-cultural differences between Japanese and Germans in their perception of smell: each group recognized its own familiar “cultural” smells better. Similarly, Curtis and Bharucha (2009) investigate cross-cultural differences in music perceptions demonstrating that Westerners find it easier to comprehend their own, culturally familiar melodies, as opposed to Eastern, hence culturally unfamiliar, ones (KASTANAKIS y VOYER, 2014, p. 11).

Estas aportaciones vienen a ratificar, así, lo que ya se había señalado desde las ciencias humanas: individuos de diferentes culturas habitan mundos sensoriales diferentes (SYNNOTT, 2003, p. 445).

Aunque puede parecer sorprendente, incluso la propia categorización de los sentidos, así como la forma en que estos se jerarquizan pueden verse como hechos culturales, no naturales. Como recuerda Eberfeld (2003), la expresión “cinco sentidos” está presente en la mayoría de las lenguas y esto, de acuerdo con este autor, genera una falsa impresión: la de que estamos ante un universal semántico ahistórico. Sin embargo, la idea de que son cinco los sentidos corporales (visión, audición, olfato, tacto y gusto) constituye un constructo sociocultural, atribuido casi siempre a Aristóteles (aunque, según Howes (2013b), también podría atribuirse a Demócrito); esta idea, por consiguiente,

solo es válida para algunas sociedades. En la filosofía clásica india, por citar un ejemplo, son ocho los sentidos considerados, de acuerdo con Elberfeld (2003): “(1) prana (breathing organ, i.e., nose; also ‘breath of life’); (2) the speech organ; (3) tongue (taste); (4) eye (color); (5) ear (sounds); (6) mana (thought, mind, inner organ); (7) hands (work); and (8) skin (sense of touch)” (ELBERFELD, 2003, p. 483).

Conviene señalar que no solo se menciona la existencia de otras modalidades sensoriales en estudios que enfocan cuestiones culturales e históricas; también investigaciones de base neurofisiológica han demostrado que, junto a los sentidos que captan las informaciones que provienen del mundo exterior, los llamados sentidos exteroceptivos, están los sentidos interoceptivos, que informan de todo lo que ocurre en el interior del organismo; es decir, del estado fisiológico del cuerpo. Por otra parte, están los sentidos propioceptivos, que incluyen, entre otros, el sentido de la posición y los movimientos de las diferentes partes del cuerpo o el sentido del equilibrio corporal (MORGADO, 2012). Es interesante recordar que, a lo largo de la historia, diferentes culturas, aunque quizás de forma intuitiva, han hecho referencia a un “sexto sentido”. De acuerdo con Howes (2009), esta noción ha sido asociada a diferentes formas de percepción y una de ellas ha sido justamente la propiocepción<sup>28</sup>.

Por otro lado, desde la Antigüedad, los cinco sentidos “clásicos” se han distribuido en un orden jerárquico en el que el sentido de la visión ha ocupado siempre la cima, seguido de otras modalidades, como la audición, el gusto, el tacto y el olfato. Esta organización ha sido explicada

---

<sup>28</sup> La página web: <http://sixthsensereader.org/about-the-site/> reúne un conjunto de informaciones en torno a la noción de “sexto sentido”. Se ofrece un “abecedario” con los diferentes sentidos o “poderes sensoriales” que han sido asociados a esta noción.

tanto desde un punto de vista filosófico –la visión se consideraría un sentido que ennoblece al ser humano y lo acerca a Dios– como histórico –la primacía de lo intelectual (la escritura y la imprenta, principalmente)– y lo tecnológico habrían encumbrado este sentido<sup>29</sup>. Sin embargo, como han mostrado San Roque *et al.* (2015), en un estudio realizado con trece lenguas pertenecientes a nueve familias lingüísticas diferentes, no existiría una jerarquía universal de los sentidos, sino que una cultura dada puede organizarlos jerárquicamente de una manera propia:

Although the visual dominance hypothesis was strongly supported by our data, we did not find a universal hierarchy of the senses. The remaining senses were more variable in terms of frequency of form and of reference. There was a trend for references to hearing to be second place in many languages, but this was not always the case (see below). The dominance of hearing over touch, taste and smell could thus be posited as a probabilistic, but not absolute, universal trend (SAN ROQUE *et al.*, 2015, p. 20).

En definitiva, a tenor de lo expuesto, vemos que lo natural y lo cultural deben ir de la mano en cualquier reflexión sobre los sentidos y la percepción. No podemos dejar de mencionar que esta categorización tradicional de los sentidos ha marcado de forma decisiva el desarrollo de los estudios sensoriales; prácticamente todas las líneas de investigación en esta área versan sobre una de las cinco modalidades sensoriales<sup>30</sup>, de modo independiente, o sobre las nociones de “intersenso-

---

<sup>29</sup> Para Elberfeld (2003), la tecnología en general (el teléfono, la radio, la televisión, los ordenadores o la internet, por ejemplo) contribuyó enormemente a la conocida preeminencia no solo de la visión sino también de la audición.

<sup>30</sup> En especial la visión, el olfato y la audición, ya que el tacto y el gusto, de modo general, han recibido menos atención.



rialidad” y “multiorganización sensorial”, esto es, sobre los diferentes tipos de relación que pueden establecerse entre estos sentidos, como, por ejemplo: cooperación u oposición; jerarquía o igualdad; fusión o separación; simultaneidad y secuencialidad.

En efecto, si trazamos un perfil de los trabajos realizados en este ámbito, podemos divisar al menos dos tendencias generales: por un lado, en algunas investigaciones, se parte de una reflexión acerca de una modalidad sensorial concreta, como, por ejemplo, el tacto, y se aplican diferentes perspectivas (biológica, filosófica, histórica, cultural, etc.) a su descripción y estudio; por otro lado, se elige una de las diferentes disciplinas científicas que se han desarrollado en torno a este campo, como la antropología de los sentidos, la historia de los sentidos o la etnografía de los sentidos, y se adoptan sus postulados en la investigación de un sentido específico o de varios sentidos. Para Howes (2013a), la historia y la antropología de los sentidos son las disciplinas fundacionales de los estudios sensoriales, aunque este autor, como muestra del alcance que han tenido estos estudios, hace referencia a otros campos académicos que se han creado en torno a ellos, tales como:

Although the visual dominance hypothesis was strongly supported by our data, we did not find a universal hierarchy of the senses. The remaining senses were more variable in terms of frequency of form and of reference. There was a trend for references to hearing to be second place in many languages, but this was not always the case (see below). The dominance of hearing over touch, taste and smell could thus be posited as a probabilistic, but not absolute, universal trend (SAN ROQUE et al., 2015, p. 20).

Entre los campos citados, nos interesa destacar aquí el de la lingüística sensorial, por su relevancia para el desarrollo de una fraseología de los sentidos. Nos ocupamos de ella en el próximo apartado.

## 2. Percepción, lengua y lenguaje

Se considera que la percepción sirve de base para diferentes procesos cognitivos, incluso para el procesamiento del lenguaje. De hecho, percepción y lenguaje constituyen dos sistemas cognitivos centrales que están interconectados; como destacan Vulchanova *et al.* (2019, p. 194), entre los dos se produce “a rich bi-directional interface”; es decir, igual que el lenguaje influye en la percepción, esta influye en el lenguaje. Para estos autores el hecho de que podamos hablar acerca de lo que percibimos representa la explicación más clara y sencilla de por qué lenguaje y percepción están interrelacionados. Desde una perspectiva sociocultural, se ha llegado a señalar la preponderancia de los sentidos sobre el lenguaje; Howes (2013a, p. 13), por ejemplo, ha afirmado que “the senses come before language and also extend beyond it”. Sin embargo, al igual que ha ocurrido en los estudios sobre percepción, cultura y cognición, también en el ámbito de la lingüística sensorial se ha mostrado que existe un claro vínculo entre lenguaje y percepción<sup>31</sup>. Y, como no puede ser de otra forma, en este entramado la cultura constituye, asimismo, una pieza clave (CABALLERO y PARADIS, 2015).

---

<sup>31</sup> Un vasto número de estudios experimentales, basados en neuroimágenes, contribuye desde hace décadas a mostrar cómo se produce esta mutua interacción. Los resultados alcanzados en estas investigaciones pueden llegar a ser, incluso, sorprendentes. En lo que atañe, por ejemplo, a la influencia del sistema sensorio-perceptivo en el lenguaje, han mostrado que incluso la piel, órgano del tacto, participa en esta interacción. Como explica Morgado (2012, p. 71), haciendo referencia a los hallazgos del equipo de científicos liderados por Bryan Gick de la University of British Columbia (Canadá): “Observaciones recientes muestran que la piel funciona también como un “tercer oído” que posiblemente ayuda a comprender el lenguaje, pues las corrientes de aire que creamos al hablar son captadas por la piel de nuestro interlocutor, aunque su oído no sea consciente de ellas”.

Desde una perspectiva historiográfica, resulta difícil establecer los antecedentes de los estudios sobre la relación entre lengua y percepción, debido a la naturaleza interdisciplinaria del tema. Por ello, en muchos trabajos que no son estrictamente lingüísticos, centrados en cuestiones filosóficas, antropológicas o socioculturales, se explota esta relación; en otros, en cambio, se adopta un enfoque lingüístico como marco teórico principal, que se armoniza con otras disciplinas científicas, como la psicología. En concreto, en referencia con esta disciplina, la obra *Language and Perception* (MILLER y JOHNSON-LAIRD, 1976) constituye una contribución fundamental; en ella, los autores proponen la creación de una subárea de la psicología llamada “psycholexicology”, cuyo objetivo es el estudio psicológico del significado de las palabras; en este estudio, se busca comprobar, entre otras cuestiones, hasta qué punto la percepción influye en la construcción del significado.

Desde una perspectiva propiamente lingüística, emergen algunos trabajos destacables, relacionados, sobre todo, con la antropología lingüística, la descripción y tipología lingüísticas. Nos parece interesante señalar, por la atención que ha recibido en los estudios sobre iconicidad<sup>32</sup>, la noción de “ideófono”. De acuerdo con Dingemans (2011), este concepto fue propuesto inicialmente por Edward Wheeler Scripture (psicólogo y fonetista), en 1902, y desarrollado por Doke, en 1935, en el ámbito de la lingüística africanista<sup>33</sup>. Los ideófo-

---

<sup>32</sup> Entendida, de manera general, como la relación no arbitraria entre el significado y la forma o, como explican Alcaraz Varó y Martínez Linares (1997, p. 291), la relación motivada “entre una propiedad o distinción de orden conceptual y los medios lingüísticos que se asocian a su representación”.

<sup>33</sup> Si bien el término se ha utilizado por primera vez a principios del siglo XX, las reflexiones sobre este fenómeno lingüístico son anteriores. Dingemans (2011, p. 58) afirma que, en Lingüística, viene siendo estudiado de manera sistemática desde mediados del siglo XIX y que las primeras referencias sobre “palabras imitativas” se encuentran en la gramática de Pānini sobre el sánscrito.

nos constituyen, posiblemente, uno de los primeros acercamientos a la relación entre lengua y percepción, desde una perspectiva lingüística. De acuerdo con Doke (1935 *apud* DINGEMANSE, 2011, p. 22), un ideófono es “A vivid representation of an idea in sound. A word, often onomatopoeic, which describes a predicate, qualificative or adverb in respect to manner, colour, sound, smell, action, state or intensity”.

En la actualidad, se considera que las onomatopeyas son solo un tipo de ideófonos, los convencionales, y que existen “ideófonos sensoriales” que no remiten a fenómenos auditivos. Por ello, más recientemente, Ibarretxe-Antuñano (2020, p. 413) los ha definido como “unidades lingüísticas, formalmente prominentes a través de rasgos lingüísticos multimodales marcados y con una función expresiva vívida y claramente dramática”. Este tipo de elemento lingüístico, relacionado casi siempre con las lenguas africanas, se encuentra presente, en realidad, en todas las lenguas del mundo (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2020; MORENO CABRERA, 2020). Para Dingemans (2011, p. 25), dada su naturaleza, los ideófonos deben entenderse como elementos icónicos, es decir, “*marked words that depict sensory imagery*”. En este sentido, destacan, sobre todo, porque recrean percepciones basadas en experiencias corporales (MORENO CABRERA, 2020).

Los ideófonos son tan solo un tipo de elemento lingüístico que revela la conexión que existe entre lengua y percepción. De hecho, por lo general, en la gramática y en el léxico de cualquier lengua es posible encontrar pruebas de esta relación, como señalan Aikhenvald y Storch (2013) en el capítulo introductorio del libro *Perception and Cognition in Language and Culture*:

Every language has a way of referring to basic sources of sensory perception: through sight, through hearing, through smell, through taste and through touch. Every language has a way of speaking about how one knows. In every language, there are ways of

phrasing inferences, assumptions, probabilities and possibilities, and expressing disbelief. The expression of perception and of cognition –thinking, understanding and ‘knowing’ things- spans grammar and lexicon” (AIKHENVALD y STORCH, 2013, p. 1)<sup>34</sup>.

Durante mucho tiempo, los elementos lingüísticos más estudiados han sido los llamados verbos de percepción, como *ver, oír, oler, tocar, probar, sentir*, entre otros. En las investigaciones en torno a estos verbos se han tratado, sobre todo, cuestiones relativas a tipos de complementos que admiten, procesos de gramaticalización y los casos de cambios semánticos. Destacan, sobre todo, las reflexiones sobre la universalidad de los patrones de polisemia y extensión semántica de estos verbos. Los trabajos de Caplan, de 1973, de Viberg, de 1983 y 1984, se consideran referencias básicas en este campo, aunque la investigación realizada en 2000 por Evans y Wilkins, sobre los verbos de percepción en 60 lenguas australianas, aporta una pieza fundamental a la reflexión sobre lengua y percepción, puesto que los autores demuestran en este trabajo cómo en este ámbito es imprescindible considerar la influencia de aspectos socioculturales.

## **2.1. La lingüística sensorial**

Pese a la riqueza y variedad de los estudios mencionados y a que Howes, en 2013, ya hiciera referencia a un campo académico denominado “lingüística sensorial”, solo recientemente este término

---

<sup>34</sup> Los estudios de corte tipológico incluidos en esta obra muestran cómo diferentes lenguas de África, Oceanía y América del Sur – la mayoría de ellas apenas estudiadas – expresan léxica y gramaticalmente la percepción y la cognición. Cabe señalar que, en estos estudios, cuando se habla de expresión de la cognición a través del lenguaje, se hace a partir de las modalidades sensoriales. Es decir, no se aborda el tema de la cognición de manera desvinculada de la percepción. Se considera, por ejemplo, cómo la percepción visual o auditiva puede estar conectada con procesos cognitivos, como entender o pensar.

ha pasado a emplearse de manera más sistemática. La publicación de obras como *Pour une linguistique sensorielle* (DIGONNET, 2018) y *Sensory Linguistics. Language, Perception and Metaphor* (WINTER, 2019) no solo ha contribuido a la divulgación del término, sino que ha propiciado el reconocimiento de un ámbito de investigación específico que puede entenderse como:

(...) the study of how language relates to the senses. It addresses such fundamental questions as: How are sensory perceptions packaged into words? Which perceptual qualities are easier to talk about than others? How do languages differ in how perception is encoded? And how do words relate to the underlying perceptual systems in the brain? (WINTER, 2019, p. 1).

En la actualidad, la lingüística sensorial ha sido catapultada a un lugar destacado, impulsada, principalmente, por la atención que ha recibido en el seno de la lingüística cognitiva. Desde este paradigma, se entiende que el objetivo de la lingüística sensorial consiste, en líneas generales, en investigar cómo los sentidos se manifiestan lingüísticamente y cómo estos influyen en el uso de la lengua (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2011; MAJID y LEVINSON, 2011; LEVINSON y MAJID, 2014; CABALLERO y PARADIS, 2015; SPEED et al., 2019). Es tal la importancia que la lingüística cognitiva da a la interconexión entre los sentidos, la percepción y el lenguaje que algunos teóricos abogan incluso por una visión holística de los procesos de percepción y cognición, en lugar de una visión atomista. Es decir, según esta perspectiva, estos procesos no deberían concebirse como categorías discretas; no estarían, por tanto, separados y desvinculados, sino que actuarían en conjunto. De este modo, como destacan Caballero y Díaz-Vera (2013, pp. 2-3), se busca una “sensibilización” de la cognición y, en relación con ello, se propone el término *ception* que abarcaría “all the cognitive phenomena, conscious and unconscious, understood by the conjunction of perception and cognition” (TALMY, 1996 *apud* CABALLERO y DÍAZ-VERA (2013, pp. 2-3).

Bajo el paraguas de la lingüística cognitiva, se ha desarrollado una gran cantidad de investigaciones realizadas desde diferentes enfoques: histórico, tipológico, descriptivo, de carácter experimental, basado en corpus, entre muchos otros (CABALLERO y DÍAZ-VERA, 2013; BAICCHI, DIGONNET y SANDFORD, 2018; SPEED et al., 2019; WINTER, 2019). Aunque este campo despierta mucho interés, quedan todavía muchas vías que explorar, y esto es así porque, resulta innegable, como han señalado Majid y Levinson (2011), que tanto el lenguaje como las lenguas mantienen una profunda conexión con los sentidos y la percepción. Para estos autores, la reflexión sobre el lenguaje, entendido como “capacidad humana”, permite indagar sobre la existencia de unos límites, intrínsecos a su naturaleza, que podrían impedir la descripción, mediante las lenguas, de lo percibido a través de los sentidos. Esta cuestión es de fundamental importancia, dada la “consabida” dificultad de expresar lingüísticamente determinadas experiencias sensoriales, especialmente las que atañen al olfato, al tacto o al gusto. Por otra parte, el análisis y la comparación de diferentes lenguas pueden ofrecer informaciones clave sobre cómo los diferentes pueblos conceptualizan los sentidos, de forma que los estudios interlingüísticos vienen a ser un buen recurso para saber cómo se construyen culturalmente los sentidos y pueden suministrar un “cultural landscape of the senses” (MAJID y LEVINSON, 2011, p. 8). Así pues, a través de la reflexión sobre el lenguaje y las lenguas, se podría llegar a determinar si la imposibilidad de codificar una experiencia sensorial es fruto de las limitaciones de la facultad lingüística *per se* (LEVINSON y MAJID, 2014; WINTER, 2019) o si se trata de una limitación impuesta por la lengua concreta hablada por el individuo. Concluyen Majid y Levinson (2011) que, sin el lenguaje, no podría haber una ciencia social de los sentidos, puesto que:

Language, then, plays a fundamental intermediary role between the subjective, individual nature of sensation and the cultural world that constructs the perceptual

field. The cultural world provides the sensory environment – the smells, the tastes, the colors, the shapes, the spaces, the sounds that we perceive. Biology provides the individual's sense organs and the cortical processing of sensations that process the sensory information. But without language our sharing of perceptual experience would be confined to shared environments and shared biology: a mechanical sharing without intersubjectivity (MAJID; LEVINSON, 2011, p. 10).

Nos parece importante señalar que las diferentes contribuciones realizadas en el campo de la lingüística sensorial han demostrado la relevancia de los sentidos y la percepción para la reflexión acerca de cuestiones de indudable interés, tales como: los universales lingüísticos; la iconicidad; la sinestesia; la corporeización (noción que ha sido tratada en diferentes áreas de las ciencias cognitivas en general y de la lingüística, en particular, como aclara Winter (2019, p. 52)), entre otras. En definitiva, conforme han puesto de relieve muchos investigadores las lenguas nos proporcionan ventanas que nos permiten aprehender o conocer los sentidos (MAJID y LEVINSON, 2011, p. 7), pero, a la vez, “language is deeply infused with sensory information, and knowing about our sensory world helps us understand the linguistic world we live in” (WINTER, 2019, p. 252).

## **2.2. La lengua de la percepción y las metáforas perceptivas**

Nos interesa destacar aquí dos conceptos esenciales planteados en la esfera de los estudios cognitivos, y que tienen especial relevancia para la fraseología de la percepción. Se trata de los conceptos de “lengua de la percepción” y “metáforas perceptivas”. La reflexión sobre nuestra capacidad de comunicar y expresar sensaciones ha revelado que existe un “lengua de la percepción” (*perceptual language*) y que este, de diferentes modos, “serves as the basis of, or target for, metaphorical extension” (MAJID, 2019, VII).



En efecto, todas las lenguas cuentan con recursos para expresar las percepciones sensoriales: existen verbos (*especular, sonar, tocar*) nombres (*perfume, sonido, sabor*) y adjetivos (*agudo, salado, sedoso*) relacionados con las diferentes modalidades sensoriales<sup>35</sup>; además estos elementos lingüísticos se emplean también para comunicar cosas que no están directamente relacionadas con los sentidos, como prueba de que nuestras experiencias sensoriales influyen en nuestra manera de hablar y de pensar. En consecuencia, se generan las llamadas “metáforas perceptivas” (*perception metaphor*), que se definen como “aquellas metáforas que tienen como dominio conceptual las diversas modalidades perceptuales de los sentidos de la vista, el oído, el olfato, el tacto y el gusto” (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2011).

Podemos comprobar fácilmente cómo palabras y expresiones relacionadas con nuestros sentidos se introducen en la vida cotidiana cada vez que deseamos expresar lo que sentimos y percibimos. Gracias al olfato, podemos decir que *las rosas huelen bien*, pero también que *un tema huele mal*; y, mediante el tacto, podemos hacer referencia a una *bisagra dura*, quejarnos de un *colchón duro* u opinar que alguien es un *cara dura*. Como ilustran estos ejemplos, los sentidos nos permiten hablar no solo sobre el mundo físico, sino también acerca de cuestiones subjetivas y abstractas. Así pues, la lengua de la percepción desempeña un papel crucial en la creación de diferentes metáforas e ilustra claramente como muchas de estas se generan a partir de nuestra experiencia corpórea, física, así como social y cultural. Se vincula, por tanto, con otras perspectivas de estudio que defienden la idea

---

<sup>35</sup> Estas clases de palabras han sido las más estudiadas hasta el momento (Levinson, Majid y Enfield, 2007). La vinculación entre los ejemplos citados y los diferentes sentidos se ha establecido a partir de su origen etimológico.

de que la experiencia corporal influye en nuestra forma de pensar y hablar y de que el lenguaje funciona como un poderoso instrumento de conceptualización y categorización.

Como explican O'Meara et al. (2019, pp. 2-3), la lengua de la percepción no solo se circunscribe a un dominio semántico concreto y en relación con una modalidad sensorial específica, sino que puede "transitar" entre diferentes dominios semánticos y perceptuales. Así, un verbo como *ver*, vinculado con el sentido de la visión, puede emplearse con el significado de *encontrar*, que no pertenece a un dominio semántico perceptual. Asimismo, palabras procedentes de dominios ajenos a los sentidos pueden ser empleadas para expresar experiencias sensoriales: *vibrante*, un término relacionado con el movimiento, se puede emplear para hablar de sensaciones auditivas: *voz vibrante*; *alto*, vocablo que alude a la noción de espacio, también puede usarse para expresar una sensación auditiva: *voz alta*. Por otra parte, el adjetivo *suave*, concerniente al dominio sensorial del tacto, puede usarse en relación con otro dominio, como la audición: *voz suave*, por ejemplo.

Cada uno de los ejemplos citados ilustran los tres tipos de metáforas perceptivas que se han identificado, de acuerdo con O'Meara et al. (2019). En el primero de ellos (*ver* con el sentido de *encontrar*), tenemos una metáfora en la que el dominio fuente atañe a la percepción (la visión), pero el dominio meta, no. En los ejemplos siguientes, en cambio, para expresar una experiencia sensorial (*voz vibrante*; *voz alta*) se toman prestadas palabras de un dominio fuente distinto, es decir, que no está relacionado con la percepción (movimiento y espacio, respectivamente). En el tercer y último ejemplo, a su vez, el dominio fuente (tacto) y el meta (audición) están vinculados con la percepción, aunque en este caso se utiliza un término referente a una modalidad sensorial para describir la experiencia en otra.

No cabe duda de que estamos ante un concepto, el de metáforas perceptivas, que invita a investigar acerca de cuestiones significativas. En este sentido, O'Meara *et al.* (2019, p. 2; 4) han señalado el interés de las metáforas perceptivas en la reflexión acerca de “the structure of the semantic domains of perceptions and our capacity (and proclivity) for figurative language”; asimismo, han destacado su relevancia para el estudio de la cuestión de la direccionalidad en el proceso de extensión metafórica, dado que las percepciones sensoriales pueden servir tanto de dominio fuente como de dominio meta. Los trabajos realizados sobre esta noción nos permiten considerar, además, otras facetas que pueden ser también exploradas en relación con este tema. Destacamos aquí el proceso de lexicalización de las metáforas perceptivas, que permite indagar sobre los lazos que unen una metáfora concreta y un tipo específico de expresión lingüística metafórica, el papel que los elementos lingüísticos ejercen en la conformación de esta expresión o los gestos que se utilizan de forma conjunta con expresiones metafóricas perceptivas (expresiones multimodales) (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2019, p. 55; 57). Como veremos en el siguiente apartado, muchos de estos aspectos son pertinentes para el estudio de los “fraseologismos perceptivos”.

### **3. Para una fraseología de los sentidos**

No es descabellado afirmar que la Fraseología se ha mantenido al margen del éxito alcanzado por la lingüística sensorial. En la inmensa mayoría de los estudios llevados a cabo en este ámbito no se tienen en cuenta los fraseologismos o, cuando estas unidades aparecen citadas, no suelen recibir una atención especial. Así, Evans y Wilkins (2000) en su trabajo sobre verbos de la percepción, citado anteriormente, incluyen algunos ejemplos de *idioms* entre los tipos de ejemplos que han recogido de su corpus, aunque no se centran en ellos. También González Pérez (2017), en un texto sobre combina-

ciones léxicas sinestésicas, menciona, aunque incidentalmente, ejemplos de colocaciones. Por otra parte, Trojszczak (2019) y Kövecses (2019), en dos estudios sobre metáforas perceptivas y los sentidos del tacto y del olfato, respectivamente, recogen diferentes colocaciones, si bien, del mismo modo, estas unidades no constituyen el objeto de estudio de sus investigaciones. En conclusión, en diferentes obras que tratan cuestiones relacionadas con la lengua de la percepción, las UF no figuran como elementos protagonistas, incluso cuando se hace algún tipo de referencia a este tipo de unidad (WINTER, 2019; JĘDRZEJOWSKI y STANIEWSKI, 2021, entre otros).

Por otro lado, los sentidos y la percepción tampoco han recibido mucha atención en el seno de la propia Fraseología; incluso cuando en algún estudio se pone en relación un tipo de fraseologismo y un sentido dado, no se tienen en cuenta las nociones tratadas en el marco de la lingüística sensorial. Voellmer y Brumme (2017), por ejemplo, analizan las traducciones al español, francés, rumano e inglés de un conjunto de locuciones relacionadas con el olfato (extraídas de la novela *Das Parfum*, de Patrick Süskind); sin embargo, se centran en un lexema concreto, Nase, y su inclusión en diferentes somatismos sin llegar a examinar las metáforas perceptivas que podrían explicar estas UF.

Esta situación nos parece llamativa, puesto que la cuestión de cómo el sistema sensoperceptivo puede intervenir en la configuración formal o semántica de las UF nos parece digna de interés y, desde nuestro punto de vista, abre vías de investigación muy sugerentes. Podemos plantearnos, de este modo, la posibilidad de establecer una línea de investigación dedicada a la fraseología perceptiva. En la implementación de esta línea, habrá que considerar las aportaciones de la lingüística sensorial. Como hemos mostrado en la sección anterior, contamos ya con estudios realizados desde diferentes bases teóricas y metodológicas – trabajos de campo y experimentales, estudios basa-

dos en corpus, entre otros – y desde perspectivas diversas (intra lingüísticas e interlingüísticas, y, claro está, interculturales). Cabe comprobar, de este modo, la posibilidad de aplicar estos enfoques al campo de la fraseología para reflexionar sobre cuestiones diacrónicas o aspectos formales, semánticos, etc., ya estudiados respecto de otras unidades lingüísticas. Para ello, será necesario llevar a cabo, inicialmente, tareas de carácter descriptivo para poder determinar, otros aspectos, qué elementos lingüísticos vinculados con la percepción se encuentran presentes en los fraseologismos (e incluso definir su tipología y su productividad); qué modalidades sensoriales están más representadas en estos elementos y cómo estas contribuyen a su formación.

Por otro lado, también será conveniente comprobar qué propiedades de cada sentido, fundamentadas en sus bases fisiológicas y biológicas, se manifiestan lingüísticamente en las UF y cómo se transfieren a este tipo de unidades. Y, de forma complementaria, habría que considerar también hasta qué punto los factores socio-culturales intervienen en la fraseología de la percepción. A partir de estos primeros pasos, se podría avanzar hacia otras tareas de análisis que permitirían, entre otras cuestiones, averiguar si ocurren en la fraseología algunos de los fenómenos identificados en el estudio de unidades léxicas simples, como la prevalencia de la visión, desde un punto de vista lingüístico, frente a los demás sentidos, o los tres tipos de metáforas de la percepción, mencionados en el apartado anterior.

A continuación, con el objetivo de ilustrar la viabilidad de esta línea de trabajo sobre Fraseología y experiencia sensorial, presentamos algunos resultados alcanzados en la investigación que hemos realizado sobre dos de los sentidos menos estudiados y valorados: el olfato y el tacto (OLÍMPIO DE OLIVEIRA, 2020 y en preparación). Esta investigación nos ha permitido comprobar que también en el análisis de las UF relacionadas con estas modalidades sensoriales es menester adoptar un enfoque biocultural, es decir, considerar de manera conjunta factores biológicos y culturales.

Así pues, en la fraseología relacionada con el olfato, parecen intervenir aspectos de naturaleza biológica, es decir, conectados con las propiedades biológicas que se le atribuyen a este sentido. Encontramos, de esta manera, algunas UF cuya configuración formal y/o semántica parece vincularse con el carácter allocéntrico del olfato<sup>36</sup>, por cuanto remiten a la acción de movimiento en búsqueda del estímulo olfativo. Los ejemplos incluidos en la siguiente tabla ilustran esta idea:

**Tabla 1: Fraseologismos referentes al olfato que se relacionan con su carácter allocéntrico**

Unidades (locuciones)	Definición <sup>37</sup>	Ejemplo de uso
<i>al olor (con acudir)</i>	'por la atracción o el interés [de ello]' (DFDEA)	"Los fondos de capital riesgo no tardaron en <i>acudir al olor</i> de los jugosos intereses que ofrecía" ( <i>Sketch Engine</i> )
<i>asomar las narices</i>	'aperecer' (DiLEA)	"El problema es que la gente tiene mucho menos tiempo irse a pasear en bote, y si el domingo, que es el día libre, hace mal tiempo, pues no hay forma de <i>asomar las narices</i> " ( <i>Sketch Engine</i> )
<i>estar oliendo donde guisan</i>	'buscar ocasiones favorables para satisfacer los gustos y provechos' (DLE)	"El think tank convergente no rebosa precisamente de lumbres, ¿verdad? Pensé que le caería a Altaió, que siempre <i>está oliendo donde guisan</i> , pero igual les ha parecido demasiado ERC. - Hagamos un ejercicio de memoria: ¿Cómo han reaccionado los opinadores de CiU al caso Pujol?" ( <i>Sketch Engine</i> )

<sup>36</sup> El carácter allocéntrico remite a una habilidad olfatoria espacial: en los seres humanos, el movimiento de la cabeza o del cuerpo permite la localización del objeto que huele. Esta habilidad se contrapone a la habilidad olfatoria egocéntrica (con la nariz fija en un punto dado, inmóvil), que no está muy desarrollada (MORGADO, 2012).

<sup>37</sup> Las definiciones presentadas en este apartado han sido tomadas de las obras lexicográficas consultadas: el *Diccionario de la lengua española* (DEL) (RAE/ASALE, en línea); *Diccionario de locuciones idiomáticas del español* (DiLEA) (PENADÉS MARTÍNEZ, en línea); y el *Diccionario fraseológico documentado del español actual. Locuciones y modismos españoles* (DFDEA) (SECO et al. 2017). Las definiciones se numeran, en caso de que exista más de una acepción, y van seguidas del acrónimo del diccionario correspondiente.

Unidades (locuciones)	Definición <sup>37</sup>	Ejemplo de uso
	provechos' (DLE)	parecido demasiado ERC. - Hagamos un ejercicio de memoria: ¿Cómo han reaccionado los opinadores de CiU al caso Pujol?" ( <i>Sketch Engine</i> )
<i>meter las narices</i>	'entrometerse en una cosa o en un lugar' (DiLEA)	"...esto es lo que pasa cuando un ente público <i>mete las narices</i> en un ente privado, el dinero se lo llevan los amigos, ¿no es para explotar?" ( <i>Sketch Engine</i> )

Fuente: elaborada por el autor

En cuanto al tacto, encontramos también fraseologismos que parecen reflejar algunas de sus propiedades biológicas, como el carácter proximal. Como ha destacado Macpherson (2011), el tacto es un sentido que requiere un estímulo proximal ("Proximal Stimulus Criterion"), es decir, solo permite detectar la presencia y los rasgos de estímulos y objetos que estén muy cercanos. Este carácter parece reflejarse en el significado de estas unidades:

**Tabla 2: Fraseologismos relacionados con el tacto y su carácter proximal**

Unidades (colocación y locución)	Definición	Ejemplo de uso
<i>acariciar la victoria, el éxito...</i>	'llegar muy cerca de algo' (DLE)	"Persiguiendo la estela del líder de la prueba Simoncelli, el manchego se vio molesto por dos pilotos doblados a falta de tres vueltas para el final y perdió nueve décimas que a la postre le dejaron <i>acariciando la victoria</i> " ( <i>Sketch Engine</i> )
<i>tocar [algo] con las manos</i>	'tener[lo] muy próximo' (DFDEA)	"En definitiva, un homenaje culinario a un estilo vital, libre, refinado, de formas delicadas, lleno de luz y color, de trazos oníricos, con el que Teruel <i>tocó con las manos</i> el futuro" ( <i>Sketch Engine</i> )
<i>tocar con los dedos</i>	'experimentar una cosa' (DiLEA)	"Restaban solo dos jornadas para casi <i>tocar con los dedos</i> la Segunda División" ( <i>Sketch Engine</i> )

Fuente: elaborada por el autor

También los aspectos culturales asociados a los sentidos ejercen una gran influencia en las UF. Con respecto al olfato, por ejemplo, hemos averiguado que muchas UF referentes a este sentido encierran valores negativos, de manera directa o indirecta. Este hecho remite al largo proceso de desvalorización que ha sufrido el olfato a lo largo de la historia en muchas sociedades occidentales (lo que, por un lado, se ha materializado en una tendencia a descalificarlo y, por otro, en un complejo proceso de desodorización corporal). Consideremos, en relación con ello, los siguientes ejemplos:

**Tabla 3: Fraseologismos que ilustran la valoración negativa del olfato**

Unidades (locuciones)	Definición	Ejemplo de uso
<i>echar para atrás</i>	1. 'repeler o resultar repulsivo a una persona' (DiLEA)	"Gonzalo abre una de las vasijas y un olor nauseabundo le <i>echa para atrás</i> ... azufre. Lo cierra con desagrado y sigue buscando. Uno de los cuencos está roto y se desprende por las rendijas una" ( <i>Sketch Engine</i> )
<i>oler a humanidad</i>	'tener el aire viciado por la presencia continuada de personas' (DiLEA)	"El avión es el mismo de la ida y la vuelta, así que a la vuelta <i>huele a humanidad</i> y está bastante sucio, y a eso hay que sumarle que no ponen aire acondicionado, pese a hacer 35 grados en el exterior" ( <i>Sketch Engine</i> )
<i>tirar para atrás</i>	'resultar repulsivo' (DiLEA)	"« <i>Este olor tira para atrás</i> » Vecinos de la avenida de la Hispanidad se quejan del mal olor que sale de algunas atarjeas" ( <a href="https://www.hoy.es/20090824/caceres/este-olor-tira-para-20090824.html">https://www.hoy.es/20090824/caceres/este-olor-tira-para-20090824.html</a> )

Fuente: elaborada por el autor

De igual manera, el tacto es un sentido que posee una enorme significación simbólica y cultural. Los trabajos realizados desde la sociología y la antropología de los sentidos muestran el papel esencial que desempeña en diferentes aspectos de la vida humana. Por todo ello, estos estudios versan sobre cuestiones muy diversas y muestran cómo el sentido del tacto está marcado por cuestiones de género y poder en las sociedades; son estudios que nos hablan sobre la existencia de cul-



turas táctiles, ya que, aunque el tacto sea instintivo, está determinado culturalmente. Es decir, no se valora igual en todas las culturas. Una de las cuestiones más señaladas en los estudios socioculturales tiene que ver con la vinculación entre el sentido del tacto y la existencia. Como recuerda Maurette (2015), el tacto se considera la piedra fundamental de la experiencia humana en el mundo: es el único sentido del que no podemos prescindir. De ahí que “(...) se trata de la única forma de sentir que el ser humano no puede perder. Estar vivo es sentirse, reconocerse como cuerpo en el mundo” (MAURETTE, 2015, p. 61). Muchas de estas cuestiones de naturaleza cultural se reflejan en los fraseologismos referentes al tacto; esta concepción en concreto, que pone de relieve su valor vital, parece reflejarse en los siguientes ejemplos:

**Tabla 4: Fraseologismos que muestran la conexión entre el tacto y la existencia**

Unidades (locuciones)	Definición	Ejemplo de uso
<i>arrancar la piel</i>	1. ‘matar[le]’ (DFDEA)	“¿Te referías a eso, Carlos? Vale, vale, relájate, no hace falta que me <i>arranques la piel</i> , sé que no eres tan superficial” ( <i>Sketch Engine</i> )
<i>arrancar la piel a tiras</i>	1. ‘matar[le]’ (DFDEA)	“Si me entero de que este mensaje no llega, o si se lo cuentas a alguien me encargaré personalmente de <i>arrancarte la piel a tiras</i> ” ( <i>Sketch Engine</i> )
<i>salvar la piel</i>	‘salvar la vida’ (DiLEA)	“(…) un grupo de hombres corrientes y molientes, que fueron considerados héroes por sus conciudadanos, cuando no eran más que jóvenes soldados que solo pretendían <i>salvar la piel</i> en una espantosa guerra mundial” ( <i>Sketch Engine</i> )

Fuente: elaborada por el autor

Por último, presentamos, de manera sucinta, otro resultado relevante al que hemos llegado al analizar la fraseología del olfato. Hemos podido constatar cómo algunas de las extensiones metafóricas establecidas en español para los verbos de percepción relacionados con el olfato (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2011) pueden aplicarse, asimismo, a muchas de las locuciones verbales. Consideremos, en este sentido, los siguientes ejemplos:

**Tabla 5: Extensiones metafóricas establecidas para el verbo *oler* y su reflejo en la fraseología**

Extensiones metafóricas del verbo <i>oler</i>	Locuciones verbales relacionadas con el olfato	Ejemplo de uso
SOSPECHAR ES OLER	<i>olerse la tostada</i> - 'sospechar un peligro o un engaño' (DFDEA)	"La he tenido en la frase de una señora que, como usted y como yo, no tiene la menor idea de economía, y mucho menos de Banca, pero a la que le sobra olfato y sentido común para <i>olerse la tostada ambiente</i> " ( <i>Sketch Engine</i> )
SENTIR / ADIVINAR ES OLER	<i>tener largas narices</i> - 2. 'prever o presentir algo que está próximo a suceder' (DLE)	"Yo tengo, por naturaleza, <i>largas narices</i> , y olfateo desde muy lejos. No vive retirada como cumpliera a su desgracia", dice de la Emperatriz" (CREA)
INVESTIGAR ES OLER	<i>andarse al husmo</i> - 2. 'hacer indagaciones' (DLE)	"Es cierto o no que miles de profesionales <i>andan</i> por las oficinas del INEM <i>al husmo</i> de cualquier trabajo para ganarse la vida a la espera de encontrar un puesto al sol para lo que se han preparado en escuelas técnicas y en universidades?" ( <a href="https://www.mundoobrero.es/pl.php?id=3757">https://www.mundoobrero.es/pl.php?id=3757</a> )
SEGUIR LA PISTA ES OLER	<i>oler el culo</i> - 'seguir[le] a muy poca distancia' (DFDEA)	"Lo típico que el de delante va un poco lento, se empieza a hacer cola, alguien frena y todos a frenar como locos y poner las luces de seguridad porque van nerviositos y <i>oliéndole el culo</i> al de delante sin dejar nada de distancia" ( <a href="https://www.bisente.com/tag/parte/">https://www.bisente.com/tag/parte/</a> )
NO ENTERARSE ES NO OLER	<i>no oler</i> - 'no tener ni idea [de ello]' (DFDEA)  <i>no olerlas</i> - 1. 'no percatarse de nada'. 2. 'no experimentar o no conocer nada de la cosa en cuestión' (DFDEA)	"¿Qué pasa con el base? Ha pasado de ser espectacular a <i>no olerlas</i> . Su equipo pierde si él no juega a su nivel" ( <i>Sketch Engine</i> )

Fuente: elaborada por el autor

Como podemos ver a partir de estos ejemplos, el olfato, como modalidad sensorial, genera diferentes metáforas perceptivas que contribuyen a la formación de una parcela importante de UF. La forma y/o el significado de las locuciones que figuran en la tabla anterior revelan, en este aspecto, el modo en que sentimos, percibimos y experimentamos este sentido.

Entre estas unidades, las locuciones *no oler* y *no olerlas* suscitan una cuestión de indudable interés, puesto que, la metáfora con la que se vincula (NO ENTERARSE ES NO OLER) no suele aplicarse al olfato (al contrario de los significados metafóricos *sospechar*, *adivinar*, *sentir...* comúnmente atribuidos a este sentido). Por lo general, se afirma que el olfato no es preciso ni fiable, sobre todo comparado con otros sentidos como la visión; sin embargo, en el caso de esta unidad se ha lexicalizado un significado que se acerca al de *enterarse* o *conocerse*, lo que nos indica que el olfato también podría expresar cierto grado de exactitud<sup>38</sup>. A este respecto, también nos parece digna de tenerse en cuenta una de las acepciones de la palabra *olfato*: ‘sagacidad para descubrir o entender lo que está disimulado o encubierto’, y su empleo en una expresión que, quizá, podría estar en vías de lexicalizarse: buen olfato. El siguiente ejemplo sirve para ilustrar su uso:

---

<sup>38</sup>De hecho, al proponer esta vinculación, nos apartamos de la propuesta teórica de Ibarretxe-Antuñano (1999; 2002), puesto que para esta autora la metáfora NO ENTERARSE ES NO OLER es propia del vasco y no del español. Al explicar esta extensión metafórica, la relaciona con el significado de *to go unnoticed* (IBARRETXE-ANTUÑANO, 1999, p. 81) o *not to get wind* (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2002), que se manifiesta en el verbo de percepción vasco *usaindu*. Si consideramos únicamente lo que dice la autora en relación con el empleo de esta metáfora, que parece limitada a situaciones en las que algo *pasa desapercibido*, no podemos asociarla sin más con las unidades con las que la hemos relacionado (*no oler* y *no olerlas*). Sin embargo, desde nuestro punto de vista, el equivalente traductológico que presenta para la metáfora en español (NO ENTERARSE ES NO OLER) tiene una amplitud semántica que sí nos permite vincularla con el significado de la UF en cuestión. No tenemos la intención, no obstante, establecer una correspondencia entre el fraseologismo español *no olerlas* y el verbo vasco *usaindu*.

“Dirigiendo y coreografiando -mucho, mucho más que poniendo la letra- Cibrián ha realizado una labor decisiva en el montaje. Pero este Drácula tiene un ángel de la guarda -Angel Mahler- sin cuya sensibilidad y *buen olfato* para estos menesteres la historia rodaría por un ingrato pedregal” (CREA, 1994).

En la configuración semántica de estas y otras UF relacionadas con el olfato podría influir algunas de las llamadas funciones olfativas superiores (BASTIR et al., 2011), que dan lugar a procesos cognitivos como la emisión de un juicio o la toma de una decisión, dado que, en algunos casos, serían representativas también de una “sensación consciente”. Ilustran esta idea otras UF como: *andar oliendo donde guisan / estar oliendo donde guisan*: ‘buscar ocasiones favorables para satisfacer los gustos y provechos’ (DLE); *estar al husmo / estar al olor*: ‘estar esperando la ocasión de lograr su intento’ (DLE); *no oler*: ‘no tener ni idea [de ello]’ (DFDEA); *oler sangre / olfatear sangre*: ‘percibir la posibilidad de un fuerte enfrentamiento’ (DiLEA); *ya huele*: ‘ser ya muy vieja o manida [una cosa]’ (DFDEA). Por otro lado, el carácter negativo, crítico o desfavorable que se desprende del significado de estas unidades puede estar relacionado con el poco valor atribuido a esta modalidad sensorial, que, tal como hemos señalado, ha sufrido un importante proceso de descalificación en Occidente.

## CONSIDERACIONES FINALES

El objetivo de este texto ha sido proponer el desarrollo de una línea de investigación centrada en la relación entre Fraseología y experiencia sensorial. A lo largo de este trabajo, hemos mostrado la actualidad y vitalidad de los trabajos realizados acerca de los sentidos y de la percepción, así como de su relación con el lenguaje y las lenguas. No hay duda de que estamos ante un amplio y provechoso campo de investigación que se caracteriza por su naturaleza interdisciplinar; en este contexto, hemos señalado la necesidad y la importancia de poner en

marcha investigaciones que incluyan los fraseologismos como objeto de análisis. En relación con ello, hemos sugerido que la adopción de enfoques y conceptos planteados en el ámbito de la lingüística sensorial, como los de lengua de la percepción y de metáfora perceptiva, puede ser muy fructífera, habida cuenta del gran número de UF que poseen una clara relación con nuestra experiencia sensorial y perceptiva. De manera concreta, hemos mostrado como estos conceptos pueden ser útiles a la hora de examinar UF referentes al olfato y al tacto.

La realización de estudios de carácter descriptivo, tanto desde una perspectiva diacrónica como sincrónica, constituiría el primer paso para integrar la fraseología a la “revolución sensorial” (HOWES, 2013a). A partir de ahí, con la creación de corpus de fraseologismos de los sentidos, se podrá avanzar y desarrollar trabajos de índole analítica (intralingüísticos, interlingüísticos e interculturales), en los que, obligatoriamente, habría que adoptar un enfoque holístico e interdisciplinario que permita abordar el tema en toda su complejidad y riqueza. Indudablemente, se trata de un largo camino; esperamos haber demostrado que vale la pena emprenderlo.

## BIBLIOGRAFIA

ALCARAZ VARÓ, E.; MARTÍNEZ LINARES, M. A. **Diccionario de lingüística moderna**. Barcelona: Ariel, 1997, 324 p.

AIKHENVALD, A.; STORCH, A. (Ed.). **Perception and Cognition in Language and Culture**. Brill Leiden/Boston: Brill, 2013, 279 p.

BAICCHI, A.; DIGONNET, R.; SANDFORD, J. L. (Ed.). **Sensory Perception in Language, Embodiment and Epistemology**. Switzerland: Springer Nature, 2018, 215 p.

BASTIR M. *et al.* Evolution of the Base of the Brain in Highly Encephalized Human Species. **Nature Communications**, n. 2, p. 1-8, May, 2011.

CABALLERO, R.; DÍAZ-VERA, J. E. (Ed.) **Sensuous Cognition. Explorations into Human Sentience: Imagination, (E)motion and Perception**. Munich: De Gruyter Mouton, 2013, 303 p.

CABALLERO, R.; PARADIS, C. Making Sense of Sensory Perceptions Across Languages and Cultures. **Functions of Language**, v. 22, n. 1, p. 1-19, 2015.

CAPLAN, D. A note on the abstract readings of verbs of perception. **Cognition**, v. 2, n. 3, p. 269-277, 1973.

DIGONNET, R. (Dir.). **Pour une linguistique sensorielle**. Paris: Honoré Champion, 2018, 293 p.

DINGEMANSE, M. **The Meaning and Use of Ideophones in Siwu**. 2011, 441 f. Tese - Radboud University, Nimega, 2011. Disponible en: <<http://thesis.ideophone.org/>>. Acceso en: 20 ene. 2021.

ELBERFELD, R. Sensory Dimensions in Intercultural Perspective and the Problem of Modern Media and Technology. In: HERSHOCK, P.; STEPANIANTS, M.; AMES, R. (Ed.). **Technology and Cultural Values**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2003, Cap. 6, p. 478-490.

EVANS, N.; WILKINS, D. In the Mind's Ear: The Semantic Extensions of Perception Verbs in Australian Languages. **Language**, n. 76, p. 546-592, 2000.

GONZÁLEZ PÉREZ, R. Las combinaciones léxicas sinestésicas en el marco de la teoría semántica. **RILCE**. Revista de Filología Hispánica, v. 33, n. 3, p. 915-944, 2017.

HOWES, D. (Ed.). **The Sixth Sense Reader**. Oxford: Berg, 2009, 384 p.

HOWES, D. The Social Life of the Senses. **Ars Vivendi Journal**, n.3, Feb., p. 4-23, 2013a.

HOWES, D. The Expanding Field of Sensory Studies. **Sensory Studies**, 2013b. Disponible en: <<http://www.sensorystudies.org/sensorial-investigations/the-expanding-field-of-sensory-studies>>. Acceso en: 4 ene. 2021.

IBARRETXE-ANTUÑANO, I. **Polysemy and Metaphor in Perception Verbs: A Cross-linguistic Study**. 1999. 235 f. Tese - University of Edinburgh, Edinburgh, 1999.

IBARRETXE-ANTUÑANO, I. Mind-as-Body as a Cross-Linguistic Conceptual Metaphor. **Miscelánea. A Journal of English and American Studies**, n. 25, p. 93-119, 2002.

IBARRETXE-ANTUÑANO, I. Metáforas de la percepción: una aproximación desde la lingüística cognitiva. IN: SANTIBÁÑEZ, C; OSORIO, J. (Ed.) **Recorridos de la metáfora: mente, espacio y diálogo**. Chile: EUDEC, 2011. Disponible en: <<http://www.unizar.es/linguisticageneral/articulos/Ibarretxe-Chile-metaforas-09.pdf>>. Acceso en: 8 ene 2021.

IBARRETXE-ANTUÑANO, I. Perception metaphors in cognitive linguistics. Scope, motivation, and lexicalization. In: SPEED, L. J. et al. (Ed.). **Perception Metaphors**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2019, Cap. 3, p.43-64.

IBARRETXE-ANTUÑANO, I. Ideófonos y Poesía. **Tropelías**. Revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada. n. 7, p. 411-425, 2020.

JĘDRZEJOWSKI, L.; STANIEWSKI, P. (Ed.). **The Linguistics of Olfaction**: Typological and Diachronic Approaches to Synchronic Diversity. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2021, 481 p.

KASTANAKIS, M.; VOYER, B. G. The Effect of Culture on Perception and Cognition: A Conceptual Framework. **Journal of Business Research**, v. 67, n. 4, p. 425-433, 2014.

KIRSCH, L. P. et al. Reading the Mind in the Touch: Neurophysiological Specificity in the Communication of Emotions by Touch. **Neuropsychologia**, n. 116, p. 136-149, 2018.

KÖVECSES, Z. Perception and Metaphor: The Case of Smell. In: SPEED, L. J. et al. (Ed.). **Perception Metaphors**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2019, Cap. 16, p. 327-346.

LEVINSON, S. C.; MAJID, A.; ENFIELD, N. J. Language of Perception: The View from Language and Culture. In: Majid, A. (Ed.). **Field Manual Volume 10**. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, p. 10-21, 2007. Disponible en: <<http://hdl.handle.net/11858/00-001M-0000-0012-C2E3-6>>. Acceso en: 14 dic. 2020.

LEVINSON, S. C.; MAJID, A. Differential Ineffability and the Senses. **Mind & Language**, v. 29, n. 4, Sept., p. 407-427, 2014.

MACPHERSON, F. Taxonomising the Senses. **Philos Stud.**, n. 153, p. 123-142, 2011.

MAJID, A.; LEVINSON, S. C. The Senses in Language and Culture. **Senses & Society**, v. 6, n. 1, p. 5-18, 2011.



MAURETTE, P. **El sentido olvidado**. Ensayos sobre el tacto. Buenos Aires: Mardulce, 2015, 261 p.

MILLER, G. A.; JOHNSON-LAIRD, P. N. **Language and Perception**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1976, 760 p.

MORENO CABRERA, J. C. **Iconicity in Language: An Encyclopaedic Dictionary**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2020, 478 p.

MORGADO, I. **Cómo percibimos el mundo**. Barcelona: Ariel, 2012, 219 p.

MYERS, D. G. **Psicología**. 7.<sup>a</sup> ed. Tradução de Paulina Sigaloff. Buenos Aires/Madrid: Médica Panamericana, 2005, 904 p.

OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, M.<sup>a</sup> E. Una fraseología de los sentidos: el caso del olfato. In: Silva, S. (Org.). **Fraseología & Cia**: entabulando diálogos reflexivos, Campinas: Pontes, v. 2, 2020, p. 383-408.

OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, M. E. **Fraseología sensorial: el sentido del tacto y el dominio del intelecto**, en preparación.

O'MEARA, C. et al. Perception Metaphor. In: SPEED, L. J. et al. (Ed.). **Perception Metaphors**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2019, Cap. 1, 2019, p. 1-16.

PENADÉS MARTÍNEZ, I. (Ed.) **Diccionario de locuciones idiomáticas del español** Disponible en: <<http://www.diccionariodilea.es>>. Acceso en: 1 nov 2020.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA / ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. Disponible en: <http://www.rae.es>. Acceso en: 1 nov 2020.

SAN ROQUE, L. et al. Vision Verbs Dominate in Conversation Across Cultures, but the Ranking of Non-visual Verbs Varies. **Cognitive Linguistics**, v. 26, n. 1, p. 31-60, 2015.

SECO, M. et al. **Diccionario fraseológico documentado del español actual**. Madrid: JdeJ Editores, 2017, 961 p.

SPARKES, A. C. Ethnography and the Senses: Challenges and Possibilities. **Qualitative Research in Sport and Exercise**, v. 1, n.1, Mar., p. 21-35, 2009.

SPEED, L. J., et al. (Ed.). **Perception Metaphors**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2019, 382 p.

SYNNOTT, A. Sociología del olor. **Revista Mexicana de Sociología**, año 65, n. 2, abr.-jul., p. 431-464, 2003.

TROJSZCZAK, M. Grounding Mental Metaphors in Touch. A Corpus-Based Study of English and Polish. In: SPEED, L. J. et al. (Ed.). **Perception Metaphors**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2019, Cap. 11, 2019, p. 209-230.

VIBERG, A. A Universal Lexicalization Hierarchy for the Verbs of Perception. In: Karlsson, F. (Ed.). **Papers from the Seventh Scandinavian Conference of Linguistics**. Helsinki: University of Helsinki, 1983, p. 260-75.

VIBERG, A. The Verbs of Perception: a Typological Study. In: BUTTERWORTH, B.; COMRIE, B.; DAHL, O. (Ed.) **Explanations for Language Universals**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1984, p. 123-162.

VOELLMER, E.; BRUMME, J. El olfato del traductor a prueba. Los somatismos con *Nase* en *Das Parfum*, de Patrick Süskind. In: MELLADO BLANCO, C.; BERTY, C.; OLZA, I. (Ed.). **Discurso repetido y fraseología textual (español y español-alemán)**. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, 2017, p. 55-74.

VULCHANOVA, M. et al. Language and Perception: Introduction to the Special Issue "Speakers and Listeners in the Visual World". **Journal of Cultural Cognitive Science**, n. 3, p. 103-112, 2019.

WINTER, B. **Sensory Linguistics. Language, Perception and Metaphor.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2019, 289 p.

# LOS SOMATISMOS Y LA APORTACIÓN INDIVIDUAL DEL LEXEMA SOMÁTICO A SU SIGNIFICADO: LOS RASGOS TIPOLÓGICOS <sup>1</sup>

Carmen Mellado Blanco

## 1. ¿Qué son los rasgos tipológicos?

Fraseologismos del tipo *tener el corazón en un puño, estirar la pata, manga por hombro, no dar pie con bolo, trabajar codo con codo con alg.* reciben el nombre de “fraseologismos somáticos” o “somatismos” (cfr. MELLADO BLANCO, 2004) y se caracterizan por contener un lexema referido a un órgano o parte del cuerpo humano o animal, es decir, un “somatónimo”. Son muchos y muy variados los estudios dedicados a este tipo de unidades fraseológicas, dada su alta representación en todas las lenguas conocidas. Para el alemán, por ejemplo, se calcula que al menos el 15% de todas las unidades fraseológicas son somatismos (cfr. WENG, 1992, p. 256).

A diferencia del verbo, que suele cumplir una función estructural dentro de los somatismos, el sustantivo somatónimo es la pieza clave sobre la que gravita el significado fraseológico, como anota Dobrovól'skij (1991, p. 35), es decir, constituye su núcleo denotativo. Este hecho es el que nos ha llevado a investigar en este trabajo la aportación del significado externo de los somatónimos al significado idiomático global (metonímico o metafórico) de los somatismos.

---

<sup>1</sup> Trabajo surgido en el seno del proyecto de investigación del Ministerio de Ciencia e Innovación *Las construcciones fraseológicas del alemán y el español en contraste a través de los corpus* (referencia FFI2019-108783RB-100), dirigido por mí desde la Universidad de Santiago de Compostela.

Para ello es fundamental entender el término “rasgo tipológico”, procedente de la tradición ruso-germana, que imperó en la fraseología europea en las décadas de los años 70 y 80 del S. XX.

Aunque la primera vez que aparece el término “rasgo tipológico” aplicado a la Fraseología es en 1984 (Černyševa 1984, p. 19), Burger ya hace mención en 1973 (1973, p. 37) de determinados “rasgos semánticos” propios de los complejos idiomáticos y Häusermann (1977, p. 89-90) se refiere a aquellos constituyentes fraseológicos que conservan “componentes semánticos autónomos”. Para esta afirmación, Häusermann parte de una teoría de Avaliani (1972, citado según HÄUSERMANN, 1977, p. 89-90), según la cual determinados lexemas somáticos desarrollan dentro de los somatismos semas figurados ya implícitos en su uso externo. Avaliani ordena los somatismos según el grado de discrepancia semántica que presenta el lexema somático en relación con su significado base, estableciendo así distintos grados de idiomatidad. En términos generales podemos afirmar que a mayor distancia entre el significado externo del somatónimo y el significado global del somatismo, mayor idiomatidad.

Aplicando la teoría de Avaliani al español y circunscribiéndonos al somatónimo “boca”, podríamos establecer los siguientes estadios de idiomatidad de los somatismos que contienen este lexema:

(1) Somatismos transparentes y poco idiomáticos cuyo significado gira entorno al ‘habla y sus peculiaridades’. Se trata de somatismos directamente vinculados con el sema base “boca”, como cerrar la boca (al. *den Mund halten*; fr. *garder bouche cousue*; ing. *to flap one’s mouth*).

(2) Mayor idiomatidad presentan los somatismos con el significado ‘fanfarronería’, puesto que supone un mayor grado de elaboración con respecto a la función básica del habla. Son de tipo valorativo, como *llenársele a alg. la boca con algo, ser un bocazas* (al. *den Mund vollnehmen*; ing. *big mouth*).

(3) El siguiente grupo lo constituirían somatismos con significados de los campos semánticos ‘acuerdo’ y ‘adulación’: hablar por boca de alg. (al. *jmdm. Honig um dem Mund schmieren, jmdm. nach dem Mund reden; ing. with one mouth*).

(4) Los somatismos con el mayor grado de idiomatidad son los que expresan ‘malhumor’, como torcer la boca (al. *einen schiefen Mund ziehen; ing. down in the mouth, make a wry mouth*), puesto que no están relacionados directamente con el significado externo de “boca”, sino con un gesto.

La clasificación de Avaliani se puede considerar como antecedente de la teoría de los rasgos tipológicos en Fraseología, si bien no deja muy claras los criterios para asignar los somatismos de una serie a uno u otro grupo.

Černyševa, conocida lingüista rusa especialista en fraseología alemana, acuña años más tarde (ČERNYŠEVA, 1979, p. 77) el concepto de “Phraseosem” (“fraseosema”). De acuerdo con esta lingüista, el “fraseosema” daría pie a la formación de series fraseológicas en torno a un determinado componente base, en nuestro caso, un somatónimo<sup>2</sup>. Tal sería el caso de la serie fraseológica de los somatismos con “boca”, pertenecientes al campo semántico ‘habla’, como *no abrir/despegar la boca, no decir esta boca es mía, calentarse la boca a alg., callarle la boca a alg., de boca en boca*, etc. Siguiendo en el ámbito germánico, Fleischer (1982, p. 179) da cuenta del fenómeno de los rasgos tipológicos algún tiempo después, cuando afirma “Was die semantischen Zusammen-

---

<sup>2</sup> De manera similar, Ďurčo (1994, p. 76) utiliza el término “konzeptuelle Kategorien” (“categorías conceptuales”) para hacer referencia a los rasgos tipológicos que presenta el lexema somático alemán *Kopf* (“cabeza”) dentro de distintos somatismos.

nhänge betrifft, so können sich Phraseologismen, die nach einer Komponente zu einer phraseologischen Reihe gehören, über die Semantik dieser Komponente durchaus semantisch berühren.”<sup>3</sup>

En el contexto hispánico, las fraseólogas cubanas Tristán et al. (1986, p. 55) reconocen la existencia de este tipo de rasgos semánticos en muchas lenguas, ya que “como es sabido, los elementos léxicos que integran las unidades fraseológicas denotan las principales características vitales del hombre y el medio en que éste se desenvuelve”, y aunque, en efecto, los lexemas nucleares de los fraseologismos hayan perdido gran parte de su significado recto, este “queda como orientador, más o menos transparente, de las asociaciones creadas”. De esta manera, Tristán et al. (1986, p. 55-68) llegan a concluir que prácticamente todos los somatismos del español con los lexemas somáticos “cabeza”, “cara”, “frente”, “ceja”, “pestaña”, “ojo”, “nariz”, “boca”, “labios”, “lengua”, “diente” y “barba” tienen una motivación transparente. Esta motivación puede justificarse según estas autoras por alguno de estos motivos:

(a) Por la localización de estas partes del cuerpo en una zona determinada del cuerpo. De esta manera, la ubicación de la cabeza en la parte alta del cuerpo humano explicaría la semántica transparente de somatismos como *cabeza visible*: ‘persona de autoridad en un grupo’, *en cabeza*, *a la cabeza*: ‘en primer lugar’.

(b) Por los gestos faciales que generalmente acompañan a distintas emociones o actitudes humanas, como *fruncir el ceño*, gesto relacionado con ‘enfado’ o ‘preocupación’, o *arrugar la nariz*, vinculado con ‘repugnancia’ o ‘disgusto’.

---

<sup>3</sup> De manera similar, Āurčo (1994, p. 76) utiliza el término “konzeptuelle Kategorien” (“categorías conceptuales”) para hacer referencia a los rasgos tipológicos que presenta el lexema somático alemán Kopf (“cabeza”) dentro de distintos somatismos.

(c) Por la función que suele realizar la parte del cuerpo correspondiente. Así, por ejemplo, la mano tiene la función principal de asir objetos, por lo que muchos de los somatismos con “mano” denotan de alguna manera esta función y son, por lo tanto, transparentes. Algunos ejemplos serían  *echar la mano encima a alg.*: ‘atrapar’,  *echar mano a/de alg./algo*: ‘coger’, ‘alcanzar’.

Para terminar este repaso bibliográfico, es sin duda la lingüista alemana Steffens (1986, p. 215-217), la que hasta la fecha ha definido con mayor rigor la naturaleza de los rasgos tipológicos de los fraseologismos. En su opinión, se trata siempre de rasgos semánticos que se repiten en varios de los fraseologismos de una serie fraseológica y que están condicionados por el propio significado denotativo del componente principal, el cual determina la imagen metafórica. De este modo, todos los somatismos que comparten un mismo lexema somático formarían una serie fraseológica y podrían subagruparse según sus rasgos tipológicos. Dependiendo de la relación que se dé entre estos y los significados externos del respectivo lexema somático, no solo se puede constatar el grado de idiomatización de los distintos somatismos, sino también comprender los distintos procesos metafóricos y metonímicos que a estos les subyacen.

En este trabajo concebimos los rasgos tipológicos de manera amplia. No consideramos primordial constatar los rasgos diferenciadores de cada somatismo por separado, sino precisamente sus características comunes con otros fraseologismos que comparten el mismo somatónimo. De esta manera obtenemos una clasificación de rasgos tipológicos de anchos márgenes, que abarca el mayor número posible de somatismos. Por otra parte, hay que tener presente que una parte considerable de los somatismos no son susceptibles de ser englobados en un rasgo concreto, bien por su opacidad semántica, bien porque tienen una semántica muy particular que impide su encasillamiento en rasgos generales.



## 2. Los rasgos tipológicos en los somatismos

Al estudiar los somatónimos, llama la atención que la mayoría de ellos posee más de un significado. Por lo general cuentan con un significado primario, el referido al cuerpo humano o animal, y otros secundarios derivados de este a través de procesos metafóricos o metonímicos. Tal sería el caso de “pata”, lema definido en el *Diccionario de la Lengua Española* (DRAE) como:

1. f. Pie y pierna de los animales.
2. f. Pie de un mueble.
3. f. En las prendas de vestir, cartera, golpe.
4. f. coloq. Pierna de una persona.
5. m. y f. coloq. Bol., Cuba y Perú amigo.

Algunos de ellos, como por ejemplo “mano”, han desarrollado significados metafóricos o metonímicos que están ya lexicalizados. En algunos somatismos, estos significados se incorporan directamente a su significado fraseológico. Observamos, por tanto, que aquí intervienen somatónimos que ya cuentan con un significado externo figurado. Así sucede en *tener mano para algo*, donde el lexema “mano” presenta en el somatismo el significado ‘habilidad’<sup>4</sup>.

En este contexto, el volumen de rasgos tipológicos de las series fraseológicas depende de factores culturales, pues dependiendo del lugar y del tiempo, los lexemas somáticos de las lenguas desarrollan más o menos significados externos que despiertan determinadas asociaciones

---

<sup>4</sup> De acuerdo con el DRAE, el lexema “mano” cuenta, en la acepción 23 con el sentido ‘habilidad’, ‘destreza’.

metafóricas. Así, mientras que en alemán hay varios rasgos tipológicos asociados a los somatismos con “lengua”, los cuales se corresponden a su vez con semas y sememas externos de este lexema somático, en chino (cfr. WENG, 1992, p. 259) hay menos y el somatónimo “lengua” en esta lengua es menos polisémico en su significado externo, debido a que se trata de un concepto poco apreciado y asociado a algo negativo.

Los somatismos con mayor número de rasgos tipológicos son los que contienen los lexemas “corazón” y “cabeza”. En el primer caso, son los significados externos figurados ‘centro de la vida sentimental del hombre’ y ‘sede de los sentimientos’ los que se plasman en el rasgo tipológico ‘sentimiento’, como se observa en *romperle el corazón a alg,* *no tener corazón,* *tener un corazón de hielo,* *tener el corazón de piedra,* *tener un corazón de oro,* etc. Además, en el caso de “corazón” es poco común que intervenga con el significado primario ‘órgano de naturaleza muscular, común a todos los vertebrados y a muchos invertebrados, que actúa como impulsor de la sangre y que en el ser humano está situado en la cavidad torácica’ (por ejemplo en *a corazón abierto*), al contrario de lo que acontece con somatismos con “ojo”, “mano” o “boca”, en los que claramente se vislumbra el significado externo de los distintos somatónimos, como veremos en el siguiente apartado.

El elevado número de significados figurados de los lexemas “cabeza” y “corazón” se debe a la función simbólica que han desarrollado estas partes del cuerpo a lo largo de la historia. En la tradición occidental, la cabeza y el corazón han sido considerados respectivamente como el centro racional y sentimental del hombre. En el devenir de la historia, el hombre ha localizado las llamadas facultades del alma “inteligencia”, “actividad vital” y “sensibilidad” en distintas partes de su cuerpo. Esta división tripartita ya fue objeto de estudio por parte de Aristóteles (cfr. MELLADO BLANCO, 2004), quien ya diferenciaba entre:

(a) “Alma pensante” (inteligencia), base del pensamiento y la inteligencia.

(b) “Alma vegetativa” (actividad vital), relacionada con la nutrición, el crecimiento y la reproducción.

(c) “Alma sensitiva” (sensibilidad), fundamento de la sensación y la sensibilidad.

De acuerdo con esta clasificación, la localización de las mencionadas facultades del alma en el cuerpo humano ha sido tradicionalmente la siguiente (cfr. GUIRAUD, 1986, p. 15):

(a) La inteligencia (alma pensante) situada en la cabeza.

(b) La actividad vital (alma vegetativa) situada en el vientre<sup>5</sup>.

(c) La sensibilidad (alma sensitiva) situada en el pecho.

Esta división responde a nuestro estudio, puesto que los somatismos con un significado fraseológico asociado al pensamiento contienen en su mayor parte el lexema somático “cabeza” y aquellos referentes al “alma vegetativa” poseen un lexema somático que representa una víscera localizada en el ámbito del vientre, ya sea “tripa”, “hígado”<sup>6</sup>, “entraña”, “estómago” o alguna secreción de estos, como

---

<sup>5</sup> A este respecto, Guiraud (1986, p. 16), retomando el pensamiento de Lavater, comenta: “La vida animal más baja y más terrenal se manifiesta desde el borde del vientre hasta los órganos de reproducción, que se convierten en su centro y en su hogar”. Lo que viene del vientre y sus vísceras está asociado, por tanto, con lo irracional. Compárese la colocación odio visceral o los somatismos *revolverse a alg. las tripas, malas tripas, malos hígados, poner a alg. del hígado*.

<sup>6</sup> Según el diccionario de Drosdowski/Scholze-Stubenrecht (1992, p. 439), antiguamente se situaba en el hígado el centro de los cambios de humor, sobre todo de la ira, como demuestran igualmente los fraseologismos que expresan emociones que contienen la palabra „bilis“ *almacenar bilis, revolver/alterar la(s) bilis a alg., tragar(se) (las) bilis*.

“bilis”. Llama la atención que las emociones expresadas mediante los órganos del vientre sean siempre negativas y/o relacionadas con la irracionalidad, con significados como ‘enfado’ o ‘ira’.

Contradiendo la aparente rotundidad en la separación clásica de las funciones asignadas a la cabeza y al corazón, los hermanos Grimm pusieron de manifiesto en el siglo XIX que tal separación no llegó a consumarse hasta el siglo XVIII<sup>7</sup>. Hasta entonces, “corazón” designaba, como todavía aún hoy en chino su equivalente *xin* (cfr. WENG, 1992, p. 260), no sólo el centro de los sentimientos, sino también la sede de la razón. Paralelamente, el vocablo del griego clásico *frên* poseía los significados ‘diafragma, corazón, sede de las pasiones’ (cfr. *frenético*: ‘furioso, frenético’) y ‘mente, sede del pensamiento’ (cfr. *esquizofrenia*). Teniendo en cuenta que muchos somatismos que contienen la palabra “corazón” poseen una variante cuasi-sinónima con “alma”, resulta curioso que tradicionalmente el alma se siga relacionando, junto con las emociones, con el pensamiento. De hecho, el alma se concibe hoy desde un punto de vista filosófico como conciencia, como síntesis de funciones intelectivas o volitivas.

La influencia de cada somatónimo en el significado fraseológico de los somatismos se pone de manifiesto, a través de los rasgos tipológicos, al comprobar que el cambio de lexemas somáticos en dos somatismos de estructura análoga puede generar otros de significados muy diferentes, cada uno en consonancia con el significado externo del lexema somático respectivo:

---

<sup>7</sup> Según los hermanos Grimm (1984, p. 1764-65), ciertos estados de ánimo como ‘preocupación’, ‘ira’, o rasgos de carácter como ‘cabezonería’ u ‘orgullo’ se sitúan en la cabeza, dado que con los pensamientos se designa a menudo cambios de humor. Como contrapunto, antiguamente el pensamiento se ubicaba en el corazón, según atestiguan las expresiones en inglés *to know by heart*, francés *par coeur*, y alto alemán antiguo *herzlichen* (‘de memoria’).

meter la **cabeza** [en un lugar]: ‘conseguir ser admitido u ocupar un puesto [en él].

meter la **nariz** [en algo]: ‘entrometerse [en ello]’

perder la **cabeza**: ‘desmayarse o perder el conocimiento’

perder el **culo**: ‘correr, o marchar a toda prisa’

En estos dos ejemplos destaca la relación directa entre el significado del somatónimo “cabeza”, “nariz” y “culo” y el respectivo significado fraseológico de cada somatismo. En el caso de “cabeza” esto es así en función de su localización en la parte superior del cuerpo (*meter la cabeza [en un lugar]*) y por considerarse como símbolo de la razón (*perder la cabeza*). Por su parte, la nariz es el órgano olfativo (*meter la nariz [en algo]*) y el trasero puede considerarse como el extremo superior de las piernas, con la función primaria del movimiento (*perder el culo*).

Por lo que se refiere a las series de covariantes sinónimas, como por ejemplo *caerse de culo* / *caerse de espaldas*, ambas con el significado ‘asombrarse o sorprenderse’, la elección de somatónimos no es arbitraria, sino que está motivada por la semántica externa de los respectivos lexemas somáticos<sup>8</sup>. Además, en no pocos casos los somatónimos mantienen dentro del fraseologismo una relativa autonomía semántica, lo cual incide en el hecho de que muchos de los somatismos sean

---

<sup>8</sup> En este caso concreto, como en otros muchos somatismos que aluden a emociones, la imagen se sustenta metonímicamente en la reacción que experimentan los seres humanos al sentir esa emoción. Así, caerse de culo o de espaldas es una reacción (posible, pero exagerada) ante una gran sorpresa. En la mayoría de estos casos (por ejemplo, en *saltarse las lágrimas a alg*, *cagarse en los pantalones/calzones*), la metonimia da paso a una metáfora, ya que la reacción expresada es invocada no de manera real, sino hiperbólica, para dar cuenta metafóricamente de la intensidad de la emoción. Esta relación entre metonimia causa-efecto y metáfora se presenta también en los cinegramas auténticos y en los pseudocinegramas (cfr. Mellado Blanco, 2000 y apartado 3 del presente trabajo).

divisibles y en consecuencia modificables en el discurso. Para Avaliani (1972, p. 12; citado según HÄUSERMANN, 1977, p. 89-90), es precisamente el hecho de que un determinado constituyente fraseológico conserve parte de su significado externo lo que le otorga la categoría de “palabra nuclear”<sup>9</sup> dentro de la unidad fraseológica. Avaliani aplica este concepto especialmente al grupo de los somatismos como fenómeno universal, dado que los somatónimos desarrollan semas figurados ya implícitos en sus respectivos significados externos.

No obstante, estas reflexiones han de ser matizadas, puesto que, si bien es cierto que el significado directo del significado externo del somatónimo impregna la imagen de todo el somatismos, no es menos cierto que por el proceso de metaforización se pierde la influencia directa de este componente en el significado idiomático. Ciertamente, en la formación de este también intervienen los otros lexemas constituyentes del somatismo, de tal manera que el significado concreto del somatónimo no participa directamente en el significado idiomático, sino que se refleja en él de manera tan solo indirecta a través de los rasgos tipológicos. A este respecto conviene citar el concepto de “indirekte Wertigkeit” o valor indirecto (REICHSTEIN 1980, p. 113 ss.; citado según DOBROVOL SKIJ, 1988, p. 135). El valor indirecto hace alusión a la correlación existente entre el significado fraseológico global del fraseologismo y la semántica de sus constituyentes en su uso como lexemas libres. Según dicho valor, la relación semántica aquí no es directa, ya que el rasgo tipológico no surge a partir del constituyente somático individualmente, sino de la imagen en general, lo que hace

---

<sup>9</sup> Según la definición de Häusermann (1977, p. 14), la palabra nuclear se caracteriza por recoger en sí una gran parte del significado total del fraseologismo, a diferencia de otros lexemas fraseológicos que se neutralizan semánticamente dentro de la unidad fraseológica.

que muchos de los somatismos no sean divisibles, sino monolíticos (cfr. DOBROVOL'SKIJ, 1988, p. 138) y totalmente idiomáticos, pues todos sus constituyentes han sufrido una transformación semántica. Este es el caso, en especial, de los somatismos que aluden en su imagen a un gesto, como en *morderse la lengua* ('abstenerse uno de decir lo que quisiera').

Por último, algunos de los somatónimos son zoomorfismos, es decir aluden a una parte del cuerpo animal, como por ejemplo “jeta”, “hocico”, “morro” o “pico”. Los somatismos con zoomorfismos suelen presentar valor peyorativo en base a la metáfora ontológica UNA PERSONA ES UN ANIMAL. Esto es así sobre todo cuando existe la alternativa del mismo somatismo con un lexema somático del cuerpo humano, como en *darle a alg. en los morros* (*darle a alg. en la cara*), *tener mucha jeta* (*tener mucha cara*), *meter el hocico en un asunto* (*meter las narices en un asunto*), o *cerrar el pico* (*cerrar la boca*). En otros casos, los zoomorfismos no representan una variante peyorativa o vulgar de un somatónimo del cuerpo humano, sino que son la única opción. Así en *meter la pata*, *meter la pezuña* (\*meter la pierna), a *cuatro patas* (\*a cuatro piernas), *estar de morros* (\*estar de boca).

### **3. Clasificación de los somatismos en virtud de sus rasgos tipológicos**

De acuerdo con el análisis realizado de los somatismos del *Diccionario fraseológico documentado del español actual* (Seco et al. 2004), se ponen de manifiesto varios tipos atendiendo a la relación entre los significados externos de los lexemas somáticos y el significado fraseológico global del somatismo, resultando así cinco grupos con distinto grado de transparencia semántica:

1. Somatismos con un alto grado de transparencia semántica son aquellos cuyo significado fraseológico está vinculado a una de las

funciones primarias que desarrolla el órgano o parte del cuerpo aludida por el lexema somático. En ellos, el somatónimo tiende a la autonomización, por lo que este tipo de unidades fraseológicas es semánticamente divisible. Así sucede, por ejemplo, en  *echar un ojo a algo*  ('examinar someramente'), en el que "ojo" equivale a "ojeada".

En el estudio realizado podemos corroborar que a mayor complejidad de las funciones reales de un órgano o parte del cuerpo, mayor número de rasgos tipológicos. Esto se constata en la diversidad de series fraseológicas con "mano", derivadas de las funciones primarias que esta extremidad desempeña:

(1) 'Trabajar', 'estar activo':  *dar la última mano, tener/traer entre manos, dar de mano, mano a mano, meter mano a una cosa, pillar con las manos en la masa, estar de manos cruzadas, estar mano sobre mano, tener (buena) mano, saber alg. lo que se trae entre manos*

(2) 'Golpear':  *a mano airada, levantar la mano a/contra alg., a mano armada, [morir] a manos de alg., irsele a alg. la mano, llegar a las manos, poner a alg. la mano/las manos encima*

(3) ,Asir':  *irsele/escapársele a alg. de (entre) las manos, echar mano a algo, echar mano a alg.*

(4) ,Hurtar':  *meter la mano en la caja, tener las manos largas, echar mano a algo*

(5) 'Ayudar':  *echarle una mano a alg., tender la/una mano a alg.*

En ciertas ocasiones descubrimos que la función aludida por el órgano despliega una metonimia basada en un símbolo cultural. Tal es el caso del corazón como símbolo de los sentimientos en nuestra cultura occidental y el de la cabeza como símbolo la razón (vid. apar-



tado 2)<sup>10</sup>. En otros casos, la imagen es metonímica y metafórica a un tiempo, como en romperse la cabeza ('cavilar mucho').

Desde un punto de vista contrastivo, constatamos paralelismos entre las lenguas europeas, debido ello al alto grado de transparencia semántica que revelan. Esto sucede en español y alemán con la serie fraseológica perteneciente al rasgo tipológico 'golpear': *llegar a las manos; ponerle a alg. la mano encima; levantarle a alg. la mano* ([mit jmdm.] *handgemein werden, die Hand gegen jmdn. erheben*). No obstante, también es frecuente que en una de las lenguas aparezca directamente la función, en lugar del somatónimo correspondiente. Este sería el caso del alemán *jmdn. aus den Augen verlieren* (literalmente "perder a alg. de los **ojos**"), que en español corresponde a *perder a alg. de vista*. Así también en alemán *aus dem Kopf* (literalmente "de la **cabeza**"), en español *de memoria*.

2. Somatismos cuya imagen representa en su conjunto algún tipo de mímica, de gestos o de reacción corporal. En estos casos no puede hablarse de componente nuclear, pues todos los constituyentes fraseológicos contribuyen de igual forma a la formación del significado figurado. Se trata, en su mayoría, de somatismos cinéticos o cinegramas (metonímicos), en los que determinados rasgos externos sirven psicossomáticamente de base para la formación de designaciones de estados internos. En otros casos nos encontramos ante pseudocinegramas (metafóricos). Los primeros pueden considerarse como cinegramas auténticos, ya que su significado literal describe un gesto o movimiento del cuerpo propio de la comunicación no verbal, por ejemplo, *llevarse las manos a la cabeza*: 'manifestar asombro o escándalo', *frotarse*

---

<sup>10</sup> Una relación simbólica metonímica apreciamos por ejemplo en *no tener corazón, perder la cabeza*. En estos somatismos, el lexema sustantivo es perfectamente sustituible por "sentimientos" y "juicio".

*las manos*: ‘manifestar gran satisfacción o alegría’, *frotarse los ojos*: ‘tener mucho sueño’, *arrugar la nariz*: ‘mostrar repugnancia o disgusto’, *bajar/agachar la cabeza*: ‘avergonzarse’, ‘conformarse o someterse’, *ponerle a alg. la cara colorada*: ‘avergonzar públicamente’, o *fruncir/arrugar el ceño*: ‘mostrar preocupación o disgusto generalmente haciendo el gesto de arrugar el espacio comprendido entre las cejas’. Se trata fundamentalmente de expresiones del ámbito de las emociones como enfado, sorpresa, miedo, felicidad, tristeza o disgusto.

Son por lo general somatismos muy transparentes en la metonimia que representan y la imagen constituye la reacción corporal de la emoción o sentimiento expresados en grado sumo por medio del significado fraseológico. Así, en los cinegramas metonímicos con “corazón”, del tipo *encogersele el corazón a alg.*, *hacer latir el corazón de alg.*, lo que se expresa mediante la reacción corporal correspondiente es el sentimiento de ‘preocupación’ y ‘emoción’, respectivamente (vid. nota 8).

En virtud de su transparencia y por aludir a gestos y movimientos corporales comunes entre los hablantes de lenguas diferentes, se observan muchos paralelismos interlingüísticos, al menos entre las lenguas europeas<sup>11</sup>, aunque hay que incidir en que también el componente cultural desempeña aquí un papel relevante<sup>12</sup>, como se aprecia en cinegramas que aluden a ritos que son fruto de una determinada época. Así en *besarle a alg. los pies*: ‘manifestar sumo respeto’,

---

<sup>11</sup> Es arriesgado hablar de gestos universales. Una afirmación de este calibre requeriría de estudios antropológicos y lingüísticos complejos aplicados al mayor número posible de lenguas del planeta.

<sup>12</sup> Un gesto que nos puede parecer totalmente evidente como asentir con la cabeza en señal de afirmación no está asociado con ese significado en otras comunidades lingüísticas, como en la turca. En esta lengua se asiente moviendo la cabeza en horizontal de un lado a otro (cfr. MELLADO BLANCO, 2000).

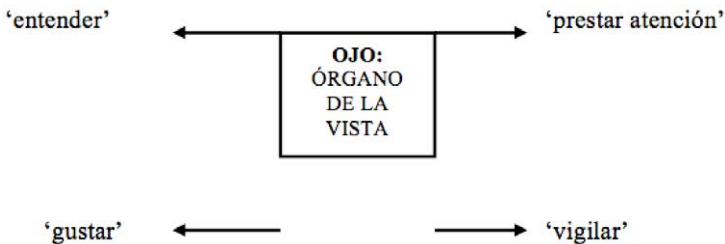
*ponerse a los pies de alg.*: ‘manifestar total sumisión a los deseos de alg.’. Precisamente por este factor cultural, este grupo de somatismos revela un grado de idiomaticidad mayor que el anterior.

Una parte de los somatismos de este grupo no son cinegramas auténticos, sino pseudocinegramas, ya que es bastante improbable que el significado literal se llegue a actualizar *de facto* en la comunicación. Esto sucede, por ejemplo, con los somatismos *levantarse con el pie izquierdo*: ‘tener mala suerte, o poco acierto’, *poner a alg. la cara del revés*: ‘dar un puñetazo’, *tener el estómago en los talones/en los pies*: ‘tener mucha hambre, estar desfallecido’, *restregarle algo a alg. por la cara* ‘repetir o mostrar a alg. con insistencia [algo que le humilla u ofende]’, o *echar las tripas*: ‘vomitar’. Aquí, el grado de transparencia semántica es variable, pero en todo caso menor que en los cinegramas auténticos. En gran número de casos, la frontera entre lo metonímico y lo metafórico no está clara y su realización depende en gran medida del contexto, que es el que determina la probabilidad de que una determinada imagen puede ser interpretada en su significado recto. Este fenómeno gradual se pone de manifiesto en los somatismos *con los brazos cruzados* (‘sin hacer nada’), *tocarse/rascarse la barriga* (‘estar ocioso o sin hacer nada de provecho’), o *escupir a alg. en/a la cara* (‘darle muestras de desprecio con el acto físico de escupir’).

Muchos de los somatismos de este grupo pueden agruparse en torno a rasgos tipológicos basados en gestos, especialmente los que contienen somatónimos que designan partes de la cara o extremidades. Así, el lexema “ojo” interviene en series de somatismos que aluden a gestos relacionados con el sueño, como *cerrársele/caérsele a alg. los ojos (de sueño)*, *frotarse los ojos (de sueño)*, *no pegar (un) ojo/los ojos, dormir con los ojos abiertos, dormir con un ojo abierto y otro cerrado, o con el asombro, como abrir/poner los ojos como platos, poner ojos redondos, salirse a alg. los ojos de las órbitas*.

3. Somatismos en los que la imagen se apoya en una transposición semántica de las funciones primarias del respectivo lexema somático. Así, en las unidades fraseológicas con el somatónimo “ojo” los significados secundarios metafóricos con el significado ‘actividad mental’ en sentido amplio se basan en las funciones del ojo como órgano de la vista<sup>13</sup>. En el siguiente diagrama observamos los significados secundarios:

**Diagrama 1. Rasgos tipológicos primarios, relacionados con la función primaria de la VISTA.**



Fuente: elaborada por el autor

Veamos algunos ejemplos:

1. Significado ‘entender’/‘darse cuenta’: *abrir los ojos, abrirle los ojos a alg., abrírsele los ojos a alg., poner algo a alg. delante de los ojos, salir de ojo, con los ojos cerrados, a ojos cerrados.*

2. Significado ‘prestar atención’: *con los ojos abiertos, con un ojo abierto, con un ojo cerrado y otro abierto, andar(se) con ojo/con cien ojos, poner los ojos en alg. o algo.*

<sup>14</sup> En este contexto, y según apunta Guiraud (1986, p. 16), la vida intelectual, la cual tradicionalmente se ubica en la cabeza, tiene por centro el ojo. Los somatismos metonímicos en los que el ojo actúa como sede de las actividades mentales, p.ej. ‘entender’, ‘darse cuenta’, se derivan del significado externo de “ojo” como ‘órgano de la vista’.

3. Significado ‘gustar’/‘querer’: *alegrar el ojo, entrar por los ojos/ por el ojo (derecho) a alg., devorar con los ojos, comer(se) con los ojos, ver/ mirar con buenos ojos, ser el ojo/ojito derecho de alg., llenarle el ojo a alg., meterle algo a alg. por los ojos, mirar a alg. con ojos tiernos, tener ojos solo para alg., no tener ojos más que para alg., mirarse en los ojos de alg., echar el ojo a alg. o algo, no ver más que por los ojos de alg.*

4. Significado ‘vigilar’: *seguir algo o a alg. con los ojos, no quitarle ojo a alg., no quitar los ojos de alg., no quitarle a alg. el ojo de encima.*

4. Somatismos metafóricos inspirados en la localización precisa del órgano o extremidad en la superficie corporal. Son somatismos de delimitación local. En ellos, la parte del cuerpo concreta donde está situado el órgano aludido sirve de cuantificador modal de la acción o estado expresados por el resto de los constituyentes fraseológicos. De esta manera, el enclave preciso de un órgano funciona como *tertium comparationis* para un determinado significado fraseológico. Esto se evidencia en los somatismos *en cabeza o a la cabeza*, con el significado ‘en primer lugar’.

Algunos de estos fraseologismos son muy expresivos y aluden a una localización en la parte alta del cuerpo humano para expresar hartazgo o bien intensificación de un estado o acción en grado sumo. Este fenómeno reviste una gran importancia para entender el concepto de *embodiment* (cfr. LAKOFF; JOHNSON, 1980) y cómo el hombre parte de la experiencia con su propio cuerpo para hacer referencia a fenómenos abstractos. *estar hasta la coronilla/los pelos/las narices de algo o alg.*: ‘en situación de hartura o cansancio total’. Dada la transparencia semántica, constatamos en algunos casos un alto grado de equivalencia interlingüística con el alemán, como por ejemplo en *estar armado hasta los dientes*: ‘estar muy bien armado’ (al. *bis an die Zähne bewaffnet sein*), aunque otros no coinciden en las imágenes o estas convergencias no son frecuentes, como sucede con el somatismo *estar enamorado hasta las tranca*s: ‘estar muy ena-

morado' (al. *bis über die Ohren verliebt sein*, literalmente “estar enamorado hasta las **orejas**”), *estar endeudado hasta las cejas* (al. *bis über die Ohren verschuldet sein*, literalmente “estar endeudado hasta las orejas”)<sup>14</sup>.

5. En un grupo pequeño de somatismos se presentan metáforas sin relación directa con las funciones que desarrolla la respectiva parte del cuerpo. Por este motivo presentan un alto grado de opacidad e idiomática, constatable en no haber más narices: ‘no haber más remedio’, por narices: ‘a la fuerza o porque sí’. Debido a la ausencia de relación entre el significado externo del lexema somático y el significado idiomático global, estos somatismos no pueden ser encasillados en un determinado rasgo tipológico. Muchos de ellos escenifican en su significado literal una imagen absurda, hiperbólica, no factible en la vida real. Desde un punto de vista contrastivo, es poco probable que estos somatismos tengan correspondencia directa en otras lenguas. No obstante, hay que señalar que no todos los somatismos hiperbólicos son inclasificables por su semántica. De hecho, muchos somatismos con el somatónimo “corazón” son hiperbólicos, lo que no les impide ser subsumibles bajo el rasgo tipológico ‘sentimiento’, como hemos expuesto más arriba.

---

<sup>14</sup> En español también existe estar enamorado hasta las cejas o endeudado hasta las orejas, pero estas formas no son tan frecuentes.

## BIBLIOGRAFIA

- BURGER, H. **Idiomatik des Deutschen**, Tübinga: Niemeyer, 1973.
- ČERNYŠEVA, I. I. Feste Wortkomplexe des Deutschen unter dem Aspekt "Struktur-Semantik-Funktion". (Forschungsstand und Ausblick), *Linguistische Studien, Reihe A*, 63, p. 73-86, 1979.
- ČERNYŠEVA, I. I. Aktuelle Probleme der Phraseologie, **Deutsch als Fremdsprache**, 1984, p. 17-22.
- DOBROVOL'SKIJ, D. **Phraseologie als Objekt der Universalien-linguistik**, Leipzig: Enzyklopädie, 1988.
- DOBROVOL'SKIJ, D. Strukturtypologische Analyse der Phraseologie: Theoretische Prämissen und praktische Konsequenzen, en Palm, C. (ed.), 1991, p. 29-42.
- DRAE **Diccionario de la Lengua Española**. Real Academia Española. Edición de 2020. En línea <<https://dle.rae.es/>>.
- DROSDOWSKI, G.; W. SCHOLZE-STUBENRECHT. **Duden 11 - Redewendungen und sprichwörtliche Redensarten**. Idiomatisches Wörterbuch der deutschen Sprache, Mannheim et al.: Bibliographisches Institut Mannheim, 1992.
- ĐURČO, P. **Das Wort als phraseologische Konstituente**. Zur Beziehung der linguistischen und psycholinguistischen Standpunkte, en Sandig, B. (ed.), 1994, p. 67-80.
- FLEISCHER, W. **Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache**, Leipzig: Bibliographisches Institut, 1982.
- GRIMM, J.; W. GRIMM. **Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm**, München: Deutscher Taschenbuch-Verlag, 1984 [1873].

GUIRAUD, P. **El lenguaje del cuerpo**, Méjico, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1986.

HÄUSERMANN, J. **Phraseologie. Hauptprobleme der deutschen Phraseologie auf der Basis sowjetischer Forschungsergebnisse**, Tubinga: Niemeyer, 1977.

LAKOFF, G.; M. JOHNSON. **Metáforas de la vida cotidiana**, Madrid: Cátedra, 1986.

MELLADO BLANCO, C. (2000): "Formas estereotipadas de realización no verbal en alemán y español: los cinegramas desde un enfoque contrastivo-histórico". In: Corpas, G. (ed.) (2000): **Las lenguas de Europa: estudios de fraseología, fraseografía y traducción**, Granada: Comares, p. 389-410.

MELLADO BLANCO, C. **Fraseologismos somáticos del alemán**. Un estudio léxico-semántico. Berlín: Peter Lang, 2004.

REICHSTEIN, A. D. **Sopostavitel'nyj analiz nemeckoj i russkoj frazeologii**, Moscú: Vysšaja škola, 1980.

SECO, M.; ANDRÉS, O.; RAMOS, G. **Diccionario fraseológico documentado del español actual**. Locuciones y modismos españoles. Madrid: Aguilar, 2004.

STEFFENS, D. **Untersuchung zur Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache unter lexikographischem Aspekt**. (Bedeutungsbeschreibung von Phraseologismen mit der Basiskomponente 'Hand', 'Herz', 'Auge' im einsprachigen synchronischen Bedeutungswörterbuch), Berlín. [Tesis Doctoral. Manuscrito], 1986.

TRISTÁ, A. M.; CARNEADO, Z.; PÉREZ, G. Elementos somáticos en las unidades fraseológicas, **Anuario Lingüística y Literatura 1986 de la Academia Lingüística de Ciencias de Cuba**, 1986, p. 55-68.



WENG, J. Körperteilbezeichnungen in deutschen und chinesischen  
Phraseologismen, **Proverbium**, 9, p. 249-266, 1992.

# O TRATAMENTO DA DEFINIÇÃO FRASEOGRÁFICA

Thyago José da Cruz

## INTRODUÇÃO

As unidades fraseológicas, ou fraseologismos, em uma concepção ampla, podem corresponder a locuções (idiomáticas ou não idiomáticas), colocações ou enunciados fraseológicos (CORPAS PASTOR, 1996). Os dicionários especiais que se encarregam de realizar o tratamento dessas unidades correspondem aos dicionários fraseológicos. A depender do propósito concebido pelo redator, em uma obra desse feitio, pode haver a presença de um só tipo dessas unidades (como um dicionário somente de locuções ou de provérbios) ou de várias delas. Tal fator contribuirá para a determinação do formato, do número de entradas do dicionário e dos elementos descritos em sua microestrutura, entre eles, a definição – objeto de estudo deste capítulo.

Antes de adentrar a essa parte fundamental dos verbetes, a definição, deve-se aclarar o que se concebe sobre a relação entre Lexicografia e Fraseografia. Em consonância com Penadés Martínez (2015) e Cruz (2020), considera-se a Fraseografia, disciplina intimamente relacionada à Fraseologia, como uma área ainda vinculada aos estudos da Lexicografia. Os fraseologismos, unidades complexas do léxico, ao serem tratados em dicionários, tanto nos gerais como nos especiais, valem-se das mais variadas técnicas advindas da prática lexicográfica. Por isso, utilizam-se aqui os termos “Lexicografia” (e seus derivados) e “Fraseografia” (e seus derivados) como elementos respectivamente correspondentes, embora sempre se tenha em mente o grau de particularidades que cada uma denota.

Inicialmente, se tratará sobre o conceito daquilo que se considera como uma definição lexicográfica, para que, desse modo, possa se examinar com mais detalhes como se classificam e se aplicam as mais variadas definições quando o objeto definido se trata de uma unidade fraseológica.

## 1. A definição de “definição”

Com relação à parte da microestrutura denominada “definição”, o dicionário Caldas Aulete<sup>1</sup>, na acepção de número dois, descreve: “Explicação do significado de uma palavra, expressão, frase ou conceito”. Essa obra online está destinada a um público geral, normalmente não especializado. Vê-se, portanto, que o redator sintetiza em poucas palavras<sup>2</sup>, o que outros teóricos defendem (e que se expõe nos próximos parágrafos) acerca dessa seção tão importante de um dicionário.

Porto Dapena (2002), ao referir-se aos dicionários monolíngues, delimita a definição como um tipo de equivalência que se institui entre a unidade lematizada e qualquer outra forma linguística explicativa sua (PORTO DAPENA, 2002, p. 269). Constitui-se de um definido (ou *definiendum*), materializado pela entrada, e pelo definidor (ou *definiens* ou, a definição, propriamente dita), que aporta a expressão explicativa (uma construção metalinguística).

Martínez de Souza (2009), por sua vez, conceitua a definição como uma expressão que explicita a unidade do léxico presente na entrada. Ressalta que é a parte mais importante do dicionário, pois, sem ela, a obra não existiria, por perder sua finalidade mais proeminente: a oferta do significado tão almejado pelo consulente. Por isso, a redação

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://aulete.com.br/defini%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

<sup>2</sup> Reconhece-se que esse termo é de conceituação um tanto divergente nos estudos do Léxico. Contudo, quando empregado nesse capítulo, equivalerá à “unidade lexical”.

da definição deve ter concisão, completção (isto é, embora seja concisa, deve ser completa e suficiente) e circularidade (o definido e o definidor devem ser intercambiáveis em contextos normais de uma língua).

Casares Sánchez (1992 [1950]) também destaca que a estrutura interna dos verbetes, no concernente à definição, deve estar dotada da objetividade e da neutralidade do lexicógrafo quando este se propõe a redigir a equivalência entre a entrada e o elemento definidor.

Biderman (1993) não se distancia do exposto até então, pois considera a definição como uma paráfrase da unidade lexical lematizada, equivalente a ela semanticamente. Tal parte da microestrutura de um dicionário se fundamenta em uma análise conceitual, cabendo ao redator uma investigação semântica da palavra a ser definida. Por isso, “nessa tarefa, o definidor deve ser rigoroso, estabelecendo uma equação sêmica, e não uma adivinhação, para que o *definiendum* seja identificado sem ambiguidade” (BIDERMAN, 1993, p.1). Nota-se o labor que uma definição bem elaborada pode exigir: deve envolver o máximo de precisão possível, como uma equação matemática, porém, não se trata de um amontoado de incógnita, mas o consulente deve ter às mãos uma definição clara e sem margens a ambiguidades.

Finatto (1998) sintetiza que, quando se trata de dicionários, tanto os especializados como os lexicográficos, a definição pode ser conceituada a partir de uma visão mais restrita ou de uma mais ampla, ou seja, pode se configurar “apenas como o segmento que compreende a menção de um gênero próximo e de uma diferença específica, mas também como a totalidade de um conjunto de informações que inclui comentários, instruções e descrições relativas ao termo ou palavra-entrada” (BOCORNÝ FINATTO, 1998, p.1).

A definição, ratifica-se, é uma parte fundamental da microestrutura de repertórios lexicográficos. Configura-se como um definidor, isto é, uma expressão linguística que busca a delimitação de

um equivalente semântico para o definido – aquela unidade que está disposta na entrada do verbete. Nesse processo, o redator deve debruçar-se na análise semântica do objeto examinado, esforçando-se para que o definidor seja claro, coeso, com informações suficientes e coerentes, porém com o máximo de concisão que seja possível.

Reconhecidos os conceitos de definição, passa-se às classificações e às aplicações desta. Parte-se, principalmente, do exposto por Porto Dapena (2002, p. 267-296). Não obstante, como o teórico se refere mais à descrição dos lexemas não complexos, esta pesquisa une as mãos com as de Penadés Martínez (2015) para realizar a travessia da descrição lexicográfica para a descrição fraseográfica, quando realmente haja a necessidade, devido às peculiaridades que possam estar mais fortemente marcadas entre tratamento de lexemas e de fraseologismos em dicionários.

A modo de ilustração para cada uma das classes de definição, empregam-se exemplos extraídos de dois dicionários fraseológicos monolíngues<sup>3</sup>, objetos de estudo desta pesquisa: o Dicionário das Expressões Idiomáticas mais usadas no Brasil (RIVA, 2013) e o Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa (ROCHA; ROCHA, 2011).

## **2. Classificação das definições fraseográficas**

Com respeito às diferentes classes de definições, encontram-se os seguintes tipos:

A definição enciclopédica, portanto, pr eocupa-se com a descrição de elementos extralinguísticos, como se pode perceber no tratamento de “malha rodoviária (ferroviária)”. A linguística se apropria dos recursos de metalinguagem, podendo ser uma explicação da

---

<sup>3</sup> Não se avançará a análises de dicionários bilíngues ou semibíngues, por exigir contrastes e estudos diferenciados dos levantados nesse trabalho.

### Quadro 1: Tipos de definição

Tipo de definição	Do que se trata	Exemplo
<b>Definição enciclopédica</b>	Demonstra uma descrição das coisas ou da realidade extralinguística representada. Para Penadés Martínez (2015, p. 197) é um recurso utilizado em muitos dicionários para descrever a realidade em vez de apresentar o significado do fraseologismo.	“ <b>malha rodoviária (ferroviária)</b> O complexo de rodovias (ferrovias) existentes em determinada região, estado ou país, com suas ramificações, entroncamento etc.” (ROCHA; ROCHA, 2011, p. 275).
<b>Definição linguística (ou metalinguística)</b>	Há a tentativa de se explicar os fraseologismos por meio da metalinguagem. Subdivide-se em <b>funcional e conceitual</b> .	“ <b>mais para cá do que para lá</b> Resposta evasiva, que se dá quando se é perguntado pela saúde ou sobre o andamento de um negócio, de um assunto” (ROCHA; ROCHA, 2011, p. 275).  Ou: “ <b>mais que tudo</b> Principalmente, em primeiro lugar; sobretudo; de preferência” (ROCHA; ROCHA, 2011, p. 275).

Fonte: Elaboração do autor, 2021

funcionalidade do elemento lematizado (em “mais para cá do que para lá” se explicita o valor contextual de seu uso) ou uma apresentação de outras unidades do léxico na língua que lhe esclareçam ou que lhe sejam equivalentes (como em “mais que tudo). Como a definição linguística apresenta uma subdivisão, a definição funcional e a conceitual, detalha-se, neste momento, cada uma delas<sup>4</sup>:

### Quadro 1: Tipos de definição

Tipos de definição linguística	Do que se trata
<b>Definição funcional (ou explicativa)</b>	Consiste em uma caracterização, uma explicação, um esclarecimento a partir do funcionamento gramatical ( <b>definição funcional gramatical</b> ), contextual ( <b>definição funcional contextual</b> ) ou pragmático do definido ( <b>definição funcional pragmática</b> ).
<b>Definição conceitual</b>	Busca expressar, ao empregar outras palavras da língua, o conteúdo conceitual do definido. Pode configurar-se em <b>sinonímica</b> ou <b>perifrástica</b> .

Fonte: Elaboração do autor, 2021

<sup>4</sup> Somente para este quadro explicativo não se apresentam os exemplos, deixando-os para os próximos nos quais estarão mais esmiuçados.

Ao escolher redigir uma definição de caráter funcional, objetiva-se a busca de explicações sobre o definido a partir de algum traço de sua funcionalidade, quer seja gramatical, quer conceitual, quer pragmática. A definição conceitual, por sua vez, exige do fraseógrafo uma explicitação, recorrendo a elementos de substituição (baseado em processos semânticos da sinonímia) ou por meio de uma frase ou um sintagma (uma perífrase). Os quadros que estão a seguir deslindam esses dois grupos maiores de classificação da definição: o primeiro sobre as funcionais e o segundo, as conceituais.

**Quadro 3: Tipos de definição funcional**

Tipos de definição funcional	Do que se trata	Exemplo
<b>Definição gramatical</b> funcional	Expõe o valor, o uso ou a função gramatical do definido.	<b>“de uma figa!</b> Expressão que caracteriza o que é ruim, ordinário, sem valor; ou que denota simples contestação ou dúvida em relação à afirmativa de outrem”. (ROCHA; ROCHA, 2011, p. 142).
<b>Definição funcional contextual</b>	Descreve o valor contextual do definido.	<b>“Estar por aqui!</b> Esta expressão exclamativa traduz o aborrecimento de uma pessoa com alguém ou com alguma situação, equivalente a: “Já não aguento mais!”. Geralmente, é acompanhada de gesto em que se coloca a mão aberta na altura da garganta ou da testa, procurando dar ideia de sufoco ou repleção. Diz-se também, simplesmente: “Por aqui!” (ROCHA; ROCHA, 2011, p. 194).
<b>Definição pragmática</b> funcional	Explica e detalha o uso do <i>definiendum</i>	<b>“Cala-te boca!</b> Alguém diz isso para si mesmo como advertência quanto ao que está revelando” (ROCHA; ROCHA, 2011, p. 70).

Fonte: Elaboração do autor, 2021

No primeiro exemplo, a definição da locução “de uma figa” inclina-se mais a uma descrição dos aspectos gramaticais do definido, pois remete à função adjetiva que pode adquirir (“caracteriza o que é ruim, ordinário, sem valor”) e, num outro momento do definiens, à função interjetiva (“denota simples contestação ou dúvida em relação à afirmativa de outrem”). Já no *definiens* de “estar por aqui” há um esclarecimento do contexto em que o consulente pode valer-se dessa locução verbal; enquanto que em “Cala-te boca” há uma recomendação de seu uso e não uma descrição de seu contexto de uso.

Percebe-se que a linha de separação entre essas três subdivisões da definição funcional é muito tênue. Muitas das vezes, como recorda Penadés Martínez (2015, p. 203), há a possibilidade de considerar a união entre dois desses subtipos como em: “**Eu sei lá?**” Locução exclamativa (*sic*) que se emprega para exprimir dúvida, incerteza, admiração. Também se empregam com o mesmo sentido: “Sei lá!”; “Que sei eu?”; “Sabe lá?” (ROCHA; ROCHA, 2011, p. 197), no qual se pode considerar como uma definição funcional de caráter gramatical-pragmática.

Na outra esfera da definição, isto é, a conceitual, há a **perifrástica** e a **sinonímica**. Conforme Penadés Martínez (2015), a **perifrástica** é um dos tipos de definição mais utilizados em dicionários monolíngues. Subdivide-se em: **substancial**; **relacional** e **morfossemântica**.

**Quadro 4: Tipos de definição perifrástica**

Tipos de definição perifrástica	Do que se trata	Exemplo
<b>definição relacional</b> <b>perifrástica</b>	Busca promover uma relação entre o <i>definiendum</i> com outra palavra da língua, a partir de um elemento que promove essa ligação, como uma preposição (ou locução prepositiva), ou uma oração relativa (introduzida ou não por um antecedente explícito, como “aquilo” ou “o”). Conforme aponta Biderman (1993), há as definições introduzidas por variantes com locuções prepositivas (relativo a; referente a), pela expressão introdutória “diz-se de”; ou por “Próprio a”, “Digno de” que explicitam uma qualidade inerente.	<p>“<b>de rabo de olho</b> → com desconfiança [...]” (RIVA, 2013, p.68)</p> <p>Ou: <b>machado sem cabo</b> “Diz-se da pessoa que não sabe nadar” (ROCHA; ROCHA, 2011, p. 273).</p> <p>Ou: “<b>velho de guerra</b> → aquele que possui grande experiência em determinado domínio (RIVA, 2013, p. 108)</p>



Tipos de definição perifrástica	Do que se trata	Exemplo
<b>Definição perifrástica morfossemântica</b>	Procura realizar uma correspondência total ou parcial entre o <i>definiens</i> e o <i>definiendum</i> . No caso dos lexemas simples, a definição se dá por meio de compostos ou derivados, isto é, empregando-se na definição palavras com..... .. elementos morfemáticos que constituem o definido (como em: <i>reler</i> – ler de novo). Esse método é passível às locuções, conforme Penadés Martínez (2015, p. 200-201), uma vez que estas seriam, em sentido amplo, uma forma de compostos.	<b>“trabalho de Hércules</b> → trabalho que exige grandes esforços” (RIVA, 2013, p. 100)
<b>Definição perifrástica substancial</b>	Busca responder a pergunta “O que é o <i>definiendum</i> ?”. Possui subdivisões (cf. quadro 5).	<b>“tratar na palma da mão</b> → cuidar de alguém com diligência” (RIVA, 2013, 195).

Fonte: Elaboração do autor, 2021

No exemplo de “trabalho de Hércules”, o lexema “trabalho” presente no definido possui um elemento morfemático no *definiens*, “trabalho”: há, portanto na definição um mesmo lexema de um dos constituintes da locução, sendo esta uma espécie de derivado daquela. Já em “de rabo de olho”, “machado sem cabo” e “velho de guerra” o processo de definição ocorre pela ação de relacionar as locuções com outras unidades da língua, por meio de uma preposição (“com”), de uma expressão introdutória (“diz-se de”) ou de uma oração relativa com antecedente explícito (“aquele que”).

A definição perifrástica substancial pode subdividir-se em: inclusiva positiva (hiperonímica); inclusiva negativa; excludente (ou antonímica); participativa (metonímica); aproximativa (analógica) ou aditiva. Veja-se:

**Quadro 5: Subtipos de definição substancial**

Subtipos de definição substancial	Do que se trata	Exemplo
<b>Inclusiva positiva (hiperonímica)</b>	Composta por um elemento do gênero próximo (arquilexema ou hiperônimo) e com outro(s) de diferença específica.	“ <b>paciência de Jó</b> → resignação extrema [...]” (RIVA, 2013, p. 183).
<b>Inclusiva negativa</b>	Há uma inclusão lógica, mas de sentido negativo, promovida por lexemas como “falta de”, “privado de” e “deixar de” que atuam como núcleo da expressão explicativa da definição, apontando uma ausência ou privação.	“ <b>dar uma banana</b> → deixar de se importar com alguém após ter feito falsas promessas” (RIVA, 2013, p. 76).
<b>Excludente (ou antonímica)</b>	Também de valor negativo, distingue-se da inclusiva negativa por negar não por meio de um arquilexema ou elemento inclusivo lógico, mas por uma partícula negativa. A definição, portanto, configura-se como uma negação do antônimo do <i>definiendum</i> .	“ <b>em campo aberto</b> → sem esconderijo nem proteção [...]” (DEIMUB, 2013, p. 216).
<b>Participativa (metonímica)</b>	Embora demonstre uma estrutura sintática semelhante à da inclusiva, não possui um arquilexema como núcleo do sintagma, mas uma palavra de sentido geral (parte, peça, órgão, seção, etc.) ou de sentido distributivo (cada um, cada uma, etc.).	“ <b>parte do leão</b> → a parte melhor e/ou mais significativa em uma partilha”. (DEIMUB, 2013, p. 91).
<b>Aproximativa (analógica)</b>	Representada por um vocábulo ou expressão que indique uma relação de semelhança ou aproximação (espécie de tipo de algo semelhante, etc.).	“ <b>queijo de minas</b> Tipo de queijo bem conhecido em todo Brasil, feito de leite de vaca, de massa crua esbranquiçada, apresentado em forma cilíndrica; queijo de canastra; queijo do Serro; queijo Minas” (ROCHA; ROCHA, 2011, p. 374).
<b>Aditiva</b>	Neste tipo de definição, expõe-se o significado por meio da adição ou associação de várias palavras que se ligam, sintaticamente, por meio de coordenação aditiva ou por meio de dois verbos, um principal e um subordinado, sendo que, muito comumente, a subordinada se trata de uma oração final ou reduzida de gerúndio.	“ <b>andar ao colo</b> Ser trazida (criança) sobre os braços e encostada no peito de alguém” (ROCHA; ROCHA, 2011, p. 27). Ou em: “ <b>estar por um fio</b> → faltar pouco tempo para que algo aconteça [...]” (DEIMUB, 2013, p. 91); Ou: “ <b>amaciar a bola Fut.</b> Dominar a bola arremessada em sua direção com um só toque, amortecendo-a e colocando-a em condições de ser trabalhada” (ROCHA; ROCHA, 2011, p. 25).

Fonte: Elaboração do autor, 2021

No exemplo apresentado para a definição substancial inclusiva positiva, para a entrada “paciência de Jó”, nota-se que “resignação” é o elemento de gênero próximo e “extrema” representa a diferença específica. O mesmo se passa para o citado no quadro 4 “tratar na palma da mão”, em que o gênero próximo (hiperonímico) é “cuidar” e “com diligência” se configura como a distinção específica.

Em “dar uma banana”, a inclusão negativa lógica ocorre por meio do sentido negativo da expressão “deixar de”. Em “em campo aberto”, a ideia de “esconderijo” presente na definição pode configurar-se como um antônimo de “campo aberto”, por isso há uma negação do antônimo, o que possibilita a classificação de “definição excludente”. Quanto à “parte do leão”, há uma palavra de sentido geral (“parte”) que introduz a seqüência das palavras na definição<sup>5</sup>.

Em “queijo de Minas” há uma indicação de semelhança realizado por termos mais aproximativos, o consulente tem a ideia de que é um tipo de queijo específico, talvez não aquele que já conheça, mas algo semelhante.

Em “andar ao colo”, há na definição uma união de ações por meio da conjunção coordenativa “e” (na segunda oração a expressão “ser trazida” está implícita), em “estar por um fio”, o definidor possui uma oração principal e outra subordinada adverbial final e, em “amaciar a bola”, apresenta-se uma série de ações interligadas por verbos em gerúndio – essas são descrições características para a classe de definição perifrástica aditiva.

---

<sup>5</sup> Pela presença do lexema “parte” tanto *definiendum* como no *definiens*, é possível considerá-lo também como uma definição perifrástica morfossemântica. Algumas categorias não são classes estanques, mas podem se interrelacionar (como em “queijo de Minas” que, ademais de ser aproximativa, tem traços de definição enclopédica).

A **definição sinonímica**, por sua vez, corresponde a colocar em grau de equivalência um fraseologismo (na entrada) e uma palavra (no definidor) ou entre fraseologismos (tanto na entrada como no definidor). Pode ser uma **definição sinonímica simples**, constituída por um único sinônimo, ou **complexa**, composta por mais de um sinônimo ou por um sinônimo e uma definição perifrástica. Concorda-se, neste trabalho, com o posicionamento de Penadés Martínez com relação à definição sinonímica:

En el caso de las palabras, existe una definición sinonímica, cuando el definidor es una palabra sinónima de la definida. La aplicación estricta de ese tipo de locuciones supone considerar que se está ante una definición sinonímica cuando una locución es definida mediante otra. Y así podría entenderse que se hace cuando en la entrada de una locución se remite a otra [...] Aunque no es infrecuente, no es, sin embargo, habitual definir una locución con otra; es más usual, en cambio, utilizar una palabra para definir la locución. [...] Por el momento, baste con observar que es posible definir una locución con una palabra que puede considerarse equivalente a ella. (PENADÉS MARTÍNEZ, 2015, p. 199).

**Vejam-se alguns exemplos:**

**Quadro 6: Tipos de definição sinonímica**

Tipos de definição sinonímica	Do que se trata	Exemplo
<b>definição sinonímica simples</b>	Busca realizar uma equivalência entre um fraseologismo e uma palavra ou um fraseologismo e outro fraseologismo.	“ <b>a passos de tartaruga</b> → lentamente [...]” (RIVA, 2013, 158)  Ou: “ <b>de cabeça</b> → de cor [...]” (RIVA, p. 54)
<b>Definição complexa</b>	Há a apresentação de dois ou mais sinônimos ou um sinônimo e uma definição perifrástica.	“ <b>sem gás</b> → sem energia, sem forças”. (RIVA, 2013, p.66)

Fonte: Elaboração do autor, 2021

“A passos de tartaruga” é uma locução adverbial comutável, resguardadas as proporções de equivalência semântica, pelo seu lexe-  
ma sinônimo “lentamente”, enquanto a locução adverbial “de cabeça”  
é definida por outra (“de cor”). Já no exemplo do lema “sem gás”, há,  
no definidor, duas expressões, configurando-se, desse modo, em uma  
definição sinonímica complexa.

Há ainda a **definição pseudoperifrástica (ou parasinoní-  
mica)**, que se estabelece quando o elemento que de fato explicita o  
conteúdo do *definiendum* está representado pela primeira palavra  
presente em cada um dos *definientes*, acompanhados de seu contor-  
no definicional (contextos de características semânticas e sintáticas)<sup>6</sup>.  
Exemplo: “**fazer corpo mole** esquivar-se às suas obrigações” [...] (RIVA, 2013, p. 151), (em que o conteúdo explicativo se dá pela pala-  
vra “esquivar-se” e o contorno “às suas obrigações”).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível perceber, há a possibilidade de variados ti-  
pos de redigir as definições fraseográficas. Penadés Martínez (2015,  
p. 204-205), ao analisar a presença de um tipo específico de fraseolo-  
gismos nos dicionários, isto é, a locução, reconhece que são as fun-  
cionais as menos presentes nesse tipo de obra, uma vez que a equiva-  
lência das classes de palavras e das classes de locuções possibilita um  
maior uso das definições conceituais.

No que se refere à decisão de escolher entre a definição sinoní-  
mica ou a perifrástica, dependerá, caso o significado do fraseologismo

---

<sup>6</sup> Penadés Martínez (2015, p. 213) enfatiza que não se deve confundir em um verbete a  
valência ou estrutura actancial das locuções que podem aparecer antes da definição – re-  
conhecida como indicações complementares – com o contorno definicional – elementos  
que, pertencentes à definição da locução, representam a sua combinatória sintagmática.

lematizado não se remeta a um conceito único, da verificação da existência ou não de uma palavra equivalente. Não é aconselhável definir um fraseologismo por meio de outro da mesma classe, pelo fato de que “[...] no hay razones, en principio, para pensar que el usuario de un diccionario de locuciones conozca una de estas, la empleada como definidor, y no la otra, la definida” (PENADÉS MARTÍNEZ, 2015, p. 205). Se há uma locução lematizada, por exemplo, e não há outra possibilidade de definição que não seja a sinonímica (situação um pouco incomum), que se procure primeiramente um lexema simples que lhe seja equivalente. Na ausência desse, apresenta-se uma colocação ou outra unidade fraseológica e, como último recurso, uma locução.

Outro ponto a ser levantado sobre a construção das definições conceituais perifrásticas, em locuções verbais, remete-se ao fato da potencial supressão de informações pragmáticas, uma vez que podem ser deduzidas do contexto linguístico (como circunstâncias de modo, causa, finalidade, espaço ou tempo) ou do conhecimento de mundo, principalmente quando vêm acompanhadas de exemplos de uso. Distingam-se os exemplos: em “**jogar verde para colher maduro** → dar dissimuladamente elementos para levar alguém a dizer a verdade [...]” (RIVA, 2013, p. 102), a informação circunstancial de finalidade não poderia ser suprimida, haja vista que comprometeria a definição do fraseologismo. Já em “**dar o melhor de si** Fazer todo o esforço possível para realizar determinada tarefa [...]” (ROCHA; ROCHA, 2011, p. 123) nota-se que a circunstância de finalidade permite ser omitida, pois a ação de esforçar-se ou de pôr esforço em algo já infere que seja para alguma tarefa.

Deve-se também atentar-se, no tratamento de fraseologismos de relação semântica de oposição, para que não se registrem, em um único lema e em uma mesma definição, locuções que se configuram como unidades distintas da língua que, de fato, são opostas. Em Rocha e Rocha (2011, p. 274), por exemplo, há um verbete:

**mais bem** e **mais mal** Usam-se em duas situações: 1. Antes de particípio, p. ex., trabalho mais bem-escrito; mulheres mais malvestidas; casa mais bem-decorada; livro mais mal-ilustrado. 2. Em comparações como estas: “trabalha mais bem do que mal”; fala mais mal do que bem”.

Tal caso que não se recomenda a ser seguido. Embora a descrição de sua funcionalidade gramatical coincida, são estruturas semântica e pragmaticamente distintas. Logo, o melhor seria estar em verbetes separados.

Por fim, cabe assinalar que os modelos e as classificações de definições fraseográficas demonstradas e discutidas neste capítulo se referem mais aos fraseologismos que se inserem ao limite do âmbito oracional, pois o tratamento de parêmsias em dicionários e em outras obras lexicográficas merece outro estudo mais particularizado.

## BIBLIOGRAFIA

BIDERMAN, M. T. C. A definição lexicográfica. **Cadernos do IL**, nº 10, p. 23-44, 1993.

BUITRAGO JIMÉNEZ, A. **Diccionario de dichos y frases hechas**. Madrid: Espasa, 2002.

CASARES SÁNCHEZ, J. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: C.S.I.C., 1992 [1950]

CORPAS PASTOR, G. **Manual de Fraseología Española**. Madrid: Gredos, 1996.

CRUZ, T. J. **Bases para a elaboração de um dicionário ideológico de locuções: uma proposta**. 354 p. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2020.

FINATTO, M. J. B. Elementos lexicográficos e enciclopédicos na definição terminológica: questões de partida. **Organon**, vol. 12, nº 26, 1998.

MARTÍNEZ DE SOUZA, J. **Manual básico de Lexicografía**. Gijón: Ediciones Trea, 2009.

PENADÉS MARTÍNEZ, I. **Para un diccionario de locuciones**: de la lingüística teórica a la fraseografía práctica. Alcalá: Universidad de Alcalá, 2015.

PORTO DAPENA, J. A. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/libros, 2002.

RIVA, H. C. **Dicionário das expressões idiomáticas mais usadas no Brasil**: organização onomasiológica. Curitiba: Appris, 2013.

ROCHA, C. A. M.; ROCHA, C. E. P. M. **Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.



# PROCESSOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS DE FRASEOLOGIZAÇÃO: RELAÇÕES ENTRE REALIDADE, COGNIÇÃO E LÉXICO

Elizabete Aparecida Marques

## INTRODUÇÃO

Não resta dúvida de que o corpo se encontra implicado em grande parte das atividades diárias, principalmente, as físicas do ser humano. Em decorrência do uso frequente de certas partes como as mãos, os pés, o nariz, os olhos, a boca, os dentes, entre outras, o corpo humano ou animal tende a funcionar como uma base, ou seja, como o ponto de referência para a construção de inúmeros conceitos, para expressar certos valores semânticos que podem variar desde um nível conceitual mais concreto até o mais abstrato. As interações, sejam elas entre dois domínios diferentes, sejam elas dentro de um mesmo domínio conceitual, contribuem para a formação de unidades léxicas, sobretudo de fraseologismos, que, em sua gênese, são motivadas metafórica e/ou metonimicamente. São unidades linguísticas tão usuais que, geralmente, o falante não tem consciência do processo responsável pela formação delas. Nessa perspectiva, existem, portanto, muitos conceitos abstratos que se estruturaram em termos das experiências sensoriais e físicas do corpo humano, e que aparecem refletidos no léxico da língua portuguesa. Determinadas partes da anatomia humana funcionam como verdadeiras referências (metonímicas) ao serem utilizadas no lugar do corpo como um todo ou ao fazer alusão ao próprio indivíduo. Em boa parte dos fraseologismos, percebemos que certas partes do corpo, como pé, mão, coração, entre outras, costumam estabelecer, inicialmente, algum tipo de relação metonímica antes de dar lugar ao processo metafórico do significado figurado do fraseologismo. A metonímia é entendida, neste trabalho, como um tipo de projeção

que ocorre dentro de um mesmo domínio conceitual e a metáfora como um processo que envolve a interação entre dois domínios conceituais diferentes (LAKOFF; JOHNSON, 1980). No entanto, segundo Goosens (2002), a metonímia pode preceder à ocorrência de uma metáfora ou pode ocorrer concomitantemente com esta, em um processo de acumulação entre os dois processos cognitivos. Em outras palavras, as relações conceituais poderiam ocorrer, primeiramente, dentro de um mesmo domínio antes do desencadeamento das projeções metafóricas. Barcelona Sánchez e Rocamora Abellán (2000, p. 31, tradução nossa) afirmam que “é impossível estudar a metonímia sem nos referirmos à metáfora, posto que ambas são, depois de tudo, extremos de um contínuo”<sup>1</sup>.

Partindo dessas considerações preliminares, este trabalho tem como propósito discutir a relação entre corpo humano, léxico e cognição a partir da análise de fraseologismos formados pelo item lexical *mão*. Outros objetivos perseguidos são: identificar as metáforas e metonímias que permitem o processo de extensão do significado da unidade lexical em estudo; verificar o domínio ou frame do item lexical pesquisado; proceder à análise composicional das formações de que tal item faz parte. O recorte analisado incide sobre as sequências nominais, verbais e adjetivais do português brasileiro que foram extraídas de um corpus de textos jornalísticos.

Na expectativa de que o trabalho possa contribuir para a consolidação dos estudos no âmbito da fraseologia cognitiva, este artigo se organiza em três partes: Aporte teórico, onde se discutem os conceitos de corporificação da mente, *frame*, metáfora e metonímia; análise dos dados e, finalmente, discussão dos resultados.

---

<sup>1</sup>No original: “es imposible estudiar la metonimia sin referirnos a la metáfora puesto que ambas son, después de todo, extremos de un continuo”.

## 1. Aporte teórico

### 1.1 Da corporificação da mente ao conceito de *frame*

A análise proposta neste trabalho é baseada em pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987; LAKOFF e TURNER, 1989; SWEETSER, 1999; RADDEN, 2000), mais especificamente, na hipótese de corporificação da mente e nas noções de *frame* (FILLMORE, 1977) ou domínio (LANGACKER, 1987).

Nesse sentido, o quadro epistemológico contém um aporte teórico que descreve a linguagem como um sistema de conceptualização da realidade e tem como contraparte a observação dessa conceptualização em construções básicas da língua. Nessa perspectiva, a Linguística Cognitiva entende a capacidade linguística como uma habilidade humana não autônoma, mas como correlacionada a outras habilidades e à própria experiência corpórea. Nesse sentido, a linguagem está relacionada à atividade cognitiva humana, que pode ser descrita em função de símbolos, esquemas, imagens, ideias e outras formas de representação mental.

Os objetos dessas representações são diversos e podem representar indivíduos, conjuntos, propriedades, universais, eventos, processos, estados de coisas, tanto efetivos como possíveis (fictícios, por exemplo). O sistema de representações mentais é tão complexo como o da linguagem natural, é algo parecido à dupla articulação e suas características de produtividade e geratividade, o que permite a produção de infinitos signos complexos a partir de um número finito de signos simples. Observem que os fraseologismos são signos complexos que resultam da combinação quase sempre arbitrária de signos simples.

A partir do ponto de vista acima descrito, a linguagem é um meio de interpretar, de construir, de organizar conhecimentos que refletem as necessidades, os interesses e as experiências dos indivíduos e das culturas. São esses princípios que fundamentam a própria posi-

ção filosófica e epistemológica do movimento cognitivo, que Lakoff e Johnson (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1992 [1987]; LAKOFF e JOHNSON, 1999; JOHNSON e LAKOFF, 2002) caracterizam como experiencialismo ou, em uma versão mais recente, como realismo corporeizado ou encarnado (*embodied realism*).

Na perspectiva do realismo corporeizado, Muñoz Gutiérrez (2006, p. 13-15) afirma que a razão não é abstrata e “desencarnada”, isto é, desvinculada de nossas experiências físicas. Segundo o mesmo autor, não é uma instância de alguma racionalidade transcendental, mas surge da natureza de nosso cérebro, do corpo e da experiência corporal. Nesse sentido, o autor indica que os mesmos mecanismos neurais e cognitivos que nos permitem perceber e movermos, também criam nosso sistema conceptual e nossos métodos racionais. Além disso, a razão é universal no sentido de que é uma capacidade compartilhada entre todos os seres humanos, porque dispomos de corpos que se situam, percebem, se movem e tratam de forma parecida o meio em que habitam. Em consequência, desenvolvemos nossas mentes a partir de nossas experiências corporais usando recursos comuns. Outrossim, a razão não é literal, mas sim metafórica, imaginativa.

A mente não é simplesmente um espelho da natureza, e os conceitos não são meramente representações internas da realidade externa. Os conceitos refletem a natureza corporal de quem os elabora, já que dependem da percepção gestáltica dos movimentos motores, e, em grande medida, resultam de um processo da imaginação humana que depende de nossa capacidade de formar imagens mentais, de organizar o conhecimento em categorias de nível básico e de comunicarmos.

Nessa perspectiva, o significado deriva da experiência do funcionamento de um determinado ser em um meio determinado. Nossos conceitos de nível básico são significativos para nós porque se caracterizam em função de nosso modo de perceber as coisas que nos rodeiam em termos de certos esquemas de imagens e de como os

objetos se relacionam e interagem com nossos corpos. Os esquemas de imagens são significativos porque estruturam a percepção e os movimentos corporais. Além disso, os conceitos gerados por projeções metafóricas e metonímicas são significativos porque se fundam seja em conceitos que são diretamente significativos, seja em correlações de nossa experiência no mundo.

Para o cognitivismo, faz-se necessário postular representações mentais -segundo o enfoque concreto, adotam a forma de esquemas, de modelos mentais, de *scripts* o *frames*, de proposições, de imagens, etc. - que mediam entre os estímulos e a conduta, para dar conta da flexibilidade e a capacidade de adaptação (ou racionalidade e inteligência).

Como explicam Lama e Abreu (2001), os modelos são estruturas cognitivas que organizam nosso conhecimento convencional do mundo em conjuntos interconectados. Entre estes modelos se encontram os *frames*, os esquemas e os *scripts*. Os *frames* podem ser definidos como uma estrutura que contém o conhecimento, próprio do senso comum, sobre o domínio conceptual analisado. Eles estabelecem os componentes de um todo.

## **1.2 Processos metafóricos e metonímicos de fraseologização: revisitando o conceito cognitivo de metáfora e metonímia**

Marques (2007) já apontava que a metáfora e a metonímia são dois processos fundamentais envolvidos na formação de fraseologismos, sobretudo aqueles que possuem sentidos secundários ou abstratos. Como se sabe, tradicionalmente, nos estudos de retórica, metáfora e metonímia constituem figuras de estilo, ou seja, mecanismos retóricos de ornamentação da linguagem. Em decorrência, as metáforas criativas e poéticas, próprias da linguagem literária, estiveram no centro de estudos filosóficos, retóricos e da crítica literária. No entanto, como ficou evidenciado nos estudos de Lakoff e Johnson (1980), a metáfora e a metonímia não são exclusivas da linguagem literária ou de outras formas

de criação linguística e também não são essencialmente mecanismos retóricos. Elas são instrumentos cognitivos de organização do mundo e de conceptualização da realidade. Em consequência, a linguagem comum está repleta de expressões metafóricas e metonímicas. No nível lexical, metáfora e metonímia são os dois meios mais frequentes de extensão semântica das unidades lexicais e encontram nos fraseologismos uma via muito produtiva de realização. São essas metáforas e metonímias generalizadas, convencionalizadas e lexicalizadas (geralmente não reconhecidas como metáforas e metonímias e impropriamente denominadas *mortas*) as mais importantes do ponto de vista cognitivista. Para a semântica cognitiva, estas metáforas e metonímias são fenômenos verdadeiramente conceituais e constituem importantes modelos cognitivos<sup>2</sup>. São elas que estão na base do processo de fraseologização.

No que se refere à diferença entre os dois mecanismos, podemos afirmar que a metáfora implica uma relação entre diferentes domínios (domínios da experiência), e é concebida como a projeção da estrutura de um domínio origem (geralmente básico ou concreto) sobre a estrutura correspondente a um domínio destino ou alvo (com maior nível de abstração), gerando, assim, um conceito (ou significado) secundário, abstrato. A metonímia, por sua vez, ocorre dentro de um mesmo domínio conceitual, ativando e realçando uma categoria ou um subdomínio mediante referência a outra categoria ou outro subdomínio (cf. LAKOFF, 1987, p. 288; CROFT, 2002, p. 171-173; DIRVEN, 2002, p. 87). Na visão de Lakoff e Johnson (1980), assim como as metáforas, os mecanismos metonímicos não só estruturam a linguagem, mas também os pensamentos, atitudes e ações. Eles não são algo arbitrário, ao contrário, formam sistemas coerentes por meio

---

<sup>2</sup> O *modelo cognitivo* é um conceito usado em linguística cognitiva para se referir às representações mentais (imagens) relacionadas ao conhecimento de mundo do falante.

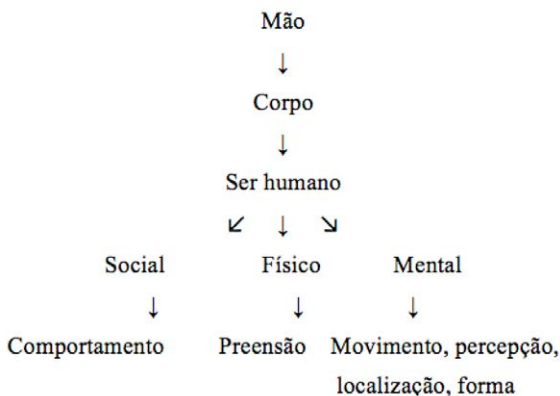
dos quais o indivíduo organiza suas experiências de mundo e conceitualiza os elementos, as ações e eventos da realidade.

## 2. Análise dos dados

A análise dos fraseologismos, selecionados aleatoriamente para este trabalho, foi realizada observando-se os diversos e expressivos usos de formações lexicais complexas construídas a partir da referência ao corpo (mão). Essas formações são classificadas, do ponto de vista morfológico, em termos de:

1. Sequências fixas nominais: *mão francesa*;
2. Sequências fixas verbais: *dar uma mão*; *deixar de mão*; *levantar a mão*; *meter a mão*; *pôr a mão na massa*;
3. Sequências fixas adjetivais: *mão de vaca*; *mão aberta*; *de mão cheia*.

É possível constatar que um fraseologismo está mais sensível a extensões de sentido à proporção que está mais ligado às experiências corporais básicas, como se vê no esquema:



Os fraseologismos em estudo referem-se a, pelo menos, três aspectos básicos:

1. percepção de imagens e movimentos, como *levantar a mão; meter a mão; de mão cheia; mão aberta;*
2. objetos que se relacionam, por semelhança de função, como *mão francesa;*
3. dados comportamentais relevantes, como *dar uma mão; deixar de mão; mão de vaca; pôr a mão na massa.*

As unidades agrupadas nos três aspectos acima descritos podem ser analisadas com base no domínio conceitual que varia do nível mais básico, ou concreto, ao mais abstrato. Na sequência, são sistematizados os dois domínios, com a análise de seis fraseologismos (*mão francesa, meter a mão, levantar a mão, dar uma mão/dar uma mãozinha, de mãos cheias e mão aberta*).

## **2.1 Domínio básico**

### MÃO FRANCESA

- Frame de mão: apreensão
- Modelo cognitivo implicado na combinação: suporte
- Objeto

O fraseologismo *mão francesa* designa uma estrutura triangular, geralmente, de madeira ou de ferro que tem por função sustentar prateleiras, caixas d'água, beirais de telhado, etc. A relação entre o objeto designado pela unidade lexical complexa e a parte do corpo é estabelecida pela semelhança de função entre ambos, uma vez que uma das funções da mão humana é a de segurar ou sustentar objetos. Nesse sentido, parece haver, de fato, uma semelhança funcional entre o objeto e a parte da anatomia humana, de maneira que o item lexical *mão* passa a fazer



parte da composição formal do fraseologismo, a partir das relações entre o domínio básico (concreto) e o domínio secundário (também concreto).

### METER A MÃO (NA CARA)

- Frame de mão: movimento
- Modelo cognitivo implicado na combinação: violência
- Bater, roubar

Na variedade brasileira da língua portuguesa, o fraseologismo *meter a mão* possui dois sentidos diferentes: “agredir” e “roubar”. No primeiro caso, *meter a mão* (geralmente acompanhada do modificador na *cara*), a relação entre o fraseologismo e a ação descrita pelo verbo pode ser explicada pela metonímia da mão pela ação violenta que pode ser executada por ela, ou seja, pela ação de golpear, bater. Em relação às experiências corporais básicas, descritas no esquema apresentado anteriormente, o frame de mão envolve, nesse caso, uma concepção da extremidade do corpo humano ligada à ideia de movimento, que pode ser ascendente, descendente ou direcionado a qualquer sentido. Por sua vez, o modelo cognitivo subjacente ao item lexical relaciona mão à violência, já que, historicamente, esta parte da anatomia foi (e, muitas vezes, ainda é) utilizada como um instrumento de agressão física. Essa relação explica, também, o segundo sentido, se entendermos a ação de roubar como um ato de violência, seja física ou moral contra uma determinada vítima.

### LEVANTAR A MÃO

- Frame de mão: movimento ascendente
- Modelo cognitivo implicado na combinação: violência
- golpe dado com a mão
- Ameaça

De igual modo, o fraseologismo levantar a mão pode ser entendido a partir do frame de movimento aliado ao modelo cognitivo que relaciona essa parte do corpo à violência. Entretanto, o domínio de referência vai aproximando-se da abstração na medida em que o fraseologismo afasta-se do sentido básico expresso pela soma do significado do verbo levantar e o significado do substantivo mão. Levantar a mão diz respeito à ameaça verbal de agressão física que pode, ou não, implicar no uso dessa parte da anatomia. Novamente, observamos que a extensão de sentido do item lexical está ligada às experiências corporais básicas do ser humano em relação aos movimentos físicos corporais, refletindo, portanto, a interação entre o corpo e a mente na construção do conceito mais abstrato. Entretanto, o sentido secundário guarda, ainda, resquícios do domínio básico, pois a ameaça pode efetivar-se mediante o uso da parte da anatomia discutida.

## 2.2 Domínio abstrato

### DAR UMA MÃO/DAR UMA MÃOZINHA

- Frame de mão: ação
- Modelo cognitivo implicado na combinação: cooperação
- Ajudar, colaborar

O sentido de *dar uma mão* e sua variante *dar uma mãozinha* pode ser entendido, primeiramente, a partir de uma relação metonímica que concebe a parte (mão) pelo todo (corpo) e, em uma perspectiva mais ampla, o corpo pelo ser humano, em todos os seus aspectos (físico, mental, espiritual). Assim, o domínio básico (mais concreto) é estruturado em termos de ação humana, uma vez que o modelo cognitivo de mão inclui a imagem dessa parte do corpo como um elemento

de cooperação. Com as mãos o ser humano pode executar várias ações, dentre elas as tarefas colaborativas, mediante o uso físico ou não das mãos. E, é esta característica que pode explicar o sentido secundário (ajudar, colaborar) do fraseologismo em análise, que se refere, sobretudo, a domínios conceituais abstratos.

### DE MÃO CHEIA

- Frame de mão: recipiente
- Modelo cognitivo implicado na combinação: habilidade
- Excelência, perfeição, qualidade

A gênese do fraseologismo de mão cheia parece partir de uma metáfora em que a concepção de mão é estruturada em termos de recipiente. Em suas experiências corporais com os recipientes, durante o processo de formação da mente, é possível que o ser humano tenha associado a imagem de um recipiente cheio com experiências positivas e agradáveis, ou seja, com a ideia de completude, perfeição. A interação conceitual entre os domínios concreto e abstrato pode explicar o sentido da sequência adjetival de mão cheia, de modo que podemos usá-la em enunciados como Maria é uma professora de mão cheia para ressaltar a qualidade profissional de Maria.

### MÃO-ABERTA

- Frame de mão: recipiente
- Modelo cognitivo implicado na combinação: perda
- Esbanjamento

Ainda dentro do frame de mão como recipiente, neste caso, de recipiente que, ao se abrir, pode levar à perda de seu conteúdo, a sequência, também adjetival, *mão-aberta* tem um sentido secundário (abstrato) de esbanjador. O fraseologismo é usado para qualificar o indivíduo que gasta dinheiro em excesso. A relação metafórica entre mão e recipiente, para explicar seu sentido, se vê reforçada pela existência de outro fraseologismo sinonímico, *mãos-rotas*, não analisado neste trabalho. O sentido dessa sequência baseia-se, de maneira muito mais acentuada, no mesmo frame e no mesmo modelo cognitivo que deu origem ao fraseologismo *mão-aberta*.

### 3. Discussão dos resultados

Nos dados analisados, podemos perceber que as extensões polissêmicas que operam na conceptualização se dão por processos metonímicos ou por processos metafóricos. Por processos metonímicos, entende-se que a própria parte do corpo (mão) tem como referência mais ampla o corpo como um todo e, em última instância, o ser humano, envolvido nas ações mediadas pelo corpo.

No entanto, como discutido nos pressupostos teóricos, a presença da metonímia não exclui a ação da metáfora. Esses fenômenos (metáfora e metonímia) podem ocorrer concomitantemente, em um processo de acumulação dos dois mecanismos de conceptualização da realidade. Nesse sentido, a maior parte dos dados analisados apresenta extensão via metáfora. Há, também, casos de metonímia, seguida de metáfora, que se apresentam, como *dar uma mão* (ajudar) e de *meter a mão* (bater, roubar). Constatamos, por fim, que os processos cognitivos de extensão de significado mantêm resquícios mais ou menos abstratos do item lexical básico.

Finalmente, reconhecemos a importância e a presença da composicionalidade, não como soma das partes, mas como combinação, nos termos de Sweetser (1999). Combinação relativamente fixa, com sentido global e cristalizada na língua pelo uso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, que visou a análise de fraseologismos formados pelo item lexical *mão*, comprovamos os resultados de Ferreira (2010), segundo os quais: o elemento favorecedor para a multiplicidade de sentidos de uma palavra é a sua complexidade dominial e a presença de domínios básicos; os falantes de português são capazes de criar unidades lexicais complexas com *mão*, que podem estar relacionadas aos esquemas imagéticos e modelos cognitivos idealizados que envolvem essa parte do corpo; as formações lexicais complexas (fraseologismos) analisadas se dispõem em um *continuum* entre os níveis mais concreto e mais abstrato.

## REFERÊNCIAS

BARCELONA, A. Clarifying and applying the notions of metaphor and metonymy within Cognitive Linguistics: an update. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (eds.). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2022, p. 207-277.

BARCELONA, A. Introduction: the cognitive theory of metaphor and metonymy. In: BARCELONA, A (ed.). **Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000, p. 1-28.

BARCELONA, A.; ROCAMORA ABELLÁN, R. El argot turístico y la teoría cognitiva de la metáfora y la metonimia. **Cuadernos de Turismo**, 5, p. 19-34, 2000.

CROFT, W. **Typology and universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

DIRVEN, R. Metonymy and metaphor: different mental strategies of conceptualisation. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (eds.). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002, p. 75-111.

GOOSSENS, L. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralph (eds.). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002, p. 349-377.

FILLMORE, C. J. Topics in lexical semantics. In: COLE, P. (ed.) **Current issues in linguistic theory**. Bloomington: Indiana University Press, 1977.

FERREIRA, R. G. 2010. 189 f. **A hipótese de corporificação da língua: o caso de cabeça**. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

JOHNSON, M.; LAKOFF, G. Why cognitive linguistics requires embodied realism. **Cognitive Linguistics**, 13-3, p. 245-263, 2002.

JOHNSON, M. **The body in the mind. The bodily basis of meaning. Imagination, and reason.** Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. **Philosophy in the flesh:** the embodied mind and its challenge to Western thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; TURNER, M. **More than cool reason:** a field guide to poetic metaphor. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things.** Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by.** Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAMA, E. C.; ABREU, A. S. A motivação metafórica das expressões idiomáticas na interface entre o português e o espanhol. **Anuario brasileño de estudios hispánicos**, 11, p. 53-66, 2001.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar.** Stanford: Stanford University Press, 1987.

MARQUES, E. A. 2007. 690 f. **Análisis cognitivo-contrastivo de locuciones somáticas del español y del portugués.** Tesis (Doctorado en Lingüística Aplicada) - Universidad de Alcalá, Alcalá de Henares, 2007.

MUÑOZ GUTIÉRREZ, C. Semántica cognitiva: modelos cognitivos y espacios mentales. **A Parte Rei**, 43, p. 1-28, 2006.

RADDEN, G. How metonymic are metaphors? In: BARCELONA, Antonio (ed.). **Metaphor and metonymy at the crossroads:** a cognitive perspective. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000, p. 283-298.

SWEETSER, E. Compositionality and blending: semantic composition in a cognitively realistic framework. **Cognitive Linguistic Research**, 15. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 129-162, 1999.



# A FRASEOLOGIA NOS CAMINHOS GEOLINGUÍSTICOS

Marcela Moura Torres Paim

## INTRODUÇÃO

A Fraseologia pode ser observada sob possibilidades diferentes, dependendo da vertente teórica seguida. Há duas grandes correntes de pesquisadores que se debruçam nos estudos fraseológicos. Uma segue a linha espanhola e a outra segue a corrente francesa, adotada por Salah Mejri, que adota como principal critério, para a consideração de um elemento como Unidade Fraseológica (UF), o da polilexicalidade.

Inicialmente, será apresentada uma revisão dos conceitos referentes aos estudos fraseológicos na perspectiva francesa. Na sequência, será discutida a relevância de estudar o léxico relacionado ao campo semântico ciclos da vida do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001), com o objetivo de evidenciar a diversidade de unidades fraseológicas no português brasileiro falado registradas em dados presentes nas respostas dos informantes nas capitais do Brasil.

### **1. Reflexões sobre os fraseologismos segundo a corrente francesa**

Conforme Mejri (2018), no âmbito da Fraseologia francesa, há três dificuldades para desenvolver pesquisas fraseológicas:

- la grande hétérogénéité des travaux, des points de vue et des centres d'intérêt;
- le double héritage dans ce domaine: celui de la tradition lexicographique et celui de la réflexion grammaticale et linguistique, deux perspectives qui, tout en

ayant le même objet de traitement, n'ont pas pour autant ni les mêmes ambitions ni les mêmes objectifs;

- le double croisement entre d'un côté les caractéristiques spécifiques à la phraséologie française et celles qui sont partagées par d'autres langues, et de l'autre l'ensemble des *dimensions linguistiques impliquées dans l'analyse des faits phraséologiques* (phonologie, morphologie, syntaxe, sémantique, etc.) (MEJRI, 2018, p. 5)<sup>1</sup>.

Segundo o referido estudioso, a Fraseologia pode ser investigada em distintos gêneros discursivos textuais (a literatura, a política, a economia), em vários aportes aplicados: o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras ou a fraseodidática; o tratamento automatizado das línguas: as bases de dados e a extração automática das sequências fixas; a tradução e o contrastivo; a lexicografia: elaboração de dicionários de fraseologismos (em meio analógico – papel – ou digital).

Dessa forma, ficou explícito que as pesquisas fraseológicas são um espaço aberto de investigação que perpassa por distintos níveis da análise linguística como a língua e o discurso; a sintaxe e o léxico; a Lexicologia e a Linguística Textual; a língua e a cultura; o idiomático e o idiossincrático; as coocorrências e os usos; a análise qualitativa e a quantitativa.

---

<sup>1</sup> - a grande heterogeneidade das obras, os pontos de vista e os centros de interesse;

- o duplo legado nesta área: o da tradição lexicográfica e o da reflexão gramatical e linguística, duas perspectivas que, embora tendo o mesmo objeto de tratamento, não têm as mesmas ambições ou os mesmos objetivos;

- o duplo cruzamento entre as características específicas da fraseologia francesa e aquelas compartilhadas por outras línguas, e as dimensões linguísticas envolvidas na análise de fatos fraseológicos (fonologia, morfologia, etc.), sintaxe, semântica, etc.)” (Tradução da autora).

Assim, o termo fraseologia é usado tanto para fazer referência ao conjunto de fenômenos fraseológicos como para nomear a disciplina que se propõe a investigá-los. Conforme algumas correntes teóricas, a Fraseologia é considerada como uma subdisciplina da Lexicologia, enquanto para outras possui estatuto de disciplina independente.

Nesse sentido, verificou-se que, na literatura especializada, ainda não é possível encontrar um consenso referente ao *status* dessa área de conhecimento, à delimitação das unidades fraseológicas e, por extensão, à categorização dessas unidades. Independente disso, a Fraseologia, uma área de pesquisa relativamente nova, tem se destacado na pesquisa de unidades lexicais complexas e contribuído para a descrição e o ensino de línguas. Além disso, foi possível entender que o interesse pelos estudos fraseológicos estava presente em Saussure, no *Cours de linguistique générale*. Nessa obra, o referido linguista já fazia menção às combinações fixas de palavras que, para ele, eram “[...] frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 144). O autor chamou a atenção para a importância de um estudo particular para essas combinações, evidenciando que tais unidades fraseológicas existem em grande quantidade na língua.

Em 1931, as primeiras definições da Fraseologia surgiram com Polivánov, porém, na década de 1940, ela adquiriu o *status* de disciplina linguística. A partir daí, estudiosos começaram a mostrar, através de suas pesquisas, que, por meio da Fraseologia, as particularidades de uma língua e a forma de pensar de uma comunidade poderiam ser reveladas, afinal as unidades fraseológicas poderiam mostrar a relação entre identidade e cultura, bem como os contextos que motivam o seu uso.

Mejri (2012) conceitua a Fraseologia como fenômeno linguístico, comum a todas as línguas vivas, que se manifesta por meio das associações sintagmáticas recorrentes. Conforme apresenta o refe-

rido pesquisador, nesse fenômeno, atua o processo de “figement” (fixação, cristalização, congelamento), do qual resultam os fraseologismos, que apresentam graus de fixação distintos, polilexicalidade, congruência e idiomaticidade, como mostram os exemplos a seguir, presentes no *corpus* do Projeto ALiB:

**Dia da mulher.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + artigo + nome). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade: *São Luís/Maranhão/Região Nordeste do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”.

O sentido dessa unidade fraseológica não vem da simples somatória do significado individual dos componentes da estrutura complexa, mas trata-se de um sentido da unidade como um todo, em geral, de caráter idiomático, porém não somente.

Na obra *Le figement lexical – descriptions linguistiques et structuration sémantique*, publicada em 1997, pela faculdade de letras de Manouba, Tunísia, resultante de sua tese de doutoramento, Mejri elaborou um resumo crítico das investigações realizadas sobre a Fraseologia de maneira geral, como as pesquisas de Saussure, Bally, Selecheya, Potier, Benveniste, Darmasteter etc., bem como das descrições de aspectos particulares do processo da fixação. Em sua obra, Mejri (1997) propôs a descrição da estrutura semântica das sequências cristalizadas, tendo como intuito “*montrer que le figement n’est pas un fait isole mais qu’il est au contraire au centre même du fonctionnement de la langue*” (MEJRI, 1997, p. 34)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> “mostrar que a cristalização não é um fato isolado, mas que está, ao contrário, no centro do funcionamento da linguagem”. (Tradução da autora).

Nesse sentido, a Fraseologia é um fenômeno linguístico que se relaciona com todos os níveis da linguagem (desde o fonético-fonológico ao discursivo-pragmático) com o objetivo de estudar as combinações de unidades léxicas estáveis e com certo grau de idiomaticidade, que sejam polilêxicais, ou seja, compostas por mais de um item, e que integram a competência discursiva dos falantes. Por isso, esse fenômeno contempla processos de solidariedade sintagmática, compondo um bloco cuja sintaxe interna está em desacordo com a da frase livre correspondente.

Para Mejri (2011, p. 200):

- les unités phraséologiques peuvent correspondre à des unités de traduction. Dans ce cas, il serait difficile de ne pas tenir compte de cette dimension lexicale;
- ce genre d'unités véhicule le plus souvent des connotations (inférences) de toutes sortes, notamment culturelles dont toute traduction doit tenir compte;
- dans des contextes particuliers, comme celui des usages humoristiques, le contenu sémantique du texte ainsi que sa structuration générale (sa cohérence et sa cohésion) se trouve piégée par la dimension phraséologique; ce qui nécessite le recours à des adaptations ou des opérations de réécriture cherchant à sauver l'essentiel du vouloir-dire initial, même au détriment de certains aspects du texte initial<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> “- as unidades fraseológicas podem corresponder a unidades de tradução. Neste caso, seria difícil não considerar esta dimensão lexical;

- este tipo de unidades veicula em sua maioria conotações (inferências) de todos os tipos, incluindo cultural, às quais qualquer tradução deve levar em conta;

- em contextos específicos, como os de fins humorísticos, o conteúdo semântico do texto e sua estrutura geral (sua coerência e sua coesão) se prendem à dimensão fraseológica; isto requer o uso de adaptações ou operações de reescrita que procuram manter o essencial do significado original pretendido, mesmo à custa de alguns ajustes em aspectos do texto original.” (Tradução da autora)

No que diz respeito às propriedades dos fraseologismos, Mejri (2012), por exemplo, defende a noção de *continuum*, para determinadas propriedades do fraseologismo, como a fixidez e a congruência. Segundo o pesquisador, a fixação é um parâmetro para explicar o fenômeno fraseológico e descrever o mecanismo de cristalização por meio do qual as solidariedades sintagmáticas se apropriam das regras da combinatória sintagmática, no plano sintático e no semântico.

Não há possibilidade, por exemplo, na unidade fraseológica “perder a mão” (= errar alguma ação), de modificar o determinante ou adicionar um adjetivo à palavra “mão”. Realizando essas possibilidades de modificações, a unidade se desfaria, produzindo estruturas inexistentes, em relação ao sentido “errar alguma ação”, como: \*perder uma mão, \*perder as mãos, \*perder uma mão pequena.

No âmbito semântico, a fixação manifesta-se por meio da propriedade em que determinadas sequências são fixadas de uma só vez, com seu respectivo sentido, como, por exemplo, na unidade fraseológica “bater as botas” em que a cristalização também é de natureza paradigmática. É possível perceber que, nesse caso, não dá para comutar “botas” com “sapatos” ou “calçados”, sob pena de criar uma forma que não existe como tal no uso da língua portuguesa.

A noção de congruência diz respeito à adequação da estrutura sintagmática, às regras de formação das sequências fixas que explica a sua atuação nos níveis morfológico, sintático e semântico. Segundo expõe Mejri (2012), essa noção tem natureza diferente do conceito de gramaticalidade, que, como ele expôs, recai exclusivamente sobre a boa formação gramatical. Difere-se, ainda, da noção de aceitabilidade, de cunho normativo. Pelo contrário, a congruência pode ser aplicada a todos os níveis da língua, especialmente na sintaxe, na semântica e na pragmática.

Com esse novo elemento metodológico, Mejri (2012) procurou mostrar que tudo o que se encaixa nas regras da combinatória é consi-

derado congruente, enquanto o que as contraria se torna incongruente. Segundo o autor, o cruzamento das noções de fixidez e congruência permite a delimitação das sequências cristalizadas e, conseqüentemente, sua diferenciação em relação às combinatórias livres. Nesse sentido, a fixação pode ocorrer tanto no eixo sintagmático quanto no eixo paradigmático.

Segundo Mejri (1997), tal profusão denominativa está relacionada a duas razões principais: ao caráter impreciso e flutuante do conceito de palavra e à tentativa de forjar uma terminologia mais precisa para as unidades sob análise que rompa com as antigas denominações.

No que se refere à primeira razão, o referido pesquisador deixou claro que a noção de palavra, apesar de muito criticada, resiste e se mantém nas análises linguísticas, sendo em relação a ela que as denominações para as sequências cristalizadas são forjadas. Com o intuito de evitar a imprecisão decorrente da noção de palavra, a gramática tradicional propôs denominações que privilegiam a dimensão complexa das sequências cristalizadas, mas sem estabelecer suficientemente os limites conceituais entre os termos, razão pela qual coexistem nomenclaturas como: locução, expressão/frase feita, expressão idiomática, galicismo, palavra composta, fraseologismo, frasema, sequências fixas, entre outras formas.

No que diz respeito à segunda razão, relacionada à primeira, mostrou que ela tem a ver com o desejo dos linguistas, tais como Benveniste, Pottier e Martinet, de se afastarem das denominações aproximadas, com o objetivo de serem mais precisos em suas formulações, propondo, assim, respectivamente, termos como: *sinapse*, *lexia* e *synthème*.

Diante desse quadro de proliferação denominativa, Mejri (2012) sustenta que Fraseologia e fixação designam conceitos diferentes, mas complementares.

Enquanto a Fraseologia é o fenômeno linguístico que ocorre nas associações sintagmáticas recorrentes, a fixação é o processo

pelo qual essas associações se combinam. Como bem abordou Mejrí (2012), a fixação, considerada um processo universal próprio das línguas vivas, atua tanto diacronicamente quanto sincronicamente, de maneira sistemática, em todos os níveis linguísticos, ocorrendo independentemente da vontade dos locutores. Ao realizar essa diferenciação, o autor selecionou a denominação sequência fixa para se referir ao sintagma formado conforme a sintaxe da língua e que, uma vez reutilizado e usado, será uma sequência congelada.

Nessa linha teórica, Mejrí (1997) ampliou o objeto de estudo da Fraseologia para muito além dos provérbios, selecionando como principal critério, para a consideração de um elemento como Unidade Fraseológica (UF), o da polilexicalidade. Assim, ele se dedicou ao estudo do processo de fixação destas unidades, explicando que

*Le figement est en effect important à plus d'une trite: il engage toutes les dimensions du système linguistique (phonétique, syntaxe, morphologie, prosodie, sémantique, etc.). Une séquence (...) couramment employé dans la conversation de tous les jours, illustre parfaitement l'imbrication de tous les niveaux que nous venons que mentionner. (MEJRÍ, 1997, p. 23)<sup>4</sup>.*

As distintas unidades fraseológicas usadas pelos usuários da língua nos contextos comunicativos auxiliam o desenvolvimento e o funcionamento da linguagem. Na modalidade oral, o falante utiliza uma série de recursos discursivos afim de que a comunicação ocorra

---

<sup>4</sup>“O processo de fixação é, em efeito, importante: ele confirma todos os níveis do sistema linguístico (fonética, sintaxe, morfologia, prosódia, semântica, etc.). Uma sequência (...) comumente empregada em conversas diárias, ilustra perfeitamente o entrelaçamento de todos os níveis que acabamos de mencionar”. (MEJRÍ, 1997, p. 23. Tradução da autora)



da maneira mais efetiva possível. Movido pelas mais distintas intenções, o falante recorre a estruturas pré-fabricadas, grupos de palavras, novos vocábulos e sentidos, que se configuram como unidades fraseológicas, adequando-se aos variados contextos da comunicação.

Essas unidades são sequências lexicais, que podem ser mais ou menos fixas, constituídas de dois ou mais vocábulos ou até mesmo de frases inteiras, cujo sentido geralmente é entendido pelo conjunto de seus componentes. Assim, o significado do todo nem sempre corresponde à soma do significado das partes.

Conforme Mejri (1997), há cinco características consideradas essenciais para determinar uma combinação de palavras como uma unidade fraseológica: ser formada por mais de uma palavra; estar institucionalizada, ou seja, convencionada devido ao uso frequente; possuir estabilidade, visto que seus componentes mantêm certa ordem; apresentar algumas particularidades semânticas ou sintáticas; ser passível de modificações nos elementos que as integram.

Segundo o pesquisador, a sequência fixa é dita cristalizada se ela encontra uma fixação total ou parcial de regras da combinação sintagmática e da comutatividade paradigmática. Isso se dá, pois a fixação é o processo pelo qual as formações sintagmáticas têm, no seu conjunto, sintaxe interna correlacionada com o significado global, ou seja, não se pode analisar uma unidade fraseológica através de seus itens isoladamente, mas todos juntos como se fosse uma estrutura só. Este critério, seguido da polilexicalidade, é que dão norteamento para que expressões sejam analisadas e consideradas fraseologismos.

Outra importante contribuição dos estudos fraseológicos franceses para a área especificamente e também para a linguística, de modo geral, se refere à proposta teórica de Salah Mejri, para a terceira articulação da linguagem. Com essa teoria, Mejri (1997; 2012; 2018) analisa a palavra tanto em seu aspecto monolexical quanto polilexical.

A seguir, será exposto um exemplário de fraseologismos, relacionado ao campo semântico ciclos da vida, para a análise de diferentes manifestações da língua portuguesa no Brasil, caracterizadas por usos, por um conjunto de áreas urbanas, geograficamente definidas e linguisticamente identificadas. Serão apresentadas as unidades fraseológicas presentes no repertório linguístico de falantes das capitais brasileiras, com base no que registram os dados do Projeto ALiB, na sua essência, um projeto linguístico porque busca documentar, descrever e interpretar a realidade do português brasileiro falado.

## **2. O que os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil nos revelam**

O caráter de que se reveste o Projeto ALiB<sup>5</sup> possui duas evidentes implicações: por um lado, inspira e fundamenta a sua concepção na pluralidade do conhecimento; por outro, permite que, dos resultados que venha a oferecer, se beneficie amplo espectro das ciências na atualidade.

No que se refere ao primeiro dos aspectos, a concepção do Projeto conduziu a que se recorresse a diferentes campos do conhecimento. A definição da rede de pontos para levantamento de dados requereu aprofundado conhecimento no âmbito da história, da antropologia, da demografia, da geografia física, humana e política

---

<sup>5</sup> Após o falecimento da querida Suzana Alice Marcelino Cardoso, Diretora-Presidente do Projeto ALiB, o Comitê Nacional ficou, assim, constituído: Diretora-Presidente, Jacyra Andrade Mota, Diretora Executiva, Silvana Soares Costa Ribeiro, e Diretores Científicos, Abdelhak Razky, Aparecida Negri Isquerdo, Conceição Maria de Araújo Ramos, Fabiane Cristina Altino, Felício Wessling Margotti, Marcela Moura Torres Paim, Maria do Socorro Silva de Aragão, Marilúcia Barros de Oliveira, Regiane Coelho Pereira Reis, Valter Pereira Romano e Vanderci de Andrade Aguilera.

e, sobretudo, dos estudos culturais, da economia de cada região, do desenvolvimento social e político, do aspecto religioso. A seleção de localidade reflete não apenas o interesse linguístico, mas também o perfil sócio-histórico das zonas mapeadas e se, por um lado, é um indicador de importância para a visão de língua, por outro, encerra um relevante feixe de correlações sócio-histórico-culturais.

No que se refere à seleção de informantes, fez-se necessário um estudo da formação demográfica do Brasil, da constituição da sociedade, dos aspectos sociológicos e antropológicos que marcam a composição da população brasileira, a que se adiciona um conhecimento da realidade social na qual se inserem os entrevistados. Isso levou a que se buscasse harmonizar diferentes variáveis sociais — como idade, sexo, escolaridade — para se obter uma amostra linguística representativa da realidade do País.

A determinação do tipo de informante que forneceu os dados de fala para a constituição do *corpus* do Projeto ALiB levou em consideração a decisão metodológica de se contemplarem dimensões sociais — diasssexual, diageracional e diastrática —, ao lado da diatópica, afastando-se, portanto, do perfil que Chambers e Trudgill (1994, p. 57) identificam como NORM (*nonmobile, older, ruralmale*) e inserindo-se na metodologia contemporânea da Geolinguística Pluridimensional.

Dessa forma, os informantes, em número de quatro em cada ponto — exceto nas capitais de Estado, onde foram inquiridos oito informantes —, distribuem-se igualmente pelos dois sexos, em cada localidade, perfazendo um total de quinhentos e cinquenta homens e quinhentos e cinquenta mulheres, possibilitando a análise da variação diasssexual.

No que diz respeito à variação diageracional, os informantes pertencem a duas faixas etárias: faixa 1, de 18 a 30 anos, e faixa 2, de 50 a 65 anos.

No que se refere à variação diastrática, incluem-se, nas capitais de Estado, informantes de dois níveis de escolaridade: quatro com curso fundamental incompleto – como nas demais localidades do interior – e quatro com nível de escolarização universitário.

Como é norma em trabalhos de natureza geolinguística, os 1.100 informantes são naturais da localidade e filhos de pessoas naturais da mesma área linguística. Não se afastaram da localidade por períodos muito longos e contínuos e esses períodos de afastamento não coincidem com os primeiros anos de vida do indivíduo (fase de aquisição da linguagem), nem com os anos imediatamente anteriores àquele em que se realizou o inquérito.

Entre os pontos que podem ser arrolados como positivos no Projeto, destacam-se:

a) o questionário linguístico – o questionário linguístico do ALiB, pela sua amplitude com relação aos diversos níveis de estudo da língua, tem servido de base para a elaboração de questionários específicos, em pesquisas diversas, para trabalhos de pós-graduação e para a realização de atlas linguísticos regionais;

b) a implementação de atlas regionais, com o conseqüente crescimento de grupos de pesquisa na área da Dialetoлогия, e o aumento do número de trabalhos de pós-graduação sobre aspectos da dialetoлогия brasileira.

Finalizada a recolha de dados da rede programada, algumas considerações iniciais já podem ser realizadas sobre áreas dialetais brasileiras. O resultado imediatamente esperado do Projeto ALiB é, evidentemente, a produção do próprio atlas, cujos volumes iniciais, *Introdução* (CARDOSO et al, 2014a) e *Cartas Linguísticas I* (CARDO-SO et al, 2014b), foram publicados há sete anos.

Apesar dos limites da metodologia da pesquisa dialetal, em geral com perguntas e respostas objetivas para averiguar variações fonéticas e lexicais, o Projeto ALiB investiu numa metodologia pluridimensional. E, como as investigações realizadas, no âmbito do Projeto VALEXTRA, foram de âmbito qualitativo e não quantitativo, buscou-se, no *corpus*, o registro, de unidades fraseológicas, com base em dados orais de cunho geolinguístico, no português falado do Brasil.

### **3. O exemplário fraseológico no *corpus* do Projeto ALiB**

Na vigência do Projeto VALEXTRA, foi produzido um exemplário com o intuito de documentar os fraseologismos registrados nas capitais do Projeto ALiB. Nesse sentido, ele é destinado a estudiosos da língua portuguesa e de suas variações, bem como a interessados pela realidade linguística brasileira, aqui representada pelas unidades fraseológicas de falantes das capitais brasileiras, além de estudantes de Ensino Fundamental, Médio e Universitário.

Para facilitar a consulta a todos os públicos, ordenaram-se as entradas em ordem alfabética, mostrando as unidades fraseológicas levantadas no *corpus* do Projeto ALiB como respostas polilexicais para as perguntas do questionário semântico-lexical. O exemplário teve como fonte um *corpus* de dados geolinguísticos, coletados nas capitais brasileiras na primeira década dos anos 2000, e pretendeu fornecer dados que poderão contribuir para a ampliação dos estudos lexicais e também subsidiar o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa, pois disponibiliza um repertório lexical dos informantes entrevistados.

No que se refere à coleta dos dados geolinguísticos, foram entrevistadas 200 pessoas naturais de 25 capitais brasileiras, respeitando-se o perfil pré-determinado pelo Projeto ALiB.

O referido questionário, utilizado nas entrevistas, investiga os nomes dados a conceitos pertinentes a 14 áreas semânticas, a saber: acidentes geográficos; fenômenos atmosféricos; astros e tempo; atividades agropastoris; fauna; corpo humano; ciclos da vida; convívio e comportamento social; religião e crenças; jogos e diversões infantis; habitação; alimentação e cozinha; vestuário e acessórios e vida urbana.

Neste texto, o repertório lexical disponibilizado contempla conceitos referentes à área semântica e foi organizado da seguinte forma:

1 = Unidade fraseológica (apresentada conforme a ordem alfabética)

2 = Informação gramatical (classificação do sintagma (nominal ou verbal) bem como a sua composição (nome + nome; verbo + nome dentre outras possibilidades de estruturas))

3 = Definição (informação por meio de texto definitório acerca da unidade fraseológica em questão)

4 = Localidade(s) (organizada por cidade/estado/região do Brasil, seguindo a ordem: região norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul)

5 = Fonte de referência (indicando o tipo do questionário, o número da questão, a área semântica e a reprodução da formulação da pergunta)

6 = Contexto (exemplo, extraído do *corpus* do Projeto ALiB, de pelo menos uma capital de cada região do Brasil. Aqui, serão encontradas as abreviaturas INQ, que significa inquiridor, ou seja, o entrevistador, e INF, que diz respeito ao informante que foi entrevistado).

No intuito de ilustrar o trabalho realizado, apresentam-se as unidades fraseológicas a seguir:

**Dia da mulher.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + artigo + nome). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): São Luís/Maranhão/Região Nordeste do Brasil. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF: É menstruação. INQ: O senhor sabe se usam outro nome além desse? INF: É diz que é a semana da mulher, *os dia, os dia da mulher*. (São Luís, homem, faixa 2, fundamental).

**Escrever com tinta vermelha.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + nome + adjetivo). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): São Luís/Maranhão/Região Nordeste do Brasil. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses, como é que chama-se isso? INF: Menstruação. INQ: Conhece outros nomes assim que a gente chama? INF: Regra. INQ: As mulheres, as pessoas chamam? INF: Regra. Ahn! Chico. INQ: Ah! Vai lembrando, são esses nomes mesmo. INF: Regra, chico, uhn! Bode. Anh! Bode e *escrever com tinta vermelha*. INQ: Ah! Interessante, né? (risos) INF: *Escrever com tinta vermelha*. (São Luís, mulher, faixa 2, universitário).

**Estar boiada.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + adjetivo). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): Curitiba/Paraná/Região Sul do Brasil. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses.

Como se chama isso?”. Contexto: INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses, como é que chama-se isso? INF: Menstruação. INQ: Conhece outros nomes assim que a gente chama? INF: *Tá boiada*. (Curitiba, mulher, faixa 1, fundamental).

**Estar com/de boi.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + nome). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): *Natal/Rio Grande do Norte/Região Nordeste do Brasil; João Pessoa/Paraíba/Região Nordeste do Brasil; Recife/Pernambuco/Região Nordeste do Brasil; Maceió/Alagoas/Região Nordeste do Brasil; Aracaju/Sergipe/Região Nordeste do Brasil; Salvador/Bahia/Região Nordeste do Brasil; Vitória/Espírito Santo/Região Sudeste do Brasil; Florianópolis/Santa Catarina/Região Sul do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses, como é que se chama isso? INF: Menstruação, chama *tá de boi*, né? (Natal, homem, faixa 1, universitário). INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses, como é que se chama isso? INF: Menstruação. INQ: O nome mais comum assim, bem quando você tá falando com uma amiga. Hoje eu tô do quê? INF: Hoje eu tô menstruada. INQ: Mas não tem um nome mais comum? INF: Hoje eu *tô de boi* (rindo). INQ: Isso como é que chama? INF: Hoje eu *tô de boi*. (Vitória, mulher, faixa 1, fundamental); INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses, né? Como se chama isso? INF: Na, na, na na, assim, o manezinho, o manezinho, o manezinho, que eu toda a vida eu conheci, *tá com boi*, tá. Já em Santos, que eu morava lá em Guarujá, é pacote, e hoje em dia na língua, no linguarejo, é menstruação, menstruada, mas no interior é boi, a mulher *tá com boi* (risos). (Florianópolis, homem, faixa 2, fundamental).



**Estar com/de/em regras.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + nome). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): *Boa Vista/Roraima/Região Norte do Brasil; Salvador/Bahia/Região Nordeste do Brasil; São Paulo/São Paulo/Região Sudeste do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: Agora ciclos da vida. As mulheres perdem sangue todos os meses, como chama isso? INF: Menstruação. INQ: Agora eu quero os nomes populares? INF: Ah, é? INQ: “Não vou pra piscina hoje porque eu tô?” INF: Tô de bandeira vermelha. INQ: Isso. O que mais? INF: Sinal vermelho, *tô de regras*, das mais antigas chamam regras. INQ: É. INF: Tô de bode. INQ: Isso. Tua geração. INF: Aí que nome feio, eu acho horrível. INQ: (risos) INF: Tô de bode. INQ: Da tua geração. INF: Da minha geração é tô menstruada, tô naqueles dias, tô de bandeira vermelha, sinal vermelho. INQ: Certo. INF: Tem, tem, tem outros nomezinhos que hoje as menininhas usam mais. INQ: Ah, é? INF: Mas que eu não me lembro agora. INQ: Se você lembrar, depois você me fala. INF: Mas esses nomes assim. A maioria do povo mesmo assim popular, os mais antigos é: tô de bode. INQ: Tô de bode. INF: Né? INQ: E ponto final. INF: Eu acho horrível. INQ: É? INF: Eu não gosto muito não. INQ: Você não usa? INF: Não, eu não, mas que eu ouço, ouço, né? (Boa vista, mulher, faixa 1, universitário); INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses, como chama isso? INF: Menstruação. INQ: Chama de outro jeito? INF: Chama. INQ: Como? INF: Uns chama (inint)... ((pausa)) INQ: Sim. A gente estava falando, né? INF: É. INQ: Sobre as mulheres. As mulheres perdem sangue todos os meses. Aí, o senhor estava dizendo como é que se chama isso. INF: Uns diz que *tá de regra*. INQ: Ham. INF: Outros diz que *tá de boi*. (Salvador, homem, faixa 2, fundamen-

tal); INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses, como chama isso? INF: Estão menstruadas, mas *estão de regras*, acho que era isso que falavam, *estão em regras, estão com regras*. INQ: Tem outros nomes? INF: Ah, tem assim, popularmente tá de chico, era uma expressão, num sei que lá que chico, mas hoje fala tá menstruado, hoje é mais menstruada mesmo. (São Paulo, homem, faixa 2, universitário).

**Estar de bandeira.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + nome). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): *Curitiba/Paraná/Região Sul do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: Como é que chama aquele sangue que a mulher perde todo mês? INF: É menstruações. INQ: Como? INF: Menstruações. INQ: E tem outro nome? INF: Ah, chamam de chico até também, né? Chamam ou não chamam? INQ: Chamam, então vamos falar os outros nomes que a gente sabe? INF: É, acho que é só isso que eu sei. INQ: Só? Só tá de chico? INF: Diz, ah, eu tô de chico (risos), bandeira, *tô de bandeira*. INQ: De bandeira também, lá na minha terra também, a gente fala bandeira, engraçado, né? INF: É. (Curitiba, mulher, faixa 2, fundamental);

**Estar de bandeira vermelha.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + nome + adjetivo). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): *Boa Vista/Roraima/Região Norte do Brasil; Fortaleza/Ceará/Região Nordeste do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: Agora ciclos da vida. As mulheres perdem sangue todos os meses, como chama isso? INF: Mens-

truação. INQ: Agora eu quero os nomes populares... INF: Ah, é? INQ: “Não vou pra piscina hoje porque eu tô...” INF: *Tô de bandeira vermelha*. INQ: Isso. O que mais? INF: Tô de sinal vermelho, tô de regras, das mais antigas, chamam regras. INQ: É. INF: Tô de bode. INQ: Isso. Tua geração. INF: Aí, que nome feio, eu acho horrível. INQ: (risos) INF: Tô de bode. INQ: Da tua geração. INF: Da minha geração, é tô menstruada, tô naqueles dias, *tô de bandeira vermelha*, tô de sinal vermelho. INQ: Certo. INF: Tem, tem, tem outros nomezinhos que hoje as menininhas usam mais. INQ: Ah, é? INF: Mas que eu não me lembro agora. INQ: Se você lembrar, depois você me fala. INF: Mas esses nomes assim. A maioria do povo mesmo assim popular, os mais antigos é: tô de bode. INQ: Tô de bode. INF: Né? INQ: E ponto final. INF: Eu acho horrível. INQ: É? INF: Eu não gosto muito não. INQ: Você não usa? INF: Não, eu não, mas que eu ouço, né? (risos) (Boa Vista, mulher, faixa etária 1, universitário); INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como é que chama isso? INF: Menstruação, *tá de bandeira vermelha*, tá de bode, regra. (Fortaleza, mulher, faixa etária 1, fundamental).

**Estar de bode.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + nome). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): *Manaus/ Amazonas/ Região Norte do Brasil; Belém/ Pará/ Região Norte do Brasil; Rio Branco/ Acre/ Região Norte do Brasil; Porto Velho/ Rondônia/ Região Norte do Brasil; Macapá/ Amapá/ Região Norte do Brasil; Boa Vista/ Roraima/ Região Norte do Brasil; Teresina/ Piauí/ Região Nordeste do Brasil; São Luís/ Maranhão/ Região Nordeste do Brasil; Fortaleza/ Ceará/ Região Nordeste do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB/ questão 121/ área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”*. Contexto: INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como chama isso? INF: É, aqui eles chamam regra, raramen-

te se diz menstruação ou a mulher tá naqueles dias, são essas expressões mais, ou então, eles usam um termo, assim, mais pejorativo, né, a mulher *tá de bode* (Manaus, homem, faixa etária 2, universitário); INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como chama isso? INF: Menstruação. INQ: Existem assim alguns nomes populares? INF: *Tá de bode*. (Teresina, mulher, faixa etária 1, universitário);

**Estar de chico.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + nome). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): *Manaus/ Amazonas/ Região Norte do Brasil; São Paulo/ São Paulo/ Região Sudeste do Brasil; Belo Horizonte/ Minas Gerais/ Região Sudeste do Brasil; Curitiba/ Paraná/ Região Sul do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB/ questão 121/ área semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: Como é que chama aquele sangue que a mulher perde todo mês? INF: Menstruação ou ciclo menstrual. INQ: Mas agora o nome bem popular? INF: Menstruação. INQ: Não, popular! INF: Ah, é feio. INQ: Não, é feio nada, não tem palavrão. INF: Regras, né? INQ: Que mais? INF: Tem gente que fala de bode também. INQ: De bode tem também, e tem outros nomes mais? INF: Não, só são esses. INQ: Lá na minha terra é *tô de chico*. INF: Ah, minha ex patroa falava assim. INQ: Também? INF: Mas ela era daqui mesmo de Manaus, mas falava. INQ: Falava como? INF: *Tá de chico*, porque eu sentia muitas cólicas e eu morava com ela né? Então, ela falava. (Manaus, mulher, faixa 1, fundamental); INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses, né? Como é que se chama isso? INF: Aqui pra nós é tudo menstruação, né? INQ: Isso. Tem algum nome mais folclórico, mais popular, que a gente falava quando era mais mocinha? Hoje eu tô do quê? O que que veio pra mim? INF: (risos) Aí, não, antigamente a gente, quando

tava menstruada lá muito, nos anos de guaraná de rolha, né (risos) INQ: Guaraná de rolha é bom! INF: A gente falava assim: "Ixe, eu *tô de chico*" (risos) que eu achava o máximo, né! INQ: É isso mesmo. No meu tempo também. INF: Aí que horror né? Agora cê fala menstruação é mais assim delicado, né? (risos) (São Paulo, mulher, faixa 2, fundamental); INQ: Como é que chama aquele sangue que a mulher perde todo mês? INF: É menstruações. INQ: Como? INF: Menstruações. INQ: E tem outro nome? INF: Ah, chamam de chico até também, né? Chamam ou não chamam? INQ: Chamam, então vamos falar os outros nomes que a gente sabe? INF: É, acho que é só isso que eu sei. INQ: Só? Só tá de chico? INF: Diz, ah, eu *tô de chico* (risos), bandeira, *tô de bandeira*. INQ: De bandeira também, lá na minha terra também, a gente fala bandeira, engraçado, né? INF: É. (Curitiba, mulher, faixa 2, fundamental).

**Estar de sinal vermelho.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + nome + adjetivo). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): *Boa Vista/Roraima/Região Norte do Brasil; Fortaleza/Ceará/Região Nordeste do Brasil; Belo Horizonte/Minas Gerais/Região Sudeste do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida*: "As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?". Contexto: INQ: Agora ciclos da vida. As mulheres perdem sangue todos os meses, como chama isso? INF: Menstruação. INQ: Agora, eu quero os nomes populares. INF: Ah, é? INQ: "Não vou pra piscina hoje porque eu *tô...*" INF: *Tô de bandeira vermelha*. INQ: Isso. O que mais? INF: *Tô de sinal vermelho*, *tô de regras*, das mais antigas, chamam regras. INQ: É. INF: *Tô de bode*. INQ: Isso. Tua geração. INF: Aí, que nome feio, eu acho horrível. INQ: (risos) INF: *Tô de bode*. INQ: Da tua geração. INF: Da minha geração é *tô menstruada*, *tô naqueles dias*,

tô de bandeira vermelha, *tô de sinal vermelho*. INQ: Certo. INF: Tem, tem, tem outros nomezinhos que hoje as meninas usam mais. INQ: Ah, é? INF: Mas que eu não me lembro agora. INQ: Se você lembrar, depois você me fala. INF: Mas esses nomes assim. A maioria do povo mesmo assim popular, os mais antigos é: *tô de bode*. INQ: *Tô de bode*. INF: *Né?* INQ: E ponto final. INF: Eu acho horrível. INQ: *É?* INF: Eu não gosto muito não. INQ: Você não usa? INF: Não, eu não, mas que eu ouço, né? (risos) (Boa Vista, mulher, faixa etária 1, universitário); INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses, como chama isso? INF: Menstruação. INQ: Conhece outro nome? INF: Sangramento, é *tá de bode*, *tá tem muito nome*. Minha irmã, ela fala *tô de sinal vermelho* porque não pode fazer coisas. (Fortaleza, mulher, faixa etária 1, universitário); INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses, como chama isso? INF: Sinal vermelho, eu falo *tô de sinal vermelho*. (Belo Horizonte, mulher, faixa etária 1, fundamental).

**Estar doente.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + adjetivo). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): *Maceió/Alagoas/Região Nordeste do Brasil; Belo Horizonte/Minas Gerais/Região Sudeste do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/question 121/área semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF: Menstruação. Eu chamo menstruação, né? Os mais velho diz é “sangramento”, essas coisa assim. A minha mãe diz que “*fulano tá doente*”, minha mãe diz que *tá doente*, pra mim é menstruação. (Maceió, mulher, faixa etária 1, fundamental); INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF: Menstruação. INQ: E o popular? E os populares? INF: É. INQ: *Tá de quê?* INF: *Tá de chico*. INQ: Tem outros assim? INF: Tem. É falava assim, quando a gente era menina

falava muito: “*eu tô doente*”. INQ: É doente. INF: Eu *tô doente*, é. Nesse sentido de menstruar, né? (Belo Horizonte, mulher, faixa etária 2, universitário).

**Estar incomodada.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + adjetivo). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): *Manaus/ Amazonas/ Região Norte do Brasil; João Pessoa/ Paraíba/ Região Nordeste do Brasil; Recife/ Pernambuco/ Região Nordeste do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB/ questão 121/ área semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: As mulheres perdem o sangue todo mês. Como é que chama isso aqui? Esse sangue que as mulheres perdem todo mês? INF: Menstruação. INQ: E agora, outros nomes populares? INF: Menina, tem muito nome pra menstruação. Olha, quando eu estudava, a gente dizia assim ‘*estou incomodada*’, que a gente dizia... na... na escola, né? Quando eu não queria fazer educação física, quando eu não queria, às vezes, eu inventava, eu dizia, que eu tava, se eu ficava menstruada no final do mês que num tinha educação física, daí eu pegava e inventava, quando ela via que eu tava cum preguiça me chamava. Daí é “*estou incomodada*”. (Manaus, mulher, faixa etária 2, universitário); INQ: As mulheres perdem o sangue todo mês. Como é que chama isso? INF: Menstruação. INQ: Outros nomes assim populares? INF: O povo que diz que é doente, que é doente, *tá incomodada*, *tá* menstruada, *tá* naqueles dias (risos), naqueles dias é ótimo, é, deixa eu ver mais, boi, tem gente que diz: *tô* de boi. *Ave Maria*<sup>6</sup>, é triste. (risos). (João Pessoa, mulher, faixa etária 2, universitário).

---

<sup>6</sup> Seguindo a teoria de Mejri (2018), a expressão *Ave Maria* é classificada como pragmatema.

**Estar naqueles dias.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + pronome + nome). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): *Boa Vista/Roraima/Região Norte do Brasil; Manaus/Amazonas/Região Norte do Brasil; Macapá/Amapá/Região Norte do Brasil; João Pessoa/Paraíba/Região Nordeste do Brasil.* Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida:* “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: Agora ciclos da vida. As mulheres perdem sangue todos os meses, como chama isso? INF: Menstruação. INQ: Agora eu quero os nomes populares? INF: Ah, é? INQ: “Não vou pra piscina hoje porque eu tô?” INF: Tô de bandeira vermelha. INQ: Isso. O que mais? INF: Sinal vermelho, tô de regras, das mais antigas chamam regras. INQ: É. INF: Tô de bode. INQ: Isso. Tua geração. INF: Aí que nome feio, eu acho horrível. INQ: (risos) INF: Tô de bode. INQ: Da tua geração. INF: Da minha geração é tô menstruada, *tô naqueles dias*, tô de bandeira vermelha, sinal vermelho. INQ: Certo. INF: Tem, tem, tem outros nomezinhos que hoje as menininhas usam mais. INQ: Ah, é? INF: Mas que eu não me lembro agora. INQ: Se você lembrar, depois você me fala. INF: Mas esses nomes assim. A maioria do povo mesmo assim popular, os mais antigos é: tô de bode. INQ: Tô de bode. INF: Né? INQ: E ponto final. INF: Eu acho horrível. INQ: É? INF: Eu não gosto muito não. INQ: Você não usa? INF: Não, eu não, mas que eu ouço, ouço, né? (Boa vista, mulher, faixa 1, universitário); INQ: As mulheres perdem o sangue todo mês. Como é que chama isso? INF: Menstruação. INQ: Outros nomes assim populares? INF: O povo que diz que é doente, que é doente, tá incomodada, tá menstruada, *tá naqueles dias* (risos), *naqueles dias* é ótimo, é, deixa eu ver mais, boi, tem gente que diz: tô de boi. Ave Maria, é triste. (risos). (João Pessoa, mulher, faixa etária 2, universitário).



**Estar naquele tempo.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + pronome + nome). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): *Maceió/Alagoas/Região Nordeste do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF: A gente aqui, olhe, aqui tem vários nome, né? A gente pode chamar menstruação, muita gente chama boi, muita gente chama regra, muita gente diz assim: naqueles dias, tá entendendo? INQ: Agora, essa muita gente, assim, vamos dizer, é mais o quê, o pessoal mais jovem, o pessoal mais velho, o pessoal como? INF: Em qual? Chamando qual? INQ: Chamando, por exemplo, boi? INF: Boi geralmente é aquelas pessoas ignorante, antiga, né? INQ: Hum, o pessoal mais antigo. INF: Agora, a gente não, a gente já diz menstruação, né? INQ: É. Hum, o pessoal já mais da cidade, já diz menstruação, né? INF: É, é já diz menstruação. INQ: Tá. E regra, quem é que fala, mais ou menos, é esse pessoal mais antigo, também? INF: Também, é. INQ: Também, né? INF: É. A minha sogra mesmo, ela dizia muito assim: “Naqueles tempo”. Aí até meu marido, com o costume dela, aí, às vezes, ele diz, ele sempre diz, sabe? Quando eu tô meia nervosa, ele diz: “Ói, toda vez que você tá *naqueles tempo*, você fica assim.” INQ: (risos) quando a mãe dele dizia, é, ele, aí, aprendeu, claro. INF: Dizia, é, é os tabus, né? INQ: É, isso é costume, antigamente, falavam. (Maceió, mulher, faixa 2, universitário).

**Estar no dia.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + artigo + nome). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): *Vitória/Espírito Santo/Região Sudeste do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área*

*semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF: Menstruação. INQ: E um mais comum? INF: Um mais comum? INQ: Tem um nome mais comum? INF: Não, tem gente que fala que *tá no dia*, chegou a hora, essas coisas (risos). (Vitória, mulher, faixa 1, fundamental).

**Estar nos dias dela.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + artigo + nome + pronome). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): *Belém/Pará/Região Norte do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/question 121/área semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF: Regra, a mulher está regrada, na língua popular dos homens a mulher *está de bode, nos dias dela*. (Belém, homem, faixa 2, fundamental).

**Estar nos dias difíceis.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + artigo + nome + adjetivo). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): *Natal/Rio Grande do Norte/Região Nordeste do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/question 121/área semântica: ciclos da vida*: “Chama-se a parteira quando a mulher está para?”. Contexto: INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF: O período menstrual. INQ: Outros nomes aí? Outros nomes, assim, populares, que as pessoas chamam? INF: Vixe, tem muitos nomes. INQ: Então, vamos. INF: Mulher está de boi, está nos dias especiais, tá de tê pê eme (= TPM), *tá nos dias difíceis* (risos). (Natal, mulher, faixa 2, universitário).

**Estar nos dias especiais.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + artigo + nome + adjetivo). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): *Natal/Rio Grande do Norte/Região Nordeste do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida*: “Chama-se a parteira quando a mulher está para?”. Contexto: INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF: O período menstrual. INQ: Outros nomes aí? Outros nomes, assim, populares, que as pessoas chamam? INF: Vixe, tem muitos nomes. INQ: Então, vamos. INF: Mulher está de boi, *está nos dias especiais*, tá de tê pê eme (= TPM), tá nos dias difíceis (risos). (Natal, mulher, faixa 2, universitário).

**Estar regrada.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + adjetivo). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): *Belém/Pará/Região Norte do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida*: “Chama-se a parteira quando a mulher está para?”. Contexto: INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF: Regra, a mulher *está regrada*, na língua popular dos homens, a mulher está de bode, nos dias dela. (Belém, homem, faixa 2, fundamental).

**Semana da mulher.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + artigo + nome). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade(s): *São Luís/Maranhão/Região Nordeste do Brasil*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses, como chama isso? INF: É menstruação. INQ: O senhor sabe se usam outro nome além desse? INF: É diz que é a *semana da mulher*, os dias da mulher, mas eu conheço mais mesmo por menstruação. (São Luís, homem, faixa 2, fundamental).

Foram registradas 20 unidades fraseológicas distintas para se referir ao sangue que as mulheres perdem todos os meses, nas capitais brasileiras, que compõem o *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. De tudo que se desenvolveu, além de estabelecer um fórum de trabalho com vistas à manutenção e ao desenvolvimento das pesquisas nas áreas de Dialetologia e de Fraseologia, foi possível, também: promover, nos âmbitos nacional e internacional, a discussão e o intercâmbio de experiências entre grupos de pesquisadores, professores e estudantes da área de Linguagem; efetivar discussões relativas à metodologia do trabalho dialetológico e fraseológico; contribuir para a melhoria da educação continuada dos professores dos ensinos Universitário, Médio e Fundamental e para a preparação de jovens pesquisadores, especialmente estudantes de graduação e pós-graduação com o oferecimento de minicursos e oportunidades de aperfeiçoamento no campo dos estudos fraseológicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, os quatro anos do Projeto CAPES-COFECUB 838/15, fruto dos contatos iniciados pela saudosa e querida Suzana Alice Marcelino Cardoso, e a quem se deve eterna gratidão, foram bem intensos e repletos de atividades com um banco de dados que proporcionou uma amostra da riqueza fraseológica de que se reveste a língua portuguesa. A interação com a realidade cultural da área em que se inserem as denominações mostrou a explícita relação homem-meio.

A pesquisa das unidades fraseológicas das capitais brasileiras permitiu, a título de conclusão, verificar que as unidades fraseológicas, levantadas através das entrevistas realizadas nas 25 capitais, contemplam a polilexicalidade e refletem a estabilidade no sentido atribuída por Mejrí (1997) de relação tão estreita entre os elementos que os leva a perderem o significado primário para adquirirem um novo sentido.

Durante o período de vigência do Projeto CAPES-COFECUB 838/15, os trabalhos desenvolvidos possibilitaram muitos aprendizados, contribuindo para pesquisa na área da Linguística. Por tudo isso, é importante registrar o agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior que permitiu a concretização dessa parceria, dando a oportunidade de divulgar o Projeto Atlas Linguístico do Brasil no exterior, de compartilhar experiências, consequentemente, de enriquecer a trajetória acadêmica de todos os envolvidos nesse encontro entre a Dialetologia e a Fraseologia.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, S. A. M. et al. **Atlas linguístico do Brasil**, v. 1. Londrina: Ed. UEL, 2014a.

\_\_\_\_\_. **Atlas linguístico do Brasil**, v. 2. Londrina: Ed. UEL, 2014b.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La dialectología**. Tradução de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

COMITÊ NACIONAL. **Atlas Linguístico do Brasil**. Questionários. Londrina: Ed. UEL, 2001.

MEJRI, S. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. V.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. p. 139-156.

MEJRI, S. **Le figement lexical**: descriptions linguistiques et structuration sémantique. Manouba: Publications de la Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.

PAIM, M. M. T.; SFAR, I.; MEJRI, S. **Nas trilhas da Fraseologia a partir de dados orais de natureza geolinguística**. Quarteto: Salvador, 2018.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

# A IDADE MÉDIA E OS ANIMAIS – ALGUNS EXEMPLOS NA PAREMIOLOGIA LATINA

Álvaro Alfredo Bragança Júnior

## À GUIA DE INTRODUÇÃO

Embora dentro da longa duração da Idade Média tenham proliferado vários gêneros literários, evidenciando a falsa noção de uma “Idade das Trevas”, um dos menos revisitados no cenário acadêmico brasileiro prende-se à utilização de animais com função didático-moralizante dentro de exercícios paremiológicos em latim, muito comuns no espaço germanófono continental a partir do século XI<sup>1</sup>.

Sem dúvidas, a existência de uma tradição fabulística oriunda da Antiguidade Clássica, bem atestada por Esopo, Fedro e Aviano contribuiu decisivamente para a retomada dos animais nas épocas do medievo e sua metaforização de vícios e virtudes do próprio ser humano, como bem atesta Joyce E. Salisbury (1994, p. 105), ao afirmar “... as pessoas podem ver um animal agindo como um homem, a metáfora pode ser eficaz nos dois sentidos, revelando o animal dentro de cada ser humano.” Além de fabulários, bestiários e livros de falcoaria foram produzidos nas cortes e nos *scriptoria* medievais.

No entanto, objeto deste artigo serão alguns animais, a saber, o asno, o boi, o cavalo e o porco, os quais, a partir de interpretações denotativas associadas aos seus comportamentos na natureza servi-

---

<sup>1</sup> Para uma análise mais precisa sobre provérbios em latim medieval no território do Sacro Império Romano ver BRAGANÇA JÚNIOR (2012).

rão também como modelos conotativos relacionados aos homens, dignos de louvor ou reprimenda, normalmente parametrizados consoante a exegese eclesiástica.

Nesse sentido é bom que tenhamos sempre em mente que os animais participam intensamente da vida durante o medievo e integram não apenas o cenário real de casas, currais, bosques, mares e florestas, como também habitam o próprio imaginário dos homens de então, de unicórnios a grifos - imaginários, de lobos a ovelhas - reais. A construção da cultura medieval embasa-se tanto a partir dos *litterati* quanto dos camponeses em uma circularidade que forma o seu conjunto.

Após este breve preâmbulo, partamos para alguns comentários acerca do *corpus* paremiológico e os animais por nós selecionados para estas reflexões de ordem linguístico-cultural.

## 1. Paremiologia medieval latina

Em uma primeira leitura, pode-se pensar que o título genérico de *libri proverbiorum* poderia designar exclusivamente listas extensas com provérbios em uso ou conhecidos na Idade Média. Sobre a delimitação espaço-temporal de nosso trabalho, todavia, a bibliografia é escassa. Tem-se nosso *corpus*-fonte, os **Lateinische Sprichwörter und Sinnsprüche des Mittelalters**, de Jakob Werner, a obra monumental de Hans Walther, **Proverbia sententiaeque latinitatis medii aevi. Lateinische Sprichwörter und Sentenzen des Mittelalters in alphabetischer Anordnung**, de 1963, com mais de 45.000 parêmiias e a mais recente compilação, a cargo de Hans Walther e Paul G. Schmidt, **Proverbia sententiaeque Latinitatis medii ac recentioris aevi: nova series**. A tradição paremiológica alemã com relação à Idade Média privilegia a listagem alfabética de provérbios e expressões proverbiais em latim, carecendo de mais estudos histórico-filológicos adequados.



Nosso objetivo é, pois, não apenas arrolar provérbios para uma análise formal, porém inseri-los dentro de uma perspectiva que abranja sua circulação dentro de um universo cultural, no qual os animais eram (re)conhecidos como portadores de traços comportamentais analogamente similares aos dos seres humanos.

É interessante, destarte, notar que o termo *provérbio*, por nós aqui empregado, se coaduna com a nossa proposta de definição do mesmo, por nós considerado como

uma unidade fraseológica caracterizada externamente por uma certa concisão e brevidade e, no plano interno, por apresentar elementos metafóricos que contém uma mensagem de valores gerais referendada através de gerações e que deve ser seguida. Atua em nível do discurso escrito corrente na literatura medieval em língua latina como meio pedagógico... (BRAGANÇA JÚNIOR, 2012, p. 24-25).

Dentro do espaço germanófono por nós abordado nestas linhas – Sacro Império Romano<sup>2</sup>, a tradição de exercícios escolares de latim para a formação de futuros eclesiásticos, aptos a se articularem em defesa dos interesses da Igreja, configurou a listagem de inúmeras expressões, que se tornaram conhecidas e em uso durante boa parte da Baixa Idade Média e Idade Média Tardia. A base, sob a qual se assentavam as expressões originais em latim clássico, eram reapropriadas, a fim de possibilitar uma adequação aos ideais a serem alcançados pelo clero. Para tanto, alguns temas foram privilegiados por serem coti-

---

<sup>2</sup> Não podemos ainda nos referir a Sacro Império Romano-Germânico, já que a qualificação “Germânico” só foi incorporada em 1512 ao nome oficial.

dianos ao homem medieval<sup>3</sup>, logicamente norteados pela visão do sagrado defendida pela Igreja, sendo que as parêmias refletiam atitudes, sentimentos, condutas, modos de agir e de pensar condizentes ou não a um cristão. Como um dos principais elementos veiculadores dessas mensagens encontramos os animais, por nós apresentados a seguir.

## 2. Os animais no *corpus* de Werner – uma listagem

A obra de Jakob Werner de 1912, inserida na **Sammlung mittelateinischer Texte** (Coleção de textos de latim medieval), volume 3, pertence à tradição paremiológica das grandes compilações de provérbios, alfabeticamente indexados. O filólogo suíço arrolou 2533 provérbios, sendo 1322 rimados,<sup>4</sup> a partir das seguintes fontes documentais manuscritas:

a) manuscrito **B** - A.XI., proveniente da Biblioteca da Universidade de Basel, Suíça. Werner considera a redação do mesmo como tendo sido feita no primeiro quartel do século XV. Trata-se de uma coleção de, na maioria das vezes, sentenças de duas linhas ordenadas alfabeticamente, ao lado das quais, com frequência, a fonte é citada;

b) manuscrito **Ba** - o mesmo manuscrito, porém, contém entre as folhas 236 - 283 uma coleção de sentenças, provérbios e citações de escritores clássicos, que, do mesmo modo, são ordenados alfabeticamente. O citado manuscrito apresenta-se acrescido de aditamentos;

c) manuscrito **D** - Darmstadt 2225, século XV (na capa, ano de 1410). Aqui temos o autor da seleção, Galfrido de Vino;

---

<sup>3</sup> Não discutiremos aqui, em sentido *lato*, o conceito de “homem medieval” por demandar um estudo mais extenso, não pertinente a este artigo.

<sup>4</sup> Um dos critérios decisivos para o estabelecimento de nosso *corpus* de análise e que confere a certeza acadêmica da origem do provérbio assentada na Idade Média é a presença da rima. (Cf. BRAGANÇA JÚNIOR, 2021, p. 41-45).

- d) manuscrito **K** - Munique, Biblioteca do Paço, século XIII;
- e) manuscrito **P** - Paris, Biblioteca Nacional, Lat. 6765, século XII;
- f) manuscrito **Sch** - Munique, Biblioteca do Paço e da Cidade, século XII;
- g) manuscrito **SG** - de Sankt Gallen, Biblioteca do Convento, século XV (1462).

Os 1322 provérbios rimados arrolados por Werner configuram mais de 50 % do material compilado nos manuscritos, destacando-se quatro campos semânticos:

1. Mundo animal
2. Religião católica
3. Antiguidade greco-romana
4. Figura feminina

Centraremos nossas atenções na utilização dos animais como metáforas humanas a partir do capítulo seguinte.

### **3. Quantificação do *corpus* proverbial ligado ao mundo animal**

Vários foram os nomes de animais arrolados no *corpus* rimado de Werner. Procedendo-se a uma análise mais pormenorizada, chegamos ao seguinte quadro esquemático:

#### **a) Distribuição dos animais por ordem alfabética:**

Letra A - 3 ocorrências,

Letra B - 4 ocorrências;

Letra C - 12 ocorrências;

Letra D - 8 ocorrências;

Letra E - 11 ocorrências;  
Letra F - 5 ocorrências;  
Letra G - 1 ocorrência;  
Letra H - 2 ocorrências;  
Letras I-J<sup>5</sup> - 6 ocorrências;  
Letra L - 3 ocorrências;  
Letra M - 9 ocorrências;  
Letra N - 11 ocorrências;  
Letra O - 5 ocorrências;  
Letra P - 9 ocorrências;  
Letra Q - 12 ocorrências;  
Letra R - 4 ocorrências;  
Letra S - 14 ocorrências;  
Letra T - 1 ocorrência;  
Letras U-V: 8 ocorrências.  
Total: 128 ocorrências.

---

<sup>5</sup> Werner emprega **I** para transcrever o **i** vogal ou consoante, mas distingue **u** vogal de **u** consoante (transcrito como **v**), razão pela qual seguimos a indexação alfabética feita pelo estudioso. Em alguns exemplos de animais, arrolamos mais de um provérbio exemplificador à guisa de comparação, para ratificar nossas observações ou para demonstrar a variedade de acepções e significados metafóricos e alegóricos que o mesmo animal poderia assumir durante o medievo.

**b) Número total de incidência de cada animal:**

agnus (cordeiro) – 5 ocorrências;

anguilla (enguia) – 1 ocorrência;

asinus (asno) – 6 ocorrências;

avis (ave) – 8 ocorrências;

bos (boi) – 7 ocorrências;

camelus (camelo) – 1 ocorrência;

canis (cão) – 14 ocorrências;

cattus (gato) – 9 ocorrências;

cervus (cervo) – 1 ocorrência;

cornix (galha) – 3 ocorrências;

corvus (corvo) – 2 ocorrências;

equus (cavalo) – 8 ocorrências;

formica (formiga) – 1 ocorrência;

gallina (galinha) – 1 ocorrência;

gallus (galo) – 1 ocorrência;

grus (grou) – 1 ocorrência;

lepus (lebre) – 5 ocorrências;

lupus (lobo) – 13 ocorrências;

milvus (milhafre) – 2 ocorrências;

mus (rato) – 11 ocorrências;  
musca (mosca) – 2 ocorrências;  
ovis (ovelha) – 6 ocorrências;  
passer (pardal) – 3 ocorrências;  
piscis (peixe) – 4 ocorrências;  
psittachus (papagaio) – 1 ocorrência;  
pulex (pulga) – 2 ocorrências;  
pullus (frango) – 4 ocorrências;  
rana (rã) – 1 ocorrência;  
rata (ratazana) – 1 ocorrência;  
serpens (serpente) – 1 ocorrência;  
sus (porco) – 5 ocorrências;  
taurus (touro) – 3 ocorrências;  
vacca (vaca) – 3 ocorrências;  
vitulus (bezerro) – 2 ocorrências;  
vulpes (raposa) – 8 ocorrências;  
Total: 141 ocorrências.

**c) Distribuição total dos animais por manuscrito:**

Manuscrito **B** – 46 ocorrências;

Manuscrito **Ba** – 50 ocorrências;

Manuscrito **D** – 2 ocorrências;

Manuscrito **K** – 2 ocorrências;

Manuscrito **P** – 17 ocorrências;

Manuscrito **Sch** – 5 ocorrências;

Manuscrito **SG** – 6 ocorrências.

Total: 128 ocorrências

Como esses animais serviam para sedimentar modelos de comportamento desejados ou reprováveis a partir de suas características essenciais? Investigaremos as apropriações das características animais e sua metaforização presente nos provérbios que apresentam o asno, o boi, o cavalo e o porco, animais presentes na economia doméstica, desta forma, sendo úteis à sobrevivência do homem medieval.

## **1. Animais como metáforas – exemplos paremiológicos no medievo germanófono**

### **1.1. O asno**

No manuscrito **B**, provérbio 13 lê-se *In quo nascetur asinus corio, morietur*, cuja proposta de tradução ao português seria “No couro em que nascer, o asno há de morrer”. Sem dúvida, desde a Antiguidade Clássica esse animal está presente, seja em Esopo, Fedro ou, mais tarde, nos fabulistas medievais. Em um primeiro momento, como animal de transporte de carga, tem-se a função primeira do asinus, entretanto, para o Cristianismo, o animal representa um importante papel de montaria, haja vista que o próprio Cristo teria adentrado a cidade de Jerusalém montado em seu lombo no domingo de Ramos.

Talvez o fato de servir ao seu dono sem oferecer muita resistência tenha contribuído para o animal ser metaforicamente as-

sociado a uma criatura sem iniciativa, o que o levaria a ser rotulado sinonimicamente como “burro”.

Tal concepção coadunava-se muito bem com o modelo de entendimento dos *litterati* do baixo medievo, os quais em seus *proverbia* utilizam-no como sinônimo da estultice humana em aspirar por ascensão social fora dos padrões de seu estamento social original. No tocante a esta temática, Joyce Salisbury (1994, p. 131) arrola alguns animais não muito admirados nos textos de então, observando que, “muitos como o asno são estúpidos, especialmente quando aspiram por um status maior do que o do seu nascimento”, acrescentando que “Muitas das fábulas sobre pessoas que circulavam com as coleções de fábulas sobre animais lidam com classes inferiores e refletem a imagem de animais impotentes.” (SALISBURY, 1994, p. 131).

Este provérbio em verso leonino<sup>6</sup> demonstra claramente uma mensagem que se direciona à manutenção da ordem social vigente. Nascer, viver e morrer já estariam predispostos ao animal, ao qual nada restaria a não ser cumprir o papel a ele determinado, qual seja, o de permanecer em seu lugar social, pois sua roupagem estaria adequada às suas funções de servir ao seu senhor.

Marie de France (c. 1160 – c. 1215), uma das mais importantes fabulistas do baixo medievo, também se insere dentro desse discurso conservador, ao apresentar a fábula do asno que deseja brincar com seu dono como se fosse um cão fraldeiro, tentando comprovar que a natureza direciona papéis sociais específicos a cada ser, destarte, cabe a cada um deles observar seus próprios limites sociais:

---

<sup>6</sup> Verso leonino baseia-se na presença de rimas entre hemistíquios, em que o final da primeira metade rima com o final da segunda metade do verso. Para uma análise sobre o sistema de versificação medieval ver BRAGANÇA JÚNIOR (1994, p. 41-46).



Aqueles que aspiram engrandecer a si mesmos  
E que desejam um lugar mais elevado –  
Um que não é apropriado às suas cinturas  
E na maioria dos casos, não ao seu nascimento.  
O mesmo resultado sucederá  
A muitos, como ao asno espancado.  
(*apud* SALISBURY, 1994, p.119)

## 1.2. O boi

Sem dúvida alguma, o boi ocupa na história econômica da humanidade um lugar de destaque no tocante à sobrevivência dessa última, por exemplo. Na Idade Média, ele fornecia não apenas a carne para a alimentação, como também auxiliava sobremaneira para arar o solo, sendo mesmo considerado um animal doméstico, disseminado pela Europa desde a Alta Idade Média, sendo seu valor bem aquilatado, conforme demonstra Joyce Salisbury (1994, p. 34): “Depois dos animais de guerra ou de caça, os mais valorizados eram aqueles utilizados para o trabalho. Bois e éguas faziam a maior parte do duro trabalho de arar, desterroar, debulhar e puxar carros e todos os códigos os colocavam em alto grau...”

A partir de uma perspectiva cristã, assim como o cordeiro e o asno, o boi também possuiria um papel relevante, já que, conforme cita Joyce Salisbury (1994, p. 141), um boi jamais seria possuído pelo demônio, por ter estado presente quando do nascimento de Cristo e, mais ainda, “além de suas associações com o nascimento de Jesus, o boi era provavelmente um animal tão mundano, tão associado à propriedade, para ser unido à presença diabólica.”

Somos de opinião, portanto, que esse grau de “pertencimento ao mundo” contribuiu para conferir à figura do animal no decurso do medievo uma certa posição “inferior” dentro de uma pretensa organização social, ou seja, procurava refletir as condições reais de seu trabalho servil.

Caso desejássemos estabelecer analogias com a estratificação social ideal dentro de um modelo tripartite, vemos o animal representar metaforicamente os servos da gleba e demais tipos de vassalos inferiores, o que para nós se torna evidente no provérbio composto em verso leonino oriundo do manuscrito **Ba 24**, *Bos bos dicitur*, terris ubicumque videtur, cuja proposta de tradução seria “O boi se chamará boi em qualquer terra onde for visto”, que reforça a concepção de que, em qualquer lugar onde esteja, o boi será sempre reconhecido e chamado de acordo com seu status social.

Um segundo provérbio da época - *Bos fenum comedit, cum pectoris ira recedit*, “o boi come o feno, quando a ira de seu peito se afasta” – encontrado no manuscrito **Ba 13** – apresenta ao leitor/ouvinte o animal em aparente quietude, porém aqui aludindo a uma *ira pectoris* anterior, que nos leva a conjecturar uma possível tentativa de sublevação contra sua vida quicá infeliz - metaforicamente, a posição social de uma parcela extremamente significativa do homem medieval -. Todavia, nada como alguns bons feixes de feno para mitigar a fome e permitir o sustento, talvez reverberando ainda o dito em latim clássico *panem et circenses*, normalmente atribuída ao poeta Juvenal em suas *Sátira X*, verso 81. Também redigida em verso leonino, nota-se, do ponto de vista fonético e ortográfico, a monotongação do ditongo **ae** em **e** no caso de *faenum* > *fenum*. Ressalte-se, do mesmo modo, o uso já corrente da forma verbal *comedit* “come” e não *edit*, em que a primeira já suplanta a segunda, da qual é um composto.

### 1.3. O cavalo

Indubitavelmente um dos animais mais úteis à humanidade ao longo de séculos, o cavalo foi empregado tanto como meio de locomoção quanto como arma de combate e posteriormente, durante a Idade Média, como força de trabalho. Se pensarmos nele como força de choque, percebemos que alguns deles entraram para a história. Batalhas e campanhas militares foram decididas pelo uso da cavalaria

como força principal de ataque. Na Antiguidade, Bucéfalo foi imortalizado por seu dono, Alexandre Magno, que mandou erigir em sua memória, às margens do rio Idaspe, a cidade de *Bucephala*. De uma maneira mais esdrúxula, Incitatus, cavalo preferido do imperador Calígula (12 d.C – 41 d.C), teria sido arrolado por este último senador.

De um ponto de vista linguístico é importante, além disso, reforçar que há uma diferença semântica em latim para a designação do animal, que converge para uma diferenciação de prestígio social. Se pensamos até hoje em dia em *equitação*, o termo *equus* designa o cavalo da nobreza, apto para o combate e consequentemente muito bem tratado. Por outro lado, a palavra *caballus* possui o significado de cavalo ruim e cansado, como atesta Saraiva (1910, p.161).

Entre os séculos XII e XIII, enquanto em regiões germanófonas lavrava-se o solo com o arado puxado por bois, como atesta Salisbury (1994, p. 21), em França iniciava-se a utilização do cavalo nesta função. Joyce Salisbury (1994, p. 24) comenta que “bois e cavalos serviam às funções de propriedade tanto no trabalho quanto como bens materiais, fazendo-se deles os animais mais altamente valorizados nos povoados.” Devido a esta valorização do uso do animal, pode-se falar, inclusive, em uma “revolução agrícola” motivada pelo seu uso, o que Jean Gimpel (1976, p. 52) assim resume:

Como a superfície das lavras ia aumentando, as técnicas agrícolas sofreram profundas mutações e melhoraram consideravelmente. Para a exploração da grande propriedade agrícola, como para a da humilde parcela do servo, os animais de tiro adquiriram um valor inestimável e a promoção do cavalo como força motriz foi um dos trunfos poderosos que permitiu a expansão da economia, não apenas no domínio das lavras, mas também no do transporte dos materiais pesados.

Em fontes escritas do baixo medievo também encontram-se louvores à importância deste animal associado à nobreza. Jordanus Rufus, citado por Salisbury (1994, p. 28), assim se expressa:

Nenhum animal é mais nobre do que o cavalo, já que é pelos cavalos que os príncipes, magnatas e cavaleiros são separados das pessoas inferiores e porque um lorde não pode adequadamente ser visto entre cidadãos comuns exceto através da mediação de um cavalo.

A propensão do *equus* às atividades militares não escapou aos olhos até, séculos antes, de Isidoro de Sevilha (c. 560 – 636), citado por Salisbury (1994, p. 30), para quem

A vivacidade dos cavalos é grande. Eles triunfam nos campos de batalha; eles farejam o combate; eles são excitados à luta pelo som de uma trombeta ... Eles são infelizes quando conquistados e alegram-se quando vencem. Eles reconhecem em batalha seus inimigos em tamanha extensão que se dirigem contra seus adversários em disparada.

Sumariza-se, então, o valor do cavalo em relação ao seu desempenho enquanto montaria de combate ou como força motriz para o trabalho nos campos. No provérbio em versos *unisoni*<sup>7</sup> *oriundo* do manuscrito de Basel - *Gratis quando datur equus, os non inspiciatur;/ Non contemnatur, si morbidus esse putatur* – que podemos traduzir como “Quando um cavalo é dado gratuitamente, não se examine sua boca; / Não seja ele desprezado, a não ser que doente seja considerado” discute-se acerca da viabilidade ou não de se adquirir um cavalo sem ônus financeiro algum, alertando-se nas entrelinhas, contudo, como uma

---

<sup>7</sup> Versos uníssonos são aqueles em que as cesuras e os finais rimam uns com os outros, por exemplo *a, a, aa*.

regra de comportamento social, para que sempre se aceite um presente, a não ser que este apresente algum senão. É evidente que as normas de sociabilidade estão intrinsecamente implícitas, o que nos faz aventar a hipótese de que a parêmia seja endereçada a todos aqueles, preferentemente aos pertencentes aos estratos não nobres. Ao mesmo tempo, se acompanharmos a própria mensagem proverbial daí decorrente em português, “*A cavalo dado não se olha os dentes*”, inferimos que a mesma praticamente ao mesmo tempo que aconselha, ordena o recebimento da prenda.

#### **1.4. O porco**

A presença do porco como animal doméstico nos territórios do ocidente europeu parece estar ligada aos anglo-saxões, de acordo com Joyce Salisbury (1994, p. 27). Os francos, outra tribo germânica importante no continente entre os séculos V e X, estabeleceram uma legislação específica que tratava das disposições sobre os rebanhos de suínos:

Nas leis dos francos, por exemplo, há mais leis regulamentando o trato com os porcos do que com qualquer outra espécie animal. As leis fazem referência a rebanhos de porcos com mais de cinquenta cabeças que eram cuidados por um porqueiro. Pelo menos um porco em cada rebanho portava uma campainha e era designado como “porco líder”, de maior valor do que o restante. Algumas vezes eles estavam nas pastagens e algumas vezes guardados em terrenos cercados.

A sua carne era muito bem apreciada, consoante Salisbury (1994, p. 58), pois, quando o abate era realizado enquanto jovens, isso proporcionaria uma carne ainda mais tenra.

No entanto, se a carne dos leitões era alimento bem querido no medievo durante as lidas diárias, por outro lado, segundo as Sagradas Escrituras, a carne de porco era considerada impura. Encontramos

referências negativas a ela no Velho Testamento, em Levítico 11.7: não se deve comer o animal, “o qual tem a unha fendida, mas não rumina”. Embora a admoestação se refira essencialmente aos judeus, que não consomem a carne de porco, a mensagem bíblica suscitou, do mesmo modo, discussões entre os pensadores cristãos. Novamente recorreremos a Joyce Salisbury (1994, p. 61), que esquematiza a situação especial da carne de porco:

O porco era bíblicamente impuro, mas era um prato favorito entre as tribos germânicas. Entretanto também havia precedentes bíblicos para ignorar tais proibições nas cartas de S. Paulo. Conforme esta tradição, Ambrósio disse, “Uma coisa ... parece-me ridícula, que alguém possa jurar se abster da carne de porco ... Já que nenhuma criatura feita por Deus em ação de graças deve ser rejeitada.

Com o progressivo aumento do requinte à mesa da nobreza europeia durante a Baixa Idade Média, a carne suína não foi mais tão valorizada, sendo praticamente relegada a classe serviçal. No caso mais específico da Inglaterra, diz-nos Joyce Salisbury (1994, p. 28), após a vitoriosa chegada dos normandos em 1066, os porcos foram considerados “animais de homens pobres”, diferentemente dos antigos anglo-saxões, os quais os tinham em alta conta.

Devido a mudança no eixo político de governo na Inglaterra pós Hastings, parece-nos que o porco, como alimento dos servos, a estes metaforicamente relaciona no provérbio de Paris 42, em que se lê *Sus taciturna vorat, dum garrula voce laborat*, cuja proposta de tradução seria “A porca silenciosa devora, enquanto trabalha com a voz loquaz”.

Esta parêmia em verso leonino descreve uma porca, que mesmo no momento em que alimenta, emite seus grunhidos característicos. Pensamos que esta atitude possa aludir aos modos digamos inapropriados dos vassalos de condições sociais inferiores à mesa, já que uma

das marcas do código de ética da nobreza feudal germânica seria a *zuht*, alemão moderno *Zucht*, que simboliza a educação formal necessária a todo homem pertencente à classe dirigente ou que a ela aspirasse.<sup>8</sup>

Um segundo exercício escolar em latim proverbializado durante o medievo encontra-se no manuscrito **Ba 9** e o mesmo ratifica essa imagem, ao afirmar que *Sus magis in ceno gaudet quam fonte sereno*, “Um porco alegra-se mais por estar na lama do que em uma serena fonte”. No aspecto fonético e morfológico, observa-se no vocábulo *cenum* a forma reduzida do ditongo clássico **ae**, todavia deixa transparecer em sua mensagem implícita uma constatação do local social de cada um dentro de uma concepção compartimentalizadora dos papéis sociais, ou seja, cada um, devido a sua própria natureza, prefere ocupar determinados ambientes. Nesse sentido, o porco associa-se à imundície, à lama, enquanto animais mais nobres procuram uma serena fonte, isto é, o provérbio transfere para o mundo dos homens as diferenças básicas e “naturalmente” imutáveis entre os estamentos sociais então vigentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção paremiológica rimada em latim medieval entre os séculos XII e XV aborda um variado e rico leque de temas. Um deles, objeto deste trabalho, lança mão de animais como espelhos do comportamento humano. De acordo com o seu grau de serventia para a comunidade valorava-se o animal, pois desde a época dos germanos, como salienta a historiadora Joyce Salisbury (1994, p. 33) “em todos os códigos, o valor de um animal era baseado na função que ele servia para a comunidade mais do que em algum outro padrão”, e a partir do estabelecimento dessa validade funcional era possível criar

---

<sup>8</sup> Este tipo de poesia comportamental ainda está presente, por exemplo, no século XVI com Hans Sachs (1494-1576) em seu poema *Ein Tischzucht* (Portar-se à mesa).

pontos de convergência e de afastamento do homem. Devido ao desenvolvimento das relações sociais a partir da época carolíngia e à fixação crescente dos textos culturais da Antiguidade em latim por parte dos membros da Igreja, a representação dos animais em bestiários, *exempla* e fábulas foi deveras impulsionada. Ao citar a importância cultural destas últimas, Joyce Salisbury (1994, p. 116) comenta que

Como os bestiários, as fábulas foram preservadas em comunidades monásticas, tornando-se paulatinamente populares no século onze e por volta do século doze emergiram por detrás dos muros dos mosteiros para divertir e influenciar a sociedade como um todo.

O asno, o boi, o cavalo e o porco prestaram-se não apenas às suas atividades relacionadas com a subsistência humana. Através de suas caracterizações em sentido figurado no texto proverbial neles se imbuía um discurso social de manutenção de valores que se desejava hierárquicos e perenes. Destarte, os provérbios ligados ao mundo animal contribuíram, portanto, não apenas para divertir o público ouvinte e leitor, mas principalmente para ajudar o ser humano, segundo a visão de grande parte da intelectualidade oriunda do clero, a trilhar os caminhos deste mundo conforme os seus preceitos.



## REFERÊNCIAS

BRAGANÇA JÚNIOR, Á. A. **A fraseologia medieval latina**. Vitória, DLL, UFES, 2012.

GIMPEL, J. **A revolução industrial da Idade Média**. Tradução de Almarina Alberty. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.

SALISBURY, J. E. **The beast within – animals in the Middle Ages**. Londres: Routledge, 1994.

SARAIVA, F. R. S. **Novissimo diccionario latino-portuguez etymologico, prosodico, historico, geographico, biographico, etc.** 7. ed. Paris: Typographia Garnier Irmãos, 1910.

WALTHER, H. & SCHMIDT, P. G. **Proverbia sententiaequae Latinitatis medii ac recentioris aevi: nova series** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982.

WALTHER, H. (Hrsg.) **Proverbia sententiæque latinitatis Medii Aevi. Lateinische Sprichwörter und Sentenzen des Mittelalters in alphabetischer Anordnung**. Teil 1. Göttingen: Vandenhoecke & Ruprecht, 1963.

WERNER, J. **Lateinische Sprichwörter und Sinnsprüche des Mittelalters**. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, ógicas:

# **“¿DETRÁS DE LA CRUZ ESTÁ EL DIABLO?” HACIA LA ‘FRUICIÓN’ DE LOS REFRANES DE *EL QUIJOTE* AL ITALIANO**

Maria Lalicata

## **INTRODUCCIÓN**

En primer lugar, nos agrada poner de relieve que el refrán “detrás de la cruz está el diablo”, que hemos elegido como título del presente artículo, ha sido el punto de partida para llevar a cabo unas cuantas reflexiones que abarcan el mundo paremiológico y su traducción en cuanto consideramos que es representativo del tema que intentamos investigar.

Según el DRAE (1780), este refrán “advierte el peligro que hay de que las obras se vicien por la vanidad del que las hace. Aplícase también a los hipócritas, que con la apariencia de virtud intentan encubrir sus vicios”.

Al analizar el significado de este refrán y sondeando las múltiples situaciones lingüísticas en las que se podría utilizar se insinúa la siguiente pregunta: ¿podrían ‘la cruz’ y ‘el diablo’ simbolizar las dos caras que forman el refrán? Más específicamente, la cruz podría ser equivalente al ‘significado’ y al consejo sapiencial que se quiere transmitir y que normalmente es la parte más fácil de traducir a otro idioma; mientras que, el diablo vestiría los paños de la otra cara, o sea, del ‘significante’ que, a través de la ‘imagen’ con que se simboliza ese consejo recurriendo al uso metafórico de la lengua, suele ser la parte más difícil de llevar a otra cultura por el carácter idiomático de los elementos que lo componen. El diablo, que forma parte del segundo miembro del refrán y que simboliza “la dificultad” que se esconde tras las “apacibles” apariencias de la cruz, podría simbolizar

la falta de ‘fruición’<sup>1</sup> percibida por el lector italiano, quien queda víctima al no lograr gozar plenamente del refrán correspondiente en italiano en cuanto ‘algo’ se ha perdido en la traslación de una orilla (la lengua origen) a la otra, (la lengua meta).

Pues, ya pensamos haber enfocado la atención que esta investigación quiere reservar al lector-oyente, destinatario en este caso, de un mensaje, el paremiológico, de una obra *canon* de la literatura española como es *El Quijote* de Miguel de Cervantes, a menudo definida un verdadero refranero de los Siglos de Oro.

Esta curiosidad ha surgido por pertenecer a la categoría de lectores de *El Quijote* tanto en castellano como en italiano y tal vez, por tener una mirada y sensibilidad especial, siendo el italiano la lengua materna. Sin embargo, opino que el haber vivido un tiempo, experimentando “de claro en claro” (Q. Cap. I, 42), la dura labor del traductor de la Primera parte de *El Quijote*<sup>2</sup> en ocasión de las celebraciones del cuarto centenario (1605-2005), haya podido acrecentar una conciencia paremiológica. Experiencia esta que, gracias a un análisis diacrónico contrastivo con las traducciones italianas de *El Quijote*, nos ha revelado la importancia de poner una mayor atención hacia la traducción

---

<sup>1</sup> Diccionario de Autoridades - Tomo III (1732) s.v. FRUICIÓN. s. f. Gozo del bien que se posee. Latín. Fruitio. FR. L. DE GRAN. Symb. part. 2. cap. 17. Porque estas corresponden al premio que se da a la charidad, que es la fruición del mismo Dios. ILLESC. Hist. Pontif. lib. 1. cap. 1. Hizole habil y capaz del gozo y fruición de la bienaventuranza, que consiste en ver y unirse con su mismo Criador. En la presente investigación, concientes de que este lema ya ha caído en desuso, lo hemos recuperado en su significado atestiguado en *Autoridades* en que se cita como gozo que no corresponde solo al mundo de los sentidos, sino que se relaciona con algo que atañe al alma por incluir un “goce intangible” y que se hace puente entre el idioma castellano y el italiano, por seguir utilizándose en italiano con éste mismo significado.

<sup>2</sup> Lalicata, Maria. Traducción del cap. XLI al 52 de la Primera parte de *El Quijote* (1605-2005), 2005.

paremiológica que, frente a una concepción enraizada y generalizada que por siglos ha reputado que una buena traducción fuese la ‘literal’, incluyendo también en este *modus operandi* a la traducción de los refranes, a menudo ha dejado al lector italiano, sin la percepción y la “frucción” de una parte de la comunicación realizada por medio del refrán.

## 1. Objetivos a conseguir

Si se considera el *axioma* que los refranes son ‘actos de lengua’, nuestro objetivo consiste en intentar averiguar hasta qué punto el lector italiano moderno puede “fruir” de su traducción a través de un análisis paremiológico-contrastivo de las soluciones encontradas a lo largo de cuatro siglos. Nos gustaría poder averiguar que el traductor<sup>3</sup> no realice una traducción “palabra por palabra” y “sin faltar letra” como el mismo Cervantes afirma a lo largo de *El Quijote*<sup>4</sup>, sino que consiga encarnar la de “mediador cultural” (TAFT, R.:1981, p. 53) por proporcionar al lector el refrán correspondiente en la lengua meta de manera que él lo reconozca como perteneciente a su mundo sapiencial y, gracias a su memoria psíquica, le recuerde algo o alguien familiar (la madre, la abuela, la tía, su pueblo, etc.) que le permita llegar a sentirlo como ‘propio’ pudiendo así ‘fruir’ del mismo.

Para llevar a cabo este análisis hemos elegido como edición de referencia *El Quijote* dirigido por Francisco Rico y publicada con ocasión del cuarto centenario de la Primera parte (1605-2005) y, por lo que afecta a la orilla italiana, hemos formado un *corpus*, eligiendo solo las traducciones completas que bien atestigüen los cuatro siglos

---

<sup>3</sup> Diccionario de Autoridades - Tomo VI (1739), s.v.: TRADUCTOR. s. m. El que traduce alguna obra, ò escrito, volviendola de un Idioma en otro. Es voz puramente Latina. Lat. Traductor. Interpres. Translator.

<sup>4</sup> Cervantes, Miguel. *Don Quijote de la Mancha*, Primera parte, Capítulo XL, p.511, 1605.

de historia de la recepción de *El Quijote* al italiano. Nuestro *corpus* abarca hasta catorce traducciones desde la primera realizada por el profesor Lorenzo Franciosini (1622) hasta la última de Valastro Canale (2012), primera edición bilingüe.

Al mismo tiempo nos hemos valido tanto de diccionarios monolingües y del copioso *corpus* de los Refraneros de los Siglos de Oro (Vallés, Núñez, Santillana, Orozco, Correas etc.) mientras que, en la orilla italiana, el escaso interés hacia el mundo paremiológico que ha caracterizado los estudios lingüístico-literarios hasta hace unos años y la peculiar situación geo-política de Italia durante siglos, ha dificultado no poco la consulta de los *Refraneros cinquecentini* del Monosini, Salviati y Serdonati.

## **2. Estatus quo de la recepción de El Quijote al italiano**

Cuando uno se acerca al *estatus quo* de la recepción de *El Quijote* al italiano a lo largo de los cuatro siglos de historia (1622-2012) probablemente queda decepcionado por los escasos estudios que se encuentran en Italia sobre este tema. Efectivamente muchos e interesantes serían las reflexiones que se podrían llevar a cabo sobre la peculiar historia de la traducción de esta obra en Italia. Sin embargo, aunque no podemos en este breve artículo colmar esta laguna, por lo menos hemos decidido enseñar el camino de su presencia-ausencia a lo largo de los siglos, intentando dar algunas posibles explicaciones.

En primer lugar, hay que destacar que la traducción italiana de la Primera parte de *El Quijote* (1605), realizada por Lorenzo Franciosini en 1622, es la tercera en orden cronológico respecto a Inglaterra y Francia. En 1612 es cuando se realiza la primera traducción a una lengua extranjera, al inglés, por mérito del poeta Thomas Shelton y en 1614 fue traducida al francés por César Oudin.

Pero tal vez, se desconoce que, en Italia, en 1610 hubo en Milán una primera edición de *El Quijote* en lengua castellana. Cabe recordar que Italia aún no tenía unidad política y que algunos reinos en que estaba repartida se encontraban bajo el dominio español. Solo con leer la cubierta y la dedicatoria de esta edición milanesa se atestiguan las estrechas relaciones e intercambios existentes entre España e Italia en aquella época.

Si nos fijamos en unas líneas de la dedicatoria “All’Ill.mo Señor el Sig. Conde Vitaliano Vizconde” se hace evidente no solo que la finalidad de la publicación era reforzar las relaciones políticas con el reino de Milán y, por supuesto con sus poderosos sino que, se manifiestan otras costumbres de la nobleza italiana “acostumbrada a estudiar el castellano” tanto que no le hacía falta la traducción al italiano como se puede leer a continuación:

Y habiendo nosotros sabido, entre los más graves estudios, en que V.S. Illustriss. passa su pueril edad, tiene a las vezes, gusto de la lengua Castellana, agora hecha muy familiar a los Caualleros de esta ciudad; tan noble por esta razón nos atrevemos a dedicar a V.S. Illustriss. el libro Español del Ingenioso Hidalgo Don Quixote de la Mancha, que de nuevo haemos impresso, sin hazerlo traduzir en lengua Toscana, por no le quitar su gracia, que mas se muestra en su natural language, que en qualquiera trasladado. Vaya por toda Italia este libro con el escudo del nombre de V.S. Illustriss. De cuya resplandesciente, y antigua nobleza no es menester decir muchas palabras en esta carta. (DEDICATORIA, 1610, p. s.n.)

Sobre la cuestión de que en el siglo XVII en Italia no hacía falta traducir al italiano lo atestigua también Giannini, importante traductor de *El Quijote* del siglo XX, quien en las notas del traductor afirma:

Non bisogna dimenticare che nel seicento si e no che occorreano traduzioni italiane dallo spagnolo del quale già da tempo era comune fra noi la conoscen-

za, per la dominazione spagnola, per le conseguenti strette relazioni politiche, militari e social fra i due paesi [...] si pubblicavano nel loro testo originale libri spagnoli a Roma, Venezia, a Napoli, a Milano, che poi erano ávidamente ricercati e letti soprattutto fra le classi colte e signorili. (GIANNINI, 1923, p. 6)

Tal vez, podría ser que, por este motivo, la traducción de Franciosini (1622-25) dominó la escena italiana durante dos siglos, tanto que en Italia, a menudo se ha hablado de Franciosini como “co-autor” de *El Quijote*. Solo a comienzo del siglo XIX hubo la segunda traducción completa de *El Quijote* por Bartolomeo Gamba (1818-19). Ambas tuvieron mucho éxito y tuvieron reimpressiones hasta el primer tercio del siglo XX. Sin embargo, ya a partir de los vigésimos del siglo XX hubo un cambio de ruta. Gracias a los contactos entre intelectuales italianos como Croce, Farinelli, Papini, Soffici, Palazzeschi y a españoles como Unamuno, Ortega y Gasset y Menéndez Pidal, se dio paso a varias interpretaciones de *El Quijote* y a un consiguiente impulso a su traducción.

Efectivamente, a lo largo de el siglo XX se han imprimido hasta once traducciones completas: Mary Hochkofler (1921), Alfredo Giannini (1923-1925), Ferdinando Carlesi (1933), Pietro Curcio (1950), Gherardo Marone (1954), Vittorio Bodini (1957), Cesco Vian e Paola Cozzi (1960), Gianni Buttafava, Ada Jachia Feliciani y Giovanna Maritano (1967), Letizia Falzone (1971), Franco Meregalli (1978), Vincenzo La Gioia (1997).

Incluso los comienzos del siglo XXI resultan muy activos en la recepción de *El Quijote* en Italia, impulso, probablemente, debido a las celebraciones tanto del cuarto centenario de la salida a la imprenta de la Primera parte (1605-2005) como de la segunda parte de la obra (1615-2015) sin olvidar además el 2016 año en que se celebró el cuarto centenario de la muerte de Cervantes (1616-2016). Al respecto hay

que recordar las traducciones colectivas realizadas bajo la dirección de Patrizia Botta tanto por lo que afecta la traducción al italiano de la Primera parte (1605-2005) cuyos traductores son: Sara Bruckmann, Maria Lalicata, Daria Monteleone, Monica Verzilli como la de la Segunda parte (1615-2015) realizada por 56 insignes hispanistas. Completan el panorama de estos primeros años del siglo XXI: la de Barbara Troiano e Giorgio Di Dio (2007) y la primera traducción bilingüe realizada por Angelo Valastro Canale (2012). La presente investigación cuenta pues con un *corpus* de catorce traducciones completas al italiano, prácticamente todas las que acabamos de citar, menos la de Mary Hochkofler (1921) y de Pietro Curcio (1950) por dificultades de consulta.

### **3. Hacia la definición del “refrán”**

Hasta ahora se ha hablado del ‘refrán’ dando por supuesto que tal vez no hace falta definirlo y preguntarse sobre su origen, significado y función, teniendo en cuenta que forma parte de nuestra experiencia cotidiana, cuando más y, cuando menos, por pertenecer a aquel código lingüístico al que, en calidad de usuarios, recurrimos o por lo menos sabemos reconocer. Sin embargo, la voluntad y el gusto de intentar dar una definición al refrán se encuentra ya atestiguada desde hace siglos. El hombre desde siempre ha quedado fascinado por este objeto tanto intangible como precioso que, a menudo ha definido como ‘perla’, y durante siglos, ha tratado de describirlo y explicarlo sin llegar a una definición completa, satisfactoria y compartida.

También nuestro autor, cuestionándose sobre su esencia, ha intentado darle una definición a lo largo de *El Quijote*. Lo hace afirmando su autenticidad y, al mismo tiempo, confiriéndole una ‘autoridad’ basada en la experiencia de la vida: “no hay refrán que no sea verdadero, porque todos son sentencias sacadas de la misma experiencia, madre de las



ciencias todas”<sup>5</sup> y añade “[...] sentencias breves sacadas de la luenga y discreta experiencia”<sup>6</sup> y también que estas sentencias derivan de “especulación de nuestros antiguos sabios”, estableciendo pues un origen “sabio” y “antiguo”. No menos importante es que en varias ocasiones remarca su ‘estructura’ con el adjetivo “breve” y recomendando su uso “apropiado”. Cervantes con estas definiciones demuestra no solo haber profundizado el tema sino haber llegado a tener una idea propia sobre el mismo.

La definición del lema “refrán” a través de los diccionarios nos ha llevado a las siguientes definiciones: en el *Diccionario español-latino* (1492) de Antonio de Nebrija, “refrán” se traduce con el latín “proverbium, adverbium, adagium”<sup>7</sup>. Sebastián de Covarrubias (1611), contemporáneo de Cervantes y de *El Quijote* define el lema “refrán”: “es lo mesmo que adagio. Proverbio, a referendo, porque se refiere de unos en otros”<sup>8</sup>. Sugiriendo pues, como afirma Isabella Tomassetti, una falsa etimología del lema refrán que se basaba en la raíz latina del verbo ‘referre’, no obstante comparte “una indubbia somiglianza fonica”<sup>9</sup>. Etimología que no se pone en discusión durante más de un siglo tanto que, en la primera cita en *Autoridades* (1737) aunque se registre una ampliación del significado, se reafirma todavía la etimología de Covarrubias (1611).

---

<sup>5</sup> Q., I, XXI, 243

<sup>6</sup> Q., I, XXXIX, 494

<sup>7</sup> Nebrija, Antonio de, *Diccionario latino-español* (Salamanca 1492), estudio preliminar por Germán Colón y Amadeu-J. Soberanas, Barcelona, Puvill, 1979.

<sup>8</sup> Refrán: El dicho agudo y sentencioso, que viene de unos a otros, y sirve para moralizar lo que se dice o escribe. Covarrubias dice que se llamó así de la voz latina referendo, por decirse de unos en otros. Lat. Proverbium, Adagium. Covarrubias, Sebastián de, *Tesoro de la lengua castellana o española*, imp. Luís Sánchez, Madrid, 1611.

<sup>9</sup> Tomassetti, Isabella, «Note per una semantica diacronica del castigliano refrán», en *Critica del testo* 11, 2008, p. 273.

En efecto, a partir de *Autoridades* la voz 'refrán' se connota por una 'explicación del significado lexical' que, por primera vez, se distingue de la mera cita de los sinónimos 'proverbio' o 'adagio' hasta ahora documentada. Se introduce pues el participio perfecto lexicalizado 'dicho' seguido por los adjetivos 'agudo' y 'sentencioso'. Solo a partir de la edición del DRAE (1884) tras el lema "refrán" se introduce entre paréntesis su origen etimológico del francés "refrain", mientras no se aportan modificaciones a la definición que queda igual a la de 1832: "Dicho agudo y sentencioso de uso común".

Hay que esperar hasta 1985 cuando en DRAE la voz "refrán" se caracteriza de la siguiente manera: "Dicho agudo y sentencioso de uso común repetido tradicionalmente de modo invariable" donde se pone en evidencia la 'repetición' y la 'invariabilidad', tal vez, podemos suponer que tuvo cierta influencia la definición dada por la ilustre lexicóloga María Moliner en su *Diccionario del uso del español*<sup>10</sup>. Ya a partir de 1992 se registra una regresión a la definición de 1832 que queda invariable hasta la última edición del DRAE (2014) en que s.v. "refrán" se cita: "Dicho agudo y sentencioso de uso común".

Isabella Tomassetti (2008, p. 269-301) afirma que el lema "refrán"<sup>11</sup> cuyo significado original era "melodia, responsorio litúrgico, o insieme di parole ripetute" a comienzo del siglo XV sufre un cambio semántico adquiriendo el significado actual y alejándose del lema "proverbio" de origen latino, contrariamente a lo ocurrido en Italia, donde la supervivencia de este lema continúa hasta hoy.

---

<sup>10</sup> Moliner, María. *Diccionario de uso del español*, s.v. "refrán", Gredos, Madrid, 1966.

<sup>11</sup> Tomassetti, Isabella. *Note per una semántica del castigliano refrán. Crítica del testo XI (en l'Europa dei proverbi)*, nn. 1-2, Viella "La Sapienza", Roma, 2008, p. 269-301.

#### 4.1. Desde el afán por la recopilación de los refranes hasta la Paremiología

Esta larga gira alrededor de la definición del ‘refrán’ nos ha permitido averiguar que, a lo largo de su historia plurisecular, las definiciones habían jugado básicamente sobre la sinonimia entre los lemas: refrán, dicho, proverbio, aforismo, apotegma, etc., sin llegar a una definición definitiva y compartida.

En los Siglos de Oro se atestiguan dos fenómenos: el primero afecta al gusto de recopilación de *Refraneros* cuanto más copiosos posibles como el del Marqués de Santillana, Núñez, Vallés, Mal Lara y Correas, solo por citar los más representativos y, el segundo, consiste en insertarlos en el entretejido de los textos literarios invadiendo la literatura española y, como afirma Messina Fajardo (2012, p.165), “los refranes se apoderan de los textos literarios, los dominan”.

Un ejemplo cabal lo constituye *El Quijote* no solo por recabar un amplio número de paremias sino por insertarlas en el discurso con maestría sin iguales. Además si podemos considerar a Cervantes como uno de los primeros paremiólogos por las reflexiones antes citadas, solo en el siglo XX la Paremiología, en cuanto “tratado de refranes”, nace como ciencia moderna y abarca el estudio científico de los refranes en lo que afecta su procedencia, transmisión, difusión, forma, estructura, significado y función, mientras que la recopilación y clasificación lexicográfica de refranes y proverbios se ha denominado Paremiografía.

Además, podemos decir que los estudios lingüísticos de 1900 marcarán un “antes” y un “después” en la historia de la Paremiología y en la definición del refrán. En 1964 en Finlandia, se creó la primera revista dedicada a las paremias, *Proverbium*, cuya publicación, a partir de 1984, correrá a cargo del Prof. Wolfgang Mieder en Estados Unidos. No podemos dejar de recordar a lingüistas de la envergadura de Casares, O’Kane,

Moliner, Carreter y Sevilla Muñoz. Fundamentales han sido las investigaciones puestas en marcha por Sevilla Muñoz (1988, p. 231) quien, para hacer frente a la confusión terminológica que perduraba en este ámbito, adoptó la voz paremia del griego *paroimía* y le dio la siguiente definición: “Archilexema del campo sapiencial, por ser el enunciado breve y sentencioso, de forma estable y memorizado en competencia [...]”.

Si la copiosa presencia de las paremias tanto en los *Refraneros* como en las obras cumbre de la literatura española como *La Celestina*, *El Guzmán de Alfarache*, *Lazarillo de Tormes* y el mismo *Quijote* ha sido atestiguada, apreciada y estudiada, en la otra orilla, en la literatura italiana, el tema no ha despertado gran interés durante siglos.

Efectivamente, en Italia, el interés hacia la Paremiología surge en los años 80 gracias al aporte de Temistocle Franceschi a través de la creación del Atlas Paremiológico Italiano (API) y de la fundación del *Centro Interuniversitario de Geoparemiología* en la Universidad de Florencia. Importante ha sido la adopción del mismo grecismo “paremia” cuya descripción se encuentra en la Introducción del *Dizionario dei proverbi* de Boggione e Massobrio (2004, p. XI) “succinto e icastico insieme allologico (ossia inteso a comunicare altro da sé) ch’è usato all’interno di una determinata cultura in riferimento allusivo a un altro insieme, con cui viene analógicamente correlato”.

La importancia del API reside en representar la variedad lingüística italiana en el ámbito paremiológico. Los *proverbi* se encuentran guardados en los dialectos hablados en las distintas regiones con su traducción-correspondencia al “italiano”. Esta situación atestigua hoy aún la supervivencia de un patrimonio paremiológico en dialecto y no en italiano comprobando, una vez más, que la lengua italiana “el toscano” había sido elegido por ser la lengua de Dante y no, por ser compartida por todos los habitantes de la península cuya unión político-territorial se alcanza solo en 1861. Hecho que ha dado lugar al

descuido hacia el tema y falta de valorización de dicho patrimonio. En efecto, si a la hora de realizar una consulta de un refrán castellano podemos valernos de las riquísimas colecciones del Marqués de Santillana (1454), Horozco (1570-1579), Núñez (1549), Vallés (1549) y Correas (1627) en línea ya a partir del 2013, en la orilla del italiano, aunque los Refraneros de Serdonati, Salviati y Monosini (XVI-XVII) escritos en lengua toscana, o lengua vulgar, pueden competir por riqueza y calidad con los españoles antes citados, desafortunadamente la digitalización de los mismos ha sido puesta en marcha solo desde hace poco.

Si el interés hacia la paremiología no ha llamado mucho la atención del mundo académico italiano podemos señalar que, esta tendencia, ha cambiado de rumbo en estos últimos años del siglo XXI, gracias a la acción de difusión de los estudios fraseológicos y paremiológicos promovidos por *Phrasis* (Associazione Italiana di Fraseologia e Paremiologia) y por su Presidenta y fundadora Luisa Messina Fajardo a través de congresos internacionales, de las actividades, estudios y promoción de los Círculos *Phrasis* de Roma, Florencia, Cagliari y Catania y a la difusión operada por la homónima revista que incluye también trabajos de jóvenes investigadores.

#### **4. Teoría y metodología utilizada**

Antes de pasar a describir la metodología adoptada en esta investigación, hace falta mencionar los estudios realizados por Sevilla Muñoz (2000) sobre las técnicas de la traducción paremiológica (francés-español). Dichas técnicas han sido cabales por la detallada descripción del proceso que cada traductor debería poner en marcha durante la búsqueda de la paremia “correspondiente” en la lengua meta y que el presente trabajo ha tenido en cuenta en la ardua búsqueda del equivalente. Sin embargo, en consideración del objetivo que nuestra investigación se ha propuesto alcanzar, hemos preferido utilizar la terminología de Saussure (1976) para definir el refrán y los dos miembros que forman parte de él y la hemos aplicado de manera “artesanal” en nuestra investigación.

Partiendo del presupuesto que el refrán es un “acto de lengua” hemos adoptado su definición de signo lingüístico como “entidad psíquica a doble cara” donde una cara se corresponde al concepto o “significado” y la otra a la imagen acústica o “significante” teniendo en cuenta, no solo su elemento físico-acústico, sino las “huellas psíquicas de este sonido”. Se trata pues de elementos unidos entre ellos y que cada uno existe solo en función del otro.

Sin embargo, para poder analizar el grado de “frucción” percibido por el lector italiano se ha ido averiguando si la traducción había satisfecho las dos partes del refrán: tanto el “significado”, el consejo sapiencial, como el “significante” respetando la imagen del refrán castellano, el ritmo y la rima que connota cada refrán. A tal propósito hemos establecido una catalogación de la tipología de traducción realizada, definiendo cada traducción en: literal, calco, equivalente, de sentido, impropio, malentendido, no traducido, paráfrasis, sigue a y, por último, pero no menos importante, creación.

Hay que considerar también que no nos hemos contentado con dar solo un ‘juicio’ sobre las tipologías de traducción ya realizadas sino que, sobre todo en el caso de reiterados malentendidos o traducciones literales, hemos intentado encontrar el refrán correspondiente e/o equivalente.

Para poder llevar a cabo dicha investigación el primer paso ha consistido en detectar el refrán, considerando que no siempre se encuentra al alcance del traductor, visto el uso literario que nuestro genio ha realizado a lo largo de la obra trastocándolo, truncándolo, dejándolo latente, hasta volver a crearlo a su gusto y necesidad. Además hay que recordar el uso del refrán como cita a través de la ‘fórmula introductoria’ “más también se suele decir”, o “como dice el refrán” etc.

El paso siguiente ha abarcado la comprensión del significado que tenía el refrán en la época de Cervantes, considerando que, al de-

saparecer unas profesiones, muchos han caído en desuso y resultan desconocidos. A tal fin, indispensable ha sido la consulta informática del diccionario de la Real Academia, *Nuevo tesoro lexicográfico* de la lengua española (NTLLE), por recoger los diccionarios monolingües, contemporáneos a Cervantes, como el de Covarrubias (1611) y, por abarcar también el *Vocabulario bilingüe* de Franciosini (1620). Importantes han sido las explicaciones encontradas en *Autoridades* (1723-29), en la *Gran enciclopedia cervantina* (ALVAR EZGUERRA, 2005-2011) y en el *Diccionario de paremias cervantinas* (BIZZARRI, 2015).

El tercer paso afecta a la averiguación, por medio de la consulta de las fuentes paremiológicas en el *CORDE* (Corpus Diacrónico del Español) de las versiones del refrán atestiguado en los refraneros más cercanos a nuestro autor para poder detectar hasta qué punto considerarla una versión creada por Cervantes o ya atestiguada en los Refraneros de los Siglos de Oro. A este propósito hay que decir que, en lo posible, se ha preferido no tener en cuenta la “versión” del refrán presente en *Correas* (1627) tanto por ser cronológicamente posterior a *El Quijote* como por soler recoger las “versiones cervantinas” al pie de la letra, a pesar de que se trate de adaptaciones o de acuñar un nuevo refrán.

## 5.1. Herramientas

Las herramientas en la orilla italiana, que nos han permitido llevar a cabo esta investigación, no han sido siempre de fácil consulta en cuanto la mayoría está en proceso de digitalización. Efectivamente la *Accademia de la Crusca* está llevando a cabo un proyecto que consiste en una importante labor de digitalización y de realización de una página web dedicada a *los Proverbios italianos* con particular referencia a las copiosas colecciones *cinquecentine* de los *Refraneros* de Monosini, Serdonati y de Salviati. Ya el usuario puede realizar consultas en la página web de la Academia de la Crusca "Proverbi" donde ya están recogidos el Refranero de Giusti y Capponi del Siglo XIX y una parte de los refraneros del siglo XVII.

Lamentamos la falta de diccionarios paremiológicos bilingües (español-italiano) aún si a partir de 2009 Sevilla Muñoz y Zurdo Ruiz-Ayúcar han puesto en marcha el proyecto del *Refranero multilingüe* en la página web del Instituto Cervantes Virtual y que, últimamente han ido recogiendo el equivalente de las paremias castellanas en veinte idiomas. Herramienta fundamental para este trabajo ha sido el *Dizionario dei Proverbi* de Boggione e Massobrio (2004) en papel, organizado por temas según los varios ámbitos de la vida humana: el nacimiento, la juventud, las bodas, la naturaleza, las estaciones del año, etc.

## 5. Análisis

Ahora, como simple botón de muestra, pasamos al análisis de tres refranes que se encuentran en la Primera parte de *El Quijote* y que, según nuestro parecer, representan las soluciones tipo que han caracterizado la historia de la traducción al italiano del *corpus* paremiológico que encierra *El Quijote*.

Pasamos ahora al análisis del refrán: “detrás de la cruz está el diablo” (Q., I, 6, 86, el cura; II, 33, 990, Sancho; II, 47, 1101, maestresala).

Y así fue hecho. Abrióse otro libro y vieron que tenía por título El caballero de la Cruz.

—Por nombre tan santo como este libro tiene, se podía perdonar su ignorancia; mas también se suele decir «tras la cruz está el diablo». Vaya al fuego. (Q., I, VI, 86)

Y torno a decir que si vuestra señoría no me quisiere dar la ínsula por tonto, yo sabré no dárseme nada por discreto; y yo he oído decir que detrás de la cruz está el diablo. (Q., II, XXXIII, 990)

También —dijo el maestresala— me parece a mí que vuesa merced no coma de todo lo que está en esta mesa, porque lo han presentado unas monjas, y, como suele decirse, detrás de la cruz está el diablo. (Q., II, XLVII, 1101)



Sigue la traducción al italiano de las catorce traducciones (1622-2012) en que el refrán se encuentra citado por primera vez en el *Capítulo VI* de la Primera parte.

Traductor Traducción

Franciosini Dietro alla croce si nasconde il diavolo (p. 44)

Gamba ma suol dirsi che talvolta il diavolo s'asconde dietro la croce; perciò vada alle fiamme. (p. 51)

Perino ma suol dirsi che talvolta "il diavolo s'asconde dietro la croce" (p. 24)

Giannini ma si suol dire anche: "dietro la croce c'è il diavolo; vada al fuoco (p. 59)

Marone ma si suol dire "dietro la croce sta il diavolo". Vada perciò al fuoco. (p. 53)

Carlesi Ma non bisogna dimenticare il proverbio: "dietro la croce ci sta il diavolo"; al fuoco! (p. 57)

Bodini ma poiché si suol dire: "dietro la croce si nasconde il diavolo". (p. 66)

Vian si dice anche che "dietro la croce c'è il diavolo" (p. 103)

Buttafava i suol dire, però, "dietro la croce, il diavolo"; dunque, sia bruciato. (p. 62)

Falzone ma si suol anche dire: "dietro la croce c'è il diavolo"; vada al fuoco. (p. 45)

La Gioia ma, come si suol dire, "dietro la croce si nasconde il diavolo", e perciò al rogo! (p. 50)

Verzilli ma di solito si dice anche che "dietro la croce si cela il diavolo".

Al rogo! (p. 46)

Troiano ma si dice anche che " dietro la corce si nasconda il diavolo": vada alle fiamme! (p. 63)

Valastro Tuttavia, si suole anche dire "dietro la croce sta il diavolo". che vada al fuoco! (p. 101)

Se trata de un refrán muy antiguo ya atestiguado en Vallés (1549) y en Correas (1627), en la versión “detrás de la cruz está el diablo”. A lo largo de *El Quijote* está citado tres veces y por eso opinamos tener cierto peso. Según el DRAE (1780), este refrán “advierte el peligro que hay de que las obras se vicien por la vanidad del que las hace. Aplícase también a los hipócritas, que con la apariencia de virtud intentan encubrir sus vicios”.

En el *Capítulo VI* de la Primera parte es el cura quien lo cita por completo durante el escrutinio de los libros de la biblioteca de don Quijote. Cervantes lo presenta aquí como recurso literario al ser utilizado como cita a través de la ‘fórmula introductoria’ “más también se suele decir”, con la que se recurre a la fuente impersonal y anónima del refrán. En este párrafo el refrán tiene una función evaluativa y tiene una fuerza especial al estar entrecomillado.

En la Segunda parte de *El Quijote* está citado por Sancho, en el capítulo 33, durante el sabroso diálogo con la duquesa. Además de ejercer una función evaluativa se puede notar que, nuevamente, el refrán está introducido por una ‘fórmula impersonal’: “yo he oído decir”, con la que se intenta dar una connotación personal por el “yo”, sujeto que se refiere a Sancho, y, al mismo tiempo, se remarca la fuente anónima del refrán con el “oído decir”, quizás queriendo descargar a Sancho de cualquier responsabilidad. En el *Capítulo 67* es el maestra sala quien lo cita, y lo hace por la ‘fórmula impersonal’ “como suele decirse”, siempre con función evaluativa.

Las fuentes italianas registran unos refranes que se pueden considerar equivalentes al castellano en el *Refranero* de Pescetti (1603): “Tal sembra in vista agnel, che dentro è lupo” y “L’abito non fà il monaco”. En el *Dizionario dei Proverbi* de Boggione y Massobrio (2004) hemos encontrado otros que pueden pertenecer a la misma familia de equivalentes: “L’apparenza inganna”, “La croce non fa il cavaliere”, “Il diavolo sta là dove meno si crede” y “Ognun vede il mantello, nessun vede il budello”. Desafortunadamente, las traducciones italianas son todas literales a partir de Franciosini (1622-25): “dietro alla croce è il diavolo”, hasta la última de Valastro (2012): “dietro alla croce si nasconde il diavolo”.

A pesar de que en italiano no tenemos un equivalente que guarde el mismo significante en la asociación “cruz-diablo”, pienso que la traducción italiana con el refrán “L’abito non fà il monaco” es la que más se acerca por tener un elemento que, simbólicamente, abarcaría lo sagrado, representado por la figura del “monaco”, equivalente a la “cruz” del refrán castellano, y “el abito”, que bien se adapta a un concepto de “apariencia” que, a menudo, puede esconder un vicio o un engaño. Pues, ha sido una lástima que la mayoría de los traductores hayan preferido recurrir a la traducción literal especialmente cuando el refranero de la lengua meta recoge una larga posibilidad de soluciones equivalentes.

El segundo refrán que vamos a estudiar es:

**Quien bien tiene y mal escoge, por mal que le venga no se enoje**  
**(Q., I, 31, 397, Sancho)**

Calle, por amor de Dios, y tenga vergüenza de lo que ha dicho, y tome mi consejo, y perdóneme, y cásese luego en el primer lugar que haya cura; y si no, ahí está nuestro licenciado, que lo hará de perlas. Y advierta que ya tengo edad para dar consejos, y que este que le doy le viene de molde, y que más vale pájaro en mano que buitres volando, porque quien bien tiene y mal escoge, por bien que se enoja no se venga. (Q., I,

XXXI, 397)

Traductor Traducción

Franciosini chi mal siede, e mal pensa, non si dolga  
s'ei muta dispensa (pag. 371)

Gamba e s'altri ti da l'anello tu porgi il dito. (p. 327)

Perino e s'altri ti da l'anello tu porgi il dito (p. 145)

Giannini chi possedendo un bene scegli il suo male, è  
inutile poi s'arrabbi; pianga sé stesso.  
(p. 47)

Carlesi chi il ben conosca e al mal s'appigli, per mal  
che gli vada, non se la pigli. (p. 334)

Marone colui che ha bene e sceglie il male per quanto  
s'arrabbi non se ne vendica (p. 335)

Bodini chi lascia la strada vecchia per la nuova, sa  
quel che lascia e non sa quel che trova (p. 338)

Vian chi ha il bene e sceglie il male, per quanto si in-  
quieti, se la puo' prendere solo con sé stesso (p. 357)

Buttafava chi è causa del suo mal, pianga se stesso (p.  
235)

Falzone perchè chi abbia il bene e al mal s'appigli non  
si arrabbi se ne pigli (p. 261)

La Gioia chi avendo il bene sceglie il male, se lo tenga  
e pace (p. 277)

Ricciardi se avendo dinanzi il bene sceglie il male non  
si lagni se poi va male (p. 249)

Troiano chi è causa del suo mal pianga sé stesso (p.  
237)

Valastro chi bene ha e male sceglie, per il bene che si  
arrabbia non venga! (p. 555)

Antes de pasar al análisis de las traducciones italianas de este refrán hay que poner de relieve que nos encontramos frente a un refrán que desarrolla múltiples funciones. A pesar de que esté citado solo una vez a lo largo de la obra, opinamos pueda ser una buena muestra del uso literario que Cervantes reserva a las paremias.

En primer lugar, hay que subrayar que el refrán citado por Sancho en el *Capítulo* 31 de la Primera parte, desarrolla una función de “autoridad”, o sea sirve a Sancho para ratificar lo que está diciendo a don Quijote. Efectivamente, Sancho le está aconsejando que se case enseguida con Dulcinea considerando que le vendrá en dote un reino y, todos sabemos cuánto Sancho esté interesado en eso. Por lo que afecta a la función del refrán dentro del discurso Cervantes realiza una función evaluativa por concatenar los refranes “más vale pájaro en mano que buitres volando” con “Quien bien tiene y mal escoge, por ‘mal’ que le venga no se enoje” por medio de la conjunción causal “porque”. Tenemos, pues, dos ‘paremias encadenadas’ ya que se trata de dos refranes citados por completo y, los dos muy extensos. Sin embargo la verdadera maestría de Cervantes se revela en ‘ajustar’ el refrán como recurso literario con función irónica-jocosa sustituyendo, en el segundo miembro del refrán, en primer lugar al sustantivo ‘mal’ por ‘bien’ y, en segundo lugar, intercambiando los vocablos base ‘venga-enoje’ por ‘enoja-venga’, por lo que se puede definir como ‘paremia transpuesta’. Sancho, cómicamente, modifica el sentido del verbo de ‘venir’ a ‘vengarse’ para evitar las posibles consecuencias de lo que está aconsejando a don Quijote donde la ironía se juega con el cambio de significado que adquiere ‘venga’.

En la versión “Quien bien tiene y mal escoge, por mal que le venga no se enoje” se encuentra ya atestiguado en Núñez (1549) y como muchas veces hemos notado, en Correas (1627) se encuentra la variante realizada por Cervantes “Quien bien está y mal escoge, por

bien que se enoja no se venga”. En *DRAE* (1817) se señala el siguiente significado: “Refrán que advierte que el que deja un bien cierto por otro dudoso, no debe quejarse de su desgracia”.

Por lo que afecta al análisis de la recepción en italiano y de su “frucción” por parte del lector oyente italiano, salta a la vista que a menudo ha sido malinterpretado.

Efectivamente ya a partir de la primera traducción de Franciosini (1622) encontramos un rotundo malentendido con la solución “perché chi mal siede, e mal pensa, non si dolga s'ei muta dispensa”, seguido durante todo el siglo XIX por el malentendido realizado por Gamba (1818) y Perino (1888): “e s'altri ti da l'anello tu porgi il dito”, refrán éste que es equivalente al castellano: “cuando te dieran la vaquilla, corre con la soguilla”.

Entrando el siglo XX, Giannini (1923), Marone (1954), Vian (1960), La Gioia (1997) y Ricciardi (2005) han preferido una traducción literal como la siguiente: “perchè chi possedendo un bene sceglì il suo male, è inutile poi s'arrabbi; pianga se' stesso”; mientras que Carlesi (1933) y luego Falzone (1974), si bien mantienen la misma tipología de traducción, intentan recrear un eco de refrán por medio de la rima consonante: “e chi il ben conosca e al mal s'**appigli**, per mal che gli vada, non se la **pigli**”.

Quien traduce con un refrán equivalente es Bodini (1957), que elige la solución “chi lascia la strada vecchia per la nuova sa quel che lascia e non sa quel che trova”. Troiano (2007) también se queda en la familia de refranes equivalentes pero, según mi parecer, la solución que encuentra “chi è causa del suo mal pianga se' stesso” queda más genérica o, cuanto menos, no incluye el primer miembro del refrán castellano. La última traducción de Valastro Canale (2012) siendo un *calco* resulta incomprensible al lector oyente italiano en cuanto no

deja percibir el cambio de significado de “venga de venir” con “venga de vengarse” que en italiano daría “vendica”.

Un caso muy frecuente en la traducción paremiológica es la traducción literal. Por último, pero creemos no menos interesante es el refrán “El sastre del cantillo, que cosía de balde y ponía el hilo” refrán que a pesar de su estructura bimembre, Cervantes cita solo el primer miembro. Se trata pues de un refrán truncado y esto denota también la gran difusión que el mismo tenía en la época de nuestro autor.

**“El sastre del cantillo, que cosía de balde y ponía el hilo”**  
(Q., I, 48, 604, el canónigo)

Pero lo que más me le quitó de las manos y aun del pensamiento de acabarle fue un argumento que hice conmigo mismo, sacado de las comedias que ahora se representan, diciendo: «Si estas que ahora se usan, así las imaginadas como las de historia, todas o las más son conocidos disparates y cosas que no llevan pies ni cabeza, y, con todo eso, el vulgo las oye con gusto, y las tiene y las aprueba por buenas, estando tan lejos de serlo, y los autores que las componen y los actores que las representan dicen que así han de ser, porque así las quiere el vulgo, y no de otra manera, y que las que llevan traza y siguen la fábula como el arte pide no sirven sino para cuatro discretos que las entienden, y todos los demás se quedan ayunos de entender su artificio, y que a ellos les está mejor ganar de comer con los muchos que no opinión con los pocos, deste modo vendrá a ser mi libro, al cabo de haberme quemado las cejas por guardar los preceptos referidos, y **vendré a ser el sastre del cantillo**» (Q., I, XLVIII, 604)

Traductor Traducción

Franciosini verrò a fare una fatica di grandissimo sudore, senza utilità nissuna. (p. 618)

Gamba Dopo che mi sarei bruciate le ciglia per at-  
tenermi ai riferiti precetti, e avrei gettato tempo e  
fatica. (p. 532)

Perino dopo che mi sarei bruciate le ciglia per at-  
tenermi ai riferiti precetti, e avrei gettato tempo e  
fatica (p. 231)

Giannini Sì che mi ritroverò a fare il guadagno del  
Cazzetta (p. 225)

Carlesi avrò fatto come il sarto di sulla cantonata (p.  
538)

Marone sicché diventerò simile al povero sarto della  
cantonata. (p. 540)

Bodini finirei come il sarto del cantone (p. 537)

Vian Io farei come il sarto del proverbio, che oltre a  
regalare la stoffa, cuciva gli abiti gratis. (p. 533)

Buttafava Avrei finito coll'essere come il sarto del  
cantone. (p. 362)

Falzone Farei come il sarto del cantone. (p. 421)

La Gioia e farei come il famoso sarto che cuce e ci  
rimette anche il filo. (p. 446)

Lalicata Ma farei la fine del sarto del cantuccio. (p.  
391)

Troiano mi ritroverei come il sarto dell'angolo della  
strada, che cuciva gratis e ci rimetteva il filo. (p. 373)

Valastro farà la fine del sarto dietro l'angolo che gra-  
tis lavorava e il filo pagava! (p. 887)

Se trata de un refrán muy conocido y atestiguado ya en va-  
rios refraneros en distintas versiones. En Vallés (1549) se registra “El  
sastre de la encruzijada / que pone / el hilo de su casa”, y las demás



variantes se encuentran en Correas (1627): “El sastre del kantillo, ke kosía de balde i ponía el hilo”, “El alfaiate del kantillo, ke hazía la kostura y ke ponía el hilo de su kasa”, “El sastre de Ziguñuela, ke ponía la kosta i hazía de balde”, “El sastre de Peralvillo, ke hazía la kostura de balde i ponía el hilo”, “El sastre de Piedras Alvas, ke ponía el hilo”. Llama la atención que en *Autoridades* (1729) este refrán se encuentre sub voz “campillo”: “Ser el sastre del campillo”, “frase vulgar para dar a entender, que a uno, no solamente se le echa la carga de la obra, sino también el coste de ella”. Viene del latín “De suo ipsius ponere fila futuram”.

El uso del refrán que Cervantes realiza en el contexto del *Capítulo* 48 de la Primera parte es literario. En efecto, Cervantes elabora el primer miembro de la paremia poniendo, en lugar del verbo ‘ser’, la perífrasis ‘venir a ser’. Además, hay que notar que lo está insertando sintácticamente en la oración coordinada copulativa y está precedido por la conjunción ‘y’. El refrán desarrolla también una función evaluativa y, al mismo tiempo, sirve para cambiar de tema. Es el canónigo quien lo pronuncia dentro de una conversación que mantiene con el cura y que lo refiere enmarcado en un ‘discurso consigo mismo’ donde, tras analizar los recursos utilizados por la mayoría de los escritores en aquella época para que sus libros de caballerías tuviesen éxito, determina no seguir en la empresa de acabar la obra ya empezada, dándose cuenta de lo perjudicial que podría resultar para él.

Observo que a lo largo de los siglos, al no existir el equivalente en italiano, las traducciones del refrán toman distintos caminos. La solución encontrada por Franciosini (1622) es una paráfrasis: “per osservare i precetti riferiti, verrò a fare una fatica di grandissimo sudore senza utilità nissuna”. También Gamba (1818), seguido por Perino (1888), sigue traduciendo con paráfrasis: “Dopo che mi sarei bruciate le ciglia per attenermi ai riferiti precetti, e avrei gettato tempo e fatica”.

Giannini (1923) es el único que intenta dar una solución equivalente: “Sì, che mi ritroverò a fare il guadagno del Cazzetta”. Carlesi (1933), seguido por Marone (1954), empieza la larga lista de las traducciones literales: “avrò fatto come il sarto di sulla cantonata”. Bodini (1957), seguido por Buttafava (1967), Falzone (1974) y Lalicata (2005), sustituye el lema “cantonata” por “cantone- cantuccio”.

Vian (1960) adopta la solución de citar el refrán por completo, si bien lo traduce literalmente: “Io farei come il sarto del proverbio, che oltre a regalare la stoffa, cuciva gli abiti gratis”. De la misma tipología es la traducción de La Gioia (1997), seguida por Troiano (2007): “e farei come il famoso sarto che cuce e ci rimette anche il filo”. Es importante resaltar que la traducción de Valastro (2012), si bien literal, destaca por tener un eco de refrán dado por la rima consonante: “farò la fine del sarto dietro l'angolo che gratis lavorava e il filo pagava!”

## CONCLUSIONES

Con el presente estudio esperamos haber podido contribuir a fomentar los estudios paremiológicos contrastivos y sobretudo estimular y concienciar a los traductores en la importancia de la competencia paremiológica a la hora de traducir el inestimable patrimonio paremiológico que las obras canon de la literatura española de los Siglos de Oro encierran devolviendo, por fin a los lectores, una ‘frucción’ más completa del mismo.

## REFERENCIAS

ALVAR EZGUERRA, C. **Gran Enciclopedia Cervantina**. Madrid, Castalia, vols. 8, 2005.

BIZZARRI, H. O. **Diccionario de paremias cervantinas**. Madrid, Castalia-Centro de Estudios Cervantinos, 2015.

BOGGIONE, V.; MASSOBRIO, L. **Dizionario dei proverbi**. Turín: UTET, 2004.

CALERO VAQUERA, M.<sup>a</sup> L. Paremiología e Historia de la Lingüística (Las paremias en la obra de Mateo Alemán). **Paremia**, nº 8, p. 85-94, 1999.

CANTERA ORTIZ DE URBINA, J.; SEVILLA MUÑOZ, J.; SEVILLA MUÑOZ, M. **Refranes, otras paremias y fraseologismos en Don Quijote de la Mancha**, edited by Wolfgang Mieder. Burlington: University of Vermont, 2005.

CERVANTES, M. **Don Quijote de la Mancha**. Ed. Instituto Cervantes, 1605-2005. Dir. Francisco Rico. Barcelona: Galaxia Gutenberg, Círculo de Lectores, 2004.

\_\_\_\_\_. **El ingenioso hidalgo Don Quixote de la Mancha**, “All’Ill.mo Señor el Sig. Conde VITALIANO VIZCONDE”, en Milán por el Heredero de Pedro-martir Locarni y Juan Bautista Bidello, 1610.

\_\_\_\_\_. **L’ingegnoso cittadino don Chisciotte della Mancia**. Primera parte. Trad. Lorenzo Franciosini, Venecia: Andrea Baba, 1622.

\_\_\_\_\_. **L’ingegnoso cittadino don Chisciotte della Mancia**. Segunda parte. Trad. Lorenzo Franciosini. Venecia: Andrea Baba, 1625.

\_\_\_\_\_. **L’ingegnoso cittadino don Chisciotte della Mancia**. Trad. Lorenzo Franciosini (nueva traducción). Roma: Giuseppe Corvo y Bartolomeo Lupardi editores, 1677.

\_\_\_\_\_. **L’ingegnoso cittadino Don Chisciotte della Mancia**. Trad. Bartolomeo Gamba, Venecia: Alvisoli, 1818-1819.

\_\_\_\_\_. **Don Chisciotte della Mancia**, Trad. Alfredo Giannini [1923-1927], 4 vols. Florencia: Sansoni. Reed. Milán: Rizzoli "B.U.R.", 1957.

\_\_\_\_\_. **Don Chisciotte della Mancia**. [1ª ed. 1933]. Trad. Ferdinando Carlesi. Introducción de Cesare Segre y cronología de Donatella Moro Pini, Milán: Mondadori, 2011.

\_\_\_\_\_. **Don Chisciotte della Mancia**. Trad. Gherardo Marone. Turín: U. T. E. T., 1954.

\_\_\_\_\_. **Don Chisciotte della Mancia**. Trad. Vittorio Bodini. [1ª ed. 1957]. Turín: Einaudi, 1957.

\_\_\_\_\_. **Don Chisciotte della Mancia**. Trad. Cesco Vian y Paola Cozzi. Novara: Istituto geografico De Agostini, 1960.

\_\_\_\_\_. **Don Chisciotte della Mancia**. Trad. Gianni Buttafava, Ada Jachia Feliciani y Giovanna Maritano. Introducción Juana Granados. Milán: Bietti, 1967.

\_\_\_\_\_. **Don Chisciotte della Mancia**. Trad. Letizia Falzone. 2 vols. [1ª ed. 1974]. Milán: Garzanti, 2009.

\_\_\_\_\_. **Don Chisciotte della Mancia**. Trad. Vincenzo La Gioia. Milán: Frassinelli, 1997.

\_\_\_\_\_. **Don Chisciotte della Mancia**. Primera parte. Trad. italiana para las celebraciones del IV Centenario (1605-2005), al cuidado de Patrizia Botta. Traductores: Sara Bruckmann, Maria Lalicata, Daria Monteleone, Monica Verzilli. Revisores: Carla Buonomi, Emiliano Bellini, Aviva Garribba, Elisabetta Vaccaro. Pescara: Libreria dell'Università Editrice, 2005.

\_\_\_\_\_. **Don Chisciotte della Mancia**. Trad. Barbara Troiano y Giorgio Di Dio, Roma: Grandi Tascabili Economici Newton, 2012.

\_\_\_\_\_. **Don Chisciotte della Mancia**. Introducción y notas de Francisco Rico, trad. Angelo Valastro Canale, ed. Bilingüe, texto castellano al cuidado de Francisco Rico, Bompiani, Milán, 2012.

\_\_\_\_\_. **Don Chisciotte della Mancia**. Segunda Parte. Traducción italiana para las celebraciones del IV Centenario (1605-2015). Dir. de Patrizia Botta. Modena: Ed. Mucchi, 2015.

MACRÌ, O. L'ispanismo a Firenze. **Atti del Congresso L'apporto italiano alla tradizione degli studi ispanici - Nel ricordo di Carmelo Samonà**. p. 135-140, 1993.

\_\_\_\_\_. Vittorio Bodini, ispanista. *Studi Ispanici*, vol. II - I critici. Ed. Laura Dolfi. Liguori: Nápoles, 1996.

\_\_\_\_\_. Del tradurre II - Mezzo secolo di traduzioni italiane dallo spagnolo. **Studi Ispanici, vol. II - I critici**. Ed. Laura Dolfi. Liguori: Nápoles, p. 417-432, 1996.

SAUSSURE, F. **Corso di linguistica generale**. Bari: Ed. Laterza, [1ª ed. en francés 1922], 1976.

SEVILLA MUÑOZ, J.; ZURDO RUIZ-AYÚCAR, M. I. T. [Dir.]. **Refranero multilingüe**. Madrid: Instituto Cervantes (Centro Virtual Cervantes), 2009. En línea: <<http://cvc.cervantes.es/lengua/refranero/>>. Acceso el: 23 de jun. 2021.

SEVILLA MUÑOZ, J. **Hacia una aproximación conceptual de las paremias francesas y españolas**. Madrid: Editorial Complutense, 1988.

\_\_\_\_\_. Algunas referencias sobre las traducciones paremiológicas entre el francés y el español. **Livius 2**, p. 95-105, 1992.

\_\_\_\_\_. Las paremias españolas: clasificación, definición y correspondencia francesa, **Paremia**, nº 2, p. 15-20, 1993.

\_\_\_\_\_. Reflexiones sobre la elaboración de un refranero multilingüe. **Paremia**, nº 10, p. 121-130, 2001.

\_\_\_\_\_. Los refranes del API comparados con los de la tradición española y francesa. **Proverbi, locuzioni, modi di dire nel dominio linguistico italiano**. Roma, p. 97-105, 1999.

———. Presupuestos paremiológicos de una propuesta metodológica para la enseñanza de los refranes a través de El Quijote. **Paremia**, nº 14, p. 117-128, 2005.

SEVILLA MUÑOZ, J.; CANTERA ORTIZ DE URBINA, J. **Pocas palabras bastan: vida e interculturalidad del refrán**. Centro de Cultura Tradicional. Salamanca: Diputación de Salamanca, 2002.

SEVILLA MUÑOZ, J.; CRIDA ÁLVAREZ, C. A. Las paremias y su clasificación. **Paremia**, nº 22, p. 105-114, 2013.

SEVILLA MUÑOZ, J.; SEVILLA MUÑOZ, M. Técnicas de la “traducción paremiológica” (francés-español). **Proverbium**, nº. 17, p. 369-386, 2000.

TAFT, R. The Role and Personality of the Mediator, in BOCHNER, S. (dir.) **The Mediating Person: Bridges Between Cultures**. Schenkman, Cambridge, 1981.

TOMASETTI, I. Note per una semantica diacrónica del castigliano “refrán”. **Critica del testo**, XI, p. 269-301, 2008.

# HACIA UN MODELO DE CLASIFICACIÓN DE TEXTOS PAREMIOGRÁFICOS Y PAREMIOLÓGICOS

Ana María Díaz Ferrero

## INTRODUCCIÓN

La revisión de la literatura científica o revisión bibliográfica es el primer paso en un trabajo o proyecto de investigación y su organización permite agrupar el material analizado según su contenido, facilitando, de este modo, su recuperación y consulta durante el proceso de investigación. Los estudios sobre paremias en lengua portuguesa han aumentado en los últimos años y el uso de Internet en la sociedad de la información y el conocimiento propaga de forma exponencial todos estos trabajos. El número de publicaciones es tan extenso que se hace necesario aplicar un método eficaz de búsqueda, análisis y organización de la información para aprovechar al máximo todo este caudal bibliográfico, evitar duplicaciones innecesarias y proporcionar un protocolo de actuación que garantice la calidad y exhaustividad de la investigación. Como afirma Lluís Codina (2020), las revisiones bibliográficas cumplen un amplio abanico de funciones entre las que se pueden citar las siguientes:

Dan garantías a los evaluadores de que los autores conocen el ámbito de la investigación.

Es la primera demostración de que un investigador sabe manejar, analizar e interpretar información científica.

Evitan la repetición de investigaciones y el uso de teorías obsoletas o desacreditadas.

Ayudan a detectar huecos y oportunidades de investigación.

Proporcionan ideas y modelos para nuevas investigaciones.

Proporcionan el marco teórico y metodológico necesario para afrontar nuevas investigaciones.

Aportan la base de la evidencia para estados de la cuestión y trabajos de revisión. (CODINA, 2020, p. 141)

La revisión de la literatura es, por tanto, una tarea imprescindible en la investigación, y llevarla a cabo supone un trabajo complejo y meticuloso que comprende varias fases: determinación del tema objeto de estudio, búsqueda de la información, análisis y clasificación de los documentos consultados (GUIRAO-GORIS, et al. 2008; BENTO, 2012; GÓMEZ-LUNA, et al. 2014; AMEZCUA, 2015). De todas estas fases nos centraremos en la clasificación de los documentos. Una vez definido el dominio de la investigación y el objeto de estudio, se prepara la búsqueda identificando las palabras clave o los descriptores que representan el tema a investigar (GÓMEZ-LUNA, et al. 2014; AMEZCUA, 2015). Para ello, es fundamental poseer un conocimiento profundo del ámbito de estudio. En palabras de Brizola y Fantin: “é imprescindible que o pesquisador entenda que a revisão da literatura tanto melhor será, quanto maior for a sua familiaridade com a temática a ser investigada” (BRIZOLA; FANTIN, 2016, p. 25).

En el presente artículo se propone un sistema de clasificación bibliográfica de documentos relativos a las paremias que engloba las líneas de investigación, las teorías y metodologías de estudio y los descriptores que representan los conceptos fundamentales en este ámbito. Esta clasificación parte de la observación de la producción bibliográfica, y de la caracterización de esta área de conocimiento dividida en disciplinas como la paremiografía y la paremiología (SEVILLA, 1996; 2018, OLÍMPIO



DE OLIVEIRA SILVA, 2007). Su objetivo es proporcionar una visión estructural del dominio de investigación que permita organizar las fuentes de información y llevar a cabo búsquedas eficientes.

## 1. Antecedentes

El primer inventario que organiza la producción intelectual de textos paremiográficos y paremiológicos portugueses se remonta a finales del siglo XIX con el trabajo de investigación bibliográfica realizado por el profesor José Leite de Vasconcelos publicado en su obra *Ensaios Ethnographicos* (VASCONCELOS, 1891-1910). Son cuatro volúmenes en los que bajo los epígrafes: "Adagiários", "Revistas e Jornaes" y "Diversos Trabalhos" ofrece una descripción detallada de colecciones de refranes y de estudios sobre paremias. Es un trabajo valiosísimo para el estudio de las paremias que sienta las bases de la paremiografía y la paremiología en Portugal. La información contenida en esta obra, que fue actualizada años más tarde con la publicación de *Etnografia Portuguesa* (VASCONCELOS, 1933-1988), sirvió de fuente documental para la elaboración de trabajos bibliográficos posteriores como la *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*, de Benjamim Enes Pereira (1965) o como fuente directa o indirecta para la creación de artículos de revisión bibliográfica (SIMÕES, 2000; BAGÃO, 2007; POSTIGO, 2007; GONÇALVES, 2009) que, siguiendo diferentes criterios, incluyen análisis críticos, cronológicos o selectivos de determinadas obras paremiográficas o paremiológicas en portugués.

Por otro lado, en los prefacios o introducciones de muchas colecciones o repertorios de refranes encontramos también interesantes estudios que constituyen una notable contribución a la revisión bibliográfica sobre paremiología y paremiografía portuguesa; es el caso del extenso y erudito prefacio de Ladislau Batalha para su *História Geral dos Adágios Portugueses* (BATALHA, 1924); el estudio introductorio de Alfredo da

Cunha en el *Dicionário de Máximas* de Jaime Rebêlo Hespanha (1936), en el que distribuye las obras de carácter paremiográfico y paremiológico en once apartados dependiendo de las fuentes y criterios utilizadas por los autores para recopilar y ordenar las paremias; el prefacio realizado por Fernando de Castro Pires de Lima para su *Adagiário Português* de 1963; el análisis de estudios sobre caracterización formal de las paremias y la sinonimia terminológica para designar estas unidades fraseológicas realizada por Maria de Sousa Carrusca en la introducción de su obra *Vozes da Sabedoria* (CARRUSCA, 1974-1976); o el capítulo titulado “*Fontes e compilações mais significativas de provérbios*” del libro *Provérbios.com* de Maria L. G. Oliveira (2013). Mención especial merece para este estudio el prefacio que elaboró Luís Chaves para la edición de 1923 de los *Adágios Portugueses* de António Delicado (1651). Este autor agrupa las principales obras en tres secciones denominadas: enunciativa, interpretativa y puramente literaria. En la sección enunciativa incluye aquellas obras en las que los refranes, siguiendo un orden más o menos lógico, forman un repertorio, como el de Delicado (1651) o el de Rolland (1780-1841); pertenecen también a este grupo diccionarios como el de Bluteau (1712-1728) en el cual los refranes acompañan, normalmente al final, las acepciones de muchas entradas; incluye también en esta sección enunciativa artículos publicados en revistas en los que se enumeran un conjunto de refranes, como los trabajos de José Maria Adrião titulados “*Retalhos de um adagiário*” y publicados a lo largo de varias décadas en la *Revista Lusitana* (ADRIÃO, 1916-1934). La sección interpretativa comprende aquellos trabajos como la *Philosophia Popular em Proverbios* de Xavier da Cunha (1882) y la *Filosofia Vulgar ou Proverbios da linguagem portuguesa* de João Pinheiro Freire da Cunha (1808), obras éstas en las que los refranes aparecen acompañados de notas, referencias o explicaciones. Por último, la sección literaria está formada por aquellas obras en las que el refrán, sin ser el objeto principal, sirve de asunto o elemento literario como la *Feira dos Anexins* de Francisco Manuel de Melo (1875).

## **2. Clasificación de las fuentes de información**

Los estudios mencionados constituyen una pequeña muestra de los trabajos que recogen o analizan publicaciones sobre las paremias en lengua portuguesa y de los diferentes criterios empleados para su análisis y clasificación. La extensa producción resultante de la creciente actividad investigadora en este ámbito en las últimas décadas hace necesario crear un sistema funcional para organizar y gestionar esta producción de modo eficiente. La propuesta de organización bibliográfica que exponemos en este artículo presenta una estructura jerárquica en la que las fuentes documentales se dividen en dos grupos, según el tipo de información que proporcionan: fuentes secundarias y fuentes primarias; se trata de un esquema flexible y abierto que permite agrupar de forma estructurada y multidisciplinar las obras publicadas sobre paremias y posibilita, si es necesario, la inclusión de más secciones. De este modo, nuestra propuesta de clasificación bibliográfica puede sintetizarse en el siguiente esquema:

# Paremias: Fuentes de información

---

## 1. Fuentes de información secundaria

- Catálogos de bibliotecas y de editoriales
- Directorio de revistas
- Boletines de sumarios de revistas o publicaciones periódicas
- Boletines de resúmenes (títulos y resúmenes de los artículos publicados en revistas o publicaciones periódicas)
- Bases de datos
- Bibliografías (descriptivas, analíticas, críticas o razonadas...)
- Artículos de revisión bibliográfica
- Índices bibliográficos

## 2. Fuentes de información primaria

- **Estudios epistemológicos**
  - Teorías y técnicas de investigación, enfoques, metodologías de estudio de las paremias
  - Paremiología, fraseología, fraseoparemiología
  - Paremiografía, fraseoparemiografía, fraseografía, lexicografía
  - Fraseodidáctica, paremioididáctica
- **Obras paremiográficas**
  - **Paremiografía práctica**
    - Diccionarios (diccionarios semasiológicos (ordenación alfabética); onomasiológicos o ideológicos (ordenación por temas o ideas afines); diccionarios monolingües, bilingües o multilingües; generales o parciales (regionales, especializados...); diccionarios enciclopédicos, ilustrados históricos...)
    - Glosarios (glosarios de paremias de una obra literaria, de una región...)
    - Tesoros (monolingües, plurilingües...)
    - Corpus (de referencia, bilingüe, oral...)
    - Base de datos de paremias
  - **Paremiografía teórica o metaparemiografía**
    - Historia de la actividad paremiográfica (estudio de diccionarios o de otras obras desde una perspectiva diacrónica)
    - Tipología y descripción de obras paremiográficas (macroestructura y microestructura de diccionarios y otras obras paremiográficas)
    - Normas o metodología para la elaboración de obras paremiográficas (criterios de composición de diccionarios, glosarios, tesoros...)
    - Análisis crítico de obras paremiográficas (evaluación o valoración)
- **Obras paremiológicas**
  - Análisis o estudio de aspectos relativos a las paremias
    - Tipología o clasificación de paremias. Caracterización, definición y delimitación de unidades fraseológicas (paremias, locuciones, refranes, proverbios, máximas, sentencias...)
    - Análisis léxico-semántico (significado, origen, etimología de las paremias; estudio de paremias de un campo semántico determinado (paremias sobre agricultura, alimentación, religión...)
    - Análisis de aspectos retóricos y estilísticos (metáfora, metonimia, aliteraciones, arcaísmos, estructura rítmica, rima...)
    - Variación en las paremias (variaciones diafásicas, diastráticas y diatópicas; estudios geoparemiológicos; paremias desautomatizadas, paremias alteradas, antiproverbio...)
    - Análisis estructural, morfosintáctico (estructura y forma de las paremias)
    - Análisis sociolingüístico, etnolingüístico y cultural (folclore, tradiciones, saber popular, visión del mundo, culturemas...)
    - Análisis pragmático (función discursiva de las paremias; paremias en la publicidad, en la prensa, en el discurso político...; uso y vigencia de las paremias, frecuencia de uso...)
  - Relaciones interdisciplinarias
    - Paremias y literatura (fraseologismos o paremias en obras literarias, crítica literaria...)
    - Traductología y paremias (técnicas de traducción, estudio interlingüístico, análisis contrastivo, fraseología y paremiología comparada; estrategias de interpretación de unidades fraseológicas...)
    - Didáctica y paremias (las paremias en la enseñanza y aprendizaje de la lengua materna, la lengua extranjera...)
    - Informática y paremias (paremiografía y paremiología computacional, análisis estadísticos, paremiografía basada en corpus, tratamiento computacional de paremias...)
    - Paremias y lengua de signos (la traducción e interpretación de unidades fraseológicas en lengua de signos...)

---

Fuente: elaborado por la autora

## 2.1. Fuentes de información secundaria

Las fuentes de información secundaria son obras de referencia bibliográfica (bibliografías, catálogos, directorios, artículos...) que permiten un primer acercamiento al tema de estudio y proporcionan información y orientación para delimitar el trabajo de investigación. Estas obras nos ofrecen información sintetizada y organizada sobre las fuentes de información primaria. En palabras de Bento “são importantes porque combinam conhecimento a partir de várias fontes primárias e dão uma visão geral rápida sobre o assunto” (BENTO, 2012, p. 43). Pueden ser catálogos o bases de datos, como la *Plataforma Lattes*, una base de datos creada por el Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) en la que se pueden consultar las publicaciones clasificadas por autores y por asuntos como pueden ser “*paremiologia*” o “*fraseologia*”, o el catálogo de la *Biblioteca fraseológica y paremiológica* del Centro Virtual Cervantes, biblioteca dirigida por las profesoras M.<sup>a</sup> Teresa Zurdo Ruiz-Ayúcar y Julia Sevilla Muñoz, que contiene información bibliográfica dividida en cinco apartados: monografías, serie mínimo paremiológico, repertorios, didáctica, documentos y enlaces de interés. Pertenecen a este grupo también las bibliografías como la *Bibliografía analítica* de Benjamim Enes Pereira (1965), obra que recoge más de un centenar de trabajos sobre paremias en el capítulo titulado “*Provérbios e ditos*”; los índices de contenido o boletines de sumarios de revistas, como la *Revista Lusitana*, (CEF, 1967), la revista *Paremia*, los *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, la *Revista de Folklore* o la revista *De Proverbio*; los índices o resúmenes de comunicaciones presentadas en congresos, como los resúmenes y las actas (ORTIZ, 2012; ZAVAGLIA; SIMÃO, 2017) de los *Congresos internacionales de fraseología y paremiología* y los *Congresos brasileiros de fraseologia* celebrados en 2011, 2013; 2016 y 2018 respectivamente en las siguientes universidades: Universidade de Brasília, Universidade Federal do Ceará, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus de São José do Rio Preto, y Universidade de São Paulo; los con-

gresos de *Europhras* (Sociedad Europea de Fraseología) o los coloquios de la *Associação Internacional de Paremiologia* que se celebran en Tavira (Portugal) desde 2007. También son fuentes de gran utilidad los artículos de revisión bibliográfica (FUNK, 1996; SIMÕES, 2000; DÍAZ FERREIRO, 2001; BAGÃO 2007; GONÇALVES, 2009; CHACOTO, 2012; XATARA, 2012; ORTIZ ÁLVAREZ, 2012; MIRANDA, 2015; FALCÃO; MARTINS, 2016), ya que contienen información concisa y descriptiva sobre trabajos ya publicados. Así, por ejemplo, Bagão (2007) ofrece un breve panorama de la paremiología portuguesa desde los refranes recogidos en los cancioneros medievales hasta las recopilaciones publicadas a principios del siglo XXI; Gabriela Funk (1996) realizó una clasificación de los repertorios existentes en Portugal siguiendo cuatro criterios: a) o número de provérbios que contém; b) o prináprio de ordenamento do adagiário; c) o objetivo do adagiário; d) o tipo de provérbios registados (FUNK, 1996); y Cecília Falcão y Cláudia Martins (2016) realizaron un inventario de las obras lexicográficas de fraseología y paremiología del portugués europeo publicadas a partir de la Revolución de los Claveles, es decir, desde 1974 hasta la fecha de publicación del artículo. En Brasil, la celebración del *II Congresso Internacional de Fraseologia e Paremiologia* y el *I Congresso Brasileiro de Fraseologia* reunió a un importante grupo de investigadores para debatir sobre las tendencias en los estudios fraseológicos y paremiológicos. Una selección de los trabajos presentados en este congreso se publicó en el libro *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e Paremiologia* (ORTIZ, 2012), entre los que destacamos dos artículos que presentan un análisis de los trabajos de este ámbito publicados en Brasil desde inicios del siglo XX: el artículo titulado “*Estudos fraseológicos no Brasil: estado da arte*” de la profesora María Luisa Ortiz (2012) y el artículo “*A produção fraseoparemiográfica*” de la profesora Cláudia Xatara (2012). Por último, cabe destacar un buen número de trabajos incluidos en ensayos y monografías que exponen una revisión bibliográfica de acuerdo con el objeto de estudio, como el capítulo “*Estudos Fraseológicos no Brasil- Santo*

*de Casa também Faz Milagre*” incluido en el libro *Fraseologia. Era uma vez um Patinho Feio no Ensino de Língua Materna* de la profesora Rosemeire Monteiro-Plantin (2014) o el reciente trabajo de Martins (2020) titulado *Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa*.

## **2.2. Fuentes de información primaria**

Las fuentes de información primaria transmiten de forma directa los resultados de un estudio o investigación sobre las paremias. Pueden ser libros o capítulos de libros, repertorios, diccionarios de paremias, artículos de revistas, monografías, ensayos o comunicaciones presentadas en congresos, entre otros. El criterio seguido para la clasificación de estas fuentes se basa en el estudio de contenido de fuentes de información secundaria y en el análisis epistemológico de las disciplinas que se encargan de la investigación de estas unidades fraseológicas. En este sentido, aunque las teorías y la metodología de estudio varían y evolucionan dependiendo de la perspectiva empleada y de los intereses de cada investigador, podemos establecer —como afirma Julia Sevilla (1996; 2018)— dos grandes disciplinas que tienen como objeto de estudio las paremias: la paremiografía y la paremiología. La primera se encarga de la recopilación, sistematización y análisis de diccionarios de paremias y otras obras paremiográficas, y la segunda se dedica al estudio y análisis de las paremias. Así, dividimos las obras de información primaria en tres bloques: estudios epistemológicos; obras paremiográficas y obras de carácter paremiológico.

### **2.2.1. Estudios epistemológicos**

Este primer bloque de estudios epistemológicos engloba los trabajos teóricos sobre las disciplinas que se encargan de la investigación de las

paremias y las metodologías que se aplican para su análisis, es decir, organización, descripción y delimitación del objeto de estudio de la lexicografía (CASARES, 1950), la paremiología y la paremiografía (SEVILLA MUÑOZ, 1996; 2018), la fraseología (CORPAS, 1996; GURILLO, 1997; GARCÍA-PAGE, 2008; PENADÉS MARTÍNEZ, 2012), la fraseografía (OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, 2007), la fraseodidáctica (GONZÁLEZ REY, 2012) o la distinción del campo de actuación de cada una de ellas (SEVILLA MUÑOZ, 2012; ZAVAGLIA; FROMM, 2017; MONTEIRO-PLANTIN, 2017), así como las tendencias, objetivos o retos por cumplir (OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, M. E., 2012; MELLADO BLANCO, C.; ORTIZ ALVAREZ, M. L., 2017; CORPAS PASTOR, G.; ORTIZ ALVAREZ, M. L., 2017), entre otros.

### 2.2.2. Obras paremiográficas

Las obras paremiográficas se dividen en dos bloques: paremiografía práctica y paremiografía teórica o metaparemiografía. En el primero se incluyen las obras paremiográficas como producto, es decir, vocabularios o glosarios de paremias como el *Vocabulario Portuguez e Latino* de Rafael Bluteau (1712-1728) o el glosario titulado *Fiando paremias (I): glosario paremiológico multilingüe galego, portugués, castelán, francés, italiano e inglés* de Tomás Pereira Ginet (2005); dicionários monolingües, bilingües o plurilingües como el *Dicionário prático de locuções e expressões correntes* de Correia y Teixeira (2007), el *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos* de Magalhães Jr. (1964), el *Dicionário de Provérbios francês-português-inglês* de Lacerda et al. (2000) o el *Refranero Multilingüe* del Centro Virtual Cervantes (SEVILLA MUÑOZ; ZURDO RUIZ-AYÚCAR, 2009); recopilaciones o diccionarios de una determinada zona geográfica o de un determinado asunto como las colecciones de Gabriela Funk y Matthias Funk (2001, 2002) de proverbios de las islas de las Azores, la extensa obra de Américo Correia de Oliveira (2012) titulada



*O Grande Livro Dos Provérbios Angolanos* donde recoge 13 029 paremias de Angola en sus 1200 páginas; la base de datos *ParemioRom* de refranes meteorológicos desarrollada por el equipo de J. E. Gargallo Gil, o la recopilación de paremias sobre meteorología de Manuel A. Costa Alves (1996) y, por último, los tesauros o corpus de referencia como el *Tesouro de folclore e cultura popular brasileira* publicado por el Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Brasil, que incluye una extensa muestra de paremias contextualizadas.

El bloque de obras de carácter metaparemiográfico incluye estudios teóricos, descriptivos o valorativos de obras paremiográficas. Son, por ejemplo, aquellos estudios que realizan una descripción o evaluación de diccionarios, como el artículo de Marques y Budny (2020) *Dicionários fraseológicos: o que podemos esperar desses tesouros culturais?* o el estudio de Pontes (2010-11) sobre la incorporación de unidades fraseológicas en los diccionarios escolares brasileños; los trabajos que exponen normas para la elaboración de diccionarios, la selección de las paremias o las características de la macroestructura o microestructura, como el libro *Fraseografia teórica y práctica* de Olímpio de Oliveira Silva, (2007), el artículo de Silva (1989), que analiza los sistemas de recopilación y ordenación de las paremias en los diccionarios, el artículo de Bosque (2017), donde expone las ventajas de elaborar un diccionario fraseológico siguiendo un orden onomasiológico o el trabajo de Fonseca y Sabio Pinilla (2020). Por último, en esta sección de paremiografía teórica se incluyen los trabajos que presentan un análisis de la historia de la actividad paremiográfica, como el libro *Lexicografia bilingue* de Verdelho; Silvestre (2011) o el artículo de Thyago José da Cruz (2020) titulado “*Fraseografia: perspectivas historiográficas, contemporâneas e de grau de autonomia*” en el que expone algunos aspectos de la historiografía fraseográfica de obras en lengua portuguesa.

### 2.2.3. Obras paremiológicas

Las obras paremiológicas, como se ha indicado anteriormente, son aquellas que presentan los resultados de estudios o investigaciones sobre paremias. “Si la paremiología es la disciplina que estudia las paremias, un estudio paremiológico será una investigación acerca de alguno de los aspectos referentes a las paremias” (CRIDA ÁLVAREZ; SEVILLA MUÑOZ, 2015, p. 73-74). En nuestra clasificación dividimos estas obras en dos secciones: la primera sección engloba los trabajos que analizan, describen o comentan algún aspecto relacionado con las paremias como pueden ser clasificación de fraseologismos o enunciados sentenciosos, análisis estructural, semántico, pragmático o sociolingüístico de paremias, y la segunda reúne estudios multidisciplinarios que relacionan la paremiología con otras disciplinas como la traductología, la didáctica, la informática o la literatura. De este modo, en la sección primera se incluyen trabajos sobre tipología de paremias y terminología como los estudios de Sevilla; Crida (2013), Crida; Sevilla (2015); García Benito (2019), Pamies (2019) o el capítulo “Conceitos de provérbio” del libro *Proverbios.com* de M. L. G. Oliveira (2013); estudios sobre el origen o etimología de unidades fraseológicas (ADRIÃO, 1916-1934; GUERRA, 2011; BARBOZA, 2020); análisis estilísticos, como el capítulo “*Paremiologia: estrutura das suas frases feitas*” del volume I del libro *Vozes de Sabedoria* de M. Carrusca (1974) donde expone elementos relativos a la retórica a figuras de estilo de las paremias; o el trabajo de Rogério Chociay (1991) sobre el aspecto métrico y rítmico de los refranes; análisis estructurales o morfosintácticos de las paremias, como la tesis de Ana Cristina Macário Lopes (1992), el trabajo del paremiólogo Mieder (1994) “Consideraciones generales acerca de la naturaleza del proverbio”, trabajos sobre fijación y variabilidad (GARCÍA-PAGE, 1997; VILELA, 2002; TEIXEIRA, 2019) o sobre el proceso de desautomatización o alteración de las paremias (SERENO, 2002; HENRIQUES, 2014). Pertenecen también a este grupo los análisis léxico-semánticos de paremias de un ámbito o

campo semántico determinado (religión, animales, alimentación, salud, agricultura, educación...) como los trabajos sobre paremias relativas a la salud (CASTILLO DE LUCAS, 1950; CHACOTO, 2018), a la mujer (DÍAZ FERRERO, 2004; MOREIRA E SILVA, 2014; MACIEL, 2015), a la alimentación (MIMOSO, 2009; MONTEIRO-PLANTIN, 2011), a los animales (FERREIRA, 1985; GUERRA, 2011; FONSECA, 2017), a la religión (ZÁRATE-SÁNDEZ, 2010), o a la meteorología (ALVES, 1996; PremioRom); los estudios sociolingüísticos como el trabajo de Martins Vaz (1968) sobre provérbios cabindas, que refleja la identidad de este pueblo de Angola; el artículo de Wiktoria Grygierzec y Xesús Ferro (2009), que analiza estereotipos nacionales en la fraseología gallega y portuguesa; el análisis de Maciel (2015) sobre los estereotipos de género que transmiten las paremias mozambiqueñas, o el trabajo de Díaz Ferrero; Quero Gervilla (2018), que analiza la visión negativa de la mujer en las paremias en ruso y en portugués. Por último, se incluyen en esta sección los trabajos que exponen el resultado de una investigación de carácter pragmático o discursivo como el análisis de Mário Vilela (2000) sobre el uso de los refranes en el discurso; el trabajo de Luiz de Brito (2012), que examina los proverbios en un corpus de redacciones de estudiantes preuniversitarios; el de Teixeira (2016) sobre paremias en la publicidad; los estudios de Nóbrega (2008), Cazelato (2009) y Figueiredo (2012), que analizan las paremias en diferentes medios de comunicación; y el de Santos (2004), que estudia las paremias en el discurso político. Entre los estudios que abordan la frecuencia de uso podemos citar el estudio de Vellasco (1996) sobre el uso de paremias en Brasil o el de José Ruivinho Brazão (1998) sobre el uso de proverbios en el Algarve, así como los trabajos de la serie “Mínimo paremiológico” de la *Biblioteca Fraseológica y paremiológica* del Centro Virtual Cervantes, cuyo objetivo es conocer la vigencia de las paremias en la actualidad.

La segunda sección engloba trabajos que se llevan a cabo mediante enfoques o teorías de distintas disciplinas como pueden ser análisis

contrastivos desde el punto de vista traductológico o técnicas de traducción aplicadas a la fraseoparemiología (ZULUAGA, 1999; COBELO, 2011; MESSINA FAJARDO, 2017; MUNIZ; MARQUES, 2017; SABIO PINILLA; DÍAZ FERRERO, 2018); estrategias de interpretación de unidades fraseológicas (MACJAKOV, A. E., 1987); o estudios contrastivos interlingüísticos e interculturales, como el artículo de Zárte-Sández (2010), que analiza cómo se ha incorporado el término Dios/Deus en el refranero español y portugués; o el de Qifeng (2018), que estudia las semejanzas y diferencias lingüísticas y culturales en proverbios en chino y en portugués. Pertenecen también a esta segunda sección los trabajos que estudian las unidades fraseológicas desde la lingüística computacional (ALONSO, 2010; TAGNIN, 2015; PIMENTEL ROCHA; ORENHA-OTTAIANO, 2018), así como los estudios sobre traducción de unidades fraseológicas en la lengua de signos (ALMEIDA, 2010; LEMOS 2014). Son frecuentes las investigaciones que relacionan las paremias con la enseñanza y el aprendizaje de lenguas, como la propuesta de Oliveira-Andrade; Silva (2017) para elaborar un glosario de refranes con alumnos de enseñanza primaria en Brasil, o los trabajos de García Benito (2019; 2020), que ofrece marcos situacionales para trabajar con enunciados fraseológicos en la clase de portugués para hispanohablantes. Dentro de las investigaciones interdisciplinarias abundan también los trabajos que analizan las paremias en determinadas obras literarias o el uso de paremias de un determinado autor, como el trabajo de Teófilo Braga (1914-15) sobre paremias presentes en obras literarias portuguesas de los siglos XIII al XVI; el estudio de Bernat Vistarini; Cull (2018) sobre el origen y traducción de los refranes de la *Comedia Eufrosina*; el trabajo de Postigo Aldeamil (2001) y el de Sereno (2002), que analizan los refranes en la obra del escritor José Saramago; el estudio de Arroyo (1984) sobre las paremias en el discurso de Riobaldo en la novela *Grande Sertão: Veredas*; la tesis doctoral de Nogueira (2017), *La traducción de la fraseología en la obra de Carlos Ruiz Zafón en el par lingüístico español-portugués*; y el traba-

jo de Teixeira (2015) sobre los proverbios en la obra de Guimarães Rosa y de Mia Couto. Y por último, merecen especial mención los estudios que relacionan las paremias con la medicina, como el trabajo de Couto et al. (2011) donde se exponen los resultados de un test con refranes realizado para detectar la enfermedad de Alzheimer.

Cada uno de estos apartados se puede ampliar o subdividir para adaptarlo a las necesidades de organización de cada tema de estudio. Con el uso de un gestor de referencias bibliográficas, como Refworks, Mendeley o Zotero, se pueden organizar las obras en carpetas y subcarpetas, y crear bases de datos de referencias bibliográficas según nuestros intereses de consulta o investigación.

## **CONSIDERACIONES FINALES**

La revisión bibliográfica permite conocer el estado de la cuestión del tema de estudio, proporciona información sobre los resultados de investigación ya realizados y evita que se trabaje en asuntos que ya están resueltos.

Con el esquema conceptual aquí presentado sobre fuentes de información secundaria y primaria hemos tratado de proporcionar una visión global de la paremiografía y la paremiología como disciplinas de estudio. Se presenta la estructura de estas disciplinas en un cuadro sinóptico que recoge las líneas de investigación y los temas de estudio. Este modelo de clasificación bibliográfica es una herramienta útil para orientar a futuros investigadores —especialmente a aquellos que se inician en este ámbito—, ya que pueden disponer de un panorama sintetizado, pero general, de ambas disciplinas. Al iniciar un trabajo de investigación, las fuentes de información secundaria delimitan y orientan la búsqueda de documentos dentro de un conjunto bibliográfico extremadamente am-

plio. Por su parte, la división de las fuentes de información primaria en tres áreas de estudio (epistemología; paremiografía teórica y práctica y paremiología, con sus respectivas subdivisiones) configura una relación organizada y consensuada de temas que pueden emplearse como términos o patrones de búsqueda de información bibliográfica.

Entre las posibles aplicaciones o líneas de investigación futuras derivadas de este artículo destacamos la revisión bibliográfica pormenorizada de los documentos pertenecientes a cada uno de los apartados de este esquema de clasificación. Un análisis exhaustivo de contenido de estos documentos permitirá valorar su calidad, identificar los estudios relevantes en cada una de las tres áreas de estudio (epistemología; paremiografía teórica y práctica y subdivisiones de la paremiología) y descubrir los vacíos o aspectos que no han sido estudiados hasta el momento.

## REFERENCIAS

ADRIÃO, J. M. Retalhos de um Adagiário. **Revista Lusitana**, v. XIX, p. 40-62, 1916; v. XX, p. 298-315, 1917; v. XXI, p. 33-57, 1918; v. XXIII, p. 107-130, 1920; v. XXIV, p. 227-256, 1921-22; v. XXV, p. 75-127, 1923-25; v. XXVI, p. 211-246, 1927; v. XXVII, p. 198-242, 1928-29; v. XXIX, p. 107-158, 1931; v. XXXII, p. 5-55, 1934.

ALMEIDA, M. J. D. F. de. A Tradução e interpretação de provérbios e expressões idiomáticas em Língua de Sinais: equivalentes linguísticos e culturais. In: **II Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**, 2010. Disponible en: <<http://www.congressotils.com.br/anais/anais2010.html>>. Acceso el 10 abr. 2021.

ALONSO PÉREZ-ÁVILA, E. El tratamiento computacional de paremias: problemática y estado de la cuestión. **Paremia**, v. 19, p. 71-82, 2010. Disponible en: <[https://cvc.cervantes.es/LENGUA/paremia/pdf/019/007\\_alonso.pdf](https://cvc.cervantes.es/LENGUA/paremia/pdf/019/007_alonso.pdf)>. Acceso el 12 abr. 2021.

ALVES, M. A. C. **Mudam os ventos mudam os tempos: o adagiário popular meteorológico**. Lisboa: Gradiva. 1996.

AMEZCUA, M. La Búsqueda Bibliográfica en diez pasos. **Index de Enfermería**, v. 24, n. 1-2, p. 14, 2015. Disponible en: <<http://dx.doi.org/10.4321/S1132-12962015000100028>>. Acceso el 11 abr. 2021.

ANAYA REVUELTA, I. La función onomasiológica de los diccionarios el diccionario como herramienta para aprender nuevas voces o recuperar la palabra olvidada. **Hesperia. Anuario de Filología hispánica**, n. 8, p.7-26, 2005. Disponible en: <<https://revistas.webs.uvigo.es/index.php/AFH/issue/archive/2>>. Acceso el 10 abr. 2021.

ARROYO, L. Paremiologia riobaldiana, além de falas e conceitos. In: — **A Cultura Popular em Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. Fundação Nacional Pró-memória, 1984. p. 252-284.

ASSOCIAÇÃO Internacional de paremiologia. (AIP-IAP). Disponible en: <<http://www.colloquium-proverbs.org/icp/en/call-for-papers>>. Acceso el 1 abr. 2021.

BAGÃO, M. T. de S. Os adagiários. In: VERDELHO, T.; SILVESTRE, J. P. (coords.) **Dicionarística portuguesa**. Aveiro: Universidade de Aveiro. Col. Theoria, Poesis, Praxis, 2007. p. 192-203.

BARBOZA, I. **Dito & Feito**. Maceió: Olyver, 2020.

BATALHA, L. **História Geral dos Adágios Portugueses**. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1924.

BENTO, A. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA** (Associação Académica da Universidade da Madeira), n. 65, ano VII, p. 42-44, 2012.

BERNAT VISTARINI, A.; CULL, J. T. Ahórquese en buen día claro: Algo más sobre las paremias en la Comedia Eufrosina. **Limite**, nº 12, 1, p. 157-168, 2018. Disponible en: <[http://www.revistalimite.es/v12uno/10bernat\\_cull.pdf](http://www.revistalimite.es/v12uno/10bernat_cull.pdf)>. Acceso el 10 abr. 2021.

BLUTEAU, R. **Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos...** Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 10 vols., 1712-1728.

BOSQUE, I. Posibilidades de un diccionario onomasiológico de modismos para estudiantes de ELE. In: AINCIBURU, M. C.; FERNÁNDEZ S. C. (eds.). **La adquisición de la lengua española: aprendizaje, enseñanza, evaluación. Estudios en Homenaje a Marta Baralo Ottonello**. Buenos Aires: Autores de Argentina, 2017, p. 26-37. Disponible en: <<https://sites.google.com/site/ignaciobosquemunoz/publicaciones-y-presentaciones/2017>>. Acceso el 10 abr. 2021.

BRAGA, T. Adagiário português. **Revista Lusitana**, v. XVII, p. 225-274, 1914; v. XVIII, p. 16-64, 1915.

BRAZÃO, J. R. **Os provérbios estão vivos no Algarve**, Lisboa: Editorial Notícias, 1998.



BRITO, L. A. N. de. Investigando a enunciação proverbial nos interstícios da escrita de pré-universitários. **Vereadas**, v. 16, n. 2, p. 167-184, 2012. Disponible en: <<https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2012/10/artigo-11.pdf>>. Acceso el 8 feb. 2021.

BRIZOLA, J.; FANTIN, N. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Relva**, v. 3, n. 2, p. 23-39, 2016. Disponible en: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738/1630#>>. Acceso el 12 abr. 2021.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V.; BORBA, L. C. (Orgs.). **Manual de (Meta)Lexicografia**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2019. Disponible en: <[http://www.ufrgs.br/metalexigrafia/ManualdeMetalexigrafia\\_EBook\\_2019Copia1.pdf](http://www.ufrgs.br/metalexigrafia/ManualdeMetalexigrafia_EBook_2019Copia1.pdf)>. Acceso el 12 abr. 2021.

CARRUSCA, M. de S. **Vozes da Sabedoria**. 3 vols. Lisboa: União Gráfica, 1974-1976.

CASARES, J. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: CSIC, 1950.

CASTILLO DE LUCAS, A. Adagiário da Doença. **Jornal do Médico**, v. XVI, p. 788-792, 1950.

CAZELATO S. E. de O. A Cristalização dos Provérbios e sua vigência nas práticas de gêneros textuais ou práticas comunicativas. **Sínteses**, v. 14, p. 86-104, 2009. Disponible en <<https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/view/1220/905>>. Acceso el 12 feb. 2021.

CENTRO De ESTUDOS FILOLÓGICOS. **Índice de assuntos**. **Revista Lusitana**. Volumes I-XXXVIII (1887-1943). Disponible en: <[http://clul.ulisboa.pt/files/diadia/RLu\\_Indice\\_de\\_ASSUNTOS.pdf](http://clul.ulisboa.pt/files/diadia/RLu_Indice_de_ASSUNTOS.pdf)>. Acceso el 12 abr. 2021.

CENTRO NACIONAL de Folclore e Cultura Popular do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Tesouro do folclore e cultura popular brasileira**. Disponible en: <<http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/>>. Acceso el 11 abr. 2021.

CENTRO VIRTUAL CERVANTES (Instituto Cervantes). **Biblioteca fraseológica y paremiológica**. Disponible en: <[https://cvc.cervantes.es/lengua/biblioteca\\_fraseologica/](https://cvc.cervantes.es/lengua/biblioteca_fraseologica/)>. Acceso el 11 abr. 2021.

CHACOTO, L. A produção fraseoparemiográfica. In: ORTIZ ÁLVAREZ, M. L. (ed.), **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**, vol. I. Campinas: Pontes Editores, 2012. p. 157-170.

\_\_\_\_\_. De médico e de louco todos nós temos um pouco. A saúde nos provérbios portugueses. **Paremia**, n. 27, p. 95-104, 2018. Disponible en: <[https://cvc.cervantes.es/lengua/paremia/pdf/027/009\\_chacoto.pdf](https://cvc.cervantes.es/lengua/paremia/pdf/027/009_chacoto.pdf)>. Acceso el 15 feb. 2021.

CHOCIAY, R., Ritmo e motivação sonora em provérbios e frases feitas. **Alfa**, v.35, p. 55-64, 1991. Disponible en: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3857/3553>>. Acceso el 24 feb. 2021.

COBELO, S. La traducción de proverbios y la búsqueda de equivalencia. Tópicos del Seminario. **Revista de Semiótica**, n. 25, p. 85-111, 2011. Disponible en: <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1665-12002011000100005&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-12002011000100005&lng=es&nrm=iso)>. Acceso el 12 abr. 2021.

CODINA, L. Cómo hacer revisiones bibliográficas tradicionales o sistemáticas utilizando bases de datos académicas. **Revista ORL**, v. 11, n. 2, p. 139-153, 2020. Disponible en: <<https://doi.org/10.14201/orl.22977>>. Acceso el 12 abr. 2021.

CONSELHO Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Plataforma Lattes. **Plataforma Lattes**. Disponible en: <<http://lattes.cnpq.br/>>. Acceso el 12 abr. 2021.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de Fraseología Española**. Madrid: Gredos, 1996.

\_\_\_\_\_.; ORTIZ ALVAREZ, M. L. Fraseología y Paremiología: una entrevista con Gloria Corpas Pastor. **ReVEL**, vol. 15, n. 29, 2017. Disponible en: <<http://www.revel.inf.br/pt>>. Acceso el 10 abr. 2021.

CORREIA, E. de M; TEIXEIRA, P. de M. **Dicionário prático de locuções e expressões correntes**. Porto: Papiro editora, 2007.

COUTO, G. C. A.; et al. Teste de Rastreio da Doença de Alzheimer com Provérbios: desempenho de idosos saudáveis e com doença de Alzheimer na fase inicial. **Geriatrics & Gerontologia**, v. 5 (1), p. 2-7, 2011. Disponible en: <<https://cdn.publisher.gn1.link/ggaging.com/pdf/v5n1a02.pdf>>. Acceso el 11 abr. 2021.

CRIDA ÁLVAREZ, C. A.; SEVILLA MUÑOZ, J. La problemática terminológica en los estudios paremiológicos. **Anuari de Filologia. Estudis de Lingüística**, n. 5, p. 67-77, 2015. Disponible en: <[file:///C:/Users/usuario/Downloads/14879-28574-2-PB%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/14879-28574-2-PB%20(4).pdf)>. Acceso el 12 abr. 2021.

CRUZ T. J. da. Fraseografia: perspectivas historiográficas, contemporâneas e de grau de autonomia. **Laborhistórico**, v. 6 (3), p. 535-559, 2020. Disponible en: <[file:///C:/Users/usuario/Downloads/34767-112663-1-PB%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/34767-112663-1-PB%20(4).pdf)>. Acceso el 12 abr. 2021.

CUNHA, J. P. F. da. **Filosofia vulgar ou provérbios da linguagem portuguesa interpretados**. Lisboa: Nova Officina de João Rodrigues Neves, 1808.

CUNHA, X. da. **Philosophia Popular em Provérbios**. Lisboa: David Corazzi, editor, 1882. [2ª ed. In: *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, n.º 45, 2.º ano, 6ª Série, Lisboa: Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, 1902].

CUNHA, C. de A. da.; AGUILERA, V. de A. Tipologia das obras lexicográficas e o léxico histórico do Português Brasileiro. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 21, n. 1, p. 99-114, 2019. Disponible en: <<https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/157934>>. Acceso el 12 abr. 2021.

DELICADO, A. **Adágios Portuguezes reduzidos a lugares communs**. Lisboa: Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651. Nova edição revista e prefaciada por Luís Chaves, Lisboa: Universal, 1923.

DÍAZ FERRERO, A. M. Colecciones paremiológicas portuguesas. **Paremia**, n. 10, p. 57-65, 2001.

\_\_\_\_\_. **La mujer en el refranero portugués**. Salamanca: Luso-Española de ediciones, 2004.

\_\_\_\_\_.; QUERO GERVILLA E. F. Analysis of proverbs expressing a negative view of woman in the Russian and Portuguese languages. **Tomsk State University Journal of Philology**, n. 54, p. 42-58, 2018. Disponible en: <[https://pure.spbu.ru/ws/portalfiles/portal/35171960/\\_2018\\_54.pdf#page=56](https://pure.spbu.ru/ws/portalfiles/portal/35171960/_2018_54.pdf#page=56)>. Acceso el 12 abr. 2021.

EUROPHRAS (Sociedad Europea de Fraseología). Disponible en: <<http://www.euophras.org/es/euophras>>. Acceso el 24 mar. 2021.

FALCÃO, C.; MARTINS, C. Em busca do provérbio pretendido: contributos para uma análise de produtos lexicográficos de fraseoparemiologia em português europeu. In: DAL MASO, E.; NAVARRO, C (eds.). **Gutta cavat lapidem. Indagini fraseologiche e paremiologiche**, Mantova: Universitas Studiorum, 2016. p. 285-302.

FERREIRA, A. J. **Os animais no adagiário português**. Lisboa: Direcção-Geral da Comunicação Social, 1985.

FIGUEIREDO, G. R. **O género proverbial na imprensa: usos e funções retóricas**. Recife, 2012. 183 f. Tese (Doutorado. UFPE, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Letras), Recife-PE, 2012.

FONSECA, H. da C. Motivação metafórica em unidades fraseológicas zoónimas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 59, n. 2, p. 317-332, 2017.

\_\_\_\_\_.; SABIO PINILLA J. A. Proposta de macroestrutura de um dicionário de provérbios brasileiros orientado a estudantes espanhóis de tradução. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 49, n. 2, p. 742-760, 2020.

FUNK, G. Os adagiários que temos e os que deveríamos ter. In: **Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa, Colibri, vol. II, 1996. p. 219-227. Disponible en: <[https://run.unl.pt/bitstream/10362/13072/1/GabrielaFunk\\_APLvol.2\\_actas.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/13072/1/GabrielaFunk_APLvol.2_actas.pdf)>. Acceso el 10 abr. 2021.

\_\_\_\_\_.; FUNK, M. A. **Pérolas da sabedoria popular portuguesa: provérbios de S. Miguel**. Lisboa: Salamandra, 2001.

\_\_\_\_\_.; FUNK, M. A. **Pérolas da sabedoria popular portuguesa: provérbios das ilhas do grupo central dos Açores (Faial, Graciosa, Pico, São Jorge e Terceira)**. Lisboa: Salamandra, 2002.

GARCÍA BENITO, A. B. Perspectiva pragmática para los enunciados fraseológicos del portugués y del español. **Revista Portuguesa de Humanidades**, v. 23 (1-2), p. 169-204, 2019. Disponible en: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/Perspectiva\_pragmatica\_para\_los\_enunciad%20(1).pdf>. Acceso el 12 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Fraseodidáctica. Marcos situacionales para trabajar los Enunciados Fraseológicos en la clase de PLE para hispanohablantes. **Quaderns de filologia. Estudis lingüístics**, nº 25, p. 135-149, 2020. Disponible en: <https://roderic.uv.es/handle/10550/77906>. Acceso el 11 abr. 2021.

GARCÍA-PAGE, M. Propiedades lingüísticas del refrán (II): el léxico. **Paremia**, n. 6, p. 275-280, 1997.

\_\_\_\_\_. **Introducción a la fraseología española. Estudio de las locuciones**. Barcelona: Anthropos, 2008.

GÓMEZ-LUNA, E. et al. Metodología para la revisión bibliográfica y la gestión de información de temas científicos, a través de su estructuración y sistematización. **Dyna, Revista de la Facultad de Minas**, v. 81, n. 184, p. 158-163, 2014. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=49630405022>. Acceso el 12 abr. 2021.

GONÇALVES, M. F. Contribuciones para el estudio de la Paremiología portuguesa el *Florilegio dos modos de fallar, e Adagios da Lingoa Portuguesa* (1655). **Paremia**, n. 18, p. 153-162, 2009. Disponible en <https://cvc.cervantes.es/lengua/paremia/pdf/018/014\_goncalves.pdf>. Acceso el 8 mar. 2021.

GONZÁLEZ REY, M. I. De la didáctica de la fraseología a la fraseodidáctica. **Paremia**, v. 21, p. 67-84, 2012. Disponible en: <https://cvc.cervantes.es/lengua/paremia/pdf/021/007\_gonzalez.pdf>. Acceso el 23 mar. 2021.

GRYGIERZEC W.; FERRO RUIBAL, X. Estereotipos na fraseoloxía: o caso galego-portugués. **Cadernos de Fraseoloxía Galega**, n. 11, p. 81-111, 2009. Disponible en: <http://www.cirp.es/pub/docs/cfg/cfg11.pdf>. Acceso el 12 abr. 2021.

GUERRA, R. F. Os animais na fraseologia brasileira. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 45, n. 2, p. 461-515, 2011. Disponible en: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2011v-45n2p461>>. Acceso el 12 abr. 2021.

GUIRAO-GORIS, J. A; OLMEDO SALAS, A; FERRER FERRANDIS, E. El artículo de revisión. **Revista Iberoamericana de Enfermería Comunitaria**, v. 1, p. 1-25, 2008.

GURILLO, L. R. **Aspectos de fraseología teórica española**, Valencia: Universitat de València. Anejo de la revista Cuadernos de Filología, n. XXIV, 1997.

HENRIQUES, C. C. Parêmas em mutação: variantes dos provérbios como recurso expressivo. **Linha D'Água** (Online), São Paulo, v. 27, n. 2, p. 37-52, dez. 2014. Disponible en: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/83953/91670>>. Acceso el 10 abr. 2021.

HESPANHA, J. R. **Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios**. Lisboa: Procural Editora, 1936.

LACERDA, R. C. de; LACERDA, H. da R. C. de; ABREU, E. dos S. **Dicionário de provérbios: Francês, Português e Inglês**. Lisboa: Contexto, Editora, 2000.

LEMOS, A. M. Fraseologismo em língua de sinais e tradução: uma discussão necessária. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 14, n. 4, p. 1173-1196, 2014. Disponible en: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-63982014000400017&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982014000400017&lng=pt&tlng=pt)>. Acceso el 10 abr. 2021.

LIMA, F. de C. P. de. **Adagiário Português**. Lisboa: Fundação para a Alegria no Trabalho. Gabinete de Etnografia, 1963.

LOPES, A. C. M. **O texto proverbial português. Elementos para uma análise semântica e pragmática**. 1992. 384 f. Tese (Doutorado). Linguística Portuguesa. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra), Coimbra: Universidade, 1992.

MACHADO, J. P. **O Grande Livro dos Provérbios**. Lisboa, Editorial Notícias. 1996.

MACIEL, C. M. Mulher, esposa, doméstica, mãe, educadora: subsídios para uma reflexão sobre os provérbios moçambicanos no contexto escolar. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB Campo Grande** (MS), n. 39, p. 63-72, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/838/692>>. Acesso el 13 abr. 2021.

MACJAKOV, A. E. O роли штампов в синхронном переводе [en español: El papel de las unidades fraseológicas en la interpretación simultánea]. **Titradi Perevodchika**, 22: 74-79, 1987.

MAGALHÃES Jr. R. **Dicionário de provérbios, locuções e ditos curiosos, bem como de curiosidades verbais, frases feitas, ditos históricos e citações literárias, de curso corrente na língua falada e escrita**, São Paulo: Cultrix, 1964.

MARQUES, E. A.; BUDNY, R. Dicionários fraseológicos: o que podemos esperar desses tesouros culturais? **Revista Moara**, n. 55, p. 37-52, 2020.

MARTINS VAZ, J. **Sabedoria Cabinda: Símbolos e Proverbios**. Lisboa: Junta de investigações do Ultramar, 1968.

MARTINS, V. de P. da S. **Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

MELO, F. M. de. **Feira dos anexins**. Lisboa: Livraria de A. M. Pereira editor, [edición póstuma a cargo de Inocencio Francisco da Silva], 1875.

MELLADO BLANCO, C.; ORTIZ ALVAREZ, M. L. Fraseología y Paremiología: una entrevista con Carmen Mellado Blanco. **ReVEL**, vol. 15, n. 29, 2017. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/pt>>. Acesso el 10 abr. 2021.

MESSINA FAJARDO, L. A. **Apuntes de fraseología, paremiología, traducción y didáctica del español**. Barcelona: Avant, 2017.

MIMOSO, A. B. Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos" a gastro-nomia através dos provérbios. **Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa**, n. 2, p. 51-57, 2009.

MIEDER, W. Consideraciones generales acerca de la naturaleza del proverbio. **Paremia**, n. 3, p. 17-26, 1994. Disponible en: <[https://cvc.cervantes.es/lengua/paremia/pdf/003/002\\_mieder.pdf](https://cvc.cervantes.es/lengua/paremia/pdf/003/002_mieder.pdf)>. Acceso el 18 mar. 2021.

MIRANDA, A. K. P. Os avanços na pesquisa fraseográfica no Brasil. In: **Anais do Simpósio Nacional de Línguas e Literaturas e do Encontro Nacional de Literatura e Filosofia**, v. 1, n. 1, p. 102-114, 2015. Disponible en: <<file:///C:/Users/usuario/Downloads/1050-Texto%20do%20artigo-2982-1-10-20150818.pdf>>. Acceso el 11 abr. 2021.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. Gastronomismos fraseológicos: um olhar sobre fraseologia e cultura. In: ORTIZ ÁLVAREZ, M. L.; UNTERBÄUMEN, E. H. (eds.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas: Pontes & Universidad Nacional de Brasília, 2011. p. 249-276.

\_\_\_\_\_. **Fraseologia Era uma vez um Patinho Feio no Ensino de Língua Materna**. V. 1. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. Disponible en: <[http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10310/1/2014\\_liv\\_rsmplantin.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10310/1/2014_liv_rsmplantin.pdf)>. Acceso el 10 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. ReVEL na Escola: Fraseologia e Paremiologia: para que ensinar, se todo o mundo sabe? **ReVEL**, vol. 15, n. 29, 2017. Disponible en: <<http://www.revel.inf.br/pt>>. Acceso el 8 abr. 2021.

MOREIRA E SILVA, M. E. A figura feminina em parêmias brasileiras. **Domínios de Lingu@gem**, v. 8, n. 2, p. 13-24, dez. 2014.

MUNIZ, C. A. G.; MARQUES, E. A. Culturemas na tradução de provérbios: algumas considerações teóricas. **ReVEL**, vol. 15, n. 29, 2017. Disponible en: <<http://www.revel.inf.br/pt>>. Acceso el 11 abr. 2021.

NÓBREGA, M. A. **Quando os provérbios dão a manchete: a oralidade no texto jornalístico escrito — O caso Jornal da Tarde**. 2008. 259 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponible en: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-28082009-144134/publico/MARLENE\\_ASSUNCAO\\_DE\\_NOBREGA.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-28082009-144134/publico/MARLENE_ASSUNCAO_DE_NOBREGA.pdf)>. Acceso el 10 abr. 2021.



NOGUEIRA L. C. R. **La traducción de la fraseología en la obra de Carlos Ruiz Zafón en el par lingüístico español-portugués**. 2017, 545 f. Tese (Doctorado en Lingüística general y Teoría de la literatura), Granada: Universidad de Granada, 2017. Disponible en: <<http://hdl.handle.net/10481/47400>>. Acceso el 12 abr. 2021.

OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, M. E. **Fraseografia teórica y práctica**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2007.

\_\_\_\_\_. Enfoque onomasiológico y fraseografía: cuestiones teórico-prácticas. In: PAMIES, A. et al. (orgs.) **Multi-lingual phraseography: Second Language Learning and Translation Applications**. Baltmannsweiler: Schneider Verlag, p. 119-128, 2011.

\_\_\_\_\_. Por uma produção fraseográfica efetiva: desafios e metas. In: ORTIZ ÁLVAREZ, M. L. (org.) **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e Paremiologia**, v. I. Campinas de São Paulo: Pontes Editores, p. 237-245, 2012.

OLIVEIRA, A. Correia de. **O Grande Livro Dos Provérbios Angolanos**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2012.

OLIVEIRA-ANDRADE I. Gomes de; SILVA NILCE M. da. Ditados populares: uma proposta de construção de glossário no ensino fundamental. In: SOBRI-NHO, G. R. (Org.) **Anais do Congresso Regional do Profletras - Região Centro-Oeste**, Sinop, MT: Profletras, 2017. p. 69-82. Disponible en: <[https://www.academia.edu/36950359/Anais\\_do\\_Congresso\\_Regional\\_do\\_Profletras\\_Centro\\_Oeste](https://www.academia.edu/36950359/Anais_do_Congresso_Regional_do_Profletras_Centro_Oeste)>. Acceso el 10 abr. 2021.

OLIVEIRA, M. de L. G. **Provérbios.com. O saber dos antigos no novo milênio**. Natal: Edufrn, 2013.

ORTIZ ÁLVAREZ, M. L. **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e Paremiologia**. Campinas: Pontes, 2012.

\_\_\_\_\_. Estudos fraseológicos no Brasil: estado da arte. In: ORTIZ Álvarez, M. L. (org.) **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e Paremiologia**. Campinas: Pontes, v. I, p. 355- 375, 2012.

PAMIES, A. La fraseología a través de su terminología. In: MARTÍN RÍOS, J. J. (ed.) **Estudios lingüísticos y culturales sobre China**. Granada: Comares, 2019. p. 105-134. Disponible en: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/PAMIES\_A\_2019a\_La\_fraseologia\_a\_traves\_d%20(1).pdf>. Acceso el 2 abr. 2021.

**PAREMIOROM**. Paremiología romance: refranes meteorológicos y territorio. Disponible en: <http://stel.ub.edu/paremio-rom/es/p%C3%A1ginas/contenidos>. Acceso el 12 abr. 2021.

PENADÉS MARTÍNEZ, I. La fraseología y su objeto de estudio. **Linred: Lingüística en la Red**, n. 10, 2012. Disponible en: <http://www.linred.es/monograficos\_pdf/LR\_monografico10-articulo2.pdf>. Acceso el 10 abr. 2021.

PEREIRA, B. E. **Bibliografia analítica de etnografia portuguesa**. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1965. Disponible en: <https://mnetnologia.files.wordpress.com/2015/09/baep\_bp-1-1.pdf>. Acceso el 12 abr. 2021.

PEREIRA, B. **Thesouro da lingua portuguesa**. Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1646.

PEREIRA GINET, T. Fiando paremias (I): glosario paremiológico multilingüe galego, portugués, castelán, francés, italiano e inglés. **Cadernos de Fraseoloxía Galega**, n. 7, p. 191-223, 2005. Disponible en: <http://www.cirp.es/pub/docs/cfg/cfg07.pdf>. Acceso el 11 abr. 2021.

PIMENTEL ROCHA, J. M.; ORENHA-OTTAIANO, A. Colocações especializadas na área do Direito Comercial Internacional e proposta de glossário trilingue. In: BOCORNY FINATTO, M. J. et al. (orgs.). **Linguística de corpus : perspectivas [recurso eletrônico]**. Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS, 2018, p. 299-321.

PONTES, A. L. Fraseologia em dicionários escolares brasileiros. **Rev. de Letras**, v. 30, (1-4), 2010/2011.

POSTIGO ALDEAMIL, M. J. José Saramago y los proverbios. **Revista de Filología Románica**, Anejo II, p. 267-299, 2001.

\_\_\_\_\_. Trabajos paremiológicos en publicaciones portuguesas (1956-1972). In: MARCOS DE DIOS, A. **Aula Ibérica**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2007. p. 779-788.

QIFENG, Lv. **Provérbios com animais em chinês e português: estudo contrastivo**. 2018. 118 f. Dissertação de mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês (área de especialização em Tradução, Formação e Comunicação Empresarial). Braga: Universidade do Minho, 2018. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/56201/1/Tese%20Lv%20Qifeng.pdf>>

REVISTA **Cadernos de fraseoloxía galega**. Disponível em: <<http://www.cirp.gal/w3/cfg/gl/numeros.html>>. Acesso el 3 abr. 2021.

REVISTA de **Folklore**. Disponível em: <[https://funjdiaz.net/folklore/index\\_listado.php?an=2018](https://funjdiaz.net/folklore/index_listado.php?an=2018)>. Acesso el 12 abr. 2021.

REVISTA **De Proverbio**. Disponível em: <<https://deproverbio.com/proverb-journals/>>. Acesso el 8 abr. 2021.

REVISTA **Lusitana. Índice de assuntos. Revista Lusitana**. Volumes I–XXXVIII (1887-1943). Lisboa: Centro de Estudos Filológicos. Disponível em: <[http://clul.ulisboa.pt/files/diadia/RLu\\_Indice\\_de\\_ASSUNTOS.pdf](http://clul.ulisboa.pt/files/diadia/RLu_Indice_de_ASSUNTOS.pdf)>. Acesso el 12 abr. 2021.

REVISTA **Paremia**. Disponível em: <<https://cvc.cervantes.es/lengua/paremia/indice.htm>>. Acesso el 8 abr. 2021.

ROLLAND, F. **Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua Portuguesa, tirados dos melhores Auctores Nacionaes, e recopilados por ordem alfabética por F.R.I.L.E.L.** Lisboa: Typografia Rollandiana, 1780. 2ª ed. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1841.

SABIO PINILLA, J. A.; DÍAZ FERRERO, A. M. Mínimo paremiológico do português europeu: correspondências e equivalências em Espanhol. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, v. 8, 2018. p. 39-58.

SANTOS, M. O. “**O provérbio é um comprimido que anda de boca em boca**”: Os sujeitos e os sentidos no espaço da enunciação proverbial, Tese (Doutorado em Lingüística do Instituto de Estudos da linguagem) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponible en: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/Santos\_MonicaOliveira\_D%20(1).pdf>. Acceso el 12 abr. 2021.

SERENO, M. H. S. Provérbios e ironia na narrativa de José Saramago. In: DUARTE, I. M. et al. **Actas do Encontro comemorativo dos 25 años do Centro de Lingüística da Universidade do Porto**, 22-24 nov. 2001, Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, p. 83-97, 2002.

SEVILLA MUÑOZ, J. Sobre la paremiología española. **Euskera**, XLI, p. 641-672, 1996. Disponible en: <https://www.euskaltzaindia.eus/dok/euskera/49699.pdf>. Acceso el 10 abr. 2021.

\_\_\_\_\_; ZURDO RUIZ-AYÚCAR, M. T. [Dir.] **Refranero multilingüe**. Madrid: Instituto Cervantes (Centro Virtual Cervantes), 2009. Disponible en: <http://cvc.cervantes.es/lengua/refranero/>. Acceso el 10 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. La fraseología y la paremiología en los últimos decenios. **Linred: Lingüística en la Red**, n. 10, 2012. Disponible en: <http://www.linred.es/monograficos\_pdf/LR\_monografico10-articulo3.pdf>. Acceso el 11 abr. 2021.

\_\_\_\_\_; CRIDA ÁLVAREZ, C. A. Las paremias y su clasificación. **Paremia**, v. 22, p. 105-114, 2013. Disponible en: <https://cvc.cervantes.es/lengua/paremia/pdf/022/009\_sevilla-crida.pdf>. Acceso el 24 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. Paremiología: perspectivas interdisciplinares. **Anales de Filología Francesa**, n. 26, p. 237-253, 2018. Disponible en: <https://revistas.um.es/analesff/article/view/analesff.26.1.352411/253841>. Acceso el 10 abr. 2021.

SILVA, J. L. Os adágios e a sua recolha. **Revista Lusitana** (Nova Série), v. 10, p. 157-187, 1989.

SIMÕES, A. Sinopse histórica do adagiário e paremiologia populares portuguesas. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, v. 40, n. 1-2, p. 217-233, 2000. Disponible en: <https://revistataeonline.weebly.com/uploads/2/2/0/2/22023964/sinopse\_alzirasimoes\_tae40\_fasc12.pdf>. Acceso el 12 abr. 2021.

TAGNIN, S. E. O. Corpus-driven glossaries in translator training courses. **Oslo Studies in Language**, v. 7, p. 359-377, 2015.

TEIXEIRA, E. de A. **O provérbio nas estórias de Guimarães Rosa e Mia Couto**. Navegações, vol. 8, num. 1, p. 57-63, 2015.

TEIXEIRA, J. Provérbios, metáfora e publicidade: a sedução pelos implícitos. In: SANCHEZ REI, X. M. ; MARQUES, M. A. (org.) **As ciências da Linguagem no espaço galego-português- divergência e convergência**, Braga: Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, 2016. p. 209-242. Disponible en: <[https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/45141/1/ Jose%20Teixeira-Separata%20CL.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/45141/1/Jose%20Teixeira-Separata%20CL.pdf)>. Acceso el 12 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. As cores dos provérbios na língua portuguesa: de Portugal ao Brasil e de Angola a Timor. **Studia Iberystyczne**, 8, p. 537-561, 2019. Disponible en: <<https://journals.akademicka.pl/si/article/view/1066/1039>>. Acceso el 12 abr. 2021.

VASCONCELOS, J. L. de, **Ensaio Ethnographicos**, vol. I, Esposende: [s. n.], 1891; vol. II, Esposende: [s. n.] 1903; vol.III, Lisboa: Imprensa-Lucas, 1906; vol. IV, Lisboa: Livraria Classica Editora, 1910.

\_\_\_\_\_. **Etnografia Portuguesa. Tentame de sistematização**, 10 vols. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1933-1988.

VELLASCO, A. M. de M. S. Coletânea de provérbios e outras expressões populares brasileiras. **De Proverbio**, 1996. Disponible en: <<https://deproverbio.com/coletanea-de-proverbios-e-outras-expressoes-populares-brasileiras/>>. Acceso el 10 abr. 2021.

VERDELHO, T.; SILVESTRE, J. P. **Lexicografia bilingue. A tradição dicionarística Português - Línguas Modernas**. Aveiro: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Universidade de Aveiro, 2011.

VILELA, M. Estereótipo e estereótipos na língua portuguesa actual. **Revista Galega de Filoloxía**, n. 1, p. 11-33, 2000. Disponible en: <<https://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/2569>>. Acceso el 13 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. As expressões idiomáticas na língua e no discurso. In: DUARTE, I. M. et. al. **Actas do Encontro comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto**, v. 2, p. 159-189, 2002.

XATARA, C. M. A produção fraseoparemiográfica. In: ALVAREZ, M. L. O. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas: Pontes Editores, v. 1. 2012. p. 205-212.

ZÁRATE-SÁNDEZ, G. Distancias lingüísticas y culturales: Dios en los refraneros del español y el portugués. **Alfa**, São Paulo, 54 (1), p. 129-144, 2010.

ZAVAGLIA, C.; FROMM, G. Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Claudia Zavaglia. **ReVEL**, vol. 15, n 29, 2017. Disponible en: <<http://www.revel.inf.br/pt>>. Acceso el 12 abr. 2021.

\_\_\_\_\_.; SIMÃO, A. K. **Reflexões, tendências e novos rumos dos estudos fraseoparemiológicos [recurso eletrônico]**. São José do Rio Preto: UNESP/IBILCE, 2017.

ZULUAGA OSPINA, A. Traductología y fraseología. **Paremia**, n. 8, p. 537-549, 1999. Disponible en: <[https://cvc.cervantes.es/lengua/paremia/pdf/008/085\\_zuluaga.pdf](https://cvc.cervantes.es/lengua/paremia/pdf/008/085_zuluaga.pdf)>. Acceso el 11 abr. 2021.

# IR POR LANA Y VOLVER SIN PLUMAS – SOBRE A REPRESENTATIVIDADE PROVERBIAL DE LA CELESTINA NAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS

Andrea Garcia Muniz

## INTRODUÇÃO

A locução proverbial<sup>86</sup> que dá nome ao título deste capítulo apresenta, do ponto de vista histórico-cultural, um subcontexto significativo alusivo às práticas sociais então vigentes durante a Idade Média no território espanhol e que diz muito sobre os castigos físicos aplicados às *alcahuetas* e feiticeiras, dois dos ofícios exercidos por Celestina, protagonista da obra de Fernando de Rojas (1499). Segundo Covarrubias (1611), as pessoas implicadas na prática da *alcahuetería* eram castigadas publicamente quando, despedidas da cintura para cima, eram untadas com mel e salpicadas com penas miúdas, resultando em uma espécie de monstro meio ave, meio mulher.

Do ponto de vista tradutológico, ao analisar a parêmia em questão, diga-se de passagem, um autêntico exemplo de desautomatização rojiana, observamos que seu emprego funciona, única e exclusivamente, no contexto enunciativo de *La Celestina*, ao contrário de sua forma canônica “Ir por lana y volver trasquilado” que se aplica em diferentes situações comunicativas, de modo que o termo ‘plumas’ empregado pelo autor alude a um referente cultural (histórico) muito específico no espanhol e, provavelmente, desconhecido por grande parte dos leitores brasileiros.

---

<sup>86</sup> Pauta-se a classificação na taxonomia das parêmias proposta por Crida Álvarez e Sevilla Muñoz (2015; 2017).

Ao se levar em conta estes aspectos e, considerando que as dificuldades com a tradução dos fraseologismos tornam-se exponenciais, em se tratando de um texto histórico produzido por um emissor para receptores distantes no tempo e espaço, em uma situação comunicativa de séculos atrás, pode-se indagar como esse conjunto de enunciados ligados à sabedoria popular e considerados uma autêntica mostra do uso discursivo na fala de Rojas e de seus contemporâneos chegou até nós por meio das traduções brasileiras, ou ainda, questiona-se como a proverbialidade celestinesca se mantém (ou não) nas traduções brasileiras.

Estas linhas introdutórias focalizam, portanto, os desafios pelos quais o tradutor pode se deparar no âmbito da tradução fraseológica, dado que nem sempre é possível localizar uma correspondência abarcadora de toda a carga histórica e cultural presente em muitas parêmsias. A fraseologia representa em si mesma uma dificuldade em qualquer etapa da atividade interlinguística. Corpas Pastor (2003, p. 311) defende que reconhecido e interpretado corretamente o fraseologismo em contexto como uma “unidade de tradução”, o tradutor tem ainda o desafio de lidar com as dificuldades intrínsecas de produzir um novo texto que reflita de alguma maneira a atualização semântica contextual da unidade, suas implicaturas e sua função pragmático-textual global.

O objetivo deste artigo é analisar se as escolhas tradutológicas de Paulo Hecker Filho (1990) e Millôr Fernandes (2008) preservaram (ou não) a representatividade proverbial do texto *La Celestina*, de Fernando de Rojas, e, por conseguinte, com a manutenção da caracterização dos personagens lapidários da obra, intimamente relacionados e construídos a partir da matéria prima proverbial.



## 1. Enfoque teórico

### 1.1 Parêmiias e tradução paremiológica

A paremiologia costuma ser uma das maiores dificuldades que se pode encontrar dentro de uma tradução. De acordo com Corpas Pastor (2003, p. 89), “as parêmiias são unidades fraseológicas capazes de constituir atos de fala por si mesmas e susceptíveis de funcionar como enunciados com caráter de texto”. Da parte desta presente pesquisa, acrescenta-se que uma parêmia ou um provérbio<sup>87</sup> quando inserido em determinado texto, ademais de particularizar uma experiência humana, também espelha realidades próprias de determinada coletividade que podem ou não fazer parte dos conhecimentos prévios do leitor/tradutor.

À guisa de exemplo, recorre-se à edição de referência em espanhol de *La Celestina* (1499) utilizada neste estudo<sup>88</sup> a cargo de Russell (2013). *Celestina*, no Ato VII, trava uma longa conversa com Pármemo, haja vista que o comportamento do jovem criado ainda representava um entrave aos nefastos planos da velha barbuda; ela o induz a relacionar-se bem com Semprônio, a ter-lhe amizade, para tanto vai buscar no passado a lembrança de Claudina, sua mãe, quem acredita não ser pior do que ela. O criado, por sua vez, passa a cobrar a promessa feita por *Celestina* de que Areúsa, prima de Elícia, e a quem muito amava, seria sua. Finalmente decidem ir à casa da jovem rameira. Ao incitar Pármemo a estabelecer amizade com Semprônio, *Celestina* se vale de uma parêmia alterada formalmente (desautomatizada) para adaptá-la ao seu discurso: “(CELES-

---

<sup>87</sup> O provérbio é a parêmia por excelência, pois cumpre com as cinco características de-finitórias propostas por Corpas Pastor (1996, p. 148): lexicalização, autonomia sintática, autonomia textual, valor de verdade geral e caráter anônimo.

<sup>88</sup> Este estudo na sua totalidade pode ser consultado na tese MUNIZ, C. A. G. O tratamento das parêmiias populares de *La Celestina* nas traduções de Paulo Hecker Filho (1990) e Millör Fernandes (2008). 326 p. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2020.

TINA) - Quiere tu amistad; Crecería vuestro provecho, dándoos el uno al otro la mano, ni aun habría más privados con vuestro amo, que vosotros. Pues sabe que es menester que ames si quieres ser amado, que *no se toman truchas*<sup>89</sup>...” (ROJAS, 2013, p. 373).

A supressão de parte da estrutura dilui a estrutura elíptica da parêmia, contudo, isto a torna ainda mais explícita, pois, ao se desautomatizar, a atenção do leitor se volta para a estrutura uma vez que a inerente automação do discurso repetido foi desfeita. O provérbio sugerido, conforme terminologia proposta por Bizzarri (2004, p. 50), é um fenômeno próprio da oralidade e o exemplo mais perceptível de todos é inserir ao texto somente a primeira parte da parêmia, jogando com a cooperação do interlocutor e do leitor que saberão, pelo menos é o que se espera, completar a parte que falta.

Por pertencer a dada comunidade, o provérbio se revela no contexto do discurso, como um segmento de discurso aprendido por todos e vivo na memória coletiva da comunidade (BIZZARRI, 2004), de modo que não parece ser necessário proferir a parêmia completa, basta apenas sugerir-la, mesmo porque ambos compartilham o mesmo código. Assim, o questionamento aqui conduzido é: em caso de reconhecimento da parêmia no texto pelo tradutor, quais caminhos a se percorrer? Quais escolhas poderia fazer para que a proverbialidade ou o sentido paremiológico do texto celestinesco se mantivesse nas traduções?

Neste viés, a teoria da tradução de Roman Jakobson (1995) preconiza que toda experiência cognitiva pode ser expressa em qualquer idioma existente. No entanto, como observa González Rey (2015), existem diferentes posicionamentos no que se refere à relação entre fraseologia e tradução, que vão desde a perspectiva da intraduzibilidade dos fraseologismos paremiológicos até sua traduzibilidade mediante um sistema

---

<sup>89</sup> Destaque da autora.

de equivalência por graus (CORPAS PASTOR, 2003), passando pelo reconhecimento da “resistência à tradução” dessas unidades (RICHART MARSET, 2008). Ainda que esta situação resulte em diferentes formas de tratar o “problema”, a fraseóloga prefere pensar que, na prática tradutológica, pode-se dizer, sempre é possível resolver o impasse que representa a inserção de uma unidade paremiológica no texto fonte da maneira (escolha tradutológica) que o tradutor julgue mais adequada.

De passagem, cumpre-se registrar a concepção de M. Sevilla Muñoz (2015, p. 96), adaptada aos propósitos deste estudo, o que se entende por tradução fraseológica e paremiológica: a tradução de textos com presença de fraseologismos e parêmias, cuja prioridade está na manutenção das características do texto fonte no texto meta e não exatamente a tradução de cada um dos enunciados e expressões por outra semelhante na língua de chegada. Nesse sentido, o que condiciona o estabelecimento de correspondências são as características textuais, devido: i) o texto fonte delimita o sentido de uma dada parêmia e ii) as parêmias ou fraseologismos, em geral, podem desempenhar uma função estilística e comunicativa no texto fonte que deve prevalecer sobre outros possíveis fatores.

As parêmias, arquilexema<sup>90</sup> dos enunciados breves e sentenciosos (CRIDA ÁLVAREZ; SEVILLA MUÑOZ, 2015) por apresentarem características linguísticas, contextuais e culturais específicas, representam uma das parcelas mais complexas para a atividade do tradutor. Nesse sentido, ao tratar sobre o uso contextual dos provérbios para fins de efeito humorístico na vertente tradutológica e estilística, Viégas-Faria (2004, p. 214) afirma que a obrigação de criar humor na tradução tantas vezes quantas há passagens no texto fonte “faz com que o tradutor tenha

---

<sup>90</sup> Nesse sentido, por arquilexema, o termo parêmia compreenderia o amplo espectro léxico que forma parte dos estudos paremiológicos, ou seja, a designação de parêmia inclui todos os tipos de frases com caráter proverbial ou paremiológico: provérbio, frase proverbial, máxima, adágio, aforismo, sentença, apotegma, etc.

de lançar mão de um leque ainda maior de estratégias para dar solução a esse desafio linguístico/criativo do que o tradutor que lida com um texto sem passagens humorística”.

Mas, indaga-se: por que as parêmiias são textos que engendram grandes dificuldades para a tradução? Para poder responder a esta questão é preciso, primeiramente, ter em conta que os enunciados sentenciosos são estruturas conotadas social e culturalmente, trata-se, portanto, de uma questão textual que apresenta uma especificidade a traduzir de forma reflexiva. Segundo Ugarte García (2015, p. 82), fatores como o linguístico, já antes mencionado, fatores paremiológicos como a ausência de equivalentes na língua meta, fatores sociolinguísticos como a motivação própria da língua fonte refletidas nas imagens que compõem a parêmia e, por último, os fatores pragmáticos relativos às variantes diacrônicas diatópicas, diastráticas e diafásicas de uma parêmia, favorecem tal complexidade à tradução paremiológica.

É certo que o caráter “de fraseologia universal” (JORGE, 2012) implica em um maior reconhecimento da parêmia e, pode-se dizer, facilita o ato de tradução, uma vez que a natureza comum da estrutura lógica do pensamento humano e a presença de muitos universais em diferentes línguas (BAGHDASARIÁN, 2017, p. 497) favorecem a transmissão dos enunciados sentenciosos, considerando-se que a diferença das línguas não consiste na capacidade de expressar um ou outro significado, mas nos meios pelos quais tais significados são expressos, devido à diversidade dos recursos formais expressivos e a diferença estrutural dos campos conceituais, diretamente relacionados a sua cosmovisão. Os universais paremiológicos encontram possíveis correspondentes em várias línguas, mas, como revela a prática, na maioria das vezes, a tradução de uma parêmia não é tão imediata, e o tradutor terá que se mobilizar a fim de proceder à acomodação do fraseologismo do texto fonte no texto da cultura receptora.

Tomando como referência aquilo que foi dito por pesquisadores da área, os principais problemas que uma parêmia apresenta para a tradução são, essencialmente, dois: i) a capacidade de reconhecer e interpretar corretamente o enunciado paremiológico em contexto como uma “unidade de tradução” e ii) lidar com as dificuldades envolvidas na produção de um novo texto que reflita de alguma maneira a atualização semântica contextual da unidade, suas implicaturas e sua função pragmático-textual global (CORPAS PASTOR, 2003, p. 311). Assim, quanto ao primeiro problema encontrado, se por um lado, levando em conta as noções de idiomacidade e transparência (GONZÁLEZ REY, 2015), é possível calibrar o grau de dificuldade na interpretação de uma parêmia, por outro, é sabido que, quanto mais idiomática uma parêmia, maior será a probabilidade de seu reconhecimento por parte do tradutor como observa M. Sevilla Muñoz:

A opacidade pode ser uma ferramenta útil para localizar as UFs de um texto, uma vez que uma parte do texto sem um sentido reconhecível atrai a atenção e força a realização de uma análise que levará a identificar esse fragmento como uma unidade fixa e a adaptar as técnicas e estratégias de tradução para a especificidade deste tipo de unidades linguísticas<sup>91</sup> (SEVILLA MUÑOZ, 2013, p. 180)

Sendo a opacidade uma dificuldade para a compreensão das parêmias em si e também da parte do texto afetada por sua significação, um aspecto a se considerar no âmbito da tradução paremiológica diz respeito à competência paremiológica do tradutor, fator de fundamental importância no reconhecimento do enunciado parêmico inserido no texto, seja em sua forma fixa ou desautomatizada.

---

<sup>91</sup> La opacidad puede ser una herramienta útil para la localización de las UF de un texto, pues una parte del texto sin un sentido reconocible llama la atención y obliga a llevar a cabo un análisis que conducirá a identificar ese fragmento como una unidad fija y a adaptar las técnicas y estrategias de traducción a la especificidad de este tipo de unidades lingüísticas. (SEVILLA MUÑOZ, 2013, p. 180)

Além, claro, de uma boa dose de sensibilidade linguística e cultural, para Díaz Ferrero e Sabio Pinilla (2017, p. 113), uma boa competência tradutora permite levar a cabo, e de forma adequada, o processo de tradução de um fraseologismo. Segundo os pesquisadores, as subcompetências próprias de um modelo de competência tradutora estariam estreitamente relacionadas com as fases do processo de tradução dos fraseologismos, antevistos, pode-se dizer, ao se citarem os principais problemas que esse tipo de processo apresenta. Para melhor compreender essa relação, Corpas Pastor (2003, p. 281) assim fixa as fases do processo de tradução, quais sejam: a identificação do fraseologismo ou unidade paremiológica; a interpretação da unidade paremiológica em seu contexto; a procura por correspondências no plano léxico e, por fim, o estabelecimento de correspondências no plano textual e discursivo.

Com efeito, a competência paremiológica do tradutor deve ir além da competência puramente linguística, uma vez que as exigências no âmbito fraseológico suplantam o plano sistêmico ao requererem aspectos outros como culturais, estilísticos, pragmáticos e também criativos, pois, a relação de equivalência entre as microunidades textuais aqui analisadas pode, em muitos casos, estabelecer-se mediante recriações fraseológicas como uma opção tradutória mais ajustada ao contexto e suas implicações. Isso faz crer que a tradução é uma atividade resultante de valores aproximativos, muitas vezes desiguais, pois, embora existam equivalentes mais ou menos satisfatórios no plano léxico (cf. Corpas Pastor, 2003), estabelecer correspondências automáticas no plano textual é, no mínimo, um ato irrefletido.

## **1.2. Equivalência fraseológica e paremiológica**

Salientou-se antes sobre a complexidade da tradução paremiológica e os desafios que esta suscita no ato da tradução. Disto resulta que a procura por equivalentes nesse âmbito é, indubitavelmente, uma árdua

tarefa; contudo, é importante ressaltar que, sempre que possível, deve-se optar por equivalentes funcionais (DÍAZ FERRERO; SABIO PINILLA, 2017, 115), os quais poderão ser parêmico ou não. A equivalência fraseológica consiste, basicamente, na substituição de um fraseologismo do texto fonte por outro equivalente no texto de chegada, mas, em se tratando da tradução de enunciados sentenciosos inseridos no texto, nada é tão simples assim, conquanto, são desafiadoras (e motivantes) as palavras de Zuluaga (1999, p. 548) para todo pesquisador que se lança à tal jornada: os fraseologismos são as unidades que oferecem problemas de tradução os mais efetivamente interessantes.

Em decorrência das diferentes concepções sobre o conceito de equivalência entre os estudiosos, são verificadas, essencialmente, duas aproximações ao problema da equivalência da tradução dos fraseologismos entre diferentes línguas: uma no nível da *langue*, e outra no nível da *parole*. Baseada na equivalência denotativa (critério básico para a determinação da equivalência), a primeira aproximação, restrita à fraseologia contrastiva, compara os fraseologismos como unidades do sistema linguístico e se centra na distinção e classificação dos diferentes tipos de equivalência. Por sua vez, a aproximação tradutológica analisa os fraseologismos a partir de sua inserção no texto. Neste enfoque, a equivalência fraseológica se estabelece no nível da *parole* e na função desempenhada pelo fraseologismo no contexto da situação comunicativa em que aparece. Tal visão implica pensar a tradução fraseológica em termos funcionais, isto é, uma equivalência originada no texto e que leva em conta a função comunicativa do fraseologismo em um contexto determinado.

Mellado Blanco (2015, p. 155-156) descreve o conceito de equivalência fraseológica funcional como “uma coincidência comunicativa entre duas unidades léxicas”<sup>92</sup>, isto é, são unidades com um máximo de semelhança em sua semântica lexical e também em sua imagem, e que

---

<sup>92</sup> “una coincidencia comunicativa entre dos unidades léxicas” (MELLADO BLANCO, 2015, p. 155).

podem ser usadas em situações semelhantes, sem as possíveis perdas de informação. Ainda segundo a autora, ao considerar que no nível da tradução se deve primar mais pelo texto em seu conjunto que às palavras isoladas, as propostas de tradução de uma parêmia não podem se restringir apenas como equivalências funcionais em sentido lexicográfico, uma vez que “as traduções apresentam potencialmente uma tipologia muito variada que inclui desde a paráfrase até a modificação criativa e até a eliminação do fraseologismo na L2”<sup>93</sup>. Neste sentido, Mellado Blanco ainda ressalta que, na equivalência textual, o conceito de equivalência nula perderia sentido, pois “a escolha da equivalência no plano textual dependerá do uso específico da parêmia, do tipo de texto, de sua função e de muitos outros fatores que determinarão a técnica de tradução utilizada” (DÍAZ FERRERO; SABIO PINILLA, 2017, p. 115)<sup>94</sup>.

Vistos alguns dos aspectos fulcrais relativos à tradução paremiológica e à competência que se exige de um tradutor para o trabalho com esse tipo de tradução, passa-se a discorrer, na próxima seção, sobre a tradição textual de *La Celestina* enquanto exemplo paradigmático do uso das parêmias e a recepção do texto no contexto brasileiro enquanto objeto de tradução.

## 2. Sobre a recepção de *La Celestina* no Brasil: tradutores e traduções

Em linhas gerais, muitos aspectos de *La Celestina* (1499) contribuem para a formação de uma áurea de mistério em torno a sua história

---

<sup>93</sup> “las traducciones presentan potencialmente una tipología muy variada que incluye desde la paráfrasis hasta la modificación creativa e incluso la eliminación del fraseologismo en la L2” (MELLADO BLANCO, 2015, p. 155-156).

<sup>94</sup> “la elección de la equivalencia en el plano textual dependerá del uso concreto de la paremia, del tipo de texto, de su función y de otros muchos factores que condicionarán la técnica de traducción empleada” (DÍAZ FERRERO; SABIO PINILLA, 2017, p. 115).



textual, a começar pelo êxito imediato de uma história fictícia, bastante simples à primeira vista, de um amor aristocrático mal sucedido, cujo argumento geral revela a figura do jovem Calisto quem, apaixonado por Melibéa, com a ajuda de dois de seus criados, Semprônio e Pármeno, recorre aos serviços de Celestina, famosa e astuta *alcahueta* encarregada de intermediar o amor entre os jovens amantes.

Até mesmo a história por trás de seu título transporta a uma viagem no tempo para observar o impacto da obra sobre o leitor da época: desde muito cedo, parece que muitos deles recusaram o título que seus autores haviam dado, o que resultou na mudança de um novo título, imediatamente popularizado entre os leitores da época Celestina ou La Celestina, nome da “alcahueta” cuja personalidade domina a maior parte da ação. Assim, uma característica da obra é que tudo está ao contrário daquilo que pretendiam tanto a moralidade convencional como a tradição literária da época: transformação da *alcahueta* má em ‘heroína’ titular, à custa dos nomes dos nobres amantes, pode se considerar um exemplo desse processo.

Muitos aspectos relativos ao texto de Fernando de Rojas ainda hoje carecem de consenso entre os especialistas da área, a própria gênese e a tradição textual, sua autoria, as diversas imitações, etc. A primeira tradução de *La Celestina* de que se tem notícia vê a luz no ano de 1506, uma versão para o italiano; no século XVI o clássico literário foi frequentemente traduzido para vários idiomas.

Diante de tamanha difusão e alcance tradutológico, tal realidade não se aplica no nosso caso, pois os estudos sobre a recepção do texto no Brasil são limitados e as traduções são pouquíssimas. As traduções em Portugal e, por extensão, no Brasil, são consideradas bastante tardias, pois, somente no século XX, é que se começa a traduzir o texto de Rojas em português. Não discorreremos sobre a problemática, contudo, é pertinente registrar que no ano de 1540 *La Celestina* foi impressa em

Lisboa por Luis Rodríguez, mas em espanhol e não em português, não existe, portanto, nenhuma tradução antiga portuguesa da obra. Já em 1581 o *Index* português proíbe, no reino lusitano, todas as Celestinas espanholas. A julgar pelo trânsito amistoso entre as coroas portuguesa e espanhola da época e o bilinguismo que nelas impera, a abundante oferta da obra por livreiros espanhóis em Portugal e a censura da igreja, é possível conjecturar sobre o porquê da ausência de edições portuguesas no período, até porque, o catálogo *Index*<sup>95</sup> vigorou até o ano de 1966, assim, é razoável pensar que estas prováveis causas poderiam explicar as tardias traduções de *La Celestina* em língua portuguesa.

No ano de 1967<sup>96</sup>, a obra foi traduzida pela primeira vez para o Português brasileiro. Hoje, passados mais de cinquenta anos, conta-se apenas com outras duas traduções traduzidas e publicadas no Brasil, edições de referência em português utilizadas neste estudo e que se passa a apresentar em linhas gerais. No começo da década de 1990, mais de vinte anos após a publicação desta tradução para o português do Brasil, outro escritor brasileiro traduz *La Celestina*, Paulo Hecker Filho.

Publicada pela Editora Sulina, o texto fonte utilizado na tradução de Paulo Hecker foi a edição a cargo de Adolfo Bioy Casares, com consulta a outras edições da obra, segundo o próprio tradutor. Quem assina a introdução intitulada “Para começar a ler”, é Paulo Hecker, na qual faz uma breve consideração sobre os principais aspectos da obra e da crítica especializada, como os sucessivos títulos, de como o nome Celestina foi dado à obra, a provável época em que fora escrita, as edições princeps, a divisão em 16 atos, sua autoria, etc. No fim do volume é organizada uma “pequena fortuna crítica da obra” pelo tradutor. Paulo Hecker (1990, p.

---

<sup>95</sup> O *Index Librorum Prohibitorum* ou *Index Expurgatorius* era uma lista de publicações proibidas pela Santa Sé naquela época.

<sup>96</sup> Trata-se da tradução de Waldir Ayala, a partir da adaptação de Luís Escobar e Huberto de la Ossa, publicada pela Coordenada-Editora de Brasília Ltda no ano de 1967.

7) finaliza sua apresentação deixando uma formulação de sua concepção de tradução ao afirmar que “a tradução, apesar de não se proibir de dar aqui e ali alguma leveza e agilidade ao velho texto, sempre quis lhe ser fiel”.

Na década seguinte, em 2008, saiu pela L&PM Pocket, outra casa editorial gaúcha, *A Celestina*, de Millôr Fernandes. Uma tradução de encomenda, de acordo com as fontes consultadas no decorrer desta pesquisa, pela atriz e produtora teatral Teresa Rachel, cujo objetivo era a montagem da peça, o que reafirma o interesse na encenação do clássico de Rojas e, mesmo que o projeto não tenha ido adiante, fica evidente o interesse da editora em associar a publicação de uma peça traduzida à sua montagem no teatro.

Para Valverde (2001, p. 529), nos dias atuais e no que concerne ao contexto nacional, *La Celestina* desperta um interesse por uma análise mais especificamente literária, muito embora, a julgar pelos estudos introdutórios das traduções pós ditadura militar, fica claro que é como uma literatura para o teatro como se propunha *La Celestina* no Brasil, o que não deixa de fazer certo sentido, se analisa-se o recorrente interesse pela obra na perspectiva teatral. Assim, *La Celestina* é, hoje, pode-se dizer, mais analisada pelo viés da crítica literária do que encenada por dramaturgos e teatrólogos brasileiros.

Na sequência, analisa-se, a partir do critério da representatividade proverbial, dados extraídos do nosso *corpus* e as escolhas dos tradutores brasileiros.

### **3. Análise dos dados**

Considerando que uma das formas de tratar o problema paremiológico do texto celestinesco é o estudo das parêmias em função das per-

sonagens que as empregam mais vezes no texto, o que aqui denomina-se critério da representatividade proverbial, na sequência, expõem-se, antecedidas pela parêmia inserida no texto, as traduções para o Português brasileiro de Paulo Hecker Filho (1990), denominada texto meta 1 (TM1) e Millôr Fernandes (2008), o texto meta 2 (TM2), em ordem cronológica de publicação. O primeiro dado analisado refere-se à frase proverbial mencionada na parte introdutória deste estudo, **Ir por lana y volver sin plumas**

SEMPRONIO. - Madre, mira bien lo que hazes. Porque, quando el principio se yerra, no puede seguirse buen fin. Piensa en su padre, que es noble e esforçado, su madre celosa e braua, tú la misma sospecha. Melibea es vnica a ellos: faltándoles ella, fáltales todo el bien. En pensallo tiemblo, no vayas por lana e venegas sin pluma.

CELESTINA. - ¿Sin pluma, fijo?

SEMPRONIO. - O emplumada, madre, que es peor. (Ato III, p. 304)

Não vás buscar lã e voltar tosquiada (TM 1, p. 59)

Não vás buscar lã e sair sem as plumas (TM 2, p 62-63)

Esta parêmia antiga é atestada por Hernán Nuñez (1549) com as variantes *El carnero encantado, que fue por lana y bolvio tresquilado*; Ires por lana, y vernes tresquillada e por Pedro Vallés (1549) na versão *Venir por lana y volver tresquilado*. Quanto ao significado, Covarrubias (1611) explica que o enunciado alude àquele que imagina tirar vantagens de alguma empreitada ou trato e volta no prejuízo. Do mesmo modo, alude a quem foi ofender e voltou ofendido. Trata-se de uma locução proverbial de uso frequente no espanhol, tributária do provérbio *El carnero encantado, que fue por lana y volvi6o trasquilado*.

No português localizamos em Rolland (1780) um correspondente formal similar *Ir por lâ, e vir tosquiado*, forma atualmente em desuso. A variante O feitiço virou contra o feiticeiro é registrada no Refranero multilingüe como um equivalente funcional da parêmia original e de uso atual na língua portuguesa. Com relação às versões brasileiras, Hecker Filho identifica a parêmia em espanhol e opta por aplicar a técnica do equivalente lexicalizado localizado em Delicado (1651) *Ir por lâ, e vir tosquiado*, sem proceder à alteração do TF. Millôr Fernandes parece reconhecer a parêmia original e a modificação feita por Rojas e opta pela técnica da tradução literal, adaptando o enunciado no TM ao desfazer, com a fala de Celestina, o ‘engano’ de Semprônio quando troca o termo ‘tosquiada’ por ‘pluma’, o que compensa, de certa forma, a perda do efeito irônico da parêmia desautomatizada no TF. A perda do item cultural, posto em evidência com a manipulação da parêmia original, ocorre em ambas as traduções, o que nos leva a refletir sobre uma máxima nos estudos da tradução paremiológica: trata-se de um processo inevitável de perdas e ganhos.

A parêmia **Guay del huso, cuando la barba no anda de suso**, é citada no ato IV do texto

CELESTINA. - Jamás me acosté sin comer una tostada en vino e dos dozenas de sorvos, por amor de la madre, tras cada sopa. Agora, como todo cuelga de mí, en un jarro malpegado me lo traen, que no cabe dos açumbres. Seys vezes al día tengo de salir por mi pecado, con mis canas a cuestras, a le henchir a la taverna. Mas no muera yo de muerte, hasta que me vea con un cuero o tinagica de mis puertas adentro. Que, en mi ánima, no ay otra provisión; que, como dizen: “pan y vino anda camino, que no moço garrido”. Assí que, donde no hay varón, todo bien fallece: con mal está el huso, quando la barva no anda de suso. Ha venido esto, señora, por lo que dezía de las agenas necesidades y no mías. (ATO IV, p. 325-326).

Nenhuma se arrima sem a barba em cima (TM 1, p. 69)

Mulher em qualquer idade sem barba em cima é uma barbaridade (TM 2, p. 75)

Este provérbio está registrado em várias coleções paremiográficas antigas. O termo ‘huso’ (fuso) personifica a mulher e ‘barba’, o homem. A forma antiga ‘suso’ significa ‘encima’; para Etxabe (2012), se “traduzem-se” as figuras estilísticas do provérbio nos pares huso/mujer, barba/hombre e suso/encima o que se tem é a expressão “Mal está la mujer cuando el hombre no anda encima”, sendo que a correlação huso/mujer (fuso/mulher) tem uma base real: a fição como atividade tipicamente feminina. De acordo com o *Diccionario de Autoridades*, o significado da parêmia adverte sobre a falta que faz à viúva seu marido falecido. Em sentido amplo, a ideia comunicada pelo provérbio expressa que é conveniente que os assuntos mais importantes estejam adequadamente dirigidos. Consciente da poderosa eficácia da rima para a captação da informação contida no momento da fala, Fernando de Rojas insere ao discurso de Celestina esta parêmia que, dotada de jogos de palavras, deixam perceptível uma forte reminiscência erótica, conteúdo semântico que as traduções conseguiram preservar ao recriarem o ritmo parêmico do provérbio espanhol.

Na sequência, a parêmia a ser analisada está inserida no ato II do texto **Nunca más perro al molino**

PÁRMENO. - O desdichado de mí! Por ser leal, padezco mal. Otros de ganan por malos; yo me pierdo por bueno. El mundo es tal. Quiero yrme al hilo de la gente, pues a los traydores llaman discretos, a los fieles, nescios. Si yo creyera a Celestina con sus seys dozenas de años a cuestras, no me maltratara Calisto. Mas esto me porná escarmiento de aquí adelante con él; que si dixere «comamos», yo también; si quisiere derrocar la casa, aprovarlo; si quemar su hazienda,

yr por fuego. Destruya, rompa, quiebre, dañe, dé a alcahuetas lo suyo, que mi parte me cabrá, pues dicen «a río buelto ganancia de pescadores». Nunca más perro a molino (ATO II, p. 293)

Aprendi a lição (TM 1, p. 54)

Não levo mais o cão ao moinho (TM 2, p. 56)

Esta parêmia, como muitos outros provérbios de animais que povoam o universo de *La Celestina*, aparece na recolha de Pedro Val-lés (1549) *Nunca más perro a molino*. Localizamos no *Refranero Multilingüe* um correspondente funcional *Gato escaldado, del agua fría huye*, de uso frequente no espanhol. Em sentido amplo, o provérbio indica que uma experiência ruim e dolorosa nos deixa muito desconfiado; no texto, parece aludir a um sentido mais específico, ou seja, que geralmente se pretende não repetir uma experiência desagradável novamente. Atualmente, na língua espanhola a parêmia em análise apresenta uma série de variantes, mas baseada em um zoomorfismo diferente, a imagem do gato, e não mais do cachorro. Quanto à língua portuguesa, localizamos um correspondente funcional na coleção de Rolland (1780) “Gato escaldado de água fria tem medo”. De uso frequente no Brasil, a variante “Gato escaldado tem medo de água fria” aparece registrada no *Refranero multilingüe*. Os tradutores parecem identificar a parêmia no TF, mas optam por diferentes técnicas para plasmar o enunciado nas traduções. Paulo Hecker apresenta uma explicação do significado denotativo do provérbio espanhol. Millôr Fernandes aplicou a técnica da tradução literal, contudo, como ‘levar um cão ao moinho’ não implica nenhuma ideia figurada em português, a compreensão do enunciado na tradução ficou obscura.

A próxima parêmia a ser analisada **No se pescan truchas a bragas enjutas**

CELESTINA. - Quiere tu amistad; Crecería vuestro provecho, dándoos el uno al otro la mano, ni aun habría más privados con vuestro amo, que vosotros. Pues sabe que es menester que ames si quieres ser amado, que no se toman truchas... (ATO VII, p. 373)

Omissão da unidade de tradução (TM 1, p. 95)

Omissão da unidade de tradução (TM 2, p. 101)

Um breve percurso diacrônico nos revela um pouco sobre a evolução do provérbio. “No se pescan truchas a bragas enjutas” registrado em diferentes coleções paremiográficas, dicionários e obras literárias ao longo dos séculos. Com este provérbio, que hoje seria expresso como “Quien quiera peces que se moje el culo”, o enunciador adverte que, para conseguir aquilo que se quer, é preciso esforço e trabalho, cuja ideia central é, de acordo com informações do Refranero multilingüe, esforço/sacrifício. Este enunciado tem uma base real: a pesca desse gênero (truchas/trutas) exige que o pescador se molhe. No contexto situacional, o enunciado é inserido ao texto mediante o recurso da desautomatização, uma estratégia que exige do leitor uma participação ativa (CHACOTO, 2012) na reconstrução da parêmia.

Localizamos em António Delicado (1651) “Não se ganham/tomam trutas, às bragas enxutas”, Bento Pereira (1697) “Não se ganham trutas a bragas enxutas” e Rolland (1780) “Não se tomão trutas a bragas enxutas”. A princípio, a omissão do enunciado nas traduções de Paulo Hecker e Millôr Fernandes, revela a dificuldade que existe em se reconhecer e interpretar uma estrutura modificada no contexto e que objetiva, para Corpas Pastor (1996), a produção de distintos efeitos discursivos e estilísticos, neste caso específico, de apoio ao fio argumentativo e persuasivo da personagem. Outra possibilidade seria, no caso de reconhecimento da estrutura, por entenderem que a introdução da parêmia na tradução não é condição *sine qua non* para a compreensão do texto. De



todas as formas, ao optarem pela técnica da omissão, os tradutores manipularam o texto fonte, e o reflexo da alteração implica diretamente na anulação dos efeitos pretendidos com a inserção e desautomatização do provérbio no texto de Rojas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do embasamento da literatura especializada e as reflexões acerca da tradução das parêmias inseridas na obra *La Celestina*, foi possível constatar os desafios enfrentados pelo tradutor, considerando que esse tipo de tradução requer competências que vão além do reconhecimento do fraseologismo no texto fonte e sua interpretação, mesmo porque, como foi possível entrever, após a identificação da parêmia, ainda é preciso lidar com as dificuldades intrínsecas de se produzir um novo enunciado que se ajuste à situação discursiva do texto literário a ser traduzido.

Em relação especificamente a tradução do texto com parêmias, o tradutor, localizando um possível correspondente paremiológico na língua de chegada, precisa dar um passo a mais no processo de tradução, ou seja, é necessário analisar a contribuição do fraseologismo no contexto do texto fonte e verificar se esta correspondência obtida no plano léxico (ou do dicionário) pode ou não funcionar no texto de chegada. Caso se estabeleça a funcionalidade entre ambas, o tradutor opta pelo emprego da técnica denominada equivalência, que corresponde a uma mesma situação, mas usando meios estilísticos e estruturais diferentes; do contrário, se a unidade fraseológica correspondente não funciona no texto de chegada, o tradutor seguirá em busca de outras opções.

Por fim, é preciso salientar que as escolhas dos tradutores contribuíram para a manutenção da representatividade proverbial de *La Celestina* nas traduções brasileiras. Contudo, é preciso salientar que a aná-

lise dos dados revelou a prática de apagamento de muitas das parêmas do texto original nos textos meta. Nesse sentido, pode-se inferir que a omissão das unidades paremiológicas nas traduções de Paulo Hecker Filho e Millôr Fernandes, estaria relacionada à própria traduzibilidade da parêma do texto fonte, ou ainda a questões estilísticas, por entenderem que o apagamento da parêma não comprometeria a compreensão global do texto traduzido.

## REFERÊNCIAS

BAGHDASARIAN, Hasmik. Algunas consideraciones en torno a los procedimientos de traducción de refranes y proverbios. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 494-509, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2017000300494&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2017000300494&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 fev. 2020.

BIZZARRI, H. **El refranero castellano en la Edad Media**. Madrid: Editorial Ediciones del Laberinto, 2004.

CENTRO VIRTUAL CERVANTES (Instituto Cervantes). **Refranero multilingüe**. Disponible en: <<https://cvc.cervantes.es/lengua/refranero/>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

COVARRUBIAS OROZCO, S. **Tesoro de la lengua castellana o española**. Impresor Luis Sánchez. Madrid, 1611. Versão digitalizada. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=K10MJdL7pGIC&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books?id=K10MJdL7pGIC&redir_esc=y)>. Acesso em: 25 fev. 2020.

CORPAS PASTOR, G. **Diez años de investigación en fraseología: análisis sintáctico-semánticos, contrastivos y traductológicos**. Madrid: Editorial Iberoamericana & Vervuert, 2003.

\_\_\_\_\_. **Manual de Fraseología Española**. Madrid: Gredos, 1996.

CHACOTO, L. Fraseoparemiologia e Tradutologia. In: ALVAREZ, M. L. O. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Anais... Campinas: Pontes Editores, 2012, p. 213-227.

CRIDA ÁLVAREZ, C. A; SEVILLA MUÑOZ, J. La problemática terminológica en los estudios paremiológicos. **Anuari de Filologia. Estudis de Lingüística**, nº 5, p. 67-77, 2015.

\_\_\_\_\_. Taxonomía de las paremias en lengua española. **Phrasis. Rivista di studi fraseologici e paremiologici**, v. 1, p. 117-129, 2017. Disponível em: <<http://www.phrasis.it/rivista/index.php/rp/article/view/18>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

DELICADO, A. **Adagios portugueses reduzidos a lugares comuns / pello lecionado Antonio Delicado, Prior da Parrochial Igreja de Nossa Senhora da charidade, termo da cidade de Euora**. Lisboa: Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651. [12], 190 [i. é 187], [1] p. Disponível em: <<http://clp.dlc.ua.pt/Corpus/AntonioDelicado.aspx>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

DÍAZ FERRERO, A. M; SABIO PINILLA, J. A. Aplicaciones de la enseñanza de la traducción del Mínimo paremiológico del portugués. **Revista Caracol**, nº 14, São Paulo, p. 105-129, 2017.

ETXABE, R. **Diccionario de refranes comentado**. Madrid: Ediciones de La Torre, 2012.

GONZÁLEZ REY, M<sup>a</sup>. I. Fraseologización e idiomatización en traducción literaria. **Enfoques actuales para la traducción fraseológica y paremiológica: ámbitos, recursos y modalidades**. Instituto Cervantes, Biblioteca Fraseológica y Paremiológica, serie “Monografías”, 6, p.143-160, 2015.

JAKOBSON, R. Os aspectos linguísticos da tradução. In: **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995.

JORGE, G. A tradução nos estudos fraseológicos. In: ALVAREZ, M. L. O. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas: Pontes Editores, 2012, p. 59-84.

MELLADO BLANCO, C. Parámetros específicos de equivalencia en las unidades fraseológicas (con ejemplos del español y el alemán). **Revista de Filología**, 33, p. 153-174, 2015.

MESSINA FAJARDO, L. A.; SALUD, M<sup>a</sup> J. B.; PÉREZ-ÁVILA, E, A. Acomodación de la traducción paremiológica de La Celestina en das épocas: 1506 y 1995. In: BLANCO GARCÍA, P. (Org.). **Encuentros Complutenses en torno a la traducción El Cid y la Guerra de la Independencia: dos hitos en la Historia de la Traducción y la Literatura**. 2010, p. 299-310.

MUNIZ, C. A. G. 2020. **O tratamento das parêmiias populares de La Celestina nas traduções de Paulo Hecker Filho (1990) e Millôr Fernandes (2008)**. Tese 326 p. (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2020.

NÚÑEZ, H. **Refranes o proverbios en romance / que coligio y glosso...** Hernan Nuñez... Edição de Luys Manescal. Lérida, 1621.

PEREIRA, B. **Florilegio dos modos de fallar, e adagios da lingua portugueza...** Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1655 (a licença da Ordem é de 1653). Publicado sempre juntamente com a Prosodia e o Thesouro, a partir de 1661. Disponível em: <[http://clp.dlc.ua.pt/Corpus/BentoPereira\\_Adagios.aspx](http://clp.dlc.ua.pt/Corpus/BentoPereira_Adagios.aspx)>. Acesso em: 25 abr. 2020.

RICHART MARSET, M. **Fraseología y traducción: una semiótica difusa.** Lynx (Annexa 16). Valencia: Universitat de València, 2009.

ROJAS, F. **La Celestina. Comedia o Tragicomedia de Calisto y Melibea.** Edición, introducción y notas de Peter E. Russell. Barcelona: Castalia Ediciones, 2013.

\_\_\_\_\_. **A Celestina. A Tragicomédia de Calisto e Melibéia.** 1ª ed. Tradução e adaptação de Millôr Fernandes. Porto Alegre: Editora L&PM POCKET, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Celestina. Tragicomedia de Calisto e Melibea.** Tradução de Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: Sulina, 1990.

\_\_\_\_\_. **La Celestina.** Edición y notas de Julio Cejador y Frauca. Edición digital basada en la de Madrid. Ediciones de La Lectura, 1913. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/la-celestina--1/>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

ROLLAND, F. **Adagios, proverbios, rifãos e anexins da lingua portugueza tirados dos melhores authores nacionaes, e recopilados por ordem alfabetica / por F. R. I. L. E. L.** Lisboa: Typ. Rollandiana, 1780. Versão digitalizada. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=uJTUPH-FbeHcC&hl=pt-BR&source=gbs\\_slider\\_cls\\_metadata\\_7\\_mylibrary.](https://books.google.com.br/books?id=uJTUPH-FbeHcC&hl=pt-BR&source=gbs_slider_cls_metadata_7_mylibrary.)>. Acesso em: 25 fev. 2020.

RUSSELL, P. E. Introducción biográfica y crítica. In: ROJAS, F. **La Celestina. Comedia o tragicomedia de Calisto y Melibea.** Barcelona: Castalia Ediciones, 2013.

SANTILLANA, Marqués de (Iñigo López de Mendoza) [1508]. **Refranes que dicen las viejas tras el fuego.** Ed. M<sup>a</sup>. Josefa Canellada. Madrid: Magisterio español, 1980.

SEVILLA MUÑOZ, M. Condicionantes textuales en la traducción fraseológica y paremiológica. **Paremia**, v. 24, p. 95-107, 2015.

———. Opacidad y motivación de las unidades fraseológicas en la didáctica de traducción. In.: Mogorrón Huerta, P.; Gallego Hernández, D.; Masseur, P.; Tolosa Igualada, M. (eds.): **Fraseología, opacidad y traducción**. Peter Lang, 2013, p. 179- 192.

UGARTE GARCÍA, M<sup>a</sup>. del C. Traducir refranes. **La Linterna del traductor**. La Revista Multilingüe de ASETRAD, Número 11, p. 69-82, 2015.

VALVERDE, M. de la C. P. Lecturas de “La Celestina” en la moderna dramaturgia brasileña. In: PEDRAZA JIMÉNEZ, F. B; GONZÁLEZ CAÑAL, R; GÓMEZ RUBIO, G. (Eds.). **La Celestina, V Centenario (1499-1999)**. Actas del Congreso Internacional: Salamanca, Talavera de la Reina, Toledo, Puebla de Montalbán. Colección Corral de Comedias, nº 11. Cuenca: Ediciones de la Universidad Castilla-La Mancha, 2001, p. 525-529.

VIÉGAS-FARIA, B. Soluções tradutórias para a alteração contextual de provérbios em *Julio César*, de Shakespeare. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, vol. 39, nº 1, p. 195-215, 2004.

# PAREMIODIDÁTICA OU UMA PROPOSTA DE FRASEODIDÁTICA VOLTADA PARA PARÊMIAS

Maria Cristina Parreira  
José Antonio Sabio Pinilla

## NOTA INTRODUTÓRIA

A Fraseologia tem desfrutado de um interesse um tanto recente nos Estudos Linguísticos e, conseqüentemente, a Fraseodidática, no que tange aos estudos em Linguística Aplicada. Esse interesse é ainda mais recente quando se trata da Paremiologia e da Paremioididática.

Barbosa (2009, p. 62) defende que “Aprender uma língua é aprender um modo de ‘pensar o mundo’”, com o que concordamos e acrescentamos que aprender a fraseologia de uma língua é mergulhar num mar de informações linguísticas e culturais que enriquecem a maneira de se pensar o mundo. Diz-se que um falante só é verdadeiramente fluente em uma língua quando ele sabe reconhecer e utilizar os variados tipos de unidades fraseológicas dessa língua.

Sułkowska (2013), no prefácio de sua obra, adverte que um dos entraves na aprendizagem dos provérbios nas línguas estrangeiras é a falta de transparência de seu significado. Isso ocorre porque, enquanto para falantes nativos as unidades fraseológicas (UF) nem são percebidas no momento em que estas as enunciam, a opacidade que muitas UF carregam se destaca imediatamente ao ouvido de falantes/estudantes estrangeiros e esse estranhamento é um dos aspectos que “os afasta de uma competência completa da língua alvo”<sup>97</sup> (SUŁKOWSKA, 2013, p. 9). Em complemento a essas considerações, acrescentamos que Ortiz Al-

---

<sup>97</sup> « ce qui les éloigne de fait d'une compétence complète de la langue cible » (SUŁKOWSKA, 2013, p. 9). Todas as traduções apresentadas neste artigo são nossas.

varez (2014, p. 6), ao discutir sobre as questões culturais dos enunciados fraseológicos, especifica que quando os falantes utilizam provérbios, eles “sinalizam a sua identidade com unidades nacionais”.

As UF têm em comum o fato de serem compostas por mais de uma unidade (CORPAS PASTOR, 1996), ou seja, são plurilexicais (FONSECA; PARREIRA, 2014) e constituem diferentes categorias, sendo que uma apresenta uma especificidade. Entre as mais conhecidas estão as expressões idiomáticas e os provérbios. As primeiras porque geralmente são idiomáticas e cristalizadas (a soma de suas unidades não corresponde ao significado do todo) e estes últimos por concentrarem a cultura e o conhecimento de um povo, por transmitirem ensinamentos. Ortiz Alvarez (2014, p. 6) assim os define: “trata-se de um discurso citado no qual não se identifica o autor” e o falante usa esse recurso conscientemente para “disfarçar os seus verdadeiros sentimentos e inclusive os usa em situações em que precisa emitir um julgamento particular, por isso utiliza o provérbio para evitar comprometimentos.”

O objetivo principal deste artigo é fazer uma proposta de fraseodidática voltada para parêmias que leve em conta as características dessas unidades no ensino do português como língua materna e estrangeira, reforçando, assim, os estudos no campo da Paremioididática. Outros objetivos ligados ao anterior são: discutir os conceitos de Fraseologia e Paremiologia / Fraseodidática e Paremioididática; tratar da importância dos provérbios no ensino de línguas, sobretudo a estrangeira; mostrar a relevância da cultura veiculada pelo/no provérbio. Em outras palavras, partimos do pressuposto da importância em inserir as parêmias no âmbito do ensino das unidades fraseológicas, uma vez que o ensino das unidades fraseológicas tem tido uma atenção centrada principalmente nas locuções e expressões idiomáticas.<sup>98</sup>

---

<sup>98</sup> Como se verifica em uma consulta as teses e dissertações da Capes: <<https://catalogo-deteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>>.



Nas considerações finais, reiteramos o quanto é importante, tanto para estudantes de língua materna quanto para os de língua estrangeira, conhecer a fraseologia dessas línguas, especificamente as parêmiias, que auxiliam no ensino de vários níveis linguísticos em diferentes níveis de aprendizagem. Nesse sentido, sugerimos que as parêmiias sejam incluídas nos programas de ensino, respeitando as recomendações do QCER (2002).

Nas próximas seções, trazemos: 2) uma breve descrição das relações entre Fraseologia e Paremiologia, assim como um breve percurso da Fraseodidática para a Paremioididática; 3) nossa proposta de um percurso de ensino de parêmiias e, por fim, 4) as considerações finais e o referencial bibliográfico.

## **1. Da Fraseologia e Paremiologia à Fraseodidática e Paremioididática**

Dividimos este tópico em três partes: a primeira vai tratar da definição de Fraseologia e de Paremiologia e da relação destas com a Lexicologia, mostrando que a hierarquia entre ciência, área e subárea ainda está longe de estar definida; a segunda que vai tratar mais especificamente do objeto da Paremiologia e a terceira que menciona a fusão dessas ciências com a didática, culminando em linhas de estudo ainda recentes e pouco exploradas.

### **1.1. Fraseologia, Paremiologia ou Fraseoparemiologia**

As Ciências do Léxico vêm conquistando, cada vez mais, um espaço na Linguística, ampliando seu campo de atuação e popularizando seus produtos. Atualmente as ciências consagradas na área são a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia. Mais recentemente

vimos observando um crescimento de interesse nos estudos da Fraseologia e da Fraseografia, despontando a Paremiologia e a Paremiografia. Estão contempladas, nesse conjunto, as unidades lexicais simples (lexemas, lexias) e as unidades complexas (unidades fraseológicas). É interessante observar que enquanto os dois primeiros pares de áreas de estudo podem tratar tanto das unidades simples quanto das complexas, nestes dois últimos somente as unidades complexas ou fraseológicas podem ser analisadas. Assim, um terminólogo pode estudar um conjunto terminológico com unidades simples ou complexas, ao passo que um fraseólogo só vai estudar o grupo composto de unidades complexas nesse mesmo conjunto.

Apesar da intensa busca pela definição e delimitação de cada disciplina e de cada ciência, o fato é que quando se trata do léxico como objeto, é natural ultrapassar os limites de cada uma, sempre criando novas interseções, novas posições e perspectivas. São inúmeras as interfaces possíveis das ciências básicas e das aplicadas, que podem transitar sem perder suas próprias características, conforme sintetiza Barbosa (1990, p. 3):

Tal como sucede com todas as ciências básicas, aplicadas e/ou tecnologias, as disciplinas que integram o conjunto das ciências e tecnologias da linguagem mantêm entre si processos de intensa cooperação, de investigações inter e multidisciplinares e, ao mesmo tempo, especificidades epistemológicas rigorosas. À forte relação de cooperação – interdisciplinaridade, entre ciências básicas ou entre ciências aplicadas e/ou tecnologias; alimentação/realimentação entre as primeiras e as últimas – tem como condição *sine qua non* a especificidade epistemológica que lhes assegura autonomia de modelos, métodos e técnicas, na medida em que, dialeticamente, é preciso distinguir para articular. (BARBOSA, 1990, p. 3)

Como este trabalho volta-se para o estudo de unidades fraseológicas, em analogia à definição de Lexicologia e de Lexicografia que Barbosa

inseriu em seu resumo (1990),<sup>99</sup> apresentamos, *mutatis mutandis*, a mesma estrutura para explicitar Fraseologia e Fraseografia e Paremiologia e Paremiografia:

- Fraseologia e Fraseografia configuram duas atitudes e dois métodos face às unidades fraseológicas: a Fraseografia, como técnica dos dicionários de fraseologismos; a Fraseologia, como estudo científico das UF.
- Paremiologia e Paremiografia configuram duas atitudes e dois métodos face às parêmiias: a Paremiografia, como técnica dos dicionários de provérbios; a Paremiologia, como estudo científico das parêmiias.

Por se tratar de áreas cujo interesse no contexto da Linguística é relativamente recente, ainda não há consenso com relação a seu estatuto, como ponderam Aragão e Ramos (2020).<sup>100</sup> Tomando como referência aquilo que foi dito por pesquisadores brasileiros, enquanto alguns como, por exemplo, Rodrigues Matias (2015) consideram a Fraseologia subárea da Lexicologia, outros já a reconhecem como ciência independente (MONTEIRO PLANTIN, 2014; FONSECA, 2017). Zavaglia e Fromm (2017, p. 281) informam que “Em meados do séc. XX, na antiga União Soviética, os estudiosos começaram a considerar a Fraseologia como uma disciplina autônoma e não mais como sendo uma subárea da Lexicologia”. Monteiro-Plantin (2014, p. 33), enquanto adepta da não subordinação à Lexicologia, definiu Fraseologia de modo a contemplar sua amplitude:

---

<sup>99</sup> Lexicologia e Lexicografia configuram duas atitudes e dois métodos face ao léxico: a lexicografia, como técnica dos dicionários; a lexicologia, como estudo científico do léxico. (BARBOSA, 1990)

<sup>100</sup> “No entanto, nessa área constantemente batida pelos ventos das reflexões e discussões, ainda persistem questões, cujas respostas não são consensuais. No rol dessas questões, merecem destaque o status da Fraseologia (subárea da Lexicologia, disciplina autônoma interdisciplinar) [...]”. (ARAGÃO; RAMOS, in MOTA *et al.*, 2020, p. 129)

Trata-se de uma disciplina independente, relacionada a todos os níveis de análise linguística (do fonético ao discursivo-pragmático), cujo o objetivo é o estudo das combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formadas por duas ou mais palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes, em língua materna, segunda ou estrangeira, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, com objetivos específicos, ainda que, muitas vezes, de forma inconsciente. (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 33)

À parte dessa questão da inscrição da Fraseologia enquanto ciência autônoma ou subárea da Lexicologia, de acordo com Fonseca (2017), no âmbito dos estudos fraseológicos, há duas possibilidades de entender a Fraseologia: uma restrita e outra mais ampla e abrangente. Assim, encontramos, por um lado, aqueles que aderem a uma fraseologia com sentido restrito e admitem a existência de uma disciplina complementar, “que seria responsável pelo estudo das unidades que tendem a se comportar mais como textos e menos como palavras, a Paremiologia [...] disciplina que integra aspectos etnográficos e antropológicos observáveis nas parêmiás” (FONSECA, 2017, p. 22). Por outro lado, encontramos aqueles que admitem a Fraseologia em sentido amplo e consideram que todas as unidades fraseológicas, incluídas as parêmiás, são objeto de estudo da Fraseologia, pois todas elas podem ser consideradas fraseologismos (FONSECA, 2017, p. 22-23). Entre aqueles autores que entendem a Fraseologia em sentido amplo (ZULUAGA, 1980; CORPAS PASTOR, 1996; JORGE, 2012; CORPAS PASTOR; ORTIZ ALVAREZ, 2017) e aqueles que a entendem num sentido restrito (WOTJAK, 1985; GARCÍA-PAGE, 2008), encontramos um termo intermédio para o estudo dessas unidades, Fraseoparemiologia: Crida Álvarez (2012); Chacoto (2012); Monteiro-Plantin (2012); Xatara (2012); Mellado Blanco e Ortiz Alvarez (2017); Zavaglia e Simão (orgs., 2017); Zavaglia e Fromm (2017), que tem permitido um alinhamento teórico entre ambas as

disciplinas e tem contribuído a fixar, sobre bases científicas rigorosas, o estudo das parêmiias.

## 1.2. Objeto de estudo: definição e características das parêmiias

Convencidos de que a Paremiologia, assim como a Fraseologia, também se sustenta como uma disciplina autônoma, passamos a definir e a comentar algumas características do nosso objeto de estudo neste trabalho: as parêmiias.

De origem grega, os termos “parêmia” (*Παροιμία*) e “paremiologia” são usados pelos especialistas para se referirem, respectivamente, ao enunciado sentencioso, consagrado pelo uso, e à disciplina que trata do estudo e da classificação dessas unidades. Segundo Crida Álvarez e Sevilla Muñoz (2013, p. 106), a parêmia pode ser definida como: “uma unidade fraseológica (UF) constituída por um enunciado breve e sentencioso, que corresponde a uma oração simples ou composta, fixada na fala e que faz parte do acervo sociocultural de uma determinada comunidade de falantes.”<sup>101</sup> Na descrição dessas UF, Corpas Pastor (1996) elenca as principais características das parêmiias (*apud* CRIDA ÁLVAREZ; SEVILLA MUÑOZ, 2013, p. 107):

- frequência de uso *gradual* que vai de um alto “uso” a estar em “desuso”;
- alto grau de *fixidez interna*;
- *fixidez externa* analítica, pois mostram uma determinada visão de mundo;

---

<sup>101</sup> “una unidad fraseológica (UF) constituida por un enunciado breve y sentencioso, que corresponde a una oración simple o compuesta, que se ha fijado en el habla y que forma parte del acervo socio-cultural de una comunidad hablante”. (CRIDA ÁLVAREZ; SEVILLA MUÑOZ, 2013, p. 106)

- conteúdo sentencioso;
- potencial *idiomaticidade*, uma vez que nem todas as parêmiias têm sentido metafórico;
- potencial existência de *variantes* que podem ser diafásicas, diatópicas ou diacrônicas em seus componentes estruturais ou léxicos;
- potencial “*pragmaticidade*”, isto é, o falante em função da situação comunicativa pode outorgar à parêmia um significado situacional.

Muitos pesquisadores empregam “parêmia” como arquilexema<sup>102</sup> das unidades linguísticas que compõem o universo paremiológico, o qual engloba os termos: provérbio, máxima, sentença, frase proverbial, adágio, provérbio dialogado, apotegma etc. (CRIDA ÁLVAREZ; SEVILLA MUÑOZ, 2013, p. 106).<sup>103</sup> De todas elas, o provérbio é a parêmia por excelência, pois essa unidade cumpre com os cinco aspectos definitórios apontados por Corpas (1996, p. 132): lexicalização, autonomia sintática, autonomia textual, valor de verdade geral e caráter anônimo. Do mesmo modo, os provérbios constituem a categoria mais representativa e numerosa das parêmiias de origem anônima com uso predominantemente popular. No português brasileiro, “provérbio” e “ditado” são usados como termos sinônimos que designam um mesmo enunciado paremiológico, de procedência erudita ou popular, isto é, muitas vezes as terminologias se alternam para tratar de um mesmo objeto. No que respeita à língua portuguesa em sua variante europeia, Chacoto (2012) afirma que o ter-

<sup>102</sup> Corpas Pastor (1996, p. 135; 2003, p. 89) considera o termo “parêmia” um hiperônimo que engloba todas as classes de enunciados sentenciosos.

<sup>103</sup> O termo utilizado neste artigo é “parêmia” embora algumas vezes utilizemos “provérbio” como sinônimo. No entanto, para efeito de isomorfia com UF, o objeto de estudo poderia ainda ser chamado de “unidade paremiológica” (UP).

mo “provérbio” é o mais utilizado para designar uma parêmia, sobretudo de carácter popular, ou seja, aquela que se perdeu a noção de autor, cujo correspondente em espanhol, é *refrán*.

A nosso ver, esse conjunto de unidades não deveria ser de conhecimento somente dos pesquisadores e especialistas no tema, mas sim de todo falante que quisesse ter mais consciência do uso que faz delas em sua própria língua ou naquela que estiver aprendendo e é nesse viés que se inserem a Fraseodidática e a Paremioididática, de modo a inseri-las num contexto em que auxiliem a aproximação do objeto de estudo da paremiologia à prática do ensino de línguas, sejam ela a materna ou as estrangeiras e também para contribuir para a produção de materiais didáticos planejados, bem feitos e acessíveis ao grande público.

### **1.3. Fraseodidática e Paremioididática**

A Fraseodidática insere-se numa linha de estudos recentes, porém, trata-se de uma área bem estabelecida. Segundo González Rey (2015), o termo foi criado por Peter Kühn e abrange: a) o domínio de aplicação da fraseologia e de seus elementos constitutivos; b) os métodos e ferramentas de aprendizagem das unidades fraseológicas, no que tange à didática do ensino de línguas (geral e de especialidade), da literatura e de suas traduções. Embora o ensino das unidades fraseológicas pareça ter a atenção centrada nas locuções e expressões idiomáticas, atualmente vários grupos de pesquisa em diversas instituições se dedicam à Fraseologia de modo mais abrangente, tratando também das parêmias, reconhecendo sua relevância cultural no ensino da língua estrangeira. Com base nos pressupostos da Fraseodidática, podemos assinalar uma vertente mais específica para o ensino das parêmias, a Paremioididática. Definimos a Paremioididática como um dos ramos da Paremiologia aplicada que se ocupa dos problemas de ensino e aprendizagem das parêmias em língua

materna (LM) ou língua estrangeira (LE). Enquanto possíveis desenvolvimentos de aplicação didática, são consideradas neste trabalho questões linguísticas (conteúdo fônico, morfológico, sintático, léxico-semântico) e extralinguísticas (culturais, pragmáticas), incluindo também a necessidade de definir quais parêmiias ensinar em qual nível de estudo, o que já se revela como uma tarefa complexa. Em nossa proposta, baseamo-nos no modelo proposto por Penadés Martínez (2012) que descrevemos rapidamente a seguir.

A fim de revelar como seriam tratadas as parêmiias nos materiais didáticos de português como língua estrangeira e de como são selecionadas para análise, a autora aponta três perguntas que o pesquisador, o autor do livro didático ou o professor teriam que se fazer: 1) Quais categorias de fraseologismos devem ser ensinadas? 2) Quais unidades concretas de cada categoria devem ser apresentadas ao aluno de acordo com o nível de aprendizagem? 3) Como elas devem ser ensinadas? Entendemos, juntamente com a fraseóloga, que é necessária uma seleção dessas unidades e uma distribuição por níveis. Podemos então deduzir que o objetivo da Paremiologia, além de fornecer uma base teórico-metodológica para o educador, também é de permitir que este indique ao aluno quem usa as parêmiias, em quais situações e com quais intenções. Nesse sentido, é importante ter uma proposta que considere não somente a forma dos provérbios, seus sentidos/suas traduções, mas também seu uso nas diferentes situações com diferentes finalidades.

Penadés Martínez (2012, p. 100) fez uma proposta de trabalhar com 70 provérbios<sup>104</sup> e, tomando como referência o *QCER* (2002), recomenda o nível superior C1 e C2. Em nossa opinião, podemos iniciar desde o nível A1-A2, com provérbios mais frequentes e mais transpa-

---

<sup>104</sup> Penadés *et al.* (2008) têm estudado estes 70 provérbios espanhóis incluída sua tradução com o português do Brasil.



rentes e ir dosando a dificuldade no decorrer do desenvolvimento dos estudantes, como detalharemos nos próximos tópicos.

## **2. Paremioididática em foco: proposta de percurso didático e aplicações**

Em nossa experiência de ensino e de pesquisa na área, podemos dizer que raramente notamos uma dedicação continuada voltada ao ensino das UF. Quase não se discute a questão nos manuais didáticos e, quando as UF são mencionadas, são quase sempre relacionadas às curiosidades e aos desvios da língua. El Khamissy (2017, p. 187) observa que “aprendê-las de cor, com seus significados e seus contextos de uso, continua sendo a prática mais comum nos cursos de língua”.<sup>105</sup> Com relação ao provérbio, a autora observa:

Com frequência são usados exercícios com lacunas para completar a partir de uma lista de palavras proposta ou com partes de provérbios para associar. Certas atividades apresentam provérbios fora de ordem para reordená-los. Seu objetivo é o mesmo: a recomposição do provérbio a fim de favorecer, consequentemente, sua memorização. Outros exercícios vão um pouco mais longe propondo associar um roteiro ou uma história ao provérbio que for mais conveniente.<sup>106</sup> (EL KHAMISSY, 2017, p. 187)

---

<sup>105</sup> « les apprendre par coeur, avec leurs significations et leurs contextes d'emploi, demeure la pratique la plus courante dans les cours de langue ». (EL KHAMISSY, 2017, p. 187)

<sup>106</sup> « Souvent, il s'agit d'exercices lacunaires à compléter à l'aide d'un lexique proposé ou des parties de proverbes à associer. Certaines activités présentent des proverbes en désordre à reconstruire. Leur objectif est le même : la recomposition du proverbe afin de faciliter par la suite sa mémorisation. D'autres exercices vont un peu plus loin en proposant d'associer un scénario ou une histoire au proverbe qui convient ». (EL KHAMISSY, 2017, p. 187)

Essa prática é muitas vezes repetitiva e ineficaz, e embora seja considerada um ponto de partida, há muito que fazer ainda para ampliar as possibilidades e promover uma aprendizagem mais profunda das parêmias. O mínimo que se espera numa sequência pedagógica tradicional, de acordo com El Khamissy (2017), seria levar o aluno a fazer a tarefa, nem sempre fácil, de identificar o provérbio (de fato, não é evidente, dado ser composto por vários elementos), entender seu significado enquanto lexia complexa, buscar um equivalente intra ou interlinguístico adequado, seja uma definição, seja outra UF sinônima. Uma atividade que a autora sugere é “trabalhar a desautomatização para melhor compreender a cristalização, enriquecer a bagagem lexical dos aprendizes e desenvolver a reformulação”<sup>107</sup> (EL KHAMISSY, 2017, p. 188), e esse tipo de exercício pode ser bastante lúdico para os estudantes.

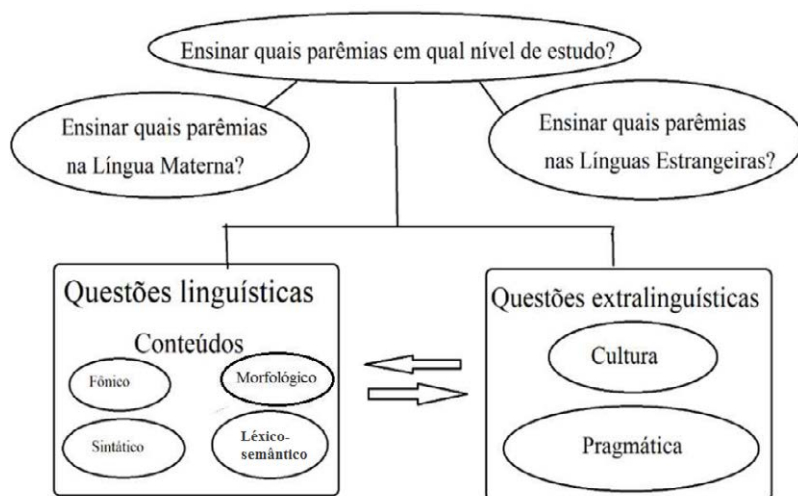
## 2.1. Proposta de percurso paremioididático

Nossa sugestão consiste em considerar a análise, consoante cada nível de aprendizagem do aluno e com o projeto pedagógico do curso em que a aula de língua estrangeira se insere, de: questões linguísticas (conteúdo fônico, morfológico, sintático, léxico-semântico); questões extralinguísticas (cultura, pragmática); critérios de seleção das parêmias a ensinar na Língua Materna e nas Línguas Estrangeiras; adequação ao nível de estudo – de acordo com o *QCER* (2002). Ilustramos essa proposta por meio de um quadro de elaboração própria:

---

<sup>107</sup> « Travailler le défigement pour mieux comprendre le figement, enrichir le bagage lexical des apprenants et développer la reformulation ». (EL KHAMISSY, 2017, p. 188)

### Quadro1: Proposta teórico-metodológica de percurso paremiológico



Fonte: elaboração dos autores

É importante ressaltar que a classificação que apresentamos neste trabalho considera elementos que podem transitar de uma categoria para outra, como bem referiu Penadés Martínez (2012). Com base ainda no trabalho da paremióloga, apresentamos as características que cada um desses níveis pode apresentar e que pode ser explorado na didática de provérbios, em aplicações ao ensino de LM e LE:

## Quadro 2: Características das parêmiias segundo os níveis linguísticos

Níveis linguísticos de observação de parêmiias	Características
<b>Fônico-rítmico</b>	Geralmente é bi-oracional, em forma de dístico: facilita a memorização e compreensão do significado. Fenômenos observados: rima, aliteração, paronomásia, paralelismo sintático, anáfora, onomatopeia etc.
<b>Morfológico</b>	Uso de tempos verbais – flexões da língua.
<b>Sintático</b>	Apagamentos de determinantes, diferentes tipos de orações.
<b>Léxico-semântico</b>	Vocabulário comum, temas recorrentes, dialetaisismos, arcaísmos etc. Metáfora, metonímia, hipérbole.
<b>Cultural-pragmático</b>	Dados típicos de uma cultura. Função comunicativa. Desautomatização.
<b>Outros – diatópicos, diafásicos, diatécnicos</b>	Exemplo: provérbios das variedades de Portugal e do Brasil; provérbios usados nos textos do Direito etc.

Fonte: elaboração dos autores

Nessa proposta, é concebível plantear o ensino de diferentes níveis associados às características dessas unidades, que podem ser (re)organizadas em múltiplas configurações. Aventamos aqui os traços mais patententes das parêmiias, como a disposição *fônico-rítmica*, que decorre do paralelismo ou contraposição de noções, quase sempre presente em formato bi-oracional, em forma de dístico, um elemento considerado importante dessa estrutura bipartida para a memorização e ritmo da parêmia. É possível incluir as parêmiias nos estudos gramaticais também, por meio das análises *morfológicas*, por exemplo, com análise dos tempos verbais, e por meio das análises *sintáticas*, analisando os diferentes tipos de orações, as estruturas que se repetem, a elipse de termos ou partes da

oração. O nível *léxico-semântico* é o plano por excelência para tratar das parêmiias. Nesse plano, tratamos do vocabulário fundamental, do léxico comum e frequente, dos dialetos, dos arcaísmos, das figuras de linguagem que enriquecem a retórica, entre outras possibilidades. O nível *cultural-pragmático*, embora possa parecer evidente e sabido para o falante nativo, muitas vezes não passa por uma reflexão e esta pode conduzir a fazer descobertas sobre si mesmo e sobre o outro, definindo e reconhecendo a cosmovisão e estilos de vida. Não se pode perder de vista que o fim principal da língua é a interação e que dominar as práticas discursivas permite ao falante empoderar-se de sua comunicação.

Segundo Timofeeva (2013), ninguém parece duvidar de que conhecer o conteúdo fraseológico de uma língua é um dos quesitos para adquirir uma boa competência comunicativa. Não menos importante é o estudo de aspectos históricos e socioculturais, nessa rubrica.

Chacoto (2010, p. 173) diz que os provérbios são, sobretudo, uma fonte ou manancial inesgotável para aceder à memória cultural de um povo e que por meio deles podemos conhecer aspectos como as normas de conduta moral e cívica; leis sociais e jurídicas; hábitos comportamentais; crenças e superstições. Todos esses elementos são imprescindíveis quando se pensa na tradução e na elaboração de obras bilíngues e mesmo multilíngues.

## **2.2. Aplicações**

Uma das discussões atuais mais eloquentes dos estudiosos da Paremiologia reside em estabelecer quais parêmiias ensinar, para quais níveis de estudo, com quais objetivos. Não desmerecendo a riqueza cultural veiculada por toda e qualquer UF, para nós, muito mais envolvidos com o ensino de LE, é indiscutível que os provérbios que são mais frequentes

em cada língua serão os primeiros a serem utilizados na vida cotidiana dos falantes, portanto, devem também integrar a grade curricular das disciplinas de língua desde os primeiros anos do ensino regular, como dissemos acima, a partir do nível A1-A2.

Nesse sentido, o projeto *Mínimo Paremiológico do Português*, desenvolvido por Ana María Díaz Ferrero e José Antonio Sabio Pinilla, professores da Universidade de Granada (Espanha), é uma pesquisa fundamental porque o seu objetivo é conhecer o uso das parêmiias na atualidade e constatar sua presença em diferentes fontes documentais.<sup>108</sup> Do ponto de vista do ensino do português como LM serão os professores nativos quem, a partir do material oferecido no Mínimo, poderão desenvolver diversos tipos de exercícios orientados à aprendizagem das parêmiias atuais em contexto real, evitando desse modo, nos primeiros anos de aprendizagem, as parêmiias antiquadas ou em desuso que não façam parte da comunicação oral e escrita quotidiana. Algo semelhante acontece com o ensino do português como LE: dado que somente é possível inserir um número limitado de parêmiias no ensino de uma língua estrangeira, essas deveriam proceder do domínio paremiológico, aumentando assim a fluidez e a competência paremiológica dos estudantes aprendizes. Além disso, no ensino do português como LE o objetivo não é desenvolver uma competência ativa imediata, mas criar as bases para atingir essa competência; nesse sentido, o professor deve trabalhar na aula um conjunto de diferentes parêmiias em função do nível dos estudantes, assegurando a progressão no conhecimento e uso das parêmiias tanto de Portugal como do Brasil. Por isso, não estamos totalmente de acordo que

---

<sup>108</sup> Trata-se de um projeto global de pesquisa sobre paremiologia multilíngue apoiado pelo Instituto Cervantes e coordenado pelas professoras Julia Sevilla Muñoz e María Teresa Zurdo Ruiz-Ayúcar da Universidade Complutense de Madri. O projeto *Mínimo Paremiológico do Português* será publicado na série “*Mínimo Paremiológico*” da *Biblioteca Paremiológica y Fraseológica*, disponível no site do Centro Virtual Cervantes, onde já foi publicado o primeiro número dedicado aos aspectos teóricos e metodológicos (Zurdo Ruiz-Ayúcar; Sevilla Muñoz, 2016).

se devem ensinar essas unidades somente a partir de um nível avançado de ensino, como apregoaram Penadés Martínez (2012) e Ettinger (2015). Acreditamos ser mais proveitoso, considerando o ensino de LM e LE, tomar como base o QCER (2002) e estabelecer para cada nível A1-A2, B1-B2, C1-C2 uma seleção das parêmas introduzindo gradualmente o uso e o conhecimento de um corpus de parêmas representativo ao longo dos seis níveis. Esse corpus de parêmas, usado pelos falantes atuais, faria parte da competência ativa dos estudantes. Como ainda não pudemos contar com os resultados desse trabalho, utilizamos, no exemplário a seguir, a lista de parêmas do mínimo do português europeu elaborada por Reis e Baptista (2020), além das coletadas em dicionários, trabalhos científicos e outras parêmas selecionadas de forma empírica, que nos vieram à mente, para o português do Brasil, a fim apenas de ilustrar cada sequência, sem ainda poder trazer uma seleção adequada para cada nível de ensino-aprendizagem, mas este será um trabalho futuro.

Na sequência, expomos, com exemplificação detalhada, a forma como entendemos ser uma contribuição para os docentes que se debruçam a ensinar parêmas em diferentes contextos. Indicamos como I e II os dois grandes eixos – questões linguísticas e extralinguísticas. O primeiro se subdivide em 1, 2, 3, 4 (questões fônicas, morfológicas, sintáticas, léxico-semânticas); o segundo se subdivide em 1, 2 (questões culturais e pragmáticas) e, entre as pragmáticas, destacamos um exemplo muito atual de desautomatização. Os exemplos das parêmas são enumerados em ordem crescente.

## **I - Questões linguísticas (conteúdo fônico, morfológico, sintático, léxico-semântico)**

### **1. Questões fônicas**

A estrutura rítmica do provérbio, de acordo com o conteúdo conceitual de paralelismo ou contraposição de noções, é, em geral, bi-oracional, em forma de dístico, que configura em um elemento considerado importante para a memorização e ritmo da parêmia. Possuem rima final ou interna, podem ter aliteração, paralelismo sintático, repetição e, de forma lúdica, apresentar um jogo de palavras. Exemplos desses fenômenos:

*Bi-oracional, em forma de dístico:*

- (1) Onde come um, comem dois.

*Rima final ou interna:*

- (2) Quem não arrisca, não petisca.  
(3) Quem ri por último, ri melhor.

*Aliteração:*

- (4) Quem com ferro fere com ferro será ferido.

*Paralelismo sintático e repetição:*

- (5) Longe dos olhos, longe do coração.

*Jogo de palavras:*

- (6) Quem casa, quer casa.



## 2. Questões morfológicas

As parêmiás podem ajudar do ponto de vista morfológico a dilucidar e a memorizar usos de tempos verbais como o Futuro do Subjuntivo ou outros valores veiculados pelo Pretérito Perfeito simples como nos seguintes exemplos:

*Futuro de Subjuntivo:*

(7) Quem boa cama fizer nela se deitará.

*Pretérito Perfeito simples:*

(8) Escreveu, não leu, o pau comeu.

No caso do ensino de aspectos contrastivos entre as variedades do Português do Brasil e de Portugal, ajudando inclusive nas aulas de literatura a melhor compreender as diferenças morfológicas das duas variedades, seria interessante incluir formas divergentes, mas com conteúdo semelhante, como em:

(9) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando (Br.)

(10) Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar (Pt.)

## 3. Questões sintáticas

No esquema sintagmático de muitos provérbios figura, sobretudo no começo, um sintagma nominal sem o determinante. Algumas estruturas se caracterizam pela introdução de “o que” ou “quem”. Há outras formas que indicam uma construção comparativa, com o uso de “antes, é melhor, é pior, mais vale, vale mais” etc. Há também uma grande recorrência de frases no infinitivo ou gerúndio, além de orações negativas. Os enunciados sentenciosos podem ainda, com relação ao formato, serem

compostos por uma oração simples ou por uma oração complexa (orações justapostas, copulativas, consecutivas, finais, condicionais). Nesta seção, elencamos esses fenômenos sintáticos, com os seguintes exemplos:

*SN sem determinante:*

(11) Pimenta nos olhos dos outros é refresco.

(12) Tamanho não é documento.

*Estruturas com O QUE / QUEM:*

(13) O que é do homem o bicho não come.

(14) Quem não tem cão, caça com gato.

*Estrutura ou oração comparativa:*

(15) Antes só (do) que mal acompanhado.

(16) É melhor ser um covarde vivo do que um herói morto.

(17) É pior a emenda que o soneto.

(18) Uma imagem vale mais que mil palavras.

*Frases no infinitivo ou gerúndio:*

(19) Jogar verde para colher maduro.

(20) O sujo falando do mal lavado.

*Orações assertivas negativas:*

(21) Não adianta chorar pelo leite derramado.

*Forma de uma oração simples:*

(22) O futuro a Deus pertence.

*Orações complexas justapostas:*

(23) Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

*Orações complexas copulativas:*

(24) Vergonha é roubar e não poder carregar.

*Orações complexas consecutivas:*

(25) Camarão que dorme a onda leva.

*Orações complexas finais:*

(26) Para bom entendedor, meia palavra basta.

*Orações complexas condicionais:*

(27) Se conselho fosse bom não se dava, vendia.

#### **4. Questões léxico-semânticas**

Uma característica que se destaca no que diz respeito às parêmi-  
as é o fato de refletirem valores herdados da tradição no seio de uma co-  
munidade linguística. São abundantes aquelas parêmi-  
as que expressam, através do léxico, sentimentos universais como o amor, amizade, justiça  
etc., ou que expressam temas próprios daquela sociedade em especial.  
Um grupo importante de parêmi-  
as são aquelas que transmitem um sig-  
nificado básico prescritivo, por exemplo, moderação no falar ou aconselham e orientam nossos comportamentos. Por outro lado, reconhe-  
cemos as parêmi-  
as de base descritiva, ou seja, aquelas que trazem uma  
visão do mundo como é enxergado por aquela comunidade. Entendemos  
que, de certo modo, nesta última observação, pode se confundir com a  
classificação em nível II, mas com relação à questão semântica, as ideias

estão explícitas no provérbio, enquanto na cultural e pragmática, nem sempre.

*Sentimentos universais – Amor, Amizade, Justiça:*

(28) Amor com amor se paga.

(29) Quem avisa amigo é.

(30) A justiça tarda, mas não falha.

*Prescrição – moderação no falar:*

(31) Quem diz o que quer, ouve o que não quer.

*Orientação, conselho:*

(32) O seguro morreu de velho.

*Descrição – visão do mundo:*

(33) Depois da tempestade vem a bonança.

(34) O sol quando nasce é para todos.

## **II - Questões extralinguísticas (culturais e pragmáticas)**

### **1. Cultural**

Nesta rubrica, incluem-se todas as parêmiás que tiverem referências próprias de uma cultura. Isso não exclui aquelas classificadas nas categorias anteriores, pois obviamente todas as parêmiás encerram informações culturais. Contudo, enquanto muitos provérbios transitam de uma língua para outra, geralmente aqueles herdados do latim, algumas parêmiás são mais típicas de um povo e trazem elementos que só seriam reconhecidos naquela cultura. É o caso de:

(35) *A rapadura é doce, mas não é mole não.*

(36) *Farinha pouca, meu pirão primeiro.*

As palavras em itálico constituem representações da cultura brasileira e projetam uma percepção determinada através da parêmia: “um dos fatores que indica o entrelaçamento do cultural no lexical é a possibilidade de produzir ou de compreender as expressões figuradas constituídas por expansão a partir de palavras em que o referente já é por si próprio um símbolo na cultura da comunidade”<sup>109</sup> (PAMIES BERTRÁN, 2008, p. 143). A exploração do símbolo contido no provérbio ajudaria a compreender aspectos da cosmovisão da cultura brasileira (portuguesa, ou de qualquer outra língua em contraste) a partir de seus referentes e serviria para aprofundar em outros aspectos que tomem como base da parêmia elementos da fauna, da flora, da gastronomia, nomes de jogos ou costumes por exemplo.

## 2. Pragmático

A pragmática, do grego *pragmatikós*, é uma “parte da linguística que estuda o uso da linguagem, tendo em conta a relação entre os interlocutores e a influência do contexto.”<sup>110</sup> Encerra a força comunicativa em contexto, conduzindo o falante a respeitar certos hábitos, regras e formalidades que são preservados para a boa convivência em sociedade. São ensinamentos transmitidos de geração em geração. Por exemplo, em uma briga alguém comenta:

---

<sup>109</sup> “L’un des facteurs qui manifestent l’emboitement du culturel dans le lexical est la possibilité de produire ou de comprendre les expressions figurées construites par expansion à partir de mots dont le référent est déjà lui-même un symbole dans la culture de la communauté”. (PAMIES BERTRÁN, 2008, p. 143)

<sup>110</sup> “pragmática” in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [on-line], 2008-2013. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/pragm%C3%A1tica>>. Acesso em: 26 out. 2020.

(37) Quando um não quer dois não brigam.

Uma forma de expressão que revela grande conhecimento e domínio sobre as UF de uma língua é o fenômeno da desautomatização ou desconstrução da configuração canônica dos fraseologismos. O falante se apropria da estrutura e recria sobre ela, contando que o interlocutor irá recuperar a forma básica e vai interpretar o recurso utilizado que visa adaptar a parêmia ao discurso, provocando estranhamento, humor, exagero, conscientização, entre outros. A troca dos elementos que compõem a parêmia demonstra que o falante é conhecedor da estrutura que está na sua base e manipula, parodiando o provérbio:

(38) **Mais vale um copo na mão que dois no balcão** - parêmia original: **Mais vale um pássaro na mão que dois voando.**

O comportamento na sociedade vem passando por constante mudança e a língua acompanha essas mudanças. Não se pode dizer que o falante tenha que respeitar, em todas as situações, os hábitos e formalidades veiculados nas/pelas parêmias. Nesse sentido, podemos verificar que vem ocorrendo desautomatização de certos provérbios que encerram preconceitos, discriminação e intolerância, a fim de lograr o politicamente correto, como no caso da negativa que vem sendo retirada da parêmia (39), utilizada inclusive em uma campanha nacional contra o abuso e a violência sofridos pelas mulheres, como se pode observar a seguir:

(39) **Em briga de marido e mulher, meta a colher!** - parêmia original: **Em briga de marido e mulher, não meta a colher.**

**Imagens 1a, 1b, 1c – Exemplos de desautomatização de provérbio para atender ao politicamente correto na campanha Disque 180.**



Fonte: imagens do Google

Esse caso de desautomatização vem acompanhado de um desejo de contornar o poder de autoridade das parêmias, de ressignificar uma prática que não condiz mais com os anseios da sociedade. Não se pode negar a força comunicativa das parêmias, tanto que são acompanhadas, com frequência, por verbos *dicendi*, como por exemplo: “como diz o povo...” etc. Ao usar essa frase introdutória, além de conferir autoridade, busca-se trazer verdade para a citação que se segue, acrescentando um argumento irrefutável do que se está defendendo, por conseguinte, mudar o modo de dizer também pode chamar a atenção para um aspecto que não deve ser considerado mais como absoluto. Assim, é melhor usar “como se dizia antigamente...”, nesses casos e, talvez, comparar com outro fraseologismo e promover a discussão em sala de aula: **“Em mulher não se bate nem com uma flor”**.

Trazar para os conteúdos curriculares esse tipo de discussão permite mostrar aos estudantes que a língua está em constante movimento e que a todo momento podemos agir sobre ela e que quanto mais a conhecemos mais podemos nos (re)conhecer e progredir.

Terminada essa exposição, podemos afirmar que as possibilidades de organização para fins pedagógicos são inúmeras, a depender dos ob-

jetivos. Para níveis mais avançados, poderíamos tratar dos outros casos, como as distinções diatópicas, diafásicas, diatécnicas. É viável, por exemplo: fazer uma comparação entre provérbios das variedades de Portugal e do Brasil, como já dissemos; distinguir conjuntos de parêmiias de uso mais ou menos coloquial; trabalhar com universitários de áreas de especialidade as parêmiias como recurso terminológico, usadas nos textos do Direito, por exemplo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reiteramos o quão é importante, tanto para estudantes de língua materna quanto para os de língua estrangeira conhecer a fraseologia das línguas em apreço, tratamos aqui particularmente das parêmiias, que também podem contribuir para o ensino de variados níveis linguísticos em diferentes níveis de aprendizagem. Sugerimos que os provérbios sejam incluídos nos programas de ensino, respeitando as recomendações do QCER (2002) e especificidades dos cursos, incrementando com todo tipo de informações, sob prismas distintos. As pesquisas no âmbito da universidade pública fornecem arcabouço teórico e metodológico, mas falta ainda fazer esse conhecimento chegar às escolas e ser mais bem aproveitado no ensino básico. Projetos como o *Mínimo Paremiológico do Português*, que está sendo elaborado pelos professores Díaz Ferrero e Sabio Pinilla, é uma iniciativa que avança nessa direção cabendo ao professor aplicar os resultados da maneira que lhe for mais conveniente (DÍAZ FERRERO; SABIO PINILLA, 2017), confiantes de que a versão para o português do Brasil também seja publicada futuramente.

Com relação ao momento ou nível de ensino em que as parêmiias devem ser introduzidas, não estamos de acordo com o que Ettinger (2015) defende, quando afirma que as parêmiias devem ser reservadas aos aprendizes avançados de uma LE – em primeiro lugar, achamos im-



portante a inclusão também no ensino de LM e em segundo lugar, em qualquer momento da aprendizagem podem ser discutidos aspectos formais, conceituais e culturais das parênticas. Apresentamos neste trabalho vários argumentos em favor de um ensino mais sistemático, seja com a finalidade específica de reconhecê-las, aprendê-las e empregá-las adequadamente, seja com objetivo amplo de ensinar língua e cultura.

Podemos entrever vários tipos de estudos para avançar nessa área: elaboração de dicionários especiais e manuais voltados para o ensino; criação de plataformas, *softwares* e aplicativos com fins didáticos; estudos experimentais fundamentados na psicolinguística; projetos interinstitucionais, internacionais e multilíngues para a produção de obras contrastivas, entre outros. Trata-se de um terreno fértil, no qual há muito que se fazer ainda.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M. S. S.; RAMOS, C. M. A. Fraseologismos da gema nos falares regionais do nordeste. In: MOTA, J. A. *et al.* (orgs.). **Contribuições de estudos geolinguísticos para o português brasileiro: uma homenagem a Suzana Cardoso**. Salvador: EDUFBA, 2020, p. 129-147. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32461>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. **Anais do Simpósio Latino-Americano de Terminologia**, 1990. <[https://filologiauefs.files.wordpress.com/2018/03/barbosa\\_lexicologia-lexicografia-terminologia-terminografia-ii-simpc3b3sio-e28093-brasc3adlia-1990.pdf](https://filologiauefs.files.wordpress.com/2018/03/barbosa_lexicologia-lexicografia-terminologia-terminografia-ii-simpc3b3sio-e28093-brasc3adlia-1990.pdf)>. Acesso em: 06 jun. 2021.

BARBOSA, M. A. Terminodidática: recortes epistemológicos e funções pedagógicas. **Acta Semiótica et Lingvistica**, n. 14, 1, p. 58-71. 2009. <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/14618/8269>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

CHACOTO, L. O Lugar dos Provérbios na Lusofonia. In: PETROV, P. (org.). **Lugares da Lusofonia – Actas do Encontro Internacional de Lusitanistas**. Lisboa: Ed. Colibri / Universidade do Algarve, 2010, p. 161-174.

CHACOTO, L. Fraseoparemiologia e Tradutologia. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas: Pontes Editores, 2012, v. 1, p. 213-235.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de Fraseología Española**. Madrid: Gredos, 1996.

CORPAS PASTOR, G. **Diez años de investigación en fraseología: análisis sintáctico-semánticos, contrastivos y traductológicos**. Madrid: Editorial Iberoamericana & Vervuert, 2003.

CORPAS PASTOR, G; ORTIZ ALVAREZ, M. L. Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Gloria Corpas Pastor. **ReVEL**, n. 15, 29, p. 261-270, 2017. Tradução de Ana Carolina Spinelli. Revisão técnica de Gabriel de Ávila Othero. <<http://www.revel.inf.br/files/d7783947a79a23cc9fa41a62b852a992.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

CRIDA ÁLVAREZ, C. A. Fraseoparemiologia e interculturalidad. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas: Pontes Editores, 2012, v. 1, p. 171-204.

CRIDA ÁLVAREZ, C. A.; SEVILLA MUÑOZ, J. Las paremias y su clasificación. **Paremia**, n. 22, p.105-114, 2013.

DÍAZ FERRERO, A. M.; SABIO PINILLA, J. A. Aplicaciones a la enseñanza de la traducción del Mínimo paremiológico del portugués. **Caracol**, n. 14, p. 104-129, 2017. <<https://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/135282/136947>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

EL KHAMISSY, R. La réécriture des parémies: perspectives phraséologique et phraséodidactique. **Theleme. Revista Complutense de Estudios Franceses**, n. 32, 2, p. 175-196, 2017. <<https://core.ac.uk/download/pdf/128986835.pdf>>. Acesso em 10 mai. 2021.

ETTINGER, S. Le problème de l'emploi actif et/ou de connaissances passives des phrasèmes chez les apprenants de langues étrangères. In: GONZALEZ REY, M. I. (éd.). **Outils et méthode d'apprentissage en phraséodidactique: Essai de didactique**. EME éditions (edição eletrônica), 2015, p. 8-19.

FONSECA, H. C. **Ensino e aprendizagem de fraseologismos zoônimos: proposta de interface web e dicionário bilíngue português e francês**. 479 f. Tese de Doutorado (Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2017. <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/151864>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

FONSECA, H. C.; PARREIRA, M. C. Fraseologismos zoônimos do francês-português: da pesquisa ao ensino. In: SILVA, S. (org.). **Fraseologia & CIA. entabulando diálogos reflexivos**. Campinas-SP: Pontes Editores (2ª edição ampliada), 2014, p. 123-140. [1ª edição UEL – Universidade Estadual de Londrina, 2012].

GARCÍA-PAGE, M. **Introducción a la fraseología española: estudio de las locuciones**. Barcelona: Anthropos, 2008.

ISQUERDO, A. N.; MANTOVANI, G. O. (orgs.). **As Ciências do Léxico; Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**, vol. VIII. Campo Grande - MS: Ed. UFMS, 2019.

JORGE, G. A tradução nos estudos fraseológicos. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas: Pontes Editores, 2012, v. 1, p. 59-90.

MELLADO BLANCO, C.; ORTIZ ALVAREZ, M. L. Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Carmen Mellado Blanco. **ReVEL**, n. 15, 29, 2017. Tradução de Mônica Rigo Ayres. Revisão técnica de Gabriel de Ávila Othello. <<http://www.revel.inf.br/files/87c84f480f22d06267b2f148ea3fd55c.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. Produtividade fraseológica: do cognitivo ao cultural. In: SILVA, S. (org.). **Fraseologia & CIA**. entabulando diálogos reflexivos, Campinas-SP: Pontes Editores (2ª edição ampliada), 2014, p. 195-216. [1ª edição UEL – Universidade Estadual de Londrina, 2012].

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. **Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. ReVEL na Escola: Fraseologia e Paremiologia: para que ensinar, se todo o mundo sabe? **ReVEL**, n. 15, 29, 2017. <<http://www.revel.inf.br/files/7e02a7f4cb22a2e4935d77ae89882e69.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2020].

ORTIZ ALVAREZ, M. L. Enunciados fraseológicos: uma amostra de linguagem e cultura no tempo e no espaço. **Revista Intercâmbio dos Congressos de Humanidades**. Brasília: UNB, 2012. <<https://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/1363/2261.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2021.

PAMIES BERTRAN, A. Comparaison inter-linguistique et comparaison interculturelle. In :QUITOUT, M. (éd.). **Traduction, proverbes & traductologie**. Paris: Éditions L'Harmattan, 2008, p. 143-156.

PENADÉS MARTÍNEZ, I. Didáctica de la fraseología y de la paremiología. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas: Pontes, 2012, v. 1, p. 91-117.

PENADÉS MARTÍNEZ, I.; PENADÉS MARTÍNEZ, R.; XIAOJING, H.; OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, M. E. **70 refranes para la enseñanza del español**. Madrid: Arco/Libros, 2008.

QCER – **Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas**, 2002. <<https://www.britishcouncil.org.br/quadro-comum-europeu-de-referencia-para-linguas-cefr>> Acesso em 20 abr. 2021.

REIS, S.; BAPTISTA, J. Determinação de um mínimo paremiológico do português europeu. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 42, e52114, p. 1-16, 2020.

RODRIGUES MATIAS, G. **Tratamento didático de expressões idiomáticas de língua portuguesa no ensino fundamental II: fundamentos e propostas**. Tese. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (São José do Rio Preto), 2015. <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154711>>. Acesso em: 25 out. 2020.

SUŁKOWSKA, M. **De la phraséologie à la phraséodidactique. Études théoriques et pratiques**. Wydawnictwo Uniwersytetu Opolskiego Katowice, 2013.

TIMOFEEVA, L. Fraseodidáctica: a fraseoloxía para a didáctica: phraseodidactics: phraseology for didactics. **Cadernos de Fraseoloxía Galega**, Santiago de Compostela, n. 15, p. 393-410, 2013.

WOTJAK, G. Algunas observaciones acerca del significado de expresiones idiomáticas verbales en el español actual. **Anuario de Lingüística Hispánica**, n. 1. p. 213-226, 1985.

XATARA, C. M. A produção fraseoparemiográfica. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas: Pontes, 2012, v. 1, p. 205-212.

ZAVAGLIA, C.; FROMM, G. Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Cláudia Zavaglia. **ReVEL**, n. 15, 29, p. 281-287, 2017. <<http://www.revel.inf.br/files/45c172bd6f859024a42087b9be671fd9.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

ZAVAGLIA, C.; SIMÃO, A. K. G. (orgs.). **Reflexões, tendências e novos rumos dos estudos fraseoparemiológicos**. São José do Rio Preto: UNESP/IBILCE, 2017 (edição eletrônica).

ZULUAGA, A. **Introducción al estudio de las unidades fijas**. Frankfurt am Maim: Peter Lang, 1980.

ZURDO RUIZ-AYÚCAR, M. T.; SEVILLA MUÑOZ, J. **El mínimo paremiológico: aspectos teóricos y metodológicos**. Centro Virtual Cervantes / Instituto Cervantes, 2016. (Biblioteca Fraseológica y Paremiológica, Serie “Mínimo Paremiológico”, nº 1). <[https://cvc.cervantes.es/lengua/biblioteca\\_fraseologica/m1\\_zurdo/default.htm](https://cvc.cervantes.es/lengua/biblioteca_fraseologica/m1_zurdo/default.htm)>. Acesso em: 21 mar. 2021.

# REFLEXÃO SOBRE A PAREMIOGRAFIA A PROPÓSITO DOS PROVÉRBIOS DO MAR

Lucília Chacoto

## INTRODUÇÃO

Em trabalho anterior, publicado em 2012, tivemos oportunidade de apontar algumas das lacunas que apresentam muitas das recolhas contemporâneas de provérbios. Dois dos aspetos referidos eram a presença de arcaísmos (regra geral não sinalizados) e a não identificação das fontes (não sendo facultada ao leitor/utilizador da recolha a informação de onde e quando cada provérbio fora recolhido). Cremos que ambos os aspetos estão relacionados e têm um impacto direto no conhecimento obtido a partir da consulta dessas recolhas (quer o objetivo da consulta seja a obtenção de dados para a realização de estudos paremiológicos, quer seja a tradução, ou qualquer outro).

Qualquer estudo linguístico deve trabalhar com dados datados e localizados<sup>111</sup>. Trata-se de uma condição *sine qua non*, já que a língua varia no tempo e no espaço. Ora os provérbios fazem parte da língua e da cultura de um povo e, embora sejam frases fixas, apresentam variação resultante das mudanças linguísticas e culturais. Assim sendo, como podemos, em rigor, tirar conclusões a partir da análise destes dados linguísticos (e paremiológicos), se ignorarmos o local onde foram recolhidos e quando se procedeu a essa recolha? A mistura indiferenciada (e não sinalizada) de provérbios (quer de séculos distintos, quer de diferentes regiões) pode gerar confusão e induzir em erro o leitor/utilizador da recolha.

---

<sup>111</sup> Cf., nomeadamente, Mattos e Silva (2008, p. 9).

Com este trabalho, visamos analisar os provérbios portugueses sobre a temática do mar e, simultaneamente, cotejar esses mesmos provérbios, listados a partir de recolhas contemporâneas, com os que constam em recolhas dos séculos XVI e XVII, a fim de: a) averiguarmos a sua antiguidade; b) identificarmos as parémiás arcaicas que as recolhas contemporâneas ainda conservam; e c) descrevermos o tipo de arcaísmos que apresentam.

Para o estabelecimento do *corpus*, foram compulsadas sobretudo duas recolhas contemporâneas: *O Grande Livro dos Provérbios*, de José Pedro Machado (JPM), e *O Livro dos Provérbios Portugueses*<sup>112</sup>, de José Ricardo Marques da Costa (RM). No total, foram reunidos 331 provérbios relativos ao mar<sup>113</sup>.

A fim de poder verificar quão antigos eram os provérbios listados, consultámos duas recolhas do séc. XVI e duas outras do séc. XVII, a saber: *Refranes o Proverbios en Romance*, de Hernán Núñez, publicado em 1555; *Provérbios e frases proverbiais do século XVI*, de Carlos Casanovas; *Adagios Portuguezes Reduzidos a Lvgares Commvns*, de António Delicado,

---

<sup>112</sup> José Pedro Machado, em *O Grande Livro dos Provérbios*, identificou por vezes os provérbios extraídos da obra de António Delicado e de algumas obras literárias, embora não o tenha feito sistematicamente. Verificamos, porém, que Ricardo Marques, na sua obra *O Livro dos Provérbios Portugueses*, ao incluir os provérbios coligidos por J. Pedro Machado, não conservou essa identificação da fonte (limitando-se a incluir na bibliografia as obras consultadas). As duas recolhas apresentam, além disso, algumas diferenças, quer estas resultem de erros de cópia, quer a fonte consultada por Ricardo Marques, para esses mesmos provérbios, tenha sido outra.

<sup>113</sup> De salientar que, além das obras acima indicadas e que foram utilizadas para recolher a quase totalidade das parémiás populares que constituem o nosso *corpus*, dois provérbios (e uma variante) foram recolhidos na monografia de António dos Santos Graça (ASG), intitulada *O Poveiro – Usos, Costumes, Tradições, Lendas*, publicada em 1998; um provérbio foi recolhido da obra de Conceição Pires (CP) e um outro provérbio foi recolhido oralmente. A fonte de cada provérbio (e de cada variante) é sempre indicada após o mesmo.



publicado em 1651; e *Florilegio dos Modos de Fallar, e Adagios da Lingoa Portuguesa*, de Bento Pereira, publicado em 1655. Além destas recolhas (rifoneiros-acervo), e de acordo com Herón Pérez (1995) de que certas obras literárias podem e devem ser consideradas como “rifoneiros-literatura”, recorreremos ainda a duas obras de Jorge Ferreira Vasconcellos, a *Comédia Eufrosina* (1555) e a *Comédia Ulissipo* (escrita em 1561 ou até antes, pois consta do *Index* de 1561, mas de que apenas se conhecem a 2ª edição, publicada em 1618, por António de Noronha, genro do autor, e a 3ª edição, de 1787, de Bento José de Sousa Farinha, bem como as edições mais recentes). A atestação dos provérbios do mar nestas recolhas (entre as quais se encontram os primeiros adagiários em língua portuguesa) é relevante para determinar a sua antiguidade. Assim, sempre que nos foi possível atestar a existência de um provérbio no séc. XVI e/ou XVII, tal será indicado. Caso se encontrem variantes quinhentistas ou seiscentistas de um provérbio, elas serão explicitadas e descritas.

## 1. Análise

A análise das parémias encontra-se organizada nos seguintes eixos temáticos: O mar (§ 1.); O sagrado e o mar (§ 1.1.); A importância do sal (§ 1.2.); O rio (§ 2.); A arte de marear e a tipologia das embarcações (§ 3.); A gente do mar e os seus ofícios (§ 4.); A atividade piscatória (§ 5.); O pescado (§ 6.).

### §1. O mar

A localização geográfica de Portugal, situado no extremo ocidental do continente europeu e voltado para o Oceano Atlântico, contribuiu para a existência do laço ancestral e indissolúvel dos portugueses ao mar. A sua vasta costa marítima, torna Portugal um país aberto para o mar, para a sua exploração quer como recurso natural, quer como via

de acesso a outros portos, a outros povos e a outras culturas. Por essa razão, muitos são os provérbios relativos ao mar. Na impossibilidade de, no âmbito deste trabalho, analisarmos e descrevermos a totalidade dos provérbios listados, selecionámos aqueles que consideramos mais representativos.

A ideia da morte por afogamento, consequência ou não de naufrágio, surge no rifoneiro português como a principal razão para temer o mar. Por exemplo, o provérbio *Quem não for ao mar não se há-de afogar*. (JPM, p. 526) já existia no séc. XVII, apresentando em Delicado (1651, p. 35) a seguinte variante: *Quem nam entrar no mar, nam se affogará*. Note-se que as variantes diferem por: 1) a oração relativa sem antecedente apresentar um predicado diferente, embora semanticamente próximo (*ir ao mar e entrar no mar*, respetivamente); 2) a 1ª variante ter uma construção perifrástica com verbo auxiliar modal *haver de* + verbo principal *afogar* no infinitivo não-flexionado, enquanto que a 2ª variante tem o verbo *afogar* conjugado na 3ª p. sg. do futuro do modo indicativo. Também o provérbio *Quem não olha adiante, do mar que vir não se espante*. (RM, p. 699) apresenta uma variante atestada no séc. XVI: *Quem não olha adiante, dá, como batel, à costa*. (*Auto dos Dois Irmãos*, 399, *apud Casanovas*, p. 390, nº 3611). De salientar que ambas as variantes têm em comum o 1º membro do provérbio e o sentido figurado que consiste em aconselhar precaução.

Em Portugal, antes da construção dos caminhos ferroviários, a deslocação do interior para o litoral era morosa e não estava ao alcance de todos. Era frequente que quem vivesse afastado do litoral nunca tivesse visto o mar. Contudo, ninguém ignorava a sua existência ainda que por via indireta, por «ouvir dizer»: *Vi um homem que viu outro homem, que viu o mar*. (RM, p. 699), já assim em Delicado (1651, p. 105). No adagiário português, o mar é frequentemente enaltecido pela sua beleza: *Para teres vista bela, olha o mar e mora em terra*. (JPM, p. 450). Este

provérbio apresenta a variante seiscentista, atestada em Bento Pereira (1655, p. 117): *Pera ter a vista bella, olha o mar, & mora na terra*, que se distingue por apresentar, nomeadamente, a preposição arcaica *pera* e o verbo *ter* no infinitivo não-flexionado (ou impessoal). Semanticamente próximo, o provérbio *Vê o mar e está na terra*. (RM, p. 699), que, no séc. XVI, apresenta a variante *Vê o mar e sê na terra, viverás vida a prazer*. (*Auto de D. Luís e dos Turcos*, 583, *apud* Casanovas, p. 462, nº 4321) e que surge também registada em Delicado (1651, p. 165), embora sem a parte final que apresenta na obra vicentina: *Vê o mar, & sê na terra*. Este provérbio (com as suas variantes) atesta a mudança que ocorreu na história da língua portuguesa, a saber: a substituição do verbo *ser* por *estar* nas estruturas atributivas semanticamente transitórias (locativas e descritivas), que ocorre antes do séc. XVI<sup>114</sup>, embora ainda seja visível nas variantes quinhentista e seiscentista.

O mar é fonte de riqueza pelo pescado e facilita o comércio de curta e longa distância. Assim, os portos de mar palpitavam de vida e possibilitavam todo o tipo de negócios: *Quem quiser medrar viva em pé de serra ou porto de mar*. (JPM, p. 542). Este provérbio está atestado já em Delicado (1651, p. 74), embora apresente uma pequena variação: *Quem quiser medrar, viua em pé de serra ou em porto de mar*. Inversamente, um reino sem porto de mar não tinha economicamente tantas possibilidades, pois o comércio tinha de ser feito exclusivamente por terra. Daí que se diga: *Reino sem porto, chaminé sem fogo*. (JPM, p. 562), já assim em Delicado (1651, p. 167). Efetivamente, a sociedade medieval portuguesa estabelecia três vias possíveis para ascender socialmente: a Igreja (servir a Deus, ou seja, a via religiosa), o Mar (a via marítima)<sup>115</sup> e o serviço do rei (casa real): *Igreja ou mar ou casa real*. (JPM, p. 273). Esta parémia, recolhida já

---

<sup>114</sup> Cf. Mattos e Silva (2008, pp. 17-18).

<sup>115</sup> De acordo com Oliveira Marques (1964, p. 3), a partir do séc. XIII, as viagens dos Cruzados começaram a ser substituídas pelo comércio marítimo.

por Delicado (1651, p. 170) e que aqui surge reduzida à sua mínima dimensão, apresenta uma variante mais longa e explícita: *Três coisas fazem ao homem medrar: a ciência, o mar e a Casa Real*. (JPM, p. 611), atestada também em Delicado e em Bento Pereira, embora com pequenas variações: *Tres cousas fazem ao homem medrar sciencia, & o mar & casa Real*. (Delicado, p. 75); *Tres cousas ao homem fazem medrar, sciencia, mar, & casa real*. (Bento Pereira, p. 123). Note-se que, nestas últimas variantes, a via religiosa foi substituída pela via da ciência, ou seja, o homem instruído, o letrado, também ele pertence a uma classe social privilegiada, próxima da nobreza e do clero (de que ele amiúde faz parte)<sup>116</sup>.

### §1.1. O sagrado e o mar

As viagens por mar ou a pesca marítima caracterizam-se pela imprevisibilidade e pelo perigo iminente. Por isso se afirma: *Se queres aprender a orar entra no mar*. (JPM, p. 578). Este provérbio, atestado em Delicado (1651, p. 36) e em Bento Pereira (1655, p. 121), apresenta a variante: *Se queres aprender a rezar passa o mar*. (JPM, p. 579). Confronte-se com o provérbio semanticamente próximo: *Quem anda no mar aprende a rezar*. (JPM, p. 495). Com efeito, todo o homem do mar nutre um profundo respeito por Deus, pedindo a proteção divina antes de embarcar, porque *Com Deus adiante o mar é chão*. (JPM, p. 151), provérbio que remonta, pelo menos, ao séc. XVI, sendo atestadas duas variantes: *Deus diante, he o mar chão*. (Hernán Núñez, 1555, n<sup>o</sup> 2062 (f.33v)) e *Deos diante e o mar chão*<sup>117</sup>. (Eufrosina, 1555, p. 91, l. 5). No séc. XVII, mais precisamente em Delicado (1651, p. 106), ocorre a variante: *Deus diante, o mar he chão*.

---

<sup>116</sup> Cf. Oliveira Marques (1964, p. 4).

<sup>117</sup> Dado que o étimo da palavra *chão* é PLANU- (étimo também da palavra *plano*), torna-se claro que o nome composto *mar chão* significa “mar plano”, “sem ondulação”. Ainda na *Comédia Eufrosina* (1555, p. 228, ls. 8-9) surge o provérbio subvertido: *dinheiro faz o mar chão*, numa referência clara ao poder económico.

Os rituais coletivos em que a gente do mar pede a proteção divina, nomeadamente, os cultos religiosos como o de «Nossa Senhora da Boa Viagem» ou as procissões como a de «Nossa Senhora dos Navegantes», ainda hoje se realizam em comunidades de pescadores, em Portugal: *A fé te salve, nanja o pau da barca*<sup>118</sup>. (RM, p. 736), apresenta em Machado a variante: *A fé é que nos salva e não o pau da barca*. (JPM, p. 30), com a construção enfática *é que*.

Em situações de perigo iminente e de desespero até os menos crentes recorrem a Deus: *Quando o corsário promete missas e cera, por mal anda o galeão*. (JPM, P. 483), já assim em Delicado (1651, p. 90). Porém, quando a oração é apenas fruto de um momento de perigo, de uma profunda aflição momentânea, a fé não é duradoura: *Rio passado, santo esquecido*. (JPM, P. 564), que apresenta a variante: *O rio passado, o Santo nam lembrado*. (Delicado, 1651, p. 108).

### §1.2. A importância do sal

O sal é o condimento mais vulgarmente utilizado e desempenha diversas funções: a de conservação dos alimentos, por meio da salga ou salmoura<sup>119</sup>; uma função dietética, ao tornar os alimentos mais digestos; e uma função gastronómica, ao melhorar-lhes o sabor, tornando-os mais agradáveis ao paladar<sup>120</sup>. São treze os provérbios listados que aludem ao sal, às suas funções e ao seu valor: *O sal quanto salga tanto vale*. (JPM, p. 421), assim também em Núñez (1555, n° 5704, p. 298 (f. 90v)). Efetivamente, o sal é um bem precioso (não esqueçamos que está na origem da palavra *salário*) e, conseqüentemente, *O taleigo de sal quer cabedal*. (RM, p. 807). Este provérbio surge já assim em Delicado (1651, p. 70).

<sup>118</sup> Segundo o dicionário de Cândido de Figueiredo, *nanja* é um advérbio, de uso popular, e significa «Não; mais não. Nunca», sendo formado de *não* + *já*.

<sup>119</sup> A salmoura consiste numa solução mais ou menos concentrada de sal em água onde se conservam os alimentos (por exemplo, azeitonas

<sup>120</sup> Cf. Flandrin (2001=1996, p. 100).

Quanto à parémia *Não tem sal nem onde o deitar*. (JPM, p. 362), apresenta em Delicado (1651, p. 151) a variante: *Nam tem sal, nem em que o deitar* e ilustra uma situação de carência económica extrema, já que o sal era (e ainda é) usado para temperar os alimentos mas também era essencial para a sua conservação. Consequentemente, não ter alimentos para conservar em sal ou para com ele temperar era sinónimo de não ter o que comer.

Referindo-se especificamente à importância do sal no tempero dos alimentos, temos a parémia *Um ovo há mister sal e fogo*. (JPM, p. 620), com a variante *Hum ovo, quer sal, & fogo*. (Delicado, 1651, p. 125). Paradoxalmente, a variante apresentada por Machado aparenta ser mais antiga, contendo o predicado nominal arcaico *haver mister*, com o sentido de *precisar, necessitar*.

Quanto à função de conservação dos alimentos, por meio de salga ou salmoura, o sal revelou-se fundamental para a conservação da carne, do peixe e de outros alimentos. Já na Idade Média, segundo Oliveira Marques (1964, p. 10), se fazia grande uso da secagem e salga (e da defumação) para conservar vários alimentos, entre os quais o peixe, durante períodos mais longos, possibilitando o seu transporte para o interior do país e inclusive a sua exportação<sup>121</sup>. Efetivamente, a salga é um processo artesanal utilizado já pelos fenícios para a conservação dos alimentos e, apesar de ainda hoje se utilizar, o seu emprego era fundamental antes de se poder conservar pelo frio, ou seja, antes da invenção do frigorífico, daí que se dissesse: *Não mates mais do que podes salgar*. (JPM, p. 352). Contudo, nem todo o pescado parecia conservar as suas qualidades por meio da salga, sendo aconselhável que algumas das espécies piscícolas fossem ingeridas ainda frescas: *Da pescada a rabada, fresca que não salgada*. (JPM, p. 171), que apresenta a variante mais curta: *De pescada, a rabada*. (Deli-

---

<sup>121</sup> De acordo com Oliveira Marques (1964, p. 2), na Idade Média, Portugal já exportava sal, nomeadamente, para os países nórdicos e exportava sardinha (defumada) para Sevilha e Aragão, nos fins do séc. XIV, e pescada seca para Castela. (*Idem*, p. 10).

cado, 1651, p. 123). Além disso, a salga tem de ser feita atempadamente: *Peixe podre, sal não cura.* (JPM, p. 454).

Por último, a parémia *Não te hás-de fiar senão (daquele) com quem comeres um moio de sal.* (JPM, p. 361), atestada já em 1555, em Núñez (nº 5021, p. 295 (f. 80r)) e em Delicado (1651, p. 163), apresenta em Bento Pereira (1655, p. 113) a variante: *Nam te **deues** fiar senam daquelle com quem **ja** comeste hum moio de sal*<sup>122</sup>, que contém um verbo auxiliar modal diferente, a inclusão do advérbio de tempo já e o verbo *comer* na 2ª p. sg. do pretérito perfeito do indicativo. Esta parémia ilustra a prática ancestral de partilhar o sal durante os banquetes, porque simbolizava a relação amistosa entre os convivas<sup>123</sup>. Segundo Francis Joannès (2008=1996, p. 43), nas primeiras civilizações, «a imagem do sal partilhado durante a refeição é já o símbolo do laço que une duas pessoas: «o homem do meu sal» (*amêlu ša tabtiya*) assinala o amigo, aquele com quem se partilha o sal.» Assim, esta parémia adverte para a necessidade de partilhar o equivalente a 60 alqueires de sal com alguém, para que o conheçamos bem e possamos nele confiar.

## §2. O rio

À semelhança do mar, também o rio pode ser fonte de riqueza e, por isso, resultar apetecível morar nas suas cercanias: *Mato e rio, Deus mo dê por vizinho.* (JPM, p. 306), assim também em Delicado (1651, p. 9). Contudo, nem sempre os cursos fluviais podem ser transpostos, daí o provérbio *Todos os caminhos vão dar à ponte, quando o rio vai de monte em monte.* (RM, p. 387), que já aparece atestado em Núñez (1555, p. 308, nº 7884 (f. 125v)), embora com uma pequena variação: *Todos los caminos vaon ter à ponte quando os rios vaon de monte a monte.* Surge ainda uma terceira variante, em Delicado (1651, p. 36): *Todos os caminhos vão ter à ponte, quando o rio vay de monte amonte.* Quanto ao significado, este pro-

<sup>122</sup> O moio corresponde, segundo Figueiredo (1939), a uma «Antiga medida de capacidade, equivalente a 60 alqueires».

<sup>123</sup> Cf. Flandrin (2008 = 1996, pp. 22-23).

vérbio assegura que, quando o rio vai cheio (*de monte a monte*), a única via possível para mudar de margem é a ponte. Confronte-se a variante quinhentista presente na *Comédia Ulissipo: quando o rio vay cheyo todos os caminhos vão ter á ponte* (*Ulissipo*, Acto I, Scena I, p. 20 e Acto III, Scena VI, p. 223), que coloca em posição inicial de frase a oração subordinada adverbial temporal.

Quanto à parémia *Rio torto, duas vezes se passa*. (JPM, p. 564), ela surge atestada no séc. XVI, em Núñez (1555, n° 7231 (f. 115v)), curiosamente com a variante *Rio torto, onze vezes se passa*. Porém, já na segunda metade do séc. XVII, em Delicado (1651, p. 36), apresentava variação do numeral: *Rio torto, dez vezes se passa*. Quanto ao sentido global da parémia, Leonardo Mota (1987, p. 206), no seu *Adagiário brasileiro*, afirma que *Rio torto se passa dez vezes* significa que «Com espertalhões são precisos muitos entendimentos». De salientar que esta variante brasileira conserva o numeral (*dez*) que consta em Delicado.

Por último, a parémia *Vai a moça ao rio, conta o seu e o do seu vizinho*. (RM, p. 399), que Delicado (1651, p.141) registou com pequena variação: *Vai a moça ao rio, conta o seu & o de seu vizinho*, mostra-nos o rio como um local de sociabilização, em que a moça, pela sua juventude e inexperiência, não sabe guardar segredo, tornando público não só o que a si diz respeito como também o alheio<sup>124</sup>.

### §3. A arte de marear

«A navegação», tal como afirma Domingues (2009, p. 34), «era essencialmente uma actividade empírica». Marear era uma arte, sinónimo de perícia náutica adquirida com a experiência, a observação da esfera celeste e dos fenómenos climáticos: *Quando a Roca tem capelo, colhe a vela e vai-te ao Restelo*. (JPM, p. 478). Este provérbio arcaico, já atestado em Núñez (1555, p. 300, n° 6299 (f. 100v)), advertia que, quando o Cabo

<sup>124</sup> Cf. a parémia arcaica *Axa foy ao banho, teve que contar anno*. (Delicado, 1651, p. 135).



da Roca estava coberto de nuvens, se aproximava uma tempestade, sendo, portanto, aconselhável regressar ao Restelo. Também o provérbio *Polar pelo velacho, dois pingos de água, Terreiro do Paço*. (JPM, p. 463) tem um valor didático, pois visava instruir os marinheiros para que, quando voltavam do Brasil, soubessem ao ver a estrela polar pelo pau do velacho, que se encontravam próximos de Lisboa. Além disso, como afirma Pedro Chaves (1928, p. 10, nota 2), se nessa altura chovesse «e como quasi sempre a chuva é acompanhada de vento do sul, soprando esse vento, a chegada a Lisboa era muito rápida.»

A navegação adequada era fulcral, pois as embarcações estavam sujeitas às intempéries, às marés, aos ventos. Tendo em conta os perigos que enfrentavam todos os que encetavam viagens marítimas, não se podia avaliar antecipadamente se chegariam a bom porto: *Jornada de mar não se pode taxar*. (JPM, p. 279), já referido por Delicado (1651, p. 34). Por essa mesma razão se aconselha: *Quem tem pressa vai por terra, que viagens por mar não são de fiar*. (RM, p. 699), que apresenta a seguinte variante: *Quem tem pressa vai por terra que por mar pode afogar-se*. (JPM, p. 553). Em suma, *Antes na estrada em carro velho do que no mar em navio novo*. (JPM, p. 83).

Alguns provérbios aludem especificamente à época dos Descobrimentos e da expansão ultramarina: *Quem passar o Cabo Não voltará ou não*. (JPM, p. 365). A viagem marítima para a Índia comportava riscos enormes, tanto mais que, como refere Domingues (2009, p. 32), “as marés e os ventos que os haviam empurrado para sul tornavam-se obstáculos quando tentavam voltar”: *Quem passar o Cabo Não voltará ou não*. (JPM, p. 535) ou *À Índia mais vão do que tornam*. (JPM, p. 35).

De referir ainda que as viagens por mar, devido à sua duração e ao espaço limitado das embarcações, convidavam ao convívio, permitindo travar amizades<sup>125</sup>: *Barca, jogo e caminho, de estranho fazem amigo*. (JPM, p. 110), parémia já atestada em Delicado (1651, p. 17).

<sup>125</sup> Além disso, por vezes, o perigo e a adversidade podem aproximar inesperadamente as pessoas.

Quanto à tipologia das embarcações, os provérbios listados contêm referências a dez embarcações distintas, de pequena e grande dimensão, para viagens de curta e longa distância. Vejamos, a propósito, o quadro I.

**Quadro 1: Tipos de embarcação**

Embarcação	Provérbios	Frequência
Baixel	<i>Ao baixel sem esperança Deus depara o porto.</i> (JPM, p. 86)	1
Barca	<i>Barca sem coberta, sepultura aberta.</i> (RM, p. 736) Var.: <i>Barco sem coberta, sepultura certa.</i> (RM, p. 736)	9
Barqueta	<i>Se não for nesta barqueta, irá noutra que se calafeta.</i> (JPM, p. 576) Var.: <i>Se nam for nesta barqueta, irá na outra que se calafeta.</i> (Delicado, 1651, p. 77)	1
Barco	<i>Barco perdido dá à costa.</i> (JPM, p. 110)	20
Batel	<i>Quem não olha adiante, do mar que vir não se espante.</i> (RM, p. 699) Var.: <i>Quem não olha adiante, dá, como batel, à costa.</i> (Auto dos Dois Irmãos, 399, apud Casanovas, p. 390, nº 3611)	1
Galé	<i>Vogue a galé, venha o que vier.</i> (JPM, p. 636)	1
Galera	<i>Mais vale um palmo de vela do que cem remos de galera.</i> (RM, p. 737)	1
Galeão	<i>Quando o corsário promete missas e cera, por mal anda o galeão.</i> (JPM, p. 483) = (Delicado, 1651, p. 90)	1
Nau	<i>Naus da Índia, Deus as leva, Deus as traz.</i> (JPM, p. 365)	4
Navio	<i>Navio sem leme, naufrágio certo.</i> (JPM, p. 365)	11

Fonte: Elaboração da autora, 2021

Como podemos observar no quadro I, o barco é a embarcação mais frequente (com 20 ocorrências), seguido de navio (com 11 paréias populares) e, em terceiro lugar, a barca (com 9 provérbios). De salientar também que várias embarcações referidas nos provérbios são antigas e já não são utilizadas. É o caso, por exemplo, da nau, da galé, da galera, do galeão, entre outras.

Quanto a *barco* é o termo mais neutro, pois não especifica o tipo nem a dimensão da embarcação. Pelo contrário, *navio*, segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa, doravante *DLPC*, corresponde a uma «Embarcação, geralmente de grande tonelagem, destinada a viagens de longo curso». Veja-se o provérbio: *Quem não tem que fazer arme navio ou tome mulher*. (JPM: 532), que surge já assim em Delicado (1651, p. 173). Este provérbio é semanticamente próximo de um outro, atestado no séc. XVI, na *Comédia Ulissipo* (Acto V, Scena I, p. 292): *quem quizer ter negocio sobejo faça nao, ou tenha trato com molher. Com efeito, a nau* designa uma antiga embarcação de grande dimensão, mais especificamente, de acordo com o *DLPC*, corresponde a um “Antigo navio de vela de dois, três ou quatro mastros principais, armação redonda, grande calado e borda alta, com castelos de proa e popa elevados, usado no transporte de mercadorias ou na marinha de guerra”. Por conseguinte, armar um navio ou construir uma nau, dado que ambos são embarcações de grande porte, levaria muito tempo, exigindo um grande esforço e poder económico.

No que concerne à barca, esta embarcação é «larga e pouco funda», e «serve para o transporte local de cargas e, às vezes, de passageiros» (*Idem, ibidem*). Efetivamente, o provérbio *Quem mais mete na barca, mais saca*. (JPM, p. 518), já assim no séc. XVI, na *Comédia Ulissipo* (Acto III, Scena VI, p. 230), e um século mais tarde em Bento Pereira (1655, p. 119), refere-se literalmente ao transporte de mercadorias (embora possua também um sentido figurado). De facto, o comércio marítimo de

curta e longa distância foi fundamental para a história econômica de Portugal e encontra-se referido em várias parémiias populares: *Vede-la vai, vede-la vem, como barco de Sacavém*. (RM, p. 401) faz referência a viagens regulares de curta distância. Note-se que Delicado (1651, p. 36) já a inclui na sua obra Adágios. Confronte-se, a propósito, a parémia do séc. XVI: *Eis-me vou, eis-me venho, como barca de carreira*. (*Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, CCIII, a,1, *apud* Casanovas, p. 158, n° 1343). Ambas as parémiias têm, contudo, um sentido figurado, estabelecendo uma comparação entre a embarcação que navega sem parar fazendo um dado trajeto e alguém que não cessa de ir e vir.

Por último, alguns dos provérbios contêm termos náuticos que correspondem a partes da embarcação ou aos seus instrumentos, nomeadamente, *calabre, remos, quilha, agulha, velas, coberta, velacho, leme e escota*. Veja-se, a título meramente ilustrativo, o provérbio náutico: *Ao leme quem quiser e à escota quem souber*. (JPM, p. 88), que apresenta a variante: *Ao remo, quem quiser e à escota, quem souber*. (RM, p. 736). Este provérbio frisa a importância da escota<sup>126</sup> e a perícia que exige o seu manejo.

#### § 4. A gente do mar e os seus ofícios

Os ofícios da gente do mar nos provérbios listados são treze e estão representados no quadro 2.

---

<sup>126</sup> *Escota* é um termo náutico que, segundo o DLPC, designa um “cabo ligado à extremidade inferior das velas de um navio, que se usa para as governar e expor melhor à ação do vento.”

**Quadro 2: Os ofícios da gente do mar**

Ofícios	Provérbios	Frequência
Arrais	<p><i>Quando o arrais canta bem vai o barco.</i> (JPM, p. 483)</p> <p>Var.: <i>Bem vai o barco quando o arrais canta.</i> (JPM, p. 115)</p> <p>Var.: <i>Quando o arrais canta boa vai a maré.</i> (JPM, p. 483)</p> <p>Var.: <i>Quando marinheiro canta, bem vai o barco.</i> (RM, p. 700)</p>	2
Barqueiro	<i>Barqueiro a barqueiro não leva dinheiro.</i> (JPM, p. 110)	2
Bolineiro	<p><i>Bolineiro soía ser, tornei-me a meu mister.</i> (JPM, p. 119)</p> <p>Var.: <i>Bolineiro sohia a ser, torneime a meu mister.</i> (Delicado, 1651, p. 146)</p>	1
Corsário	<i>De corsário a corsário, não se perdem mais que os barris.</i> (JPM, p. 175) = ( <i>Eufrosina</i> , 1555, p. 52, ls. 8-9) = (Delicado, 1651, p. 111)	2
Homem do mar	<i>Homem do mar cabeça no ar.</i> (JPM, p. 267)	2
Marinheiro	<i>Águas mansas não fazem bons marinheiros.</i> (JPM, p. 69)	11
Marujo	<i>Quando há gente para marujo, há gente para tudo.</i> (JPM, p. 481)	2
Mestre	<i>Barco de muitos mestres dá na costa.</i> (JPM, p. 110)	1
Peixeira	<i>Peixeira que não mente na bolsa o sente.</i> (JPM, p. 454)	1
Pescador	<i>Quem pesca um peixe pescador é.</i> (JPM, p. 537) = (Delicado, 1651, p. 150)	9
Piloto	<i>Dois pilotos fazem um barco ir ao fundo.</i> (JPM, p. 202)	3
Sardinheiro	<i>Sardinheiro vende sardinha e come galinha.</i> (JPM, p. 572)	1
Timoneiro	<i>Timoneiro que não marca, mal vai à barca.</i> (RM, p. 737)	1

Fonte: Elaboração do autor, 2021

O ofício com maior número de ocorrências é o de *marinheiro* com 11 ocorrências, seguido do de *pescador*, que ocorre em 9 provérbios. Além destes dois ofícios, que ainda hoje se mantêm, surgem outros como: *Bolineiro soía ser, tornei-me a meu mister*<sup>127</sup>. (JPM, p. 119), já atestado em Delicado (1651, p. 146), embora com pequena variação: *Bolineiro sohia a ser, torneime a meu mister*, já que apresenta a preposição *a* (*soer a ser*), que não consta em Machado. Este provérbio apresenta uma construção léxico-sintática arcaica e alude ao ofício de *bolineiro*. *Bolineiro* designa o indivíduo que é exímio a navegar à bolina (ou *bolinar*), que, segundo o *DLPC*, consiste em «Navegar com a vela enviesada de modo a receber o vento de lado».

Quanto à parémia *De corsário a corsário, não se perdem mais que os barris*. (JPM, p. 175), surge já assim quer na *Comédia Eufrosina* (1555, p. 52, ls. 8-9), quer em Delicado (1651, p. 111), mas na *Comédia Ulissipo* (Acto I, Scena VI, p. 80) apresenta a variante *de cossario a cossario perdem-se os barris*. Esta parémia faz referência à atividade corsária que Francisco Domingues (2009, p. 31) considera como tendo sido “um modo de vida normal em todos os países europeus com actividade marítima durante o período medieval tardio”. Efetivamente, os piratas assolavam os mares, pilhando tudo o que encontravam. Esta parémia tem como sentido global que o furto praticado entre ladrões não é considerado um delito grave. Confronte-se o provérbio: *Ladrão que rouba a ladrão tem cem anos de perdão*. (JPM, p. 282).

Por último, a comercialização do pescado surge no dialogismo Assim fedemos, que fará se peixe vendermos? (JPM, p. 104), assim também em Delicado (1651, p. 175), estando os ofícios que consistem nessa comercialização expressos em provérbios como *Sardinheiro vende sardi-*

---

<sup>127</sup> Pedro Machado indique a fonte deste provérbio como sendo Delicado, o provérbio que apresenta difere da variante registada em Delicado ao não apresentar a preposição *a* em *soía ser*.

*nha e come galinha.* (JPM, p. 572) e *Peixeira que não mente na bolsa o sente.* (JPM, p. 454), ilustrando este último provérbio a única profissão feminina nos provérbios do mar.

#### § 5. A atividade piscatória

Os hábitos alimentares e as atividades de recolção para a obtenção de alimentos são, para épocas mais remotas, resultado da fauna e flora locais que, por sua vez, dependem diretamente da geografia, do clima e das condições do solo. Em Portugal, dada a extensão da sua costa, o mar é uma presença constante e a pesca constituiu desde cedo (e ainda constitui) uma atividade fundamental para a subsistência de algumas comunidades situadas junto ao litoral de Portugal Continental e, sem dúvida, de Portugal Insular. Recolhemos 34 provérbios referentes à faina piscatória, indicando, entre outros aspetos, qual a época do ano em que se deve renunciar a ir para o mar pescar, visto que a pesca, tal como a caça, é uma atividade sazonal, sujeita às mudanças de estação, ou seja, a pesca no Inverno é mais arriscada e o pescado mais escasso: *Outubro, Novembro e Dezembro não busques o pão no mar, mas torna a teu celeiro e abre (o) teu mealheiro.* (JPM, p. 438), já assim em Delicado (1651, pp. 11 e 189). Porém, na mesma obra seiscentista, surge uma variante mais curta, sem a última parte do provérbio: *Outubro, Novembro, Dezembro, nam busques, o pam no mar.* (Delicado, p. 70). A pesca, além disso, é uma atividade cujo sucesso é imprevisível: *Pesca e fortuna uma vez muita, outra nenhuma.* (JPM, p. 460), ou ainda *Nem de cada malha peixe, nem de cada mata feixe.* (JPM, p. 368), assim também em Delicado (1651, p. 32). Mas, em 1555, Núñez regista uma variante deste provérbio: *Ni de cada malla pexe, ni de cada mato feixe.* (p. 296, n.º 5148 (f. 82r)). Uma terceira variante surge em Bento Pereira (1655, p. 113), desta vez com *mouta em lugar de mato ou mata: Nem de cada malha peixe, nem de cada mouta feixe.* Este provérbio parece fazer referência à pesca com malhada, técnica utilizada no Portugal medieval, segundo Pereira (2012, p. 48). Note-se ainda que J. Pedro

Machado atesta a existência de uma quarta variante com *covo* em vez de *malha*: *Nem em cada covo peixe, nem em cada mata feixe.* (JPM, p. 368). O covo é um utensílio de pesca semelhante a um cesto, comprido e afunilado, usado para a pesca fluvial e para a pesca costeira.

Também a pesca de cana está presente nos provérbios: *Pescador de cana mais come do que ganha, mas quando a dita corre mais ganha do que come.* (JPM: 460), já assim em Delicado (1651, p. 33). Contudo, Bento Pereira (1655, p. 117) cita apenas a primeira parte: *Pescador de cana, mais come do que gana.* Confronte-se com o provérbio recolhido oralmente de um pescador: *Pesca de cana é fome que esgana.* (recolhido em Cascais, a 06 abr. 2021).

Quanto à pesca com redes, ela está expressa no provérbio: *Redes no mar, moinhos de vento, bens de padres, pomares de pessegueiros, bens de rendeiros, chegam a segundos, mas não chegam a terceiros.* (JPM: 562), que faz referência à duração e pericubilidade das redes.

## § 6. O pescado

Durante séculos, o peixe foi considerado um alimento pouco nutritivo<sup>128</sup> e ainda hoje pessoas mais idosas continuam a dizer: *Peixe não puxa carroça.* (JPM, p. 454). Também o provérbio: *Se o mar dá uma boa ceia, não dá um bom jantar.* (JPM, p. 578) resulta da ideia que o peixe não alimenta tanto como a carne. Esta parémia alude às duas principais refeições do dia que, na Idade Média, se designavam *jantar* (refeição ingerida a meio do dia, atualmente denominada *almoço*) e *ceia* (termo usado para a refeição da noite, atualmente designada *jantar*)<sup>129</sup>. Assim, segundo esta

---

<sup>128</sup> Massimo Montanari (2008=1996, p. 254), a propósito da pesca na Alta Idade Média afirma: “o peixe é menos apreciado que a carne, não só por razões dietéticas [...] mas também por questões de imagem: segundo uma praxis apurada nos mosteiros, a Igreja faz dele substituto da carne em caso de penitência”.

<sup>129</sup> De acordo com Oliveira Marques (1964, p. 7), “As duas refeições principais do dia eram o jantar e a ceia. Jantava-se, nos fins do século XIV, entre as 10 e as 11 horas da manhã, [...]. Ceava-se pelas 6 ou 7 horas da tarde”.



parémia arcaica, como a refeição da noite deve ser mais ligeira, o peixe pode ser mais apropriado para a refeição do fim do dia, sendo, porém, insuficiente para a refeição que se faz a meio do dia.

Como anteriormente referimos, a pesca é uma das modalidades da produção alimentar de Portugal e decerto não deve ser entendida como a de somenos importância, pois, embora a presença do mar (ou de cursos fluviais) permita uma economia de subsistência e de consumo direto, não se resume a isso, uma vez que já na Idade Média uma parte do pescado era exportado para fora do reino de Portugal<sup>130</sup>. De facto, quer as águas fluviais quer as do Oceano Atlântico apresentam uma enorme diversidade de espécies piscícolas, mais precisamente, segundo M. J. Costa (2018, p. 214), em Portugal há 1103 espécies de peixes. Atualmente, Portugal é o maior consumidor de peixe da União Europeia. A importância do peixe no regime alimentar dos portugueses é, pois, inquestionável e está representada nos provérbios portugueses. Efetivamente, recolhemos 66 provérbios que aludem a 26 peixes específicos. Além disso, registámos 1 parémia que se refere a um crustáceo (*caranguejo*), 5 provérbios que aludem a moluscos (*choco* (1), *lapas* (3) e *mexilhão* (1)), e 2 provérbios a cetáceos (*baleia*). Em suma, no total, registámos 72 referências a pescado. Confronte-se o quadro 3.

---

<sup>130</sup> Cf., nomeadamente, Pereira (2012) e Oliveira Marques (1964, p. 10).

### Quadro 3: Parémias populares com espécies piscícolas

Pescado <sup>131</sup>	Parémias populares	Frequência
Abrótea	<i>Tudo se quer em seu tempo e a abrótea pelo Advento.</i> (RM, p. 764)	1
Bacalhau	<i>Por São Silvestre o bacalhau é peste.</i> (JPM, p. 468)	2
Barbo	Quando o trigo é louro é o barbo como um touro. (JPM, p. 485). Var.: <i>Quando o trigo he louro, he o barbo como touro.</i> (Delicado, 1651, p. 187)	2
Besugo	<i>A cabeça do besugo, come o sisudo e a da boga, dá à sua sogra.</i> (RM, p. 20). Var.: <i>A cabeça do vesugo come o sesudo, &amp; da boga dá a sua sôgra.</i> (Delicado, 1651, p. 60)	4
Bodião	<i>Bodião em Janeiro vale um carneiro.</i> (RM, p. 430)	1
Boga	<i>Por São Marcos bogas a sacos.</i> (RM, p. 299) = (Delicado, 1651, p. 149)	3
Cação	<i>No S. João, cação na mão.</i> (ASG, p. 89)	1
Charro	<i>Charro do alto em Janeiro, vale como carneiro.</i> (RM, p. 430)	1
Enguia	<i>Enguia em empada, lampreia em escabeche.</i> (JPM, p. 227) = (Delicado, 1651, p. 124)	3

<sup>1</sup> Os peixes são designados, no quadro acima, pelos seus nomes vulgares, tal como surgem nos provérbios. Não incluímos os seus nomes científicos, porque a correspondência entre o nome vulgar e o nome científico, em muitos casos, não é biunívoca. Assim, como esclarece Maria José Costa (2018, p. 8), um nome vulgar pode designar mais de uma espécie piscícola (é o caso, por exemplo, da raia ou da lampreia). Inversamente, uma mesma espécie pode ser designada por mais de um nome vulgar, por exemplo, marmota e pescada; petinga e sardinha; ou, ainda, jaquinzinhos, carapaus e chicharros. Nestes casos, os diferentes nomes vulgares correspondem a diferenças de tamanho (a marmota é a pescada pequena, a petinga é a sardinha pequena e o jaquinzinho designa o carapau pequeno enquanto o chicharro corresponde ao carapau grande).

Escalos	<i>Escalos em Janeiro têm o sabor de carneiro.</i> (JPM, p. 231)	1
Faneca	<i>A faneca, com três efes – fresca, fria e frita.</i> (RM, p. 430)	1
Goraz	<i>Goraz de Janeiro vale carneiro.</i> (JPM, p. 259). Var.: <i>Goraz de janeiro vale um carneiro.</i> (Casanovas nº 1547, p. 180)	1
Lampreia	<i>A lampreia faz a bolsa feia.</i> (JPM, p. 36)	3
Pargo	<i>Trigo loiro, pargo toiro.</i> (JPM, p. 612)	1
Peixe cabra	<i>Peixe cabra no S. Miguel, nem o vendas nem o dês; guarda-o para ti e tua mulher.</i> (ASG, p. 89)	1
Pescada	<i>Do peixe a pescada, da carne a perdiz.</i> (JPM, p. 200). Var.: <i>Do peixe a pescada, &amp; da carne a perdiz.</i> (Delicado, 1651, p. 123)	4
Raia	<i>Raia em Janeiro é como carneiro.</i> (ASG, p. 89)	3
Robalo	<i>O robalo, quem o quiser há-de escamá-lo.</i> (JPM, p. 420)	2
Salema	<i>Trigo loiro, salema no coiro.</i> (JPM, p. 612)	1
Salmão	<i>Salmão e sermão têm na Quaresma a sua estação.</i> (JPM, p. 569)	2
Salmonete	<i>Às vezes custa mais o salmonejo que o coelho.</i> (JPM, p. 102) = (Delicado, 1651, p. 61)	1
Sardinha	<i>Em casa não tens sardinha, na alheia pedes galinha.</i> (JPM, p. 218). Var.: <i>Em tua casa nam tens sardinha, &amp; na alheia pedes galinha.</i> (Delicado, 1651, p. 57)	21
Sargo	<i>O sargo é bom quando as canas espigam.</i> (JPM, p. 421)	2
Sável	<i>Sáveis por São Marcos, enchem os barcos.</i> (JPM, p. 572) = (Delicado, 1651, p. 150)	4

Solha	<i>A solha no tempo do milho, come-a com o teu amigo.</i> (RM, p. 430)	4
Truta	<i>Não se pescam trutas de bragas enxutas.</i> (JPM, p. 358). Var.: <i>Não se ganhaõ truitas a bragas enxutas</i> ( <i>Ulissipo</i> , Acto I, Scena IX, p. 99; Acto II, Scena V, p. 130).	5

Fonte: Elaboração da autora, 2021

O peixe que ocorre mais frequentemente nos provérbios listados é a sardinha, *Sardina pilchardus*, com 21 provérbios, o que se deve muito provavelmente ao facto de ser a espécie “mais capturada em águas continentais portuguesas, ocorrendo também na Madeira”, segundo M. J. Costa (2018, p. 49). Segue-se a truta que surge em 5 provérbios e, em terceiro lugar, ocorrem o besugo, a pescada, o sável e a solha, com 4 provérbios cada.

O regime alimentar é ainda hoje um fator de diferenciação social e, no que concerne às espécies piscícolas, nem todas têm igual valor comercial: *A lampreia faz a bolsa feia.* (JPM, p. 36). A lampreia é um peixe cujo custo elevado o torna acessível apenas para os economicamente desafogados e, conseqüentemente, é indicador de um estatuto social elevado. Algum do pescado pode, inclusive, atingir preços mais elevados do que a carne: *Às vezes custa mais o salmonejo que o coelho.* (JPM, p. 102), já assim em Delicado (1651, p. 61). Ora, as classes economicamente mais favorecidas privilegiavam a carne, e o consumo de peixe era associado às penitências impostas pela Igreja Católica, pois a carne encontrava-se entre as várias interdições alimentares, daí o provérbio: *A Quaresma, & a cadea para pobre he feita.* (DELICADO, 1651, p. 150). Note-se que as prescrições religiosas de peixe resultavam da abstinência obrigatória da carne para todos os católicos<sup>132</sup>. Desta forma, a nobreza e o clero viam-se obrigados a consumir peixe cerca de 68 dias por ano. Daí o provérbio: *Salmão e sermão têm na Quaresma a sua estação.* (JPM, p. 569).

<sup>132</sup> Esta restrição é um sinal de identidade religiosa (cf. Montanari, 2008=1996, p. 268).

Sendo a hierarquia dos gostos uma consequência do poder aquisitivo, os alimentos mais abundantes e menos dispendiosos vão caracterizar o regime alimentar das camadas populacionais economicamente menos favorecidas. É o caso da sardinha<sup>133</sup>: *Sardinha que o gato leva, gualdida vai.* (JPM, p. 572), já assim no séc. XVI, mais precisamente na *Comédia Eufrosina* (1555, p. 214, ls. 15-16). *Gualdida* é um adjetivo arcaico formado por conversão a partir do particípio passado do verbo *gualdir* que, segundo Cândido de Figueiredo, significa «comer; gastar; dissipar». Este provérbio apresenta ainda a variante: *Sardinha que o gato leva, mal vai ela.* (JPM, p. 572). Em suma, observa-se a coexistência de uma variante arcaica e de variante atual na mesma recolha contemporânea (não tendo o autor da recolha sinalizado nem a variante arcaica nem a moderna).

Também o bacalhau, pescado nas águas frias dos mares do Norte e conhecido pelo povo português como “o fiel amigo”, embora não fosse muito apreciado, era acessível às camadas sociais economicamente desfavorecidas, sendo consumido depois de seco e salgado: *Amarelo, salgado, cru e mau, chama o povo ao bacalhau.* (JPM, p. 73).

## CONCLUSÃO

O mar está muito presente na paremiologia portuguesa, que foca os vários aspetos com ele relacionados: a arte de marear, a religiosidade da gente do mar, a atividade piscatória, os ofícios relacionados com o mar, entre outros.

---

<sup>133</sup> Cf., a propósito, a expressão fixa Comer sardinha e arrotar tainha. (JPM, p. 157), com o sentido de “ufanar-se desmedidamente ou sem razão, exagerando os seus proventos”, mostra-nos que a sardinha é economicamente mais acessível do que a tainha. De notar, contudo, que a tainha é um dos peixes que atualmente já não é muito valorizado pelos portugueses na sua alimentação.

Os provérbios listados a partir de duas recolhas contemporâneas apresentam, contudo, um conjunto de arcaísmos lexicais, sintáticos e até semânticos. Dado que os provérbios são estruturas linguísticas com um elevado grau de fixidez, essa poderia ser a causa da conservação dos arcaísmos (sobretudo de vocabulário já caído em desuso). Porém, conscientes de que poderia existir outra razão possível (e até provável) – a cópia incessante (que ainda hoje vigora) de recolhas paremiográficas de épocas pretéritas, sem que se indique a fonte de cada provérbio –, resolvemos cotejar esses provérbios listados com os que constavam em recolhas dos sécs. XVI e XVII. Com efeito, das mais de três centenas de parémias populares recolhidas (331 no total), 140 já constavam em, pelo menos, uma das seis recolhas dos sécs. XVI e XVII que consultámos. Verificámos, assim, a antiguidade de muitas destas parémias populares e a razão para o facto de ilustrarem práticas culturais antigas.

Em suma, uma vez que, em geral, as obras paremiográficas não identificam a fonte dos provérbios, torna-se, por vezes, impossível perceber se a sua inclusão nas recolhas resulta: a) da cópia de outras anteriormente publicadas (porventura em séculos anteriores); b) fazem parte da competência paremiológica do autor; c) foram por ele recolhidos (e, nesse caso, quando e onde). Afigura-se-nos, por conseguinte, fundamental que o paremiógrafo faculte a informação da fonte e sinalize as parémias (ou as suas variantes) que já caíram em desuso. Desse modo, evitar-se-á uma utilização inadequada por parte do leitor/utilizador da recolha. Dito de outro modo, se houver uma maior qualidade nas obras paremiográficas, resultado da adoção de critérios mais rigorosos na sua elaboração, estas obras tornar-se-ão mais úteis (porquanto mais fiáveis) para paremiólogos, tradutores e demais utilizadores.

## REFERÊNCIAS

- CASANOVAS, C. F. F. **Provérbios e frases proverbiais do século XVI**. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973.
- CASTELEIRO, J. M. **Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea**. Academia das Ciências de Lisboa, 1ª ed., Lisboa: Editorial Verbo, 2001.
- CHACOTO, L. A produção fraseoparemiográfica. In: Ortiz Alvarez, M. L. (org.): **Tendências Atuais na Pesquisa Descritiva e Aplicada em Fraseologia e Paremiologia**. Anais, vol. I, Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p. 157-170.
- CHAVES, P. **Rifoneiro Português**. Porto: Imprensa Moderna, Lda, 1928.
- COSTA, J. R. M. **O Livro dos Provérbios Portugueses**. 2ª edição Revista e Ampliada, Lisboa: Editorial Presença, 2004 [1999].
- COSTA, M. J. **Peixes de Portugal**. Porto: Edições Afrontamento, 2018.
- DELICADO, A. **Adagios Portvgvezes Redvzidos a Lvgares Commvns**. Lisboa: Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651.
- DOMINGUES, F. C. A Arte de Navegar. In: **Encompassing the globe – Portugal e o Mundo nos Séculos XVI e XVII**. Guia da exposição de 15 de julho a 11 de outubro de 2009, Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 2009, p. 31-36.
- FIGUEIREDO, C. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 15ª edição, Lisboa: Livraria Bertrand, 1939.
- FLANDRIN, J. L.; MONTANARI, M. **Histoire de L'Alimentation**, Paris: Librairie Arthème Fayard, 1996. [Trad. Portuguesa: **História da Alimentação**. vol. I – Dos primórdios à Idade Média, 2008, 2ª ed. vol. II – Da Idade Média aos tempos actuais, 2001, 1ª ed., Lisboa: Terramar].
- FLANDRIN, J. L. A humanização dos comportamentos alimentares. In: FLANDRIN, J.; MONTANARI, M. (coord): **Histoire de L'Alimentation**. 2008 [1996], p. 17-24.

\_\_\_\_\_. Condimentação, cozinha e dietética nos Séculos XIV, XV e XVI. In: FLANDRIN, J. L. & MONTANARI, M. (coord): **Histoire de L'Alimentation**, cap. XXVIII, 2001 [1996], p. 95-110.

GRAÇA, A. S. **O Poveiro – Usos, Costumes, Tradições, Lendas**. 4ª edição, 1ª ed.: 1932, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

JOANNES, F. A função social do banquete nas primeiras civilizações. In: FLANDRIN, J. L.; MONTANARI, M. (coord): **Histoire de L'Alimentation**, cap. II, 2008 [1996], p. 41-52.

LUZ, E. P. A. da. **Na Reversa do Vento: A Cultura Náutica da Costa da Lagoa – Florianópolis/SC**. 160 p. Dissertação (Mestrado Profissional). Universidade do Estado de Santa Catarina, 2014.

MACHADO, J. P. **O Grande Livro dos Provérbios**. 1ª ed. 1996, Lisboa: Editorial Notícias, 2005.

MARQUES, A. H. O. **A Sociedade Medieval Portuguesa**. 1ª ed., Lisboa: Sá da Costa Editora, 1964.

MATTOS E SILVA, R. V. **O Português Arcaico – Uma aproximação**. vol. II, Lisboa: INCM, 2008.

MONTANARI, M. Estruturas de produção e sistemas alimentares. In: FLANDRIN, J. L.; MONTANARI, M. (coord): **Histoire de L'Alimentation**, cap. XVI, 2008 [1996], p. 251-259.

\_\_\_\_\_. Os camponeses, os guerreiros e os sacerdotes: imagem da sociedade e estilos de alimentação. In: FLANDRIN, J.L.; MONTANARI, M. (coord): **Histoire de L'Alimentation**, cap. XVII, 2008 [1996], p. 261-268.

MOTA, L. **Adagiário Brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

NÚÑEZ, H. **Refranes o Proverbios en Romance**. Edição crítica de Louis Combet, Julia Sevilla, Germán Conde Tarrío e Josep Guàrdia i Marín. Madrid: Guillermo Blázquez, 2001 [1555].



PEREIRA, B. **Florilegio dos Modos de Fallar, e Adagios da Lingoa Portvguesa**. Lisboa: Por Paulo Craesbeeck, 1655.

PEREIRA, O. N. A. **Em torno da pesca, na costa Norte de Portugal, nos séculos finais da Idade Média (1292-1493)**. Dissertação de Mestrado em Estudos em História Medieval e do Renascimento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012.

PÉREZ MARTÍNEZ, H. **El Hablar Lapidário – Ensayo de Paremiología Mexicana**. Zamora, Mich.: El colegio de Michoacán, 1995.

PIRES, C. **Elucidário – Cidade de Olhão da Restauração**. Loulé: Ed. da autora, 2001.

VASCONCELLOS, J. F. **Comédia Eufrosina**. Texto de la Edición Príncipe de 1555 con las variantes de 1561 y 1566, edición, prólogo y notas de Eugenio Asensio, Tomo I, Biblioteca Hispano-Lusitana, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Patronato Menéndez Pelayo. Madrid: Instituto Miguel de Cervantes, 1951.

\_\_\_\_\_. **Comedia Vlysippo**, de Jorge Ferreira de Vasconcellos, 3ª edição, (Fielmente copiada por Bento José de Sousa Farinha). Lisboa: Offic. da Academia Real das Scienc., 1787.

# TIPOS DE EQUIVALENTES EM DICIONÁRIO DE PROVÉRBIOS BRASILEIROS ORIENTADO A ESTUDANTES ESPANHÓIS DE TRADUÇÃO

Heloisa da Cunha Fonseca  
José Antonio Sabio Pinilla

## INTRODUÇÃO

De acordo com as vertentes funcionalistas de estudo da linguagem, as línguas são instrumentos de interação social e, por isso, são edificadas no centro do processo interativo em que estão envolvidos fatores de diversas ordens, como: a classe social, a intencionalidade, a hierarquia existente entre os falantes, os objetivos comunicativos e, obviamente, os fatores socio-histórico-culturais, conscientes ou inconscientes, dos quais todos somos resultado e agentes de produção.

Emergem, portanto, dessa língua dinâmica, muitas formas de expressão, mais metafóricas, mais significativas, mais figuradas, que ganham certa “destacabilidade”, como aponta Maingueneau (2014, p. 13), a respeito dos “enunciados sentenciosos destinados a serem gravados no espírito”. Nesse sentido, os provérbios destacam-se no universo das unidades fraseológicas por serem breves, de fácil memorização e reprodução, representativos de um saber cultural compartilhado e, ao mesmo tempo, indicativos de um posicionamento discursivo que, não raras vezes, visa ao aconselhamento, à admoestação, à educação e a uma lista bastante extensa de outras razões e objetivos de uso.

Sob essa égide, os provérbios são de fácil domínio e utilização pelos falantes das diversas línguas, mas representam um desafio para estu-

dantes, lexicógrafos e tradutores, experientes ou iniciantes, pela maneira viva como entrelaçam formas linguísticas e percepções culturais específicas e idiossincráticas. É este cenário que envolve o texto que aqui se apresenta, baseado no corrente trabalho desenvolvido pelos autores que propõe a elaboração de um dicionário de provérbios brasileiros orientado a estudantes espanhóis de tradução.

Esta temática já foi apresentada, ainda que por outras perspectivas, em 2017 (PINILLA, 2017) e, posteriormente, com modificações, em 2020 (FONSECA; PINILLA, 2020). Portanto, desenvolve-se uma reflexão acerca da tipologia dos equivalentes que foram sendo elencados no decorrer da organização do dicionário, que tenciona dar opções aos estudantes espanhóis com relação à tradução de provérbios brasileiros; na obra em curso, pretende-se conciliar um conjunto representativo de provérbios da língua padrão do Brasil com outro grupo de provérbios, talvez menos frequentes, porém mais representativos da cor local.

Para esse percurso, adotou-se uma concepção ampla da Fraseologia, em que a parêmia é vista como uma unidade fraseológica abrangente. Desse modo, o termo “parêmia”, que faz referência ao enunciado sentencioso, consagrado pelo uso, é considerado um arquilexema (SEVILLA MUÑOZ, 1988, p. 218) ou um hiperônimo (CORPAS PASTOR, 1996, p. 135) de outras formas proverbiais (provérbio, ditado, adágio, sentença, frase proverbial, entre outros). No nosso projeto de dicionário e neste trabalho, o termo “provérbio” terá uso análogo a “parêmia”.

A pesquisa justifica-se pela carência de estudos e de teorias aplicáveis à elaboração de dicionários de provérbios, no nosso caso, um dicionário semasiológico bilíngue português-espanhol, cuja função principal é auxiliar no processo da tradução. O nosso intuito não é o de oferecer uma relação de correspondências primárias, abstratas e descontextualizadas (CORPAS PASTOR, 2001) dos provérbios brasileiros selecionados, como acontece em grande parte dos dicionários, mas propor diver-

sas traduções com um valor equivalente, sempre que possível, a partir de contextos autênticos de uso. Nesse enquadramento, este trabalho propõe alertar sobre a dificuldade de traduzir essas unidades marcadas culturalmente e oferecer uma amostra preliminar dos tipos de equivalentes que foram encontrados.

É por não perder de vista os estudantes que as traduções dos contextos, e seus respectivos comentários tradutológicos, foram privilegiados em detrimento de outras informações, como classificação da parêmia na gama das unidades fraseológicas, por exemplo. Nesse sentido, o dicionário é didático na medida em que, ao propor equivalências a partir de contextos reais, aborda casos duvidosos em que o estudante de tradução precisa adotar uma estratégia e escolher uma técnica de tradução, levando em conta a função do provérbio no discurso, que alcança certas especificações de sentido em razão dos elementos que figuram em seu entorno.

Apesar de parecer um paradoxo, é aqui que este trabalho mais ganha força e se justifica, pois é o ponto de distinção entre a nossa proposta e os dicionários gerais, ou até mesmo especiais, que sugerem equivalentes mais ou menos fixos. Nessa situação, concebe-se que, ao abrir espaço para a estreita relação semântica estabelecida entre a unidade paremiológica e seu entorno contextual, a nossa proposta de dicionário leva o tradutor a refletir sobre uma gama de fatores técnicos e textuais e, sobretudo, a perceber que, no campo da tradução de parêmias, deve-se duvidar sempre do equivalente óbvio.

Em razão disso, alguém poderia questionar: se os provérbios são sempre dependentes do contexto, não seria possível sugerir equivalentes; então, por que fazer um dicionário de provérbios? A resposta deve levar em consideração o público pretendido: estudantes de tradução. Essa classe de pessoas deveria ter noção do comportamento das parêmias, além de construir parâmetros de tradução que atrelem tanto um

saber linguístico, materializado no equivalente, como um saber estratégico, conferido pela discussão da técnica tradutória. Isso é o que se pretende nas próximas páginas.

## **1. A tradução dos provérbios**

A tradução dos provérbios apresenta uma série de desafios decorrentes de fatores linguísticos, pragmáticos e socioculturais que caracterizam essas unidades. Podemos estabelecer uma divisão entre parêmsias que transmitem valores específicos de uma cultura porque obedecem a uma visão particular do mundo e parêmsias que transmitem valores mais globais porque obedecem a uma visão mais universal. Sendo o nosso corpus constituído por provérbios do Brasil, é lógico supor que muitos deles transmitam uma visão da cultura brasileira através de imagens próprias dessa cultura, o que envolve, para os casos mais marcados, um problema de tradução que pode atingir a intraduzibilidade.

Resultado da cosmovisão inerente a uma cultura, a intraduzibilidade relaciona-se à impossibilidade ou, pelo menos, à extrema dificuldade de encontrar uma imagem semelhante na língua alvo, e constitui, portanto, um verdadeiro desafio de tradução. Isso acontece com provérbios que são construídos a partir de elementos que refletem objetos, costumes e realidades geográficas através dos quais se expressa uma determinada concepção do mundo. Este fato, que pode ser considerado um dos limites da tradução, tem como consequência mais evidente a falta de equivalência.

Pelo contrário, aqueles provérbios que refletem experiências humanas gerais têm mais possibilidades de tradução. Esse caráter “universal” da paremiologia permite encontrar equivalentes, formal e semanticamente parecidos, em diferentes línguas, especialmente entre

línguas tão próximas como português e espanhol. É o caso de provérbios como “mais vale um pássaro na mão do que dois voando” (*más vale pájaro en mano que ciento volando*), “Deus ajuda quem cedo madruga” (*a quien madruga, Dios ayuda*), “depois da tempestade vem a bonança” (*después de la tempestad, viene la calma*) ou “mais vale prevenir do que remediar” (*más vale prevenir que remediar*).

Apesar dos problemas que a tradução das parêmiias envolve, é possível achar uma solução em diferentes graus. A maioria dos autores que trataram da tradução das unidades fraseológicas (ZULUAGA, 2001; CORPAS PASTOR, 2003; CHACOTO, 2012; MELLADO BLANCO, 2015; SEVILLA MUÑOZ, 2015) coincide em assinalar a dificuldade de traduzir as parêmiias devido ao entrelaçamento com o cultural. Todos eles procuraram sistematizar uma gama de opções tradutórias e apontaram vários níveis de tradução desde a tradução total até a impossibilidade de encontrar um equivalente passando por soluções intermediárias. Podemos resumir, a partir de Chacoto (2012), os pontos essenciais quanto às preferências tradutórias: privilegiar, sempre que possível, a correspondência formal, incluindo a mesma imagem, conteúdo e valor comunicativo; dar uma correspondência conceptual em diferentes graus, com sentido total, sentido parcial e maior ou menor frequência de uso; necessidade de manter a parêmia truncada, caso apareça dessa forma no original; adaptar a parêmia ao contexto através de alterações lexicais ou paráfrases, e oferecer uma solução criativa naqueles casos em que não exista uma correspondência formal ou conceptual.

Qual seria a melhor opção? A que estiver mais consoante ao tipo de texto, à situação comunicativa e à função estética e discursivo-pragmática em que o provérbio for usado. Isso envolve a necessidade de observar cada provérbio e o discurso em que ocorre; por esse motivo, no nosso dicionário, oferecemos três contextos para mostrar como alguns provérbios podem ter vários equivalentes, ao contrário de outros

provérbios, menos numerosos, que apresentam um equivalente fixo ou estável.

Corpas Pastor (2003, p. 215-222) estabeleceu quatro fases para a tradução das unidades fraseológicas, entendidas em sentido amplo, e que adaptamos à tradução das parêmiias: identificação da parêmia; interpretação da parêmia em seu contexto; busca de correspondências no plano léxico e, por fim, estabelecimento de correspondências no plano textual e discursivo. Nesse processo, interessa-nos a última fase, a do estabelecimento de correspondências no plano textual e discursivo, a que nós chamamos de “equivalentes”.

A equivalência é dinâmica e variável porque depende de cada contexto e da atualização discursiva; é por isso que, à diferença dos dicionários tradicionais que dão correspondências, mais ou menos estáveis ou fixas, ao nível do sistema, o nosso dicionário objetiva mostrar como a especificidade dos provérbios selecionados provoca diferentes tipos de equivalentes. De fato, uma maioria dos provérbios não tem “correspondências estáveis”, pela simples razão de que não existe outro provérbio igual na língua alvo e, portanto, não tem uma tradução predeterminada porque esta dependerá do contexto.

Assim, a tradução dos provérbios passa por uma reflexão prévia de cada caso e pela escolha de uma solução a que se liga uma técnica de tradução. De acordo com isso, no ato tradutório, a parêmia pode: a) ter equivalentes formais ou funcionais, b) ser traduzida por outra unidade fraseológica, c) ser traduzida literalmente ou transferida diretamente, incluindo ainda uma explicação, d) ser parafraseada, e) ser recriada discursivamente a partir das características formais dessas unidades, ou f) ser omitida (SABIO PINILLA; DÍAZ FERRERO, 2018).

Neste trabalho, o foco é posto nas escolhas tradutórias, e não na análise de formas e estruturas, a fim de mostrarmos a variedade de solu-

ções que os estudantes podem encontrar e, a partir daí, ajudá-los a refletir sobre os desafios que coloca a tradução dos provérbios. Em outras palavras, não pretendemos elaborar um estudo contrastivo dos provérbios brasileiros e espanhóis, mas oferecer uma série de tipos de equivalentes a partir de exemplos tirados de documentos reais.

## 2. Tipos de equivalentes

Uma revisão dos equivalentes que sugerimos em nosso dicionário permite estabelecer uma primeira seleção, ainda que provisória, uma vez que a o projeto está em andamento. As propostas de tradução podem servir de roteiro para orientar as decisões dos estudantes, uma espécie de guia que ajude a perceber a complexidade da tradução dos provérbios.

### 2.1. Equivalentes formais

Apesar de serem casos pouco frequentes, encontramos alguns exemplos em que existe um equivalente formal que mantém a imagem e tem uso parecido com o original. Nessas ocasiões, o tradutor dispõe de um provérbio que apresenta um valor formal e conceptual semelhante. Essa é a solução ideal (dar um provérbio com o mesmo sentido e a mesma imagem), porém, apesar da proximidade linguística, é a solução menos aplicada, já que são casos menos ocorrentes.

Meu pai hoje consegue tirar madeira no plano de manejo florestal legalizado. É totalmente diferente daquela época. Ele serrava árvore com motosserra só de bermuda. Hoje ele usa bota, camisa, luva, capacete. Antes era tudo largado, a gente não tinha cuidado com nosso corpo e nem com nossa própria vida. Diz que **papagaio velho não aprende a falar**, mas aprende sim, porque eu vi essa mudança no meu pai.



(<https://bit.ly/3rnVMnx>)

Mi padre hoy puede coger madera legalmente dentro del plan de manejo forestal. Es totalmente diferente de aquel tiempo. Antes cortaba los árboles con motosierra, en pantalón corto. Hoy usa botas, camisa, guantes, casco. Entonces era todo más relajado, no se tenía cuidado con el cuerpo ni con la propia vida. Se dice que **loro viejo no aprende a hablar**, pero claro que aprende, porque he visto ese cambio en mi padre.

Nesta categoria, de provérbios com proximidade estrutural e imagética, encontramos alguns que têm um equivalente formal, mas no espanhol da América. Esta opção pode ser explorada pelos tradutores, embora o dicionário esteja destinado a estudantes espanhóis, pois o reconhecimento do texto escrito passa por um conhecimento passivo da parêmia lida. Assim, o leitor, mesmo que pertença a uma variedade linguística distinta de espanhol, constrói a imagem, nesse caso metafórica, no momento da leitura, ainda que não a use de maneira ativa na sua vida cotidiana. O provérbio *equipo que gana no se toca*, usado especialmente na Argentina e no Uruguai, é transparente e mantém a imagem do provérbio brasileiro:

Herrera, considerado por suas excentricidades à beira do campo e pelo comportamento no comando do time um dos personagens mais importantes da Copa, é uma dessas pessoas que pensa que, **no time que está ganhando não se mexe**. Ele não é muito dado a mudanças. Desta vez, ele não tem alternativa. O treinador terá de introduzir uma variação tática na escalação, pela primeira vez no torneio. (<https://bit.ly/3ccQVzb>)

Herrera, considerado uno de los personajes más importantes de la Copa por sus excentricidades al borde del campo y por su comportamiento en la dirección

del equipo, es una de esas personas que piensa que **equipo que gana no se toca**. Él no es muy dado a cambios. Pero esta vez no tiene alternativa. El entrenador tendrá que introducir una variante táctica en la alineación, por primera vez en el torneo.

Além dessa opção, o estudante poderia recorrer a outras frases proverbiais em espanhol como: *si algo funciona, no se toca ou los experimentos con gaseosa*. Esta última expressão é usada quando alguém utiliza um método novo sem saber se o resultado será favorável ou não, isto é, há um método conhecido que funciona, porém, pretende-se arriscar outro novo.

## 2.2. . Equivalentes funcionais

Os casos de equivalência funcional têm maior presença no nosso corpus. São provérbios que apresentam diferente imagem, mas um valor conceptual semelhante. No primeiro exemplo, o provérbio aparece como elemento de fecho e conclusão argumentativa. O equivalente em espanhol reforça a ideia de injustiça pela atual aplicação do regime desonerativo e, nessa sequência, transmite o mesmo sentido e a mesma força pragmático-comunicativa, apesar da imagem diferente:

Do ponto de vista dos Estados exportadores, o atual regime desonerativo gera um prejuízo duplo. O Estado de domicílio do exportador não aufere o ICMS que incide sobre as mercadorias e serviços destinados ao exterior e ainda tem o dever de devolver o ICMS cobrado nas operações anteriores, que, muitas vezes, foi recolhido a outro Estado. O Estado exportador além de não ter o ICMS sobre as exportações, ainda deve ressarcir a empresa exportadora do ICMS embutido nas matérias-primas por ela adquiridas para emprego no produto exportado. Como diz o ditado popular, **além da queda, o coice**. (<https://bit.ly/3bnhdiY>)

Desde el punto de vista de los Estados exportadores, el actual régimen de exenciones genera un perjuicio doble. El Estado de domicilio del exportador no percibe el ICMS, impuesto que incide sobre las mercancías y los servicios destinados al exterior, e incluso está obligado a devolver el ICMS cobrado en las operaciones anteriores, que, muchas veces, fue obtenido de otro Estado. El Estado exportador, aparte de no tener el ICMS sobre las exportaciones, debe resarcir además a la empresa exportadora del ICMS incluido en las materias primas por ella adquiridas para uso en el producto exportado. Como dice el refrán popular, **además de cornudo, apaleado**.

Nos dois exemplos seguintes, encontramos dois equivalentes funcionais estáveis para “gambá cheira gambá” e “manda quem pode, obedece quem tem juízo”:

Um vizinho, também violento, amigo do agressor - **gambá cheira gambá** - chamou a polícia (por que nunca havia denunciado o agressor?!), ela foi levada presa - pasmé! - mas logo solta, por se entender que agira em mais que legítima defesa!

Final da história?! O esposo espancador fugiu para local ignorado, e dele nunca mais se teve notícia, para felicidade da mulher e de seus cinco filhos! A causa do desaparecimento é óbvia: “apanhara da mulher”, e isso era inconcebível ao homem, que podia bater quando o quisesse, mas não ser agredido pela esposa. (<https://bit.ly/3bACIT3>)

Un vecino, también violento, amigo del agresor - **Dios los cría y ellos se juntan** - llamó a la policía (¿por qué nunca había denunciado al agresor?!), a ella se la llevaron presa -¡pásmense!-, pero inmediatamente la soltaron, por entenderse que había actuado más que en legítima defensa.

¿Final de la historia? El esposo maltratador huyó a un lugar desconocido y nunca más se tuvo noticia de él, para felicidad de su mujer y de sus cinco hijos. La causa de la desaparición es obvia: “la mujer le había pegado”, algo inconcebible para un hombre, que podía pegar cuando quisiera, pero no ser agredido por la esposa.

Outros chefes têm a síndrome do “**manda quem pode, obedece quem tem juízo**”. Esse não consegue ouvir seus colaboradores. Quando marca uma reunião somente ele quem fala e quando os outros opinam a palavra final tem de ser dele. Esse tipo de chefe tem medo de perder o poder. Pensa que poder é sinônimo de mandar. Então precisa comandar o tempo todo. (<https://bit.ly/2PFENUq>)

Otros jefes tienen el síndrome del “**donde hay patrón, no manda marinero**”<sup>134</sup>. Este jefe no escucha a sus colaboradores. Cuando convoca una reunión es el único que habla y cuando los demás opinan él tiene siempre la última palabra. Ese tipo de jefe tiene miedo de perder el poder. Piensa que poder es sinónimo de mandar. Por eso necesita ordenar todo el tiempo.

Nesta tipologia encontramos várias modalidades de equivalentes funcionais.

### 2.2.1. Equivalente funcional que permite uma tradução literal

No exemplo a seguir temos um equivalente funcional como no ponto anterior:

Atualmente as misturas estão deixando a minha cozinha e pratos normais estão sendo feitos. Gosto de cozinhar para outras pessoas e quando faço isso tenho que ser um cozinheiro “normal”. Porém, vez ou outra

---

<sup>134</sup> Variante: *Donde manda capitán, no manda marinero.*

eu lancho umas misturas estranhas e minha memória gustativa me leva para aquela época da “cozinha gororoba”. Alguns dizem que o segredo é estar com fome, porque **a fome é o melhor tempero**. Mas acho que o segredo é não ter frescuras e comer de tudo! (<https://bit.ly/3bnhbaQ>)

Actualmente, estoy dejando de hacer mezclas en mi cocina para hacer platos normales. Me gusta cocinar para otras personas y cuando lo hago tengo que ser un cocinero “normal”. Sin embargo, una que otra vez como unas mezclas extrañas y mi memoria gustativa me lleva al tiempo de la “comida basura”. Algunos dicen que el secreto es tener hambre, porque **a buen hambre no hay pan duro**. Pero creo que el secreto es no ser delicado y comer de todo.

No entanto, no segundo exemplo, motivado pelo contexto, é preferível dar uma tradução literal que, em espanhol, resulta natural e transparente e ajuda a manter a coesão textual:

Depois de vários mergulhos, caldos, risadas e beijos submarinos, ficamos exaustos e resolvemos voltar para um bom almoço caseiro na casa da vovó. Dizem que **a fome é o melhor tempero**. Isso é mentira. Melhor tempero é alguma coisa que avó aprende ao longo da vida e põe em prática depois que tem netos. (<https://bit.ly/3ehuLhl>)

Después de varias zambullidas, ahogadillas, risas y besos submarinos, estábamos agotados y decidimos volver para disfrutar de un buen almuerzo casero en casa de la abuela. Dicen que **el hambre es el mejor condimento**. Eso es mentira. El mejor condimento es algo que las abuelas aprenden a lo largo de la vida y ponen en práctica con sus nietos.

### 2.2.2. Dois equivalentes funcionais

Há casos de parêmiias com dois equivalentes possíveis em espanhol. São equivalentes com o mesmo sentido, como acontece no primeiro exemplo:

A ciência e os fatos desmentem a crença popular: um raio pode cair, sim, duas vezes no mesmo lugar. E a política pode contrariar as advertências? Quase sempre. **Cavalo encilhado não passa duas vezes**, mas o senador Osmar Dias está à espera, pela terceira vez, do cavalo encilhado da candidatura ao governo do Paraná e, disposto como nunca, pode até se antecipar. Desta vez, nem vou esperá-lo passar. Pulo antes, afirma. (<https://bit.ly/3bpjxGd>)

La ciencia y los hechos desmienten la creencia popular: un rayo sí puede caer dos veces en el mismo lugar. ¿Y la política puede ignorar las advertencias? Casi siempre. **La suerte no llama dos veces a la misma puerta**, pero el senador Osmar Dias está esperando, por tercera vez, en la puerta de la candidatura al gobierno de Paraná y, dispuesto como nunca, puede incluso anticiparse. Esta vez, no voy a esperar a que llame. La cojo antes, afirma.

O equivalente adapta o provérbio ao jogo de palavras da situação comunicativa do original. Perde-se o caráter “cultural” transmitido pela imagem do cavalo encilhado, mas o receptor alcança o mesmo grau de equivalência conceptual.

No segundo exemplo, a proposta de tradução é formulada com outro equivalente que transmite o mesmo sentido em espanhol, isto é, não devemos hesitar, mas estar atentos às oportunidades. Como no exemplo anterior, a parêmia é desenvolvida no contexto para apoiar a ideia:

Você talvez já tenha ouvido a máxima de que um **cavalo encilhado não passa duas vezes**, para dizer que uma grande chance não se repete com frequência. Entretanto, quando se trata da bolsa de valores, tal pensamento popular perde um pouco a razão.

Na verdade, as oportunidades de ganho na bolsa ocorrem com certa periodicidade, que pode ser em minutos, horas, dias, semanas, etc. É claro que tais chances não geram lucros para todos no mercado, já que é preciso estar preparado para “montar o cavalo” que passa. (<https://bit.ly/3sWHfzn>)

Usted tal vez haya oído la máxima de que **la ocasión la pintan calva**, para expresar que una gran oportunidad no se repite con frecuencia. Sin embargo, cuando se trata de la bolsa de valores, ese pensamiento popular pierde un poco su sentido.

En realidad, las oportunidades de ganar en bolsa se dan con cierta periodicidad, que puede ser en minutos, horas, días, semanas etc. Es cierto que las oportunidades no generan beneficios para todos en el mercado, porque es necesario estar preparado para “aprovechar la ocasión” cuando se presenta.

### 2.2.3. Vários equivalentes funcionais

Encontramos casos em que são possíveis vários equivalentes funcionais como acontece para “assobiar e chupar cana ao mesmo tempo”. Este provérbio pode apresentar três opções de tradução em função do contexto. No primeiro exemplo, o equivalente, *soplar y sorber todo no puede ser*, mantém um paralelismo mais próximo da imagem original:

Atualmente, temos diversas campanhas institucionais que alertam as pessoas que certas coisas não devem ser feitas enquanto estamos fora de nossos

domínios domésticos. Por exemplo: “se dirigir, não beba”, “não converse no celular enquanto estiver dirigindo”, “não digite mensagens no celular enquanto estiver no volante”, entre outros. Observe que, em todas essas frases, temos de forma implícita a frase que nossas avós sempre alertavam: **“não dá pra assobiar e chupar cana ao mesmo tempo”**. (<https://glo.bo/2PIlaGv>)

En la actualidad, hay varias campañas institucionales que nos advierten de que no debemos hacer ciertas cosas cuando estamos fuera de nuestro ámbito doméstico. Por ejemplo: “si conduces, no bebas”, “no hables en el móvil mientras conduces”, “no escribas mensajes al volante”, entre otros. Obsérvese que todas estas frases reproducen de forma implícita lo que nuestras abuelas siempre nos decían: **“soplar y sorber todo no puede ser”**.

O segundo exemplo ativa um provérbio muito usado em espanhol que condiz perfeitamente com o contexto no *se puede estar en misa y repicando* (também seria possível *no se puede soplar y sorber a la vez*, mas optamos por essa solução para mostrar diferentes escolhas ao estudante):

Já os delegados da Polícia Federal e policiais civis questionam o ciclo completo de polícia. Para o presidente da Associação dos Delegados da Polícia Federal, Marcos Leôncio Ribeiro, “uma polícia não pode estar nas ruas e, ao mesmo tempo, fazer investigação. **Não dá para assobiar e chupar cana ao mesmo tempo**. Fazer patrulha não se confunde com atividade investigativa. Atividade investigativa requer tempo, especialização, dedicação total”, disse. (<https://bit.ly/3l2g43e>)

Por su parte, los comisarios de la Policía Federal y los policías civiles cuestionan el sistema de formación de la policía. Para el presidente de la Asociación de Comisarios de la Policía Federal, Marcos Leôncio



Ribeiro, “la policía no puede estar en las calles y, al mismo tiempo, hacer investigación. **No se puede estar en misa y repicando**. Patrullar es una cosa e investigar otra. La investigación requiere tiempo, especialización, dedicación total”, dijo.

Para o terceiro exemplo, ainda que existam outras opções, optamos por *estar al plato y a las tajadas*<sup>135</sup> para reforçar a referência ao almoço (fazer uma refeição), portanto, trata-se de um equivalente favorecido pelo contexto que visa uma maior coerência textual:

Tempo é um bem escasso e precioso, por isso todo desperdício soa como heresia. Ninguém mais consegue fazer uma refeição sozinho sem aproveitar para ler as notícias ou pegar uma fila sem checar o que os amigos estão fazendo nas redes sociais. Muita gente se gaba pela capacidade de “**assobiar e chupar cana ao mesmo tempo**”, ou seja, ser multitarefas. Mas, afinal, será que dá, mesmo, para fazer mais de uma coisa simultaneamente?... (<https://bit.ly/3bpjES9>)

El tiempo es un bien escaso y precioso, por eso desperdiciarlo parece una herejía. Nadie almuerza ya sin aprovechar para leer las noticias o espera en la cola sin consultar lo que sus amigos hacen en las redes sociales. Mucha gente se enorgullece de “**estar al plato y a las tajadas**”, es decir, ser multitareas. Pero ¿realmente es posible hacer más de una cosa a la vez?...

Cada tradutor poderá escolher um equivalente ou outro em função do contexto e da situação comunicativa. Além disso, o provérbio pode ser usado em ambas as línguas na forma afirmativa ou negativa: “não dá para” / *no se puede*.

---

<sup>135</sup> Em espanhol, o provérbio ainda tem o sentido de atender assuntos próprios e alheios.

#### 2.2.4. Equivalentes funcionais com unidade fraseológica diferente

É o caso, por exemplo, do provérbio “cara de um, focinho de outro” que tem tendência a aparecer nos títulos e inícios dos textos. Esse provérbio é usado para realçar a semelhança entre pais e filhos ou donos e animais de estimação. Na tradução, sugerimos como equivalente uma expressão e não um provérbio, por isso traduzimos “o velho ditado” como *la conocida expresión*, sendo coerentes com a mudança de unidade fraseológica:

Alguns dizem que os cães parecem com seus donos. E não é que, graças a alguns truques com photoshop, esses simpáticos amigos ficaram parecidos mesmo?! O velho ditado “**Cara de um, focinho de outro**” agora faz todo sentido.

O ensaio do Fotógrafo suíço Sebastian Magnani explorou a relação entre os cachorros e os seus donos e criou uma série intitulada de “Underdogs”, em que mostra os primeiros vestidos igual aos segundos. (<https://bit.ly/30goZVk>)

Algunos dicen que los perros se parecen a sus dueños. ¿Y no es verdad que, gracias a los trucos del photoshop, esos simpáticos amigos se parecen realmente? La conocida expresión “**parecerse como dos gotas de agua**” cobra ahora todo el sentido.

El ensayo del fotógrafo suizo Sebastian Magnani exploró la relación entre los perros y sus dueños y creó una serie titulada “Underdogs”, en la que muestra a los primeros vestidos igual que los segundos.

No seguinte exemplo, o equivalente é dado através de uma paráfrase (*ahora es tarde*) para lamentarse, que privilegia o sentido:

O Lula percebia os erros que estavam sendo cometidos, mas não agiu. Eu deduzi em tempo hábil como os dois filmes acabariam, mas não consegui sensibilizar

os que tinham poder para alterar o rumo dos acontecimentos. Resta-nos o sentimento de culpa e um gosto ruim na boca, **pois agora é tarde, Inês é morta.** (<https://bit.ly/3v9qQd1>)

Lula veía los errores que se estaban cometiendo, pero no actuó. Yo deduje a tiempo cómo acabarían las dos películas, pero no pude concienciar a quienes tenían poder para cambiar el rumbo de los acontecimientos. Nos queda el sentimiento de culpa y un gusto amargo en la boca, pero **ahora es tarde para lamentarse.**<sup>136</sup>

## 2.2.5. Provérbios com um mesmo equivalente

São casos em que um equivalente em espanhol pode servir para dois provérbios brasileiros. Assim, *¿Dónde va Vicente? Donde va la gente* é o equivalente para “Maria vai com as outras”, com leve adaptação, e para “aonde a vaca vai, o boi vai atrás”:

Rousseff, além disso, une as críticas à sua rival a uma constante alusão às conquistas obtidas no seu Governo. Fez isso – e foi muito criticada – até no discurso inaugural da 65ª edição da Assembleia Geral das Nações Unidas, nesta semana. Seja como for, a estratégia funciona. Rousseff acusa Silva de ser uma candidata inconsistente e de prejudicar os mais pobres. Silva se defende recordando sua origem muito humilde e esgrimindo um programa de Governo (coisa que os outros candidatos não divulgaram, para evitar críticas e cair em contradições). O problema duplo para Silva é que, do outro lado, o mais conservador Aécio Neves, também empenhado em minar a candidata do PSB –

---

<sup>136</sup>Outro equivalente com provérbio poderia ser a buenas horas mangas verdes, que pode servir em certos contextos. É preciso explorar várias opções e recuperar, quando possível, provérbios que se aproximem do original.

já que sua única oportunidade passa pela derrota dela –, a tacha de **‘Maria vai com as outras’**. E Silva recorda, em cada comício, que militou por mais de 25 anos no PT. O laço apanhou Silva, e está apertando. (<https://bit.ly/2O9MxIX>)

Además, Rousseff relaciona las críticas a su rival con una constante alusión a las conquistas obtenidas en su Gobierno. Lo hizo esta misma semana –y fue muy criticada– en el discurso inaugural de la 65 edición de la Asamblea General de las Naciones Unidas. Sea como fuere, la estrategia funciona. Rousseff acusa a Silva de ser una candidata inconsistente y de perjudicar a los más pobres. Silva se defiende recordando su origen muy humilde y esgrimiendo un programa de Gobierno (cosa que los otros candidatos no divulgaron, para evitar críticas y caer en contradicciones). El problema es doble para Silva porque, del otro lado, el más conservador Aécio Neves se empeña en desgastar también a la candidata del Partido Socialista Brasileño (PSB), ya que su única oportunidad pasa por la derrota de ella, y la tacha de ser **‘como Vicente, que va donde toda la gente’**. Silva le recuerda, en cada campaña electoral, que militó más de 25 años en el Partido de los Trabajadores (PT). El lazo ha cogido a Silva y aprieta.

Existe há tempo uma discussão sobre a influência de pessoas fumando sobre outras. Falasse de que quanto mais pessoas fumassem, muitas outras seguiriam o exemplo, e também o caminho contrário. Para muitos isso não passava de uma falácia e que os fumantes “lutariam” para manter o vício a todo custo, independentemente do endurecimento do restante da população ao ato de fumar. Pois bem, um estudo veio para mostrar que, sim, como diz o velho ditado, **“aonde a vaca vai, o boi vai atrás”**, também quando o assunto é cigarro. Quanto menos pessoas fumam, maior o número de fumantes que tentam largar o vício. (<https://bit.ly/3v2y4zm>)

Existe desde hace tiempo una discusión sobre la influencia que ejercen los fumadores sobre los no fumadores. Se dice que cuantas más personas fumen, muchas más seguirán su ejemplo, y también lo contrario. Para muchos eso no era sino una falacia y pensaban que los fumadores “lucharían” para mantener el vicio a toda costa, independientemente de la oposición de la restante población al acto de fumar. Pues bien, un estudio ha demostrado que, como dice el viejo refrán “**¿Dónde va Vicente? Donde va la gente**”, también es así cuando se trata del cigarrillo. Cuantas menos personas fuman, mayor es el número de fumadores que intentan dejar el vicio.

## 2.3. Equivalentes aleatórios

É o tipo mais abundante dada a característica marcadamente cultural dos provérbios selecionados. Os equivalentes destes provérbios são aleatórios e dependem do contexto e de cada situação comunicativa. Em muitos casos será possível uma tradução literal, que pode ir acompanhada de uma explicação ou de uma paráfrase.

### 2.3.1. Casos com várias opções tradutórias

No primeiro grupo desta categoria, que se caracteriza por uma casuística muito ampla, jamais encontramos equivalentes formais ou funcionais predeterminados, pois a tradução desses provérbios depende sempre do contexto. O aluno deve ser consciente dessa circunstância e refletir sobre isso para buscar equivalentes contextuais.

Vejamos três exemplos do provérbio “pimenta nos olhos dos outros é refresco”. No primeiro exemplo, optamos por *pesar ajeno, no quita el sueño* porque transmite uma ideia de indiferença pelo mal dos

outros, a mesma ideia expressada pelo provérbio brasileiro; embora esse provérbio na língua alvo não seja muito usado nos nossos dias, a sua frequência é maior que outras possíveis opções e, além disso, o seu sentido é bem transparente para o leitor espanhol:

Por outro lado, é muito confortável ao presidente do INSS, Renato Vieira, e ao secretário da Previdência e Trabalho, Rogério Marinho, virem afirmar que a situação da fila do INSS só deve ser absolutamente regularizada em seis meses. É aquele negócio: “**pimenta nos olhos dos outros é refresco**”. Só que neste ínterim, certamente, muitos falecerão sem receber o que têm direito. (<https://bit.ly/3v0h3pg>)

Por otro lado, al director del Instituto Nacional del Seguro Social (INSS), Renato Vieira, y al secretario de Seguridad Social y Trabajo, Rogério Marinho, les resulta muy fácil afirmar que las listas de espera del INSS estarán totalmente regularizadas en seis meses. Es decir: “**pesar ajeno, no quita el sueño**”. Pero en ese tiempo, seguramente, muchos fallecerán sin cobrar lo que tienen derecho.

No segundo exemplo, o equivalente é resultado de uma solução criativa. Optamos por uma frase (*¡Que me quiten lo bailao!*), ligeiramente adaptada, que costuma ser usada para justificar as consequências negativas depois de uma festa. Assim, na situação expressada no exemplo, poderia se entender que o infiel, embora também sofra, pelo menos aproveita a traição. O provérbio aparece como fecho de uma argumentação e, para isso, usamos a fórmula introdutória *como diría el otro*, que traduz “afinal”.

A dor se torna ainda mais profunda quando a pessoa traída procura uma explicação, sem encontrar justificativas (...). Afinal, o que é amar? É escolher uma pessoa entre milhões que estão disponíveis no mundo e elegê-la como seu amor de forma exclusiva e incondicional para viver e ser feliz ao

seu lado. Se for para ficar com você e com o resto do mundo, então, é preferível viver só... A situação do traidor é bem mais confortável. Afinal, **pimenta nos olhos dos outros é refresco.** (<https://bit.ly/3sWHwIT>)

El dolor es aún más profundo cuando la persona traicionada busca una explicación, sin encontrarla (...). Al final, ¿qué es amar? Es escoger a una persona entre millones que están disponibles en el mundo y elegirla como tu amor de forma exclusiva e incondicional para vivir y ser feliz a su lado. Pero si es para estar contigo y con el resto del mundo, para eso es preferible vivir solo... La situación del traidor es mucho más cómoda. Como diría el otro, **¡que le quiten lo bailao!**

No terceiro exemplo, o contexto exige uma tradução literal, que pode ir acompanhada de uma explicação *alegrarse del mal ajeno*. A análise da palavra alemã, no texto, ajuda a esclarecer o sentido do provérbio. A tradução literal surge como uma opção quando o provérbio apresenta uma imagem “intraduzível” ou nos casos em que mantém uma relação estreita com o discurso, isto é, aparece associado a uma situação comunicativa de que a imagem faz parte:

Se você já sentiu um prazer secreto ao ver alguém levando a pior, saiba que não está sozinho. Essa sensação é tão comum que cientistas têm um nome para ela: *schadenfreude*. A palavra complicada tem origem alemã. *Schaden* significa dano, e *freude*, alegria. Juntas, passam uma ideia semelhante a um ditado popular muito usado pelos brasileiros: **pimenta nos olhos dos outros é refresco.** (<https://bit.ly/3c7piar>)

Si alguna vez sintió un placer secreto viendo cómo le iba mal a alguien, sepa que no está solo. Esa sensación es tan común que los científicos tienen un

nombre para ella: schadenfreude. Esta palabra complicada es de origen alemán. Schaden significa daño, y *freude*, alegría. Juntas, dan una idea parecida a un refrán muy usado por los brasileños: **pimenta en los ojos de los otros es refresco, es decir, alegrarse del mal ajeno.**

Neste tipo de provérbios é fundamental analisar o sentido ativado pelo contexto. Vejamos dois exemplos do provérbio “ajoelhou tem que rezar”. A tradução do primeiro exemplo é fundada na análise a partir da interpretação do contexto, assim, o equivalente contextual *a lo hecho pecho* pode servir porque transmite a ideia de assumir as consequências dos atos que praticamos:

Tudo tem limites, e um dia surge o inevitável convite para um fim-de-semana em São Paulo, e não dava para dizer não; **ajoelhou tem que rezar**, agora seja o que Deus quiser. Vai ser depois do jantar, pensou ela, de hoje não escapo. E não escapou mesmo. (<https://bit.ly/2O1HFWy>)

Todo tiene un límite, así que un día llegó la inevitable invitación para pasar un fin de semana en São Paulo, y no podía decir que no; **a lo hecho, pecho** y que sea lo que Dios quiera. Será después de la cena, pensó ella, de hoy no me libro. Y efectivamente no se libró.

No segundo exemplo, a expressão *tener que apachugar*, no sentido de *cargar con alguna obligación o circunstancia no deseada*, é adequada nesta outra situação:

Aí ele diz, **Ajoelhou tem que rezar**, querida, desfilou no carro novo do papai aqui, tem que fazer um agrado, e você tem o privilégio de ser a primeira a desfilhar neste Horse maravilhoso. Ao acabar de dizer isso Rafinha alisa o painel da máquina preta reluzente depois recebe um potente soco no olho. Fica louco da vida e devolve um pesado tapa na fuça de Amélia que



imediatamente fica com o nariz inchado e sangrando. (<https://bit.ly/3egs5Rm>)

Entonces él dice, **Ahora tienes que apechugar**, querida, has paseado en el coche nuevo de papá, tienes que tener un detalle, has tenido el privilegio de ser la primera en pasear en este Horse maravilloso. Al acabar de decir eso Rafinha acaricia el panel de la máquina negra reluciente y después recibe un fuerte puñetazo en el ojo. Se vuelve loco y responde con otro igual de fuerte en la jeta de Amélia a la que se le hincha inmediatamente la nariz y empieza a sangrar.

### 2.3.2. Casos extremos, o que fazer?

Nesta categoria encontramos um grupo de provérbios que exigem uma tradução literal, uma paráfrase ou uma solução criativa como propõe Chacoto (2012, p. 233):

No caso de não haver uma correspondência (formal ou conceptual) da parémia na língua de chegada, o tradutor poderá recorrer à sua própria criatividade, tentando tanto quanto possível recriar uma estrutura semanticamente equivalente e formalmente semelhante a uma estrutura proverbial (por exemplo, com rima interna e estrutura bimembre). Deve obviamente dar prioridade à transposição do sentido, mas não pode esquecer que forma e significado estão inteiramente relacionados.

É o caso, por exemplo, da parémia “barriga cheia, goiaba tem bicho” que é recriada em espanhol mantendo o carácter proverbial e transpondo o sentido:

Na cozinha, quando estávamos almoçando, meu sobrinho começou a reclamar da comida dizendo que ela não estava boa.

O fato é que antes ele havia comido doces e tomado sorvete na casa de um outro parente. Quando reclamava da comida, eu ouvi a seguinte frase “**barriga cheia, goiaba tem bicho.**”

Mais uma vez, a sabedoria popular aparece carregada de uma filosofia e de uma psicologia muito profundas. Quando todas as nossas necessidades estão satisfeitas damos pouco valor à vida e às coisas. (<https://bit.ly/3vbrA1c>)

En la cocina, cuando estábamos almorzando, mi sobrino se quejó de la comida diciendo que no estaba buena.

La verdad es que antes había comido dulces y tomado helado en casa de otro pariente.

Cuando se quejaba de la comida, oí la siguiente frase: “**A barriga llena, todo son remilgos.**”

Una vez más, la sabiduría popular aparece revestida de una filosofía y psicología muy profundas. Cuando todas nuestras necesidades están cubiertas le damos poco valor a la vida y a las cosas.

Em outros casos podemos optar por uma tradução literal “agosto, mês de desgosto” (*agosto, mes de disgustos*), que resulta uma solução transparente, ou bem optar por outras soluções como parafrasear ou transmitir o sentido. Assim, o provérbio “quando a cabeça não pensa o corpo padece” pode ter uma tradução literal ou uma explicação através de uma frase:

Sabe aquele ditado que diz: “**quando a cabeça não pensa o corpo padece**”? Então, tem muita gente tatuada que não o levou a sério. Um estudo feito no Reino Unido em 2018 constatou que, mais de um terço das pessoas que têm tatuagem, se arrependem do que fizeram. (<https://bit.ly/2NZRaWf>)

¿Conoce aquel refrán que dice: “**cuando la cabeza no piensa, el cuerpo padece**”? Pues hay mucha gente tatuada que no lo tuvo en cuenta. Un estudio realizado en el Reino Unido en 2018 demostró que más de un tercio de las personas que se tatuaron se arrepiente de haberlo hecho.

¿Conoce la frase: “**piensa antes de actuar**”? Pues hay mucha gente tatuada que no la tuvo en cuenta. Un estudio realizado en el Reino Unido en 2018 demostró que más de un tercio de las personas que se tatuaron se arrepiente de haberlo hecho.

Ainda são viáveis outras soluções, sempre efêmeras, produto de cada contexto, e, portanto, impossíveis de sistematizar como neste último exemplo em que optamos pela locução verbal *no tener ni idea* para compensar o provérbio brasileiro:

Embora no Brasil se fale cada vez mais sobre aquecimento global, o país ainda não sabe **com quantos paus se faz uma canoa** quando o tema é zerar as emissões de gases do efeito estufa. A crítica é feita pelo Instituto CO2 Zero, que luta pela criação de lei que obrigue indústrias, empresas e órgãos do governo a medirem a quantidade de poluentes que despejam na natureza para, assim, calcularem exatamente a quantidade de árvores a plantar para compensar o estrago. (<https://bit.ly/3qwgZdI>)

Aunque en Brasil se habla cada vez más de calentamiento global, el país aún **no tiene ni idea** de cómo dejar en cero las emisiones de gases de efecto invernadero. La crítica es del Instituto CO2 Zero, que lucha para que se cree una ley que obligue a industrias, empresas y órganos del gobierno a medir la cantidad de elementos contaminantes que lanzan a la naturaleza, para calcular la cantidad exacta de árboles que es necesario plantar para compensar el estrago.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de dicionário de provérbios brasileiros que estamos desenvolvendo pretende ser uma ferramenta de consulta para estudantes espanhóis de tradução e ao mesmo tempo objetiva favorecer a reflexão sobre as possíveis escolhas de tradução dos provérbios. Neste trabalho, mostramos alguns tipos de equivalentes que aparecem no dicionário: equivalentes formais, equivalentes funcionais (com uma variedade de tipologias) e equivalentes aleatórios em que várias opções de tradução dos provérbios são possíveis.

Nas escolhas tradutórias, privilegiamos a tradução de um provérbio por outro provérbio ou por uma unidade fraseológica (equivalentes formais e equivalentes funcionais). No caso dos provérbios sem equivalentes predeterminados, examinamos a possibilidade de encontrar diversos equivalentes contextuais e, não sendo possível, exploramos a tradução literal, a paráfrase ou uma solução criativa. A omissão, embora seja mais uma técnica que o tradutor tem à sua disposição, não é aconselhada e, em todo o caso, seria a última das opções, visto que o nosso propósito é priorizar a tradução das unidades paremiológicas.

Observamos que são escassos os exemplos em que encontramos um equivalente formal ou funcional, com provérbio ou com unidade fraseológica; pelo contrário, predominam os equivalentes contextuais que mudam em função do contexto e da situação comunicativa em que o provérbio brasileiro é usado e, por fim, encontramos outro grupo de provérbios em que, dada sua especificidade extrema, precisam de uma tradução literal ou de uma combinação de tradução literal e explicação, além de outras soluções como a criação discursiva, a transmissão do sentido ou a eliminação, embora esta última opção não seja a ideal.

## REFERÊNCIAS

- CORPAS PASTOR, G. **Manual de Fraseología Española**. Madrid: Gredos, 1996.
- CORPAS PASTOR, G. La creatividad fraseológica: efectos semántico-pragmáticos estrategias de traducción. **Paremia**, n. 10, p. 67-78, 2001.
- CORPAS PASTOR, G. (ed.). **Diez años de investigación en fraseología: análisis sintáctico-semánticos, contrastivos y traductológicos**. Frankfurt am Main: Vervuert, Madrid: Ibero-Americana, 2003.
- CHACOTO, L. Fraseoparemiologia e tradutologia. In: ORTIZ ÁLVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas: Pontes Editores, 2012. v. 1, p. 213-235.
- FONSECA, H. C.; PINILLA, J. A. S. Proposta de macroestrutura de um dicionário de provérbios brasileiros orientado a estudantes espanhóis de tradução. **Revista de Estudos Linguísticos** (São Paulo), n. 49, 2, p. 742-760, jun. 2020.
- MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2014.
- MELLADO BLANCO, C. Parámetros específicos de equivalencia en las unidades fraseológicas (con ejemplos del español y el alemán). **Revista de Filología**, n. 33, p. 153-174, 2015.
- PINILLA, J. A. S. Para um dicionário de provérbios Português-Espanhol: proposta de verbete. **Guavira Letras**, n. 27, p. 62-74, 2018.
- SABIO PINILLA, J. A.; DÍAZ FERRERO, A. M. Mínimo paremiológico do português europeu: correspondências e equivalências em Espanhol. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2018. v. 8, p. 39-58.
- SEVILLA MUÑOZ, J. **Hacia una aproximación conceptual de las paremias francesas y españolas**. Madrid: Editorial Complutense, 1988.

SEVILLA MUÑOZ, M. Condicionantes textuales en la traducción fraseológica y paremiológica. **Paremia**, n. 24, p. 95-107, 2015.

ZULUAGA, A. Análisis y traducción de unidades fraseológicas desautomatizadas. **Phin.**, n. 16, p. 67-83, 2001. Disponível em: <<http://web.fu-berlin.de/phin/phin16/p16t5.htm>>. Acesso em: 5 dez. 2020.

Este livro foi editorado com as fontes Crimson Text e Montserrat.  
Publicado on-line em: <https://repositorio.ufms.br>

ISBN 978-65-89995-06-7



9 786589 995067

 editora  
UFMS